

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

GABRIEL NAPOLEÃO VELLOSO NETO

ENTRE O NORTE E O SUL:

**A 'TERRA DO AMANHÃ' DE JOSEPH ORTON KERBEY E A VIAGEM
ATRAVÉS DA 'CALIFÓRNIA DA AMÉRICA DO SUL' (1891-1913)**

BELÉM - PA

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

V441e Velloso Neto, Gabriel Napoleão.
Entre o Norte e o Sul: : A Terra do Amanhã de Joseph Orton
Kerbey e a viagem através da Califórnia da América do Sul. /
Gabriel Napoleão Velloso Neto. — 2021.
171 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. William Gaia Farias
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em História, Belém, 2021.

1. Representação. 2. Relato de Viagem. 3. Estados Unidos-
Amazônia. 4. Jornalista. I. Título.

CDD 980.031

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

GABRIEL NAPOLEÃO VELLOSO NETO

ENTRE O NORTE E O SUL:

**A 'TERRA DO AMANHÃ' DE JOSEPH ORTON KERBEY E A VIAGEM ATRAVÉS
DA 'CALIFÓRNIA DA AMÉRICA DO SUL' (1891-1913)**

Gabriel Napoleão Velloso Neto

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. William Gaia Farias.

BELÉM-PA/2021
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

ENTRE O NORTE E O SUL:

**A 'TERRA DO AMANHÃ' DE JOSEPH ORTON KERBEY E A VIAGEM ATRAVÉS
DA 'CALIFÓRNIA DA AMÉRICA DO SUL' (1891-1913)**

Gabriel Napoleão Velloso Neto

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. William Gaia Farias.

Aprovada em: 13/07/2021

Banca examinadora:

Professor Dr. William Gaia Farias (Orientador - UFPA)

Professor Dr. Nelson Rodrigues Sanjad (Avaliador interno - UFPA)

Professor Dr. Antônio Maurício Dias Costa (Avaliador interno – UFPA)

Professor Dr. Carlos Gabriel Guimarães (Avaliador externo – UFF)

Resumo

Procuro, através desta dissertação, compreender a construção de uma representação sobre a Amazônia na segunda metade do século XIX através do prisma de um agente estado-unidense que narrou suas aventuras em livros e jornais de alcance nacional nos Estados Unidos. Para tanto, primeiro procuro compreender as representações até então narradas sobre a região e os seus padrões de estereótipo, ou o cânone, por assim dizer, para entender de onde o autor partiu e o seu universo cultural para a produção de uma representação ianque para a Amazônia, a partir da concepção de Destino Manifesto do país de origem e os seus eventuais desdobramentos para a América Latina. Neste percurso histórico, deve-se perguntar: Como o contato com a natureza, a geografia e o território justificaram o discurso de dominação do país sobre a região? Que representações o jornalista produziu sobre as populações da amazônia, e sobre o seu eventual papel neste processo dicotômico entre civilização e barbárie? De que maneiras seus modos de vida foram absorvidos pelo autor, em contraponto ao modo de vida ianque? Quais relações de convívio afetaram estes encontros, considerando sua trajetória no relato analisado, da foz até a nascente do Amazonas? Pretendo, portanto, revelar o “Empreendimento do Conhecimento” exercido pelo autor que demonstre os padrões escolhidos para a representação da realidade que encontrou na Hiléia. Divido a dissertação, portanto, ao fazer este argumento, em três capítulos: No primeiro, defendo a necessidade de compreender o cânone estado-unidense de relatos de viagem sobre a Amazônia, buscando dentre eles os elementos comuns, ou como Richard Salvatore postula, o *empreendimento do conhecimento* que cria os estereótipos delimitados para a região próximos às preocupações político-econômicas do jornalista, assim como os desdobramentos destes na política externa estado-unidense antes e depois de Kerbey. No segundo, procuro explorar a biografia de Joseph Orton Kerbey para compreendê-lo como um agente imperial – A partir do momento em que reflete os interesses da pátria sobre o “outro” - no contexto de seu “lugar de enunciação” e universo cultural, proporcionando dados biográficos inéditos. E por fim, no terceiro capítulo, procuro analisar o livro 'A Terra do Amanhã: Uma exploração jornalística subindo o Amazonas e sobre os Andes para a Califórnia da América do Sul.' (1906), partindo dos elementos que dialogam com a produção do discurso estado-unidense sobre a região, assim como compreendendo o projeto particular da perspectiva do jornalista para a região.

Palavras-Chave: Representação; Estados Unidos; Literatura de Viagem; Amazônia.

Abstract

Through this dissertation, I try to understand the construction of a representation about the Amazon in the second half of the 19th century through the prism of a United States agent who narrated his adventures in books and newspapers of national reach in the United States. To this end, I first try to understand the representations hitherto narrated about the region and its stereotype patterns, or the canon, so to speak, to understand where the author came from and his cultural universe for the production of a Yankee representation for the Amazonia, from the conception of Destination Manifesto of the country of origin and its possible consequences for Latin America. In this historical journey, one must ask: How did the contact with nature, geography and territory justify the country's domination discourse over the region? What representations did the journalist produce about the populations of the Amazon, and about their possible role in this dichotomous process between civilization and barbarism? In what ways were their ways of life absorbed by the author, as opposed to the Yankee way of life? Which convivial relations affected these meetings, considering their trajectory in the analyzed report, from the mouth to the source of the Amazon? Therefore, I intend to reveal the “Enterprise of Knowledge” exercised by the author that demonstrates the standards chosen for the representation of the reality he found in Hiléia. I divide the dissertation, therefore, when making this argument, in three chapters: In the first, I defend the need to understand the American canon of travel reports about the Amazon, looking for common elements among them, or as Richard Salvatore postulates, the knowledge enterprise that creates the stereotypes delimited for the region close to the journalist's political-economic concerns, as well as their unfolding in US foreign policy before and after Kerbey. In the second, I try to explore Joseph Orton Kerbey's biography to understand him as an imperial agent - From the moment he reflects the country's interests over the “other” - in the context of his “place of enunciation” and cultural universe, providing unpublished biographical data. And finally, in the third chapter, I try to analyze the book 'The Land of Tomorrow: A journalistic exploration going up the Amazon and over the Andes to the California of South America. ’ (1906), starting from the elements that dialogue with the production of the American discourse about the region, as well as understanding the particular project from the perspective of the journalist for the region.

Key-Words: Representation; Travel Writing; United States; Amaz

Sumário

Introdução	
Erro! Indicador não definido.	
1 – Nos meandros dos grandes rios: Brasil e Amazônia na Consciência e Política Exterior Estado Unidense	11
1.1. A Amazônia Encoberta – Dos anseios do <i>Círculo Dourado</i> até a Conferência Pan-Americana..	14
1.2. A Amazônia no esquema 'Pan-Americano': Reciprocidade e Colonialismo.....	Erro! Indicador não definido.
1.2.1. A Questão do Acre.	Erro! Indicador não definido.
1.2.2. Investimentos de Capital Estado-Unidense e Desdobramentos nas Relações Exteriores.	Erro! Indicador não definido.
1.3. A Amazônia Esquecida: a crise da “Terra do Amanhã”	Erro! Indicador não definido.
2 - Um garoto espião na Amazônia – As Aventuras do Major Joseph Orton Kerbey Erro! Indicador não definido.	
2.1 - Um Esboço Biográfico	Erro! Indicador não definido.
2.2 – O Cônsul Americano nos Trópicos.	Erro! Indicador não definido.
2.3 – O Agente da Borracha.	Erro! Indicador não definido.
2.4 – O Pan-Americanista e a 'Terra do Amanhã.'	Erro! Indicador não definido.
3 – Retratando a 'Terra do Amanhã' – A Fronteira Romantizada. ... Erro! Indicador não definido.	
3.1 – O Novo Mississippi – Cenário e Território na 'Terra do Amanhã.'. Erro! Indicador não definido.	
3.2 – Comércio, Economia e Investimentos na 'Terra do Amanhã'.	Erro! Indicador não definido.
3.3 - O Homem na Amazônia – Nativos e Imigrantes sobre o olhar de Kerbey.	Erro! Indicador não definido.
3.4 - A Questão Missionária e o Catolicismo.	Erro! Indicador não definido.

Considerações Finais	Erro! Indicador não definido.
Fontes	162
Referências Bibliográficas	164

Introdução

Quando discutindo sobre o progresso das civilizações e o futuro do mundo, Joseph Orton Kerbey postulou que “Imaginação – E não uma imaginação muito exagerada – pode ver uma potência mundial no Brasil, no distante Éden. Assim como o Amazonas é o mais grandioso rio no mundo, o seu vale um dia será o assento do mais grandioso império do mundo.”¹ Era uma forte afirmação, de um jornalista que havia passado os últimos vinte anos de sua vida estudando e discutindo sobre a região, suas oportunidades, seus povos, sua cultura, seu atraso e seu progresso. O ofício de um jornalista é o de registrar suas impressões sobre um determinado evento e reportá-los de acordo com o mais *próximo* da realidade possível, registrando-os em jornais, revistas, livros, anotações, qualquer lugar capaz de permitir que narre suas experiências vividas. Sua previsão era composta, então, pela sua construção do que era a *verdade*, a partir de sua visão sobre a Amazônia e seu *conhecimento*, acumulado depois de inúmeras viagens para a região.

Esta dissertação tem como tema, em termos abrangentes, entender a *representação* elaborada pelo jornalista Joseph Orton Kerbey através do livro “A Terra do Amanhã: Uma exploração jornalística subindo o Amazonas e sobre os Andes para a Califórnia da América do Sul.” (1906), viagem empreendida durante o início da década de noventa. Procuo através dela compreender a partir de qual perspectiva o autor elabora a narrativa que propõe o seu país de origem, os Estados Unidos, como o agente determinante para o processo de “progresso” da região, assim postulada pelo autor. A partir da colocação do “eu” estado-unidense em contraponto ao “outro” amazônico, procuro entender quais são os elementos que o autor aponta para o desenrolar de tal processo, e a contraposição de ambos, partindo do cânone da literatura de viagem estado-unidense para a região e dos desdobramentos da mesma no cenário de política externa do país com o Brasil, o principal estado que compunha a região Amazônia. É necessário compreender a forma como se *cria* esta narrativa que eventualmente justifica o desígnio dos Estados Unidos sobre toda a região.

¹KERBEY, Joseph Orton. **An American Consul in the Amazon**. W. E. Rudge, New York City, 1911, p. 299.

É necessário, portanto, discutir a categoria de *representação* para compreender a narrativa do autor sobre o *locus* em que se encontra. O conceito de representação é a espinha dorsal da formação do campo historiográfico chamado de História Cultural, que como definida por Roger Chartier:

(...) tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreciação do real²

Essencial, é a compreensão de como algo foi representado, construído, elaborado dentro de uma apreensão distinta do mundo social. Por conseguinte, o mesmo autor trata de como precisamos nos atentar à forma como as coisas são feitas, justamente porque essas concepções não existem em um vazio e nem, apesar de se pretenderem racionais, o são. Elas refletem, então, “interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.”³ Não podemos portanto, extrair um sentido de *verdade* absoluta de um texto elaborado sem portanto, compreender o universo cultural que filtrou a construção daquela narrativa. Mary Anne Junqueira trata justamente desta questão ao tratar dos relatos de viajantes como fontes históricas, a partir da concepção de que era necessário compreender o “âmbito cultural do próprio viajante mais do que o local visitado, mesmo que ainda falasse deste.”

A mesma autora também trata da questão de que cada relato de viagem é original, no sentido de que é único em si próprio, e a tentativa de compará-lo com outros sujeitos ou agentes difere consideravelmente. Um jornalista, como Kerbey, difere dos escritos de um cientista, de um militar ou de um diplomata ou de um arqueólogo, e isso precisa ser levado em consideração na elaboração de um estudo sobre um sujeito específico. O pesquisador também deve se ater à vários postulados ao se analisar um discurso, como o “lugar de enunciação” e o universo cultural do viajante; avaliar o período em que se escreveu o texto (durante ou após a jornada); a forma como foi elaborado o relato (narrativa, memória, cartas, diário etc.); e quando se publicou o texto, se for o caso.” O essencial, portanto, é também questionarmos quem o escritor do relato é ou quem ele ambiciona ser, o que ele pretende com aquele texto.⁴ Assim sendo, o texto pressupõe um leitor, seja o próprio viajante, como em diários pessoais, ou jornais, revistas, livros, para serem consumidos

² CHARTIER, R. **A História Cultural – Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel Bertrand Brasil, 1990, p.16-17.

³ Ibid.

⁴ JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador, in **Cadernos de Seminários de Pesquisa, Vol. II**. Editado por M. A. Junqueira & S. M. S. Franco, pp. 44-61. São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2009, p. 47

pelo público pagante. Da mesma forma, o momento da publicação, em contraponto com o momento da viagem, pode dar pistas sobre esse processo, assim como as edições aos quais o texto se submete para a publicação, as alterações ao longo do tempo, dentre outros.

Ainda sobre o assunto da Literatura de Viagem, é importante pontuar também o local de fala do autor a partir do prisma estado-unidense, como destacado pelo autor Terry Caesar em sua investigação sobre os relatos de viagem do país na América Latina. Para o escritor, os relatos de viagem para o sub-continente tem um papel distinto na forma como o país se compreende como nação. Desde o princípio, a “América do Sul – O continente inteiro assim como seus países individuais - estava tudo muito- fatalmente sujeito aos imperativos políticos e culturais da América do Norte. É impossível estudar a escrita de viagem à parte desses imperativos.”⁵ Voltando para a questão Amazônia, é importante pontuar que não se estuda-a no contexto de um estudo de relato de viagem estado-unidense para o Brasil porque é uma *região*, mais do que um país, que fornece o terreno experimental para este tipo de texto.⁶

Ainda sobre a questão de *representação*, Estados Unidos e relatos de viagem, o historiador Richard Salvatore esclarece a centralidade de uma dada representação imaginada para a legitimação do projeto expansionista estado-unidense, que ele conceitua como “The Enterprise of Knowledge”, ou “Empreendimento do Conhecimento”. Ao invés de discutir a gênese do império informal, o argentino desloca o argumento sobre o império para o campo das representações, cultura e prática textual. Ele procura compreender a construção da “América do Sul” como um território de controle norte-americano, assim como de interação com o corpo cultural da nação, como o próprio autor fala:

A construção da "América do Sul" como território de projeção dos EUA. Capital, experiência, sonhos e poder exigiam a canalização de energias na produção de imagens e textos. Os argumentos para hegemonia hemisférica - e também a economia e a política do império – tinham a ser apresentado em representações: além de viagens diplomáticas, conferências pan-americanas, ou cidades da empresa, a Pax Americana existia em mapas, pinturas, livros de geografia, romances e exposições de história natural. Legitimar a presença de capital norte-americano, expertise, ideias, e os valores nas terras ao sul exigiam uma dupla e simultânea construção textual: descrever o outro (América do Sul) em termos de um déficit ou vácuo perene, e atribuindo significado à "missão" (o papel dos norte-americanos na região). Sem um ou o outro, a expansão dos EUA. capital e cultura seriam prejudicados, sua legitimidade negada.⁷

O seu objetivo, portanto, é tratar a formação discursiva sobre o Império informal (Como construído pelos produtores textuais estado-unidenses) em toda a sua diversidade,

⁵ CAESAR, Terry. South of the Border: American Travel Writing in Latin America. **The Cambridge Companion to American Travel Writing**. Cambridge University Press, 2009, p.180-197.

⁶Ibid, p. 191.

⁷ SALVATORE, Ricardo D. **Close encounters of empire: Writing the cultural history of U.S.-Latin American relations**. Duke University Press, Durham, 1998, p. 71.

procurando simultaneamente a regularidade, ordem e objetivos afins na produção de representações do sub-continente. Ao mesmo tempo em que cada agente cultural diverso do país desenvolve representações variadas e concorrentes, como um grande mercado potencial, um experimento de degradação racial e republicanismo, uma possível colonização missionário, um reservatório de evidência para as ciências naturais, assim como outros – E engajaram, cada em si, em um diferente campo de conhecimento e poder – convenções de gênero e práticas institucionais de exibição limitaram o uso de argumentos por agentes diferentes. Para ele, então, “Representações visuais e narrativas da América do Sul, embora diversas, apresentam metáforas recorrentes, associações familiares, e frequentemente imagens intercambiáveis.”⁸

Retornando para a dissertação, a ideia inicial pretendia compreender as relações exteriores entre o Estados Unidos e o Brasil, para poder compreender os desdobramentos dos desígnios estado-unidenses para a região Amazônia. Para tanto, passei a estudar as relações diplomáticas entre ambos os países, tendo em vista o período em que Joseph Orton Kerbey, que era o sujeito de interesse inicial do trabalho, atuou como cônsul, jornalista e viajante na América do Sul. Para tanto, lancei olhares sobre a política externa ianque e o que considerei essencial para o entendimento de Kerbey, o Pan-Americanismo e o reflexo da atuação da política externa estado-unidense em sua escrita.

No decorrer da pesquisa, entretanto, a ideia inicial de pretender-se um trabalho sobre relações internacionais se esmaeceu diante da complexidade de análises sobre a *representação* da Amazônia que Kerbey pretendia “imaginar” em sua principal obra sobre a região, “A Terra do Amanhã”. O direcionamento dado pela banca de qualificação, que me guiou para a direção de aplicar conceitos da História Cultural, me apontaram o caminho a qual o meu trabalho deveria seguir, a partir do entendimento da criação da narrativa de Kerbey e a sua tarefa dentro deste esquema do “Empreendimento do Conhecimento”, como dito por Richard Salvatore. Ao invés de se tornar uma dissertação sobre a Amazônia, ela é uma dissertação sobre a Amazônia imaginada pelo jornalista, representada em seu discurso. Assim sendo, verifiquei como ele procurou encaixar as suas concepções do “eu” estado-unidense sobre o outro, aqui representado pela região, contrapondo os princípios de civilização com os estereótipos de selvageria, vazio e atraso, comuns para a região.

Através desta questão, procurei compreender como o jornalista escolheu *representar* a Amazônia, a quais partes desse cânone estado-unidense de viagem para a Amazônia ele buscou referenciar e a quais desses elementos textuais recorrentes ele buscou apresentar, assim

⁸Ibid, p. 72.

como o que sua escrita buscou discutir com os elementos aos quais o autor foi movido a *investigar* na região – Sendo estes, a abertura de novos territórios para a coleta e distribuição comercial da borracha, as possibilidades de reciprocidade, que é o comércio não-tarifado entre produtos agrários e manufaturados estado-unidenses e amazônicos, a partir da ótica de negociação com o estado brasileiro, e as oportunidades de investimento para magnatas ianques que quisessem investir na região. Dentro deste esquema, como o jornalista encarou a sua própria forma de justificar e legitimar os imperativos políticos, econômicos e culturais de sua nação e como ele os imaginava dentro do esquema civilizatório da região, assim enxergando como a área de fronteira para o espírito norte-americano.

Procuo, portanto, estruturar meus três capítulos baseados na construção da *narrativa* de Kerbey sobre a Amazônia, a principal hipótese da dissertação. No primeiro capítulo, procuro compreender o cânone estado-unidense de relatos de viagem sobre a Amazônia, buscando dentre eles os elementos comuns, ou como Richard Salvatore postula, o *empreendimento do conhecimento* que cria os estereótipos delimitados para a região, assim como os desdobramentos destes na política externa estado-unidense antes e depois de Kerbey, estendendo-me até o final da I Guerra por entender que seja o necessário para entender os elementos que compunham o cenário político e econômico dos Estados Unidos no condizente aos interesses em que o autor foi enviado para investigar.

No segundo capítulo, procuro explorar a biografia de Joseph Orton Kerbey para compreendê-lo como um agente imperial – A partir do momento em que reflete os interesses da pátria sobre o “outro” - no contexto de seu “lugar de enunciação” e universo cultural, proporcionando dados biográficos inéditos. Também procuro revelar suas estratégias para circular nos ambientes brasileiros e as formas como se apropriou disto para agir em prol de si mesmo e dos seus objetivos. Por último, procuro compreender como suas aventuras sobre a região converge ou diverge com a de outros agentes comerciais ou políticos de estrangeiros na região, principalmente Henry Wickham, responsável pela bio-pirataria das sementes brasileiras para a Ásia.

No terceiro capítulo, procuro analisar o livro 'A Terra do Amanhã: Uma exploração jornalística subindo o Amazonas e sobre os Andes para a Califórnia da América do Sul.' (1906), partindo dos elementos que dialogam com a produção do discurso estado-unidense sobre a região, assim como compreendendo o projeto particular da perspectiva do jornalista para a região. Também busco, através de estudo comparativo com outros autores do cânone de viagem que subscreviam sobre os limites dos estereótipos estado-unidenses, compreender a construção da narrativa de Kerbey e a sua justificativa para aquilo que Richard Salvatore chama de “razões para

império.” Por fim, procuro também contrapô-lo ao brasileiro Euclides da Cunha, que viajou e publicou sobre a mesma região na sua contemporaneidade, e que difundia uma visão oposta, de cunho nacionalista e garantista dos direitos brasileiros sobre a hiléia amazônica.

1. Nos meandros dos grandes rios: Brasil e Amazônia na Consciência Política Exterior Estado-Unidense

Joseph Orton Kerbey (1837-1913), durante a feitura de seu relato sobre a viagem empreendida na Amazônia à procura de novas fontes para a goma elástica, “A Terra do Amanhã: Uma exploração jornalística subindo o Amazonas e sobre os Andes para a Califórnia da América do Sul.” (1906), pinta a perspectiva de uma nova pátria, até então desconhecida por seus compatriotas. Tendo dedicado toda a sua vida ao serviço da nação desde os primeiros momentos da Guerra Civil (1861-1865) até os dias que precederam a Primeira Guerra Mundial, esse seria mais um de seus serviços, na longa lista de dedicação à idéia de Estados Unidos da América, que, assim como o jornalista, mudou consideravelmente durante seu tempo de vida. A proposta de Kerbey, em um tom ufanista e hiperbólico, é da eventual benesse da hiléia desconhecida, através do espírito empreendedor estado-unidense, o capital sendo a eventual saída para a civilização e a superação da selvageria. A região amazônica, determinou, seria o centro de um novo país, uma república comercial que estava à esquina, escapando pelos dedos de sua pátria natal.

A Bacia Amazônica que Kerbey imaginava para o futuro comercial do mundo era baseada nos princípios e ideologias que já haviam agraciado outros cidadãos estado-unidenses que o precederam, como a premissa da superioridade racial, a providência divina que guiaria o país para governar o continente, a tarefa missionária dos ideais ianques, e a disparidade da relação entre civilização, representada pelo agente norte-americano, e a natureza selvagem, o estereótipo que compunha as construções sobre a América Latina em geral, a região amazônica sendo uma delas. A partir do momento em que o jornalista cruza o Equador, em direção à hiléia, ele já passa a representá-la de acordo com a sua visão, procurando compreendê-la a partir dos limites do seu *saber* e sentindo-se um verdadeiro aventureiro à moda de Pinzon e Orellana, dois dos primeiros navegadores naquele território da América do Sul.

Navegando por este mar, olhando para o azul e dourado, que ocasionalmente mostra pedaços de vegetação verde, nós esticamos nossa visão para a terra com algumas dessas sensações que devem ter acontecido com seu primeiro navegador, Vincent Pincon, o português, que no ano de 1500 descobriu este "mar de água doce", e enquanto ainda estava fora de vista de terra encheram seus tonéis, como o os vapores brasileiros agora o fazem, com excelente água potável. Foi quarenta e um

anos depois que o espanhol, Orellana, desceu o poderoso riacho e reivindicou a Amazônia para a Espanha.⁹

O senso de aventura e de grandiosidade ao adentrar o “mar de água doce”, como um conquistador de séculos passados, remonta a Kerbey a tarefa que outros conquistadores cumpriram durante toda a história – Aquela de conquistar, de efetivar o poder sobre um determinado espaço. Para o autor, a região surgia como um “vazio”, pronto para ser encontrado, penetrado, catalogado, descoberto, seus segredos expostos para os Estados Unidos. É o local que estava aberto, esperando seus viajantes, para a chegada dos estado-unidenses que viriam realizar o sonho de construir uma nova fronteira para o país, a sua missão perante o mundo. Se o clima, a geografia, a economia, os nativos e a religião eram diversos da pátria natal, o espaço que seria construído seria similar à sobreposição da selvageria feita no Oeste, dada a complementariedade natural e econômica entre o Mississippi, o poderoso rio que corta o território estado-unidense, e o Amazonas, parte da mesma corrente oceanográfica para o jornalista.

O Amazonas, portanto, não era uma terra de coincidências, a qual o escritor representaria como qualquer outra da América Latina. Ele era a Terra do Amanhã, o próximo centro comercial do continente. “O Ganges e o Nilo são do passado histórico; O Danúbio, o Mississippi e o Volga são do presente; O Amazonas e o Orinoco pertencem ao futuro.”, o jornalista pontuou, certo de que a economia amazônica da borracha levaria a região até a fortuna comercial, se pontuado com as condições corretas. Financiado pelo capital estado-unidense, sua principal intenção era descobrir as possibilidades de investimento e de lucro para investir, assim como compreender como a relação entre o seu país poderia ser essencial para o desenvolvimento do espírito civilizatório. Argumentou então que, “População adequada, ajudada por maquinaria moderna e ferramentas, poderiam com o tempo, abrir caminho para a civilização nas florestas daquela porção da América do Sul conhecida como Amazônia.”¹⁰ E, para concluir, “Eles tem tudo o que precisam para garantir sucesso e prosperidade (...) Uma fome de borracha afetaria desastrosamente o comércio, e com um bloqueio do Amazonas eles podem forçar a sua mão sobre todo o mundo civilizado.”¹¹ Com a tarefa de reportar sobre as benesses da goma elástica, Kerbey pretendia sobre a região e o país que possuía sua maior porção, o Brasil, o caminho estado-unidense para garantir a modernidade e a civilização necessários para o processo.

Ecoando as palavras de escritores ianques que haviam visitado a região antes dele e visto a Amazônia como a próxima fronteira, os seguidores dentro do governo da doutrina refletida pelo

⁹ KERBEY, Joseph Orton. **The land of Tomorrow; a newspaper exploration up the Amazon and over the Andes to the California of South America**. Nova Iorque: W. F. Brainard Publisher, 1906, p. 21.

¹⁰ Ibid. p. 300

¹¹ Ibid.

jornalista em seus escritos se considerariam os agentes do progressivo avanço da civilização hemisférica, através de suas políticas econômicas e exteriores com os governos que compunham a Amazônia, como o Brasil, Peru e Bolívia, portanto desdobrando entre as pautas de política externa que ocupariam as relações entre os dois países. Os grandes negócios que o patrocinaram, em igualdade, também buscariam aplicar as idéias da tradição para a região, a partir dos investimentos nos campos de logística e transporte, agricultura e plantations.

Este capítulo narra como a visão de Kerbey de determinados estereótipos sobre a Amazônia, como o seu primitivismo, sua inexorável conexão como centro comercial para os Estados Unidos e seu sub-desenvolvimento são representativos de um maior padrão de relatos de viagem do cânone estado-unidense sobre a América Latina em geral, e em particular sobre a Amazônia, procurando compreender a linha conectiva dentre estes produtores de registro dos Estados Unidos, tendo como base sua análise a partir do prisma do norte-americano sobre a civilização do “outro”, aqui encarado como o latino-americano, o Amazonas como contraponto ao Mississippi e o conceito de civilização como detente de domar a selvageria. Como exposto pelo autor Frederick Pike, “Era esta selvageria latino-americana e seus povos primitivos que forneciam a antítese que a civilização Americana requeria.”¹² O autor Terry Caesar, ao discutir os registros de viagem de norte-americanos no sub-continente, identifica-os como uma prática textual própria, pelas quais deve-se analisar em si mesmos.¹³ Procuo demonstrar que as ideias e projetos de Kerbey não eram particulares a ele e não existiam isolados, mas sim se encaixavam em parte com aquilo que já havia sido produzido anteriormente.

Partindo da proposta de que a Amazônia poderia servir como um local de considerável importância para o país, e baseando-se no escrito destes outros autores e políticos que articularam concepções sobre como deveria dar-se as relações entre ambos, mediadas pelo Brasil, busco, na segunda parte do capítulo, analisar os desdobramentos palpáveis do que havia sido estabelecido por estas ideologias e narrativas, das quais Joseph Orton Kerbey fez parte integralmente, como agente consular primeiramente e depois agente comercial de inúmeras empresas de negócios manufaturados estado-unidenses. Homens da política e magnatas comerciais subsequentemente desenvolveram planos para conceber as práticas econômicas e políticas que pretendiam para a região, sobre diferentes métodos e meios, por meio de disputas diplomáticas e investimentos capitalistas.

¹² PIKE, Frederick B. **The United States and Latin America: Myths and Stereotypes of Civilization and Nature**. Austin: University of Texas Press, 1992, p. 41.

¹³ *Op. Cit.* CAESAR, 2009.

1.1. A Amazônia Encoberta – Dos anseios do *Círculo Dourado* até a Conferência Pan-Americana.

Em 1853, foi publicada a obra *Exploration of the Valley of the Amazon*, de autoria do Tenente William Lewis Herndon.¹⁴ Ele havia recebido ordens anos antes para mapear o Amazonas a partir de sua nascente nos Andes até a foz na cidade do Pará, como conhecida pelos estado-unidenses. A expedição era fruto das maquinações de Matthew Fontaine Maury, seu cunhado e primo, então cientista responsável pela *United States Naval Observatory*. Se tornou a primeira expedição oficial do governo norte-americano nas águas então fechadas para o comércio internacional.¹⁵ O relato da viagem do Tenente também se tornou a primeira obra de grande alcance no gênero sobre a Amazônia provindo de seu país, que até então tinha mais intercâmbio com o continente europeu do que com os vizinhos sul-americanos.

Maury era um entusiasta da Amazônia e da América do Sul. Em meados dos anos 40 e início dos 50 já havia publicado, sob o pseudônimo “Inca” (Usado para não *ofender* os sul-americanos), uma série de cartas exaltando a região amazônica, onde o reino vegetal demonstraria sua força em todo o seu perfeito esplendor, e onde o reino mineral seria mais deslumbrante em sua riqueza.¹⁶ Na América do *Antebellum*, em que as tensões entre o Norte livre e o Sul escravista se acirravam, a saída pelo *Sul* do Sul era mais segura; E, como sulista, conseguia ver a Amazônia se tornando um *novo* Texas.¹⁷ O problema, de acordo com Maury, era que os Europeus haviam mal gerido o Vale do Amazonas, e como resultado, a região tinha poucos recursos civilizatórios, com um vasto interior intocado. Seu objetivo, então, era incentivar e convencer os sulistas da importância de “mandar lá o emigrante, o navio a vapor, o machado e o arado, os mensageiros e as agências de comércio.”¹⁸

Não havia nada de inovador, na perspectiva das doutrinas estado-unidenses do período, sobre a expansão proposta por Matthew Fontaine Maury. A atitude imperial sobre a América Latina havia sido codificada em 1823, através da declaração da Doutrina Monroe, que

¹⁴ HERNDON, William Lewis. **Exploration of the valley of Amazon, 1851-1852**. Nova York: Grove Press, 1853. A primeira edição está disponível no site do Projeto Wikisource: https://en.wikisource.org/wiki/Exploration_of_the_Valley_of_the_Amazon,_Vol.I. Acessado em 16/08/19.

¹⁵ A contenda entre os Estados Unidos e o Brasil pela abertura do Rio Amazonas para o comércio internacional foi pauta de inúmeros estudos, ver: NUNES, Francivaldo Alves. A Amazônia e a formação do Estado Imperial no Brasil: unidade do território e expansão de domínio. **Almanack. Guarulhos**, n.03, p.54-65, 1o semestre de 2012; JUNIOR, Américo Alves de Lyra. Política externa do Brasil no império: a abertura do rio Amazonas à navegação internacional. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo**, julho 2011.

¹⁶ MAURY, Matthew Fontaine. “Valley of the Amazon,” **De Bow’s Review** 15 – New Series Vol. 1 (Julho – Dezembro 1853): 36-43.

¹⁷ Ver: Nícia Vilela Luz, **A Amazônia para os Negros Americanos** (As Origens de uma Controvérsia Internacional) (R. Janeiro: Ed. Saga, 1968), ch. II: ‘O universo de Matthew Fontaine Maury’, 49-68.

¹⁸ MAURY, Matthew Fontaine. **Amazon, and The Atlantic Slopes of South America**. Washington: Franck Taylor, 1853, p. 6.

procurava afirmar os direitos dos Estados Unidos de defender os países do continente caso as potências europeias intervissem. A doutrina tornou-se o apoio para as tentativas ianques de estabelecer sua suserania sobre a região. Mais ainda, o interesse do país pelo restante do continente intensificou-se a partir da década de quarenta, com a conquista da Califórnia e do Novo México tendo como base a ideologia do Destino Manifesto. Ao definir a ideologia do Destino Manifesto como justificativa para o processo de dominação do resto do continente, a historiadora Sara Philipe a resume como definida em 1845 pelo jornalista John O'Sullivan e consistindo em “acreditar que o Estados Unidos haviam sido dotados por Deus com o direito e o dever de espalhar a democracia estado-unidense.”¹⁹ O Texas e a Califórnia faziam parte da providência da nação, assim como a sua fronteira com o Oceano Pacífico, e a ocupação de emigrantes para os territórios os faziam desenvolvidos para justificar o domínio. O primeiro, com a sua população majoritariamente anglo-saxã, aderiu à união por espontânea vontade; O segundo, foi conquistado na Guerra de 1848, re-afirmando a primazia da república estado-unidense sobre os outros estados do continente.

O expansionismo do período *antebellum* era intimamente acoplado com a necessidade de novos estados escravistas, e era através desta percepção que Maury concebia a conexão com o rio Amazonas, na incorporação de um novo estado escravista.²⁰ A grande parte da discussão do processo de crescimento do estado ianque se dava através da incorporação de novos territórios que aliviariam a tensão entre os estados do Sul e do Norte, e eventualmente, poderiam até a gerar uma nação distinta no sul. Aqueles que advogavam por uma expansão que permitisse a anexação de territórios latino-americanos a imaginava como, segundo o historiador Reginald Horsman, “uma nova civilização emergindo, uma civilização que em população e cultura recriassem os estados de plantation do Sul.”²¹ Como na anexação do estado texano, a argumentação dos sulistas era de que uma expansão para o Sul salvaria a União ao não diminuir o poder dos estados escravistas. Se até então poucos interesses estado-unidenses haviam se voltado para a Amazônia, o oceanógrafo considerava que o algodão poderia ser transplantado para a região, e, fruto de sua campanha de opinião pública, o congresso norte-americano

¹⁹ PHILLIPE, Sarah. **Everything has become Southern: The Confederado Colony in Santarem, Brazil.** Middleton: Wesleyan University, 2019, p. 24.

²⁰ Matthew Fontaine Maury/9. (2019, July 25). In: *Wikisource*. Acessado 12:45, 27 de Maio, 2020, https://en.wikisource.org/w/index.php?title=Matthew_Fontaine_Maury/9&oldid=9478769

²¹ HORSMAN, Reginald. **Race and Manifest Destiny: The Origins of American Racial Anglo-Saxonism.** Cambridge: Harvard University Press, 1981.

aprovou a viagem de seu cunhado e sobrinho. O capitão Herndon, acompanhado do oficial Gibbon, realizou o trajeto por barco, mulas e a pé.²²

“A sua ida”, postulou Maury, “É o primeiro passo na caminhada que terminará com o estabelecimento da República da Amazônia.” Aconselhado por seu tio a não deixar que descobrissem o propósito colonizador de sua viagem, Herndon escreveu uma narrativa que referia-se constantemente às possibilidades de pastagem, frutos, culinária e as possibilidades de comércio com os estados do Sul. A influência das *cartas* do tio moveu os seus relatórios de forma que, divergindo de Gibbon, os nativos não eram *tão* ruins, podendo ser cooptados para o trabalho forçado; Deu amplo destaque para as possibilidades do café e do chocolate, produtos em alta na economia mundial; E descreveu o amplo *apoio* que encontrou para o livre-comércio e colonização *Dixie*.²³ Se a região viesse a se tornar colônia de uma potência estrangeira, seria melhor que fossem por cidadãos norte-americanos, adaptados ao clima e ao sistema econômico necessário para o desenvolvimento da região, baseado na mão-de-obra escrava. Os brasileiros seriam gratos pelos ensinamentos modernos que os Estados Unidos poderiam ensiná-los, como domar a selvageria, assim como haviam feito no Oeste:

Nós somos agora o melhor consumidor do Brasil e seu aliado mais natural. Presidente Aranha sabe disso. Em um festa de jantar oferecida por ele em Barra, seu primeiro brinde foi “Para a nação da América mais próximamente aliada com o Brasil os Estados Unidos.” E ele frequentemente expressou para mim seu forte desejo de ter mil de meus concidadãos ativos para ajudá-lo a subjugar a selvageria, e demonstrar aos nativos como se trabalhar. Eu gostaria que todosos Brasileiros fossem influenciados por sentimentos similares. Aí iria o rio grandioso, agora querido por mim por associação, não mais rolar suas águas sombrias por quilômetros de solidão ininterrupta; não mais as florestas profundas que ladeiam suas margens ofereceriam, mas um abrigo para a serpente, o tigre e o índio; mas, sulcado por mil quilhas e trazendo sobre suas águas a poderosa riqueza que a civilização e a ciência chamariam das profundezas dessas florestas escuras, a Amazônia "se regozijaria como um homem forte para correr uma corrida."²⁴

Como o tio, Herndon compartilhava de uma visão oceanográfica do Vale do Amazonas como um complemento do Vale do Mississippi, o que facilitaria uma proximidade através de correntes marítimas.²⁵ Sua descrição da Amazônia, como um paraíso intocado esperando o desenvolvimento da raça Anglo-Saxã, capturou o imaginário de uma nação obcecada com o

²²JUNQUEIRA, Mary A. Ciência, técnica e as expedições da marinha de guerra norteamericana, U.S. Navy, em direção à América Latina (1838-1901). **Varia hist., Belo Horizonte**, v. 23, n. 38, p. 334-349, dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752007000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 maio 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752007000200006>.

²³ HECHT, Susanna. **The Scramble for the Amazon and the "Lost Paradise" of Euclides da Cunha**. University of Chicago Press; Edição: First Edition (2013), p.75

²⁴*Op. Cit.* HERNDON, 1853, p. 372.

²⁵MAURY, Matthew Fontaine. “Valley of the Amazon,” **De Bow’s Review** 15 – New Series Vol. 1 (Julho – Dezembro 1853): 36-43.

“expansionismo escravista” que marcou a Era *Antebellum* durante os anos 40 e 50.²⁶ A Amazônia, segundo o próprio tenente, dispensava com muitos das características não-atrativas das regiões da América Latina: Era praticamente deserta, sendo território fértil para migração, em oposição à Cuba, que tinha uma grande população hispano-americana que precisaria ser lidada após a aquisição da ilha. Como Reginald Horsman postula, “Era muito mais fácil sonhar com transformação no distante pacífico, onde não havia problema imediato de controle, do que com Cuba ou a América do Sul, onde os Estados Unidos estariam se encontrando em posse de regiões densamente povoadas por raças “inferiores”. A Amazônia se aproxima, portanto, para Maury e Herndon, mais da Califórnia do que de Cuba.²⁷

A campanha de Maury culminou em 1852 com o pedido de vários senhores de escravos sulistas para a ocupação e colonização da Amazônia em conversa com o ministro plenipotenciário do Brasil em Washington.²⁸ O livro de Herndon se tornou um best-seller, tendo impresso 10.000 volumes em sua primeira edição, e depois de três meses mais 20.000.²⁹ Sua influência foi tão grande que inspirou o jovem Mark Twain, em meados da década de 50, a descer de navio até Nova Orleans, cruzando o Mississippi, com o objetivo de pegar uma embarcação para a Amazônia e “navegar até a sua juzante.”³⁰ A Amazônia foi logo incluída no chamado “Destino Manifesto do Sul”, pensado como uma saída da crise norte-americana entre estados escravistas e não-escravistas com a anexação da América Central e o Norte da América do Sul. O estabelecimento de um “Mediterrâneo Americano” com Nova Orleans ou Norfolk como uma “Nova Roma”³¹, seria pauta de muitos grupos políticos do Sul durante os anos 50. Seu maior expoente foi o chamado “Golden Circle”, uma organização secreta que pretendia empreender a conquista do chamado “Mediterrâneo”, formando um “Círculo Dourado” e expandindo a escravidão para a América Latina.³²

Para Maury, o Vale do Amazonas ainda tinha uma vantagem sobre os outros países da América-Latina. Assim como Cuba, o seu país ainda era escravista, o que significava não

²⁶Op. Cit. HORSMAN, 1981, p. 282.

²⁷Op. Cit. HORSMAN, 1981, p. 279.

²⁸GRIER, Douglas. **Confederate Emigration to Brazil, 1865–1870**. Ph.D. Dissertation, University of Michigan, 1968.

²⁹Op. Cit. HETCH, 2013, p.75

³⁰TWAIN, Mark. **The Life & Times of Mark Twain - 4 Biographical Works in One Edition**: Chapters From My Autobiography By Mark Twain, My Mark Twain By William Dean Howells!, Mark Twain A Biography By Albert Bigelow Paine. Mosaic Books, Online Publishing, 2017, p. 67

³¹HORNE, Gerald. **The Deepest South: The United States, Brazil, and the African Slave Trade**. NYU Press, New York, 2007.

³²BRIDGES, C. A. The Knights of the Golden Circle: A Filibustering Fantasy. **The Southwestern Historical Quarterly**, vol. 44, Savannah, no. 3, 1941, pp. 287–302. JSTOR, www.jstor.org/stable/30235905. Accessed 27 May 2020.

expandir a escravidão, mas apenas continuar uma prática que já era comum no país. Quando um de seus outros sobrinhos escreveu para Maury questionando seu projeto para o Vale do Amazonas como perpetuação da escravidão, respondeu que “O Brasil é tão um estado escravista como a Virgínia, e o Vale do Amazonas é brasileiro.”³³ Mais do que isso, Maury, assim como vários *Dixies*, temia uma crise malthusiana com um Sul lotado de negros, o que para ele levaria à uma guerra racial e à miscigenação. O negro também seria capaz de sobreviver às condições adversas da floresta, e então era natural que a Amazônia se tornasse “Tanto uma válvula de escape para o excesso de escravos como uma fonte de algodão para a Inglaterra.”³⁴

O Vale do Amazonas era primitivo, vazio e incapaz de se civilizar sozinho, e portanto era dever da nação norte-americana guiá-lo para o desenvolvimento; O historiador Frederick Pike postulou que quanto mais espaços eram conquistados e incorporados nos Estados Unidos, seus cidadãos passavam a olhar as recém-repúblicas do Sul como as próximas fronteiras naturais do país, e ao fazê-lo, aplicavam esterótipos similares aos que racionalizaram para justificar o Destino Manifesto a Oeste do território.³⁵ A transformação, com a abertura do Rio Amazonas para a navegação, estava dentro de várias lógicas, em que a economia se mesclava com o destino norte-americano sobre o continente, raça superior, sistema político republicano e aderência ao livre comércio, em voga no momento, assim como o domínio de direito e propósito divino. Não seria necessário muito tempo, clamava Maury, para que após a abertura do rio, ele se tornasse para todos os “efeitos comerciais um tipo de colônia americana.”³⁶ Emigração, portanto, era um elemento essencial para a conquista. O colono seria anglo-saxão, o que deixaria explícito o aspecto racial do desdobramento do Destino Manifesto, a partir da perspectiva de que uma raça superior estado-unidense seria a responsável pelos rumos do mundo. E pela lógica, Reginald Horsman afirma que “Era também acreditado que em seu impulso para fora americanos estavam encontrando uma variedade de raças inferiores incapazes de partilhar no sistema republicano americano e condenadas à eterna subordinação ou extinção.”³⁷

O estabelecimento de uma linha de navegação, então, com a abertura do Rio Amazonas, seria o pontapé para sua transformação e em breve, para a colonização e desenvolvimento norte-americano. Os noticiários paraenses já notificavam o que consideravam como a “cobiça dos

³³ Matthew Fontaine Maury/9. (2019, July 25). In: *Wikisource*. Acessado 12:45, 27 de Maio, 2020, https://en.wikisource.org/w/index.php?title=Matthew_Fontaine_Maury/9&oldid=9478769

³⁴ *Ibid.*

³⁵ PIKE, Federick B. **The United States and Latin America: Myths and Stereotypes of Civilization and Nature**. Austin: University of Texas Press, 1992.

³⁶ *Ibid.*

³⁷ *Op. Cit.* HORSMAN, 1981, p. 6

Norte-americanos, exagerando a riqueza a riqueza fabulosa das regiões amazônicas, e as facilidades que oferecia a indústria que a quisesse aproveitar.”³⁸ O estado brasileiro, temendo aventureiros, acordou com os outros estados sul-americanos acordos sobre a restrição de navegação sobre o rio, condenando qualquer atitude de filibusteiros.³⁹ Mesmo que tais aparecessem, segundo o Treze de Maio, as “fortificações de Macapá colocadas na boca e margem do Rio Amazonas, são as maiores e mais consideráveis de toda a América do Sul; e qualquer tentativa de passar por elas á força, seria inqualificável doudice.”⁴⁰ O medo do estado brasileiro não era infundado. A prática de “filibusteirismo” era muito comum no período, consistindo na invasão de territórios estrangeiros através de forças privadas, movidas por sujeitos estado-unidenses. Esse tipo de incursão é considerado um dos principais desdobramentos da ideologia do Destino Manifesto na América do *Antebellum* (Antes da Guerra da Secessão), e apesar de proibida pelas leis internacionais, vários sulistas tentaram empreendê-las, com graus diferentes de sucesso. O caso mais famoso foi o do aventureiro William Walker, que pretendeu incorporar território Mexicano e Centro-Americano nos Estados Unidos através da conquista de seus territórios.⁴¹ Tendo isso em mente, a abertura do Rio Amazonas só se deu anos depois, na segunda metade da década de sessenta.

Se a campanha de Maury-Herndon incentivou a medida geopolítica norte-americana de pressionar o governo brasileiro para a abertura do Amazonas, principalmente durante o período de serviço do ministro plenipotenciário Trousdale⁴², o acirramento da tensão entre o Norte e o Sul e a eclosão da Guerra da Secessão desviaria a atenção do projeto *Maury* para a Amazônia. Maury aderiu à Confederação dos Estados Unidos da América, onde serviu como propagador da Confederação na Europa e no México, buscando o reconhecimento diplomático da nação. Enquanto isso, o Norte desenvolvia seu próprio projeto para a questão do negro pós-abolição.

James Watson Webb, servindo como ministro plenipotenciário no Brasil durante a Guerra da Secessão, tinha suas próprias idéias de como resolver a questão do negro em conjunto com a questão da Amazônia, possivelmente influenciado pelos escritos de Maury.⁴³ A maior parte dos ministros plenipotenciários dos Estados Unidos que serviram Brasil até a década de sessenta eram ou pró-escravistas ou donos de escravos eles mesmos. Webb, apesar da fidelidade

³⁸Treze de Maio, Belém, 09 de novembro de 1853, p.03

³⁹*Op. Cit.* HORNE, 2007.

⁴⁰Treze de Maio, Belém, 07 de março de 1854, p. 03

⁴¹MAY, Robert E. *Manifest Destiny's Underworld: Filibustering in Antebellum America* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002).

⁴²Ver: PALM, Paulo Roberto. *A Abertura do rio Amazonas à navegação internacional e o parlamento brasileiro*. FUNAG, Brasília, 2009.

⁴³BAS, Natália. *Brazilian Images of the United States (1861-1898): A working version of modernity?*. Phd Thesis, University College of London, Londres, 2012, p. 98;

à União, não acreditava na causa abolicionista, considerando-a mais perigosa que a escravidão. Era um racista fervoroso, que advogava por impedir qualquer legislação anti-escravidão de passar no congresso, e era abertamente favorável ao envio dos negros à outra região. Não surpreendentemente, se virou para a Amazônia, como uma espécie de Nova Libéria.⁴⁴

O Presidente Lincoln, adepto às ideologias da época de raça e meio-ambiente vigentes na época, já havia feito declarações na intenção de transformar alguma área da América Latina pátria de uma colônia de negros expatriados dos Estados Unidos. Em uma de suas várias reuniões com o Congresso, havia feito claro sua intenção de comprar terras para os ex-escravos, para que pudessem colonizar territórios vazios na América Central ou na América do Sul, onde haveria espaço abundante para seu envio.⁴⁵ O secretário de estado de Lincoln, William Seward, estava aberto às propostas que surgiriam na intenção de solucionar a questão do envio e da colonização negra em outro território.⁴⁶

A discussão suscitou Webb a propor a Amazônia como o espaço ideal para receber os ex-escravos norte-americanos. Além de ser um espaço vazio, necessitando dos braços negros para o seu desenvolvimento, tinha um clima similar ao do continente africano, o que faria com que fossem perfeitamente adaptados para a vida na floresta tropical. O negro norte-americano ainda era dócil e subserviente, de caráter diferente do indolente e rebelde negro brasileiro, e sua miscigenação ajudaria a acalmar o espírito do último.⁴⁷ Além do mais, a colonização nos trópicos evitaria maiores problemas para os Estados Unidos, como uma guerra racial ou uma indesejada miscigenação com os brancos. Os Estados Unidos, segundo Webb, “seria abençoado pela sua [do Negro] ausência, e se livraria de uma maldição que quase o destruiu.”⁴⁸

O plano que concebeu e enviou para o Secretário de Estado tinha dezessete páginas, em que descrevia exatamente como pretendia propor ao governo brasileiro a colonização dos negros. Primeiro, a colonização deveria ser barata; a liberdade não precisava ser imediata, mas a escravidão não poderia se estender; os imigrantes receberiam um status de “aprendizes” na colônia; os colonos pagariam os custos da colonização com sua própria mão-de-obra; e, por fim, o rompimento do laço político com os Estados Unidos se daria com o tempo, ao passo em

⁴⁴ *Op. Cit.* HORNE, 2007, p.163.

⁴⁵ BENNETT, Lerone. *Forced into Glory: Abraham Lincoln's White Dream*, Johnson Publishing Company, Chicago, 2000, p. 380.

⁴⁶ *Op. Cit.* HORNE, 2007.

⁴⁷ HILL, Lawrence. *Diplomatic Relations Between the United States and Brazil*. Duke University Press, Durham, 1932.

⁴⁸ *Ibid.*, p.159–160.

que a sociedade brasileira, mais tolerante, os incorporaria no seio social.⁴⁹ Deveriam, então, ser gerenciados por uma empresa de colonização, cujo presidente seria ele mesmo.

Webb considerava sua indicação como uma oportunidade de fazer dinheiro através de suas conexões diplomáticas. Não apenas tinha a possibilidade de enriquecer com o sofrimento da mão-de-obra de escravos emancipados, estes transformados em servos de dívida no Brasil, como ajudaria com sua aspiração de monopolizar o comércio brasileiro. Também já havia sido dono de ferrovias, jornais e outros negócios, assim como servido em outros postos diplomáticos na Turquia e na Áustria.⁵⁰ Era um homem ambicioso e, movido pela cobiça, não desistiria facilmente do seu plano.

Embora a ideia tivesse, em caráter informal, inicialmente agradado o governo brasileiro, que respondeu com uma contra-proposta de uma companhia de colonização administrada por ambos os países, e com o negro recém chegado recebendo uma “cabana” e “instrumentos de agricultura”⁵¹, a resposta de Washington foi bem diferente. Seward sentia que a proposta era inviável, pois o próprio Brasil não aceitaria receber esse influxo de negros em suas províncias não-povoadas a custo de outras populações melhores. Depois, Londres e Madrid se opunham a qualquer projeto de colonização norte-americano, visto que ameaçaria a soberania de qualquer país. E aí, vinha a resistência do congresso, composto por Republicanos Radicais que não apoiariam a proposta, ainda mais considerando a quantidade embolsada para patrocinar a medida. Portanto, concluiu, “O presidente não pode, sem mais considerações, aceitar esta proposta.”⁵²

No Brasil, as tentativas estado-unidenses de empreendimento em países como Equador, Peru e o próprio estado brasileiro, assim como os planos de colonização, obstruíram as relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos. Mais importante, uma ocupação de negros ia de encontro com as teses raciológicas da época, que postulavam justamente que esta “raça” era um impedimento ao desenvolvimento moderno.⁵³ Além disso, negros revoltos poderiam causar mais tensões no estado brasileiro, ou se tornar um “presente de grego”, ao passo em que se tornariam uma comunidade ligada aos Estados Unidos, e que eventualmente justificaria uma intervenção norte-americana.

Os planos de Webb permaneceram irrealizados, e não demorou para que fosse substituído por um novo ministro mais afeito à causa abolicionista, o que causaria contínuas

⁴⁹ *Op. Cit.* HETCH, 2013, p.83

⁵⁰ *Ibid.*

⁵¹ *Op. Cit.* HORNE, 2007, p. 120

⁵² *Ibid.*, p.122

⁵³ *Op. Cit.* HETCH, 2013, p.84.

tensões entre o governo norte-americano e o brasileiro. O plano de enviar os negros para a Amazonia foi engavetado, enquanto os Estados Unidos decidiram resolver a questão racial dentro de seu próprio território e o Brasil entrou em uma guerra de inéditas proporções no Cone Sul.⁵⁴ O certo é que embora o negro não tivesse vindo para o Brasil, após a secessão, uma nova onda de imigração *Dixie* chegou até a Amazônia, encabeçada por Lansford Hastings.⁵⁵

Embora não fosse um projeto geopolítico do governo norte-americano, é certo que muitos destes Confederados foram influenciados pelas campanhas de Maury nos anos cinquenta.⁵⁶ Após o final da guerra, que viu o sistema de produção sulista em ruínas, a saída que muitos consideraram para a manutenção de seu estilo de vida era o Brasil imperial, com uma agricultura mantida à custa da mão-de-obra escravista, clima ameno e rios navegáveis, que permitiria o escoamento da produção açúcareira ou algodoeira.⁵⁷ O Brasil era o último bastião escravista nas Américas, e esse ecoar ressoava na mente de todos os Sulistas que desembarcaram no país, assim como o seu ódio pela União nos Estados Unidos da América.

As campanhas pela emigração tomaram os jornais da América do Norte, enfatizando a possibilidade da construção de uma nova vida no estado brasileiro, em que os direitos dos Confederados seriam respeitados e estes, por sua vez, teriam acesso à recursos, infra-estrutura e outros benefícios do Imperador. Para o Império, diferente da proposta de Webb em relação aos negros norte-americanos, a imigração de homens brancos era vista como um privilégio, já que para civilizar-se, era essencial enbranquecer-se.⁵⁸ A criação de um escritório da Sociedade Internacional de Imigração para o Brasil em Nova Iorque por meados outubro de 1866 serviria para atender esta demanda, tendo como seu secretário principal Quintino Bocaiúva.⁵⁹

A passagem de Nova Iorque para o Brasil custava em média 122 dólares, embora o dinheiro fosse reembolsado pelo governo brasileiro após a chegada no país. No total, seis colônias foram criadas, algumas com mais ou menos sucesso.⁶⁰ Em 1867 foram-se estimados

⁵⁴VILELA, Nícia Luz, *A Amazônia para os Negros Americanos (As Origens de uma Controvérsia Internacional)* Ed. Saga, Rio de Janeiro, 1968.

⁵⁵ ANDREWS, Thomas F. *The Ambitions of Lansford W. Hastings: A Study in Western Myth-Making.* Pacific Historical Review, San Diego, 1970, Ed. 39, p.473-491.

⁵⁶ *Op. Cit.* HETCH, 2013, p.85.

⁵⁷ Ver: GUILHON, Norma. **Confederados em Santarém: Saga Americana na Amazônia.** Editora Presença, Rio de Janeiro, 1987; HORTON, Justin Garrett. **The Second Lost Cause: Post-National Confederate Imperialism in the Americas.** Electronic Theses and Dissertations, 2007, Paper 2025. <https://dc.etsu.edu/etd/2025>

⁵⁸ *Op. Cit.* HORNE, 2007, p. 123.

⁵⁹ *Op. Cit.* GUILHON, 1987.

⁶⁰ Ao total, seis colônias com imigrantes foram fundadas em território brasileiro, embora em diferentes graus de sucesso.

uma quantidade média de migrantes norte-americanos para as províncias pelo Sr. Charles Nathan⁶¹, assim como discriminados abaixo:

Quadro 1: Imigração Confederada para o Brasil, em números:

São Paulo	800
Espírito Santo	400
Rio de Janeiro	200
Paraná	200
Pará	200
Minas Gerais	100
Bahia	100
Pernambuco	70
Total	2070

Analisando a *Quadro 1*, podemos observar que apesar de limitado, o número de migrantes para o país foi considerável se comparado com as outras repúblicas da América Latina, principalmente em São Paulo, onde se formou a principal colônia confederada no hemisfério sul. O projeto geopolítico não havia abandonado por completo o imaginário dos migrantes Confederados, entretanto; E a ideologia do Destino Manifesto continuava presente, como um espírito-guia dentre os exilados da reconstrução do Sul no pós-guerra. O objetivo de construir um estado escravista no 'Círculo Dourado' continuaria a ser um sonho de alguns *Dixies*, como Dr. Price, um correspondente na Venezuela, que confidenciou seus planos para um amigo nos Estados Unidos. Pretendia “Fundar uma colônia no Orinoco”, e quando tivessem cinquenta mil habitantes, um governo estatal. Depois, através de seus contatos, estabelecer um comércio de escravos com o Brasil, para futuramente dominar o comércio e o território do Vale do Amazonas, até mesmo aos pés dos Andes. E depois de estabelecer um país com qualquer forma de governo desejada, seria possível “Recrutar mais soldados confederados para lutar pela causa.”⁶² Mais do que isso, todos os Confederados que chegaram ao Brasil tinham como principal objetivo a preservação da cultura sulista. A idéia era desenvolver, pode-se argumentar, um certo tipo de imperialismo escravista, de forma que estavam preparados para impor sua

⁶¹GASTON, James McFadden. *Hunting a Home in Brazil: The Agricultural Resources and Other Characteristics of the Country; Also, the Manners and Customs of the Inhabitants*. Editora Forgotten Books, New York, 2018.

⁶²*Op. Cit.* HORTON, 2007, p.206.

cultura sobre outra sem aceitar a sociedade nativa que os cercava, pautados somente pela característica que os aproximava do país – O sistema econômico escravista.⁶³

A onda migratória não seria bem-sucedida, entretanto, e tampouco duraria muito tempo. Os imigrantes *Dixies* não se adaptariam ao clima, nem à forma da sociedade brasileira, e logo pediriam para os devidos consulados para retornarem aos Estados Unidos. O isolamento das colônias entre si, dado o espaço do território nacional, assim como a falta de cumprimento do combinado nos acordos com as respectivas províncias e os acordos com o governo central, dos quais faltava tudo, até mesmo estrutura básica para seu estabelecimento, colaborariam com a saudade da pátria de origem.⁶⁴ Mais do que isso, o tratamento à questão racial no país rompia justamente com a questão com a qual pretendiam fugir. No Brasil, viam uma certa mobilidade e normalização do papel do negro na sociedade, e não como o sistema escravista ao qual estavam acostumados, com o marcador de cor demarcando claramente o papel social de cada indivíduo.⁶⁵ Os Estados Unidos, com língua inglesa, religião protestante e costumes comuns logo voltariam a ser atrativos para os “expatriados”. Apenas Santa Bárbara do Oeste, colônia no interior de São Paulo, conseguiu ser bem-sucedida.

Na Amazônia brasileira os confederados fundaram a colônia de Santarém às margens do baixo Amazonas. Fruto de um acordo celebrado entre o presidente da província e aquele que seria o líder da colônia, Lansford Hastings⁶⁶, fora criada com a intenção de receber 500 emigrantes, no prazo máximo de seis meses. Hastings era uma figura antiga na conquista do Oeste norte-americano, tendo advogado a ideia de transformar a Califórnia em um novo Texas, através da imigração de cidadãos estado-unidenses que fariam uma revolução similar à que aconteceu na 'Estrela Solitária'. Assim, como um agente do idário do Destino Manifesto, quando a “selvageria” da América do Norte havia sido subjugada, o desdobramento natural de sua doutrina obrigou-o a olhar para as outras fronteiras do continente, tendo como base o anglo-saxão como colono e o progresso como fim, viável apenas através do protestantismo e da tecnologia estado-unidense.⁶⁷ Depois da Guerra da Secessão, seus sonhos de império se voltariam para a Amazônia. A proximidade com os Estados Unidos tornavam o Vale atraente para ele, e no rio um novo Mississippi, em uma terra virgem e intocada.⁶⁸ Dos quinhentos

⁶³HORTON, Justin Garrett. *The Second Lost Cause: Post-National Confederate Imperialism in the Americas*. Electronic Theses and Dissertations, p.38.

⁶⁴*Op. Cit.* GUILHON, 1987, p.72.

⁶⁵*Op. Cit.* HORNE, 2007, p. 236

⁶⁶GASTON, James McFadden. *Hunting a Home in Brazil: The Agricultural Resources and Other Characteristics of the Country; Also, the Manners and Customs of the Inhabitants*. Editora Forgotten Books, 2018.

⁶⁷*Ibid.*

⁶⁸*Op. Cit.* GUILHON, 1987, p.78.

colonos prometidos, porém, apenas cento e nove ocuparam efetivamente Santarém, pois Hastings faleceu na viagem de volta para os Estados Unidos, a caminho da segunda leva de colonos.⁶⁹

A morte de seu líder seria um golpe do qual a colônia não se recuperaria. Com a retirada da ajuda estadual no prazo estipulado, os colonos logo pleitearam para o governo norte-americano, sob intermédio do cônsul servindo em Belém, passagens para retornar à pátria de origem. O governo paraense, de acordo com eles, não havia cumprido sua parte acordada; Nem sequer uma estrada para Santarém da colônia existia, o trajeto tendo que ser feito a pé.⁷⁰ Mesmo os equipamentos agrícolas e os saberes do Sul não serviriam sem uma mão-de-obra estável, como a escrava. O cônsul também pontuou que na colônia “não haviam agricultores”, e que Hastings havia trago muitos “vadios e arruaceiros” para compor sua colônia; Mesmo aqueles que tinham esperanças se sentiram desestimulados pela dificuldade do plantio nos trópicos.⁷¹ James Orton, naturalista que viajou pela colônia confederada no final dos anos sessenta, concordou com a visão do cônsul, mesmo que ainda visse as benesses da imigração *Dixie*:

Em Santarém está uma das maiores colônias que migraram dos descontentes Estados do Golfo para o Brasil. Cento e sessenta sulistas armaram suas tendas aqui. Muitos deles, no entanto, logo ficaram enjojados com o país e, se formos acreditar nos relatos, o país ficou enjojado com eles. (...) A colônia não representa justamente os Estados Unidos, sendo formada em grande parte pelos “roughs” de Mobile. Alguns estão satisfeitos e estão indo bem. A Amazônia ficará em dívida com eles por algumas idéias valiosas. (...) Santarém manda para o Pará buscar açúcar; mas os cavaleiros do Alabama estão provando que a cana-de-açúcar cresce melhor do que na Louisiana, atingindo a altura de seis metros, e que ela produziu dez ou doze anos sem transplante ou cultivo. Não é, entretanto, tão doce ou suculento quanto a cana-de-açúcar. Alguns dos colonos estão fazendo tapioca e cashaça ou cachaça; outros entraram no negócio de carne suína; enquanto um. Dr. Jones, espera realizar uma fortuna queimando cal. Aqui encontramos o ex-General Dolbins rebelde, que fazia prospecção no Rio do Tapajós, mas ainda não havia se localizado.⁷²

Após a permissão do governo norte-americano para que os navios de guerra próximos ao litoral amazônico levassem os imigrantes ansiosos para retornar de volta aos Estados Unidos, a maior parte dos colonos deixou a colônia de Hastings, com algumas exceções que enriqueceram e se estabeleceram na região.⁷³ O fracasso da colônia de Santarém seria o último suspiro do modelo de Maury-Herndon para o “Imperialismo Dixie” na região, já que as idéias de nacionalismo sulista e “Destino Manifesto do Sul” eram estado-unidenses por essência e portanto incapazes de se manter como um ideal colonial *sulista*, o que dificultava sua

⁶⁹Ibid, p.79.

⁷⁰ Ibid, p.84.

⁷¹Ibid, p.87.

⁷² Ibid, p. 206.

⁷³ Ibid, p.94.

integridade.⁷⁴ Outro desdobramento do Destino Manifesto, cujos fatores influenciavam o destino que propunha-se para a Hiléia, era a redenção através da verdadeira fé do Cristianismo, o protestantismo estado-unidense que viria para redimir a terra infiel povoada pelos adeptos do “papismo”, o catolicismo latino-americano.

Se a região tinha um verdadeiro caráter inexorável do destino para sua eventual conquista e incorporação para com o Norte, como postulado por Maury e Herndon e tendo tentado aplicá-lo com Webb e Hastings, o missionarismo de diferentes reverendos protestantes na Amazônia pretendia atuar pelo mesmo aspecto, mesmo que por outra via, articulando sua necessidade como uma via para a ascensão do processo civilizatório. Cristianização, portanto, significaria a conversão de católicos, parte de uma matriz religiosa inferior, para a religião do progresso e da modernidade. Um aspecto importante da retórica de conquista sobre a América Latina, para o historiador Frederick Pike, perpassava sobre o medo e o ódio do “papismo”, que consideravam a origem dos latinos em parte serem impossibilitados de alcançar o progresso, dada a influência primitiva do “paganismo cristão”.⁷⁵ Neste mesmo processo, compreendemos o porque o missionarismo se incorpora com as razões comerciais e econômicas, a partir de que o protestantismo se desenvolveria em comboio com o comércio e com a conquista colonial, incorporados através da ideologia do destino manifesto. David Kidder, um dos principais missionários que veio ao Brasil em meados do século, destacou a necessidade da abertura do Amazonas e da entrada de capital estado-unidense na América do Sul, assim como o missionário prebiteriano James Cooley Fletcher. A Cientista Social Liliane Costa de Oliveira argumenta que:

Portanto, percebe-se que por trás das razões da missão protestante empreendida por missionários norte-americanos na Amazônia, havia também razões comerciais. Nota-se certa aproximação entre evangelização e interesses financeiros, os quais estavam incorporados pela ideologia do destino manifesto e do novo colonialismo. O desejo dos norte-americanos em tornar o rio Amazonas livre para a navegação internacional reflete os interesses imperialistas, os quais consistiam em estender os domínios estadunidenses, por isso a ideia de um povo escolhido por Deus para espalhar a fé cristã ao mundo desprovido do protestantismo não está dissociada das ideias de progresso norte-americano.⁷⁶

Aceitar a religião, enfim, era aceitar um novo paradigma sobre o modo de vida, rejeitando a sua suposta bagagem cultural que provinha daquela abandonada. David Kidder veio ainda na primeira metade do século para a região, na intenção de prosetilizar os locais, sem

⁷⁴ HORTON, Justin Garrett. *The Second Lost Cause: Post-National Confederate Imperialism in the Americas*. Electronic Theses and Dissertations, 2007, p.83

⁷⁵ *Op. Cit.* PIKE, 1992, p. 92.

⁷⁶ OLIVEIRA, Liliane Costa. Os primeiros passos do Protestantismo na Amazônia. *Estudos de Religião*, v. 31, n. 2 maio-ago, 2017, p. 106.

muito sucesso, e em seguida a fundação de uma pequena capela, já em meados dos anos sessenta, pelo missionário Richard Holden, na expectativa de que o Amazonas fosse aberto para a navegação internacional. Através do puritanismo, o reverendo procurou pregar no interior da floresta, mesmo em comunidades distantes, e chegando a viajar por grande parte da bacia amazônica. Seus modos de ação procuravam utilizar a religião como o módico de atender às necessidades de desenvolvimento do rio, mas não obteve sucesso. Eventualmente, seus conflitos com as autoridades religiosas locais o fizeram desistir do objetivo de proselitismo e retornar para os Estados Unidos.⁷⁷

O fim do modelo de conquista norte-americana voltado para as tensões dos Estados Unidos do *Antebellum* e *Post-Bellum*, entretanto, não significaria o final dos interesses do país na Amazônia, assim como de seus cidadãos. Os estereótipos de “vazio”, primitivismo, incapacidade, inferioridade e “paganismo” não eram originais nos anais da história da narrativa do Amazonas, mas os interesses estado-unidenses mesclaram diferentes interesses, como o econômico com o religioso, o destino e o direito divino, o sistema político republicano, o livre-comércio e a raça superior anglo-saxã, assim como as virtudes estado-unidenses, no largo imaginário político que envolvia uma ideologia de destino promulgado por Deus e pela providência divina de conquista e missionarismo de valores pelo continente.

Os anos setenta foram particularmente marcados pelo princípio de uma nova iteração dessas práticas, reencarnadas em uma forma de colonialismo de recursos e especulativo, ao qual os aventureiros, empreendedores e filibusteiros exerciam sem a necessidade de uma migração voltada para a ocupação efetiva do território.⁷⁸ A conquista do Oeste havia demonstrado a possibilidade de adquirir a terra em disputa por meio da força, mas os norte-americanos haviam aprendido outras formas de controlar terras “vazias” e lucrar com elas. A construção de infraestrutura como estradas, ferrovias, portos, com o fim de controlar os lucros, começaram a surgir nos pensamentos de magnatas estado-unidenses, assim como negociar os direitos das terras adjacentes às mesmas e especular.⁷⁹ O avanço desenfreado da indústria e tecnologia que marcaram a *Gilded Age* nos Estados Unidos⁸⁰ tornaram possível que os tentáculos do capitalismo imperialista levantassem capital suficiente para investir na Amazônia. Esse espetáculo da modernidade, que passou a se estabelecer em voga no final do século XIX, como podemos refletir através do autor Francisco Foot-Hardman, encontra-se a “aventura moderna”,

⁷⁷Ibid, p. 111.

⁷⁸ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

⁷⁹ *Op. Cit.* HETCH, 2013, p.91.

⁸⁰ PURDY, Sean - *História dos Estados Unidos: das Origens ao Século XXI*, Ed. Contexto, São Paulo, 2007.

como representação da adequação ao progresso a tentativa de implantação de uma ferrovia no meio do deserto amazônico.⁸¹

Em contraponto, as condições do mercado internacional e os avanços tecnológicos estavam tornando a região paulatinamente mais importante na balança comercial mundial.⁸² As matérias-primas da região como o cacau e as castanhas tinham certa importância, mas os anos setenta também foram os de ascensão da borracha. Até o final da década a quantidade de exportação do produto no porto de Belém duplicaria, assim como o seu preço. Isso não só causaria uma expansão da rede de comércio como um atrativo para mão-de-obra emigrante de outros estados do Império, que vinham cumprir a necessidade do extrativismo. Isso despertaria o apetite não apenas das grandes potências, mas também desses exploradores e investidores, que viam uma oportunidade de enriquecimento nos trópicos e começariam a patrocinar, assim como seus países de origem, viagens de reconhecimento de recursos.⁸³

O naturalista Herbert H. Smith⁸⁴ foi responsável por uma série de artigos publicados na revista *Scribner's Monthly*, periódico ilustrado que durou de 1870 até 1881, em que tratava da temática Amazônia e destacava aspectos comerciais e sociais. A compilação desses artigos eventualmente se tornou um livro, *Brazil, the Amazons and the coast* (1876), em que o autor comentava alguns temas sociais e comerciais que poderiam interessar aos estado-unidenses. O Amazonas era o “Mediterrâneo da América” e o Pará, para ele, era uma cidade “com um *destino manifesto*: uma cidade do futuro, que ainda irá enriquecer o mundo com o seu comércio.”⁸⁵ A proximidade com os Estados Unidos e a Europa – mais da metade do caminho em comparação com o Rio de Janeiro – garantiriam o amanhecer do porto de Belém como um dos mais movimentados nos próximos anos, onde “esses produtos (borracha, cacau e castanhas) e muitos outros, encherão os mercados do Pará; quando as repúblicas do pacífico farão do Amazonas e a sua metrópole os guardiões de seu comércio.”⁸⁶

Também falou sobre o projeto de construir uma ferrovia para a cidade, que seria essencial para o seu desenvolvimento. Mas assegurava que “cedo ou tarde o destino do Pará será cumprido. Daqui a um século os navios de todas as nações irão entupir seu cais, exibindo as riquezas de um continente inteiro.” E, então, “seria nossa culpa se não lucrarmos com um

⁸¹ FOOT-HARDMAN, Francisco. *O Trem Fantasma: A Modernidade na Selva*. Companhia das Letras, São Paulo, 1988.

⁸² WEINSTEIN, Bárbara. *Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. Trad. De Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec, editora da Universidade de São Paulo, 1993.

⁸³ *Ibid.*

⁸⁴ KUNZLER, Josiane & Fernandes, Antonio & Fonseca, Vera & Jraige, Samia. *Herbert Huntington Smith: um naturalista injustiçado?*. *Filosofia e História da Biologia*, 2011, Vol. 6. p.49-67.

⁸⁵ SMITH, Herbert Huntington. *Brazil: the Amazons and the coast*. Charles Scribner's Sons, New York, 1879.

⁸⁶ *Ibid.*, p.76.

centro comercial que está se formando tão próximo a nós.” Para virar essa maré a favor norte-americano, considerava, era necessário que esse problema fosse contemplado pelos políticos e os estado-unidenses espertos.⁸⁷ Quando já havia navegado adentro do Amazonas, ao observar as várzeas, desejava que algum “americano empreendedor virasse sua atenção para essas planícies (...) haveriam dificuldades, sem dúvida, mas tenho certeza que elas desapareceriam a frente de nosso talento e habilidade.”⁸⁸ Por fim, entendia que o caminho não era a colonização de fazendeiros e colonos da terra norte-americanos, como um dia o projeto de Maury esperava, mas “abrir esta terra rica para o mundo, tirando o peso dos impostos de exportação, e encorajando manufaturas.”⁸⁹

Outro naturalista-explorador-correspondente que visitou o Pará e Manaus durante os anos setenta foi Ernest T. Morris. Conhecido pela alcunha de 'A Boy Naturalist' por ter embarcado na sua primeira viagem para o vale com apenas dezenove anos, Morris logou se tornou correspondente do periódico *New York World*, onde ficou conhecido por suas colunas sobre a Amazônia nas sete viagens que realizou para a região.⁹⁰ Morris apontou, assim como os outros, sobre os benefícios que o país teria ao aumentar o comércio com a região, no momento “monopolizada pelos ingleses.” Portanto, estranhava que o “o nosso (estado-unidense) povo está dormindo. Eles não podem ser ignorantes das grandes vantagens que teríamos se tivéssemos melhores relações comerciais com o Pará, e especialmente com o Alto Amazonas.”⁹¹ Em outro artigo, criticou a falta de iniciativa dos Estados Unidos, que falhava em dar a devida importância para o futuro centro comercial do mundo.⁹²

A viagem do *Enterprise* marcou a renovação da cobiça dos Estados Unidos em relação ao Vale do Amazonas. Comandada pelo Capitão Selfridge⁹³, deixou o país de origem em setenta e oito com o objetivo de mapear os benefícios comerciais que poderiam ser obtidos no interior da região. A discussão da construção de uma ferrovia às margens do Madeira estava presente no relatório do capitão para o departamento naval estado-unidense, assim como a possibilidade de uma expansão e aumento da presença comercial norte-americana, eclipsada pelo monopólio europeu.⁹⁴ Mesmo assim, ainda acreditava que muitos dos artigos que laudavam o país só poderiam “ser financiados por companhias de navegação” e que “ainda faltam muitos anos para

⁸⁷Ibid, p.77.

⁸⁸Ibid, p. 115

⁸⁹Ibid, p. 175

⁹⁰KUNTZ, Jerry. *A Boy Naturalist in the Amazon: The Travels of Ernest T. Morris*. Kindle E-Books, 2017.

⁹¹Columbus Courier (Columbus, Kansas) · 14 Mar 1878, Thu · Page 1

⁹²Columbus Courier (Columbus, Kansas) · 27 Jun 1878, Thu · Page 1

⁹³Capt. Selfridge já havia alcançado alguma fama por ser um dos principais defensores do canal de Teltapetec, um projeto de canal por território mexicano.

⁹⁴Wilson County Citizen (Fredonia, Kansas) · 11 Oct 1878, Fri · Page 4

que os sonhos dos especuladores possam se realizar.”⁹⁵ O Madeira era perfeitamente navegável, entretanto, e mesmo com as dificuldades impostas pelo governo brasileiro, era um espaço aberto para o investimento estrangeiro, assim como uma mão-de-entrada para o sertão da floresta.

O *Enterprise* veio na maré do projeto da ferrovia Madeira-Marmoré, a qual a concessão já havia sido dada anos antes à George Earl Church, um imperialista explorador-empresendedor norte-americano que havia utilizado dos escritos de Franz Keller-Leuzinger para o planejamento do trajeto.⁹⁶ Church era um entusiasta da Amazônia e acreditava que seria capaz de elaborar um projeto que vingasse na mata virgem, dada as suas viagens de reconhecimento do rio e seu planejamento. O governo imperial tinha bastante interesse na construção da ferrovia, tendo até mesmo a desenhado nos mapas que levou para a exposição do centenário da independência, no pavilhão brasileiro. O acesso do interior era peça essencial para a relação com o resto do mundo.

Em um dos mapas do Brasil, publicado em conexão com a exposição de sua riqueza natural na Exibição Centenária na Filadélfia, curso inferior do rio Madeira é acompanhado por uma linha pontilhada de cor vermelha. Vai de um ponto alto em direção ao território da Bolívia até a junção do Madeira com as extensões em forma de golfo do Amazonas. Essa linha representa uma de uma série de ferrovias projetadas ou efetivamente iniciadas, que vão abrir os extraordinários recursos do interior do Brasil ao comércio do mundo. (...) Franz Keller-Leutzinger, dá conta do estado atual das coisas no maior dos rios da terra, e em um de seus afluentes mais importantes.⁹⁷

Durante o período de sua concessão, Church conseguiu um empréstimo para financiar seu projeto, mas as dificuldades eram maiores do que esperava. Embora conseguiu inaugurar um pequeno trecho da ferrovia nas comemorações do quatro de julho, cujo trem era chamado de *Colonel Church*⁹⁸, logo seu negócio entrou em colapso, envolto em escândalos com políticos bolivianos e na impossibilidade das empresas contratadas de finalizarem a obra no coração da selva, dadas as condições usuais de malária e outras doenças. A Madeira-Marmoré só seria completada em meados do século XX, quando já não tinha mais nenhum uso prático.

Se a Madeira-Marmoré soava como um projeto ferroviário ambicioso, as primeiras décadas da *Gilded Age* produziram um projeto ainda mais utópico – Uma ferrovia que conectaria Chicago, St. Louis e Nova Orleans com os outros países da América Latina. A Pan-American Railway era um projeto que almejava construir um trilho que levasse até mesmo à

⁹⁵Swanton Courier (Swanton, Vermont) · 26 Oct 1878, Sat · Page 2

⁹⁶Sobre Keller, é interessante ler: VERGARA, Moema de Rezende. A Exploração dos rios Amazonas e Madeira no Império Brasileiro por Franz Keller-Leuzinger: imprensa e nação. Almanack online. 2013, n.6, pp.81-94. ISSN 2236-4633.

⁹⁷ Scribner's Monthly, 12 de Dezembro de 1877, p.5

⁹⁸ *Op. Cit.* HECHT, 2013.

Lima, Buenos Aires e o Rio de Janeiro.⁹⁹ Nos artigos escritos sobre as vantagens da construção da ferrovia, era destaque o fato de que ajudaria na aproximação do comércio com a Amazônia, ao qual os próprios moradores estariam interessados e dispostos a pagar pela aproximação com os Estados Unidos, o projeto sendo feito especificamente para incentivar o comércio exterior nas Américas.¹⁰⁰ Seria “próxima o suficiente para colher os benefícios da quase intocada riqueza comercial do Vale do Amazonas.”¹⁰¹



Figura 1: Projetos Norte-Americanos no Oeste da América do Sul.

Fonte: *The Diplomacy of Trade and Investment: American Economic Expansion in the Hemisphere, 1865-1900.* University of Missouri Press, Columbia, 1998, p. 187.

⁹⁹CARUSO, J. A. The Pan American Railway. *The Hispanic American Historical Review*, 1951, 31(4), 608. doi:10.2307/2509357.

¹⁰⁰HELPER, Hinton Rowan. *The Three Americas Railway.* W. S. Bryan, Saint Louis, 1881, p.86.

¹⁰¹Ibid, p. 145.

Como podemos observar na *Figura 1*, existiam inúmeros projetos concomitantes dos Estados Unidos para a América Latina, das quais a Amazônia ganhava destaque de acordo com os desdobramentos comerciais do período e a construção da ideologia de uma logística de exportação moderna. Se a narrativa fetichizante dos relatos de viagem impressionavam por descrever uma região cuja fronteira comercial estava tão próxima, o dramático aumento constante das exportações da borracha impressionavam os investidores e comerciantes norte-americanos, assim como sua popularização no contexto do meio industrial e a riqueza das casas comerciais que transportavam o produto. A década de oitenta daria o pontapé para o chamado *Rubber boom*, em que o produto passaria a constar como o segundo mais importante na balança comercial do estado brasileiro, atrás apenas do café.¹⁰² Apesar das tentativas estado-unidenses, a presença do capital britânico ainda era preponderante, embora os Estados Unidos importassem mais do 'ouro negro' do que os ingleses. Até mesmo a linha de navegação *Amazon Steam Navigation Company* era uma corporação inglesa com subsídio brasileiro, que fazia o trajeto Pará-Manaus-Iquitos, as principais cidades da Amazônia.¹⁰³

O negócio lucrativo do controle da exportação do produto não passaria despercebido para os estado-unidenses, entretanto, e já no princípio da década de oitenta as companhias norte-americanas estavam bem estabelecidas no negócio de compra e exportação da borracha. A principal casa comercial dos Estados Unidos na Amazônia era a Sears & Co, estabelecida no Pará, subsidiária da W.R. Grace and Company, que também subsidiava outra casa em Manaus, a Scott & Co.¹⁰⁴ Os irmãos Grace eram conhecidos por seu negócio de sucesso em Callau, e Sears e Scott eram seus representantes nas respectivas cidades, ambos lucrando consideravelmente no início dos anos oitenta. A família Grace tinha uma relação íntima com os rapazes, até mesmo os hospedando com suas família em sua casa, onde dispunham da hospitalidade dos Grace.¹⁰⁵ Contudo, a prosperidade da casa Sears seria de curta duração. Charles R. Flint, antigo sócio e aliado dos Grace, tornaria-se o seu principal rival e conseguiria os expulsar do comércio na Amazônia. Sears & Co. acabaria liquidada e Sears assumiria uma posição respeitável na W.R. Grace and Company e deixaria os sonhos da casa comercial para trás.¹⁰⁶

¹⁰² *Op. Cit.* WEINSTEIN, 1993, p. 90.

¹⁰³ PLETCHER, David M. *The Diplomacy of Trade and Investment: American Economic Expansion in the Hemisphere, 1865-1900.* University of Missouri Press, Columbia, 1998, p.185

¹⁰⁴ *Ibid*, p. 190.

¹⁰⁵ CLAYTON, Lawrence A. *W.R. Grace: W.R. Grace & Co., the Formative Years, 1850-1930.* Jameson Books, Ottawa, 1985, p. 182.

¹⁰⁶ *Ibid*, p. 188.

O cenário político e econômico de meados dos anos oitenta colaboraria com a aproximação dos Estados Unidos com o Vale do Amazonas e o desdobramento de seu projeto para a região. James G. Blaine, um dos principais político norte-americanos e membro do partido republicano, havia abandonado a tradicional política de isolacionismo norte-americano em favor dos valores de reciprocidade e livre-comércio nas Américas, defendendo a criação de um “zollverein” das Américas que daria preferência para o comércio inter-americano. A Reciprocidade, que se tornou a principal bandeira do político, consistia em uma campanha, por parte de sua nação, de induzir outros países do hemisfério ocidental a baixar suas tarifa sobre os excedentes de manufaturas americanas e produtos agrícolas em troca de tratamento especial de suas matérias-primas nas alfândegas americanas. Por um lado, sua intenção era diminuir o poderio da influência inglesa na região, ainda preponderante, como por outro lado, incentivar as exportações norte-americanas de forma a aumentar a prosperidade dos Estados Unidos.¹⁰⁷

O impulso de aproximação dos Estados Unidos com o continente latino-americano, então, tinha como principal causa a economia, em tese – A preocupação norte-americana de encontrar novos mercados para o excedente de sua produção industrial e agricultora, assim como de importar a matéria-prima necessária para a manutenção e crescimento de sua economia.¹⁰⁸ Os tons do relacionamento comercial que já havia sido proposto desde o princípio com a Amazônia – Desde os artigos de Maury e Herndon – preenchem esse aspecto de mais uma vez, o comércio estado-unidense sendo responsável pela “redenção” do sub-continente latino, abandonado a seu primitivismo econômico. A suposta proximidade e conexão entre o Vale do Mississippi e o Amazonas, então, eram reflexos de uma relação construída justamente sobre as bases da reciprocidade, como o enviado de James G. Blaine, Joseph Orton Kerbey, argumentaria depois, como veremos no terceiro capítulo.

Apoiado por influentes homens de negócios e outras lideranças republicanas, Blaine iniciaria uma bem-sucedida campanha para uma conferência entre os países da América, que deveria ser sediada em Washington com os Estados Unidos como anfitrião.¹⁰⁹ A intenção inicial do projeto seria de incentivar a paz entre as nações do hemisfério, mas não demorou para que os interesses comerciais se tornassem dominantes nas discussões sobre o evento. Embora o presidente em exercício, Glover Cleveland, se opusesse à proposta de Blaine, seus apoiadores conseguiram persuadir o Congresso a aprovar uma resolução que forçasse o presidente a fazer

¹⁰⁷ CRAPOL, Edward P. *James G. Blaine: Architect of Empire*. Biographies in American Foreign Policy - 4. Delaware: Scholarly Resources, Wilmington, 2000. ISBN 978-0-8420-2604-8.

¹⁰⁸ *Op. Cit.* PLETCHER, 1998, p.215

¹⁰⁹ INMAN, Samuel Guy. *Inter-American Conferences, 1826-1954: History and Problems*. The University Press, Washington, 1965.

a conferência.¹¹⁰ Os ideais de Blaine e sua anglofobia gerariam o que se chamava de uma nova corrente da política externa norte-americana, que influenciaria bastante suas relações a partir da conferência com o resto das Américas e com a Amazônia, isto é, o 'Pan-Americanismo.', a idéia do papel especial das nações do Novo Mundo como o farol de esperança e progresso em contraponto aos conflitos do Velho Mundo.¹¹¹ Para o autor David M. Fletcher, nas relações exteriores do país com o resto do continente latino-americano, o 'Pan-Americanismo', assim como os ideais de reciprocidade e de comércio, eram esperados para “revitalizar a Doutrina Monroe, portanto protegendo assim contra qualquer aumento de influência britânica no Caribe e redução da dominação econômica britânica do sul da América do Sul, até então apenas debilmente resistido por americanos”.¹¹² No que convergia à Amazônia, o diretor tinha planos que se encaixavam com as doutrinas já promulgadas e que também combatiam a presença de outras potências estrangeiras sobre a região.

Seria através da nova postura política norte-americana, que abandonaria o isolacionismo e adotaria uma nova agenda para o continente latino-americano ao passo em que o Estados Unidos caminharia para a tentativa da criação pela hegemonia econômica ou política, que os esterótipos sobre a hileria amazônica seriam recolocados e tentativas de sobrepor-os seriam tentadas.¹¹³ Os desdobramentos do novo projeto geopolítico norte-americano na Amazônia, que após a invenção do pneumático por Dunlop em meados dos anos oitenta atingiria seu apogeu exportador de borracha nas décadas seguintes, fariam com que a região ganhasse ainda mais destaque na nova forma de expansão da esfera de influência econômica estado-unidense e, a partir de meados dos anos noventa e o início do século, seu projeto neo-imperialista, cujas bases justificativas se encontram dentre os valores propagados desde John O' Sullivan e o Destino Manifesto.

1.2. A Amazônia no esquema 'Pan-Americano': Reciprocidade e colonialismo

James G. Blaine certamente não foi o primeiro homem a sonhar com o destino internacionalista dos Estados Unidos da América, e muito menos o inventor da *Doutrina Monroe*, que posicionou o hemisfério ocidental sob sua tutela. Não obstante, seria a partir dele que a disseminação do Pan-Americanismo ganhou espaço na sociedade norte-americana da década de oitenta, com o seu projeto para as Américas resultando na primeira conferência pan-

¹¹⁰ *Op. Cit.* CRAPOL, 2000.

¹¹¹ BARRETT, John. Pan Americanism and Its Inspiration in History. Records of the Columbia Historical Society, Washington, D.C. 1916, Vol. 19, pp. 156-159.

¹¹² *Op. Cit.* PLETCHER, 1998.

¹¹³ *Op. Cit.* PLETCHER, 1998.

americana nos últimos anos da década. Blaine havia feito como desígnio a construção de um 'Império' Norte-Americano baseado sobre fundações comerciais, e muitos de seus planos seriam seguidos pelos presidentes seguintes, como Roosevelt, Mc Kinley e Taft.¹¹⁴ O rompimento da política isolacionista que havia sido o marco da política externa norte-americana até então trouxe diferenças no trato diplomático, político e comercial com os outros países do continente, como o Peru e o Brasil, que representavam a maior parte do território amazônico e, portanto, cujas elites que habitavam a região ganhavam força frente às mudanças políticas e econômicas.

A Primeira Conferência Pan-Americana, realizada em 1889-90, seria o primeiro sinal efetivo de maior interesse do país com o resto do continente americano. O presidente eleito, Benjamin Harrison, compartilhava dos valores de seu secretário de estado sobre o 'Destino Americano' e estava determinado a implantar como ordem do dia o expansionismo econômico norte-americano sobre as outras repúblicas do hemisfério.¹¹⁵ O novo paradigma da política externa da República do Norte havia sido desenhada justamente sobre os governos dos predecessores Garfield e Cleveland, com a assistência de um congresso favorável às novas fronteiras comerciais. Blaine e seu pupilo transformado em presidente então seriam os anfitriões da inauguração de uma nova era de relações exteriores dos Estados Unidos.¹¹⁶ A reunião se tornou um marco por ser a primeira a reunir todos os países do hemisfério na capital norte-americana, com delegações que pretendiam formar uma espécie de 'Liga Hemisférica.'¹¹⁷

Se inicialmente o convite foi estendido para os delegados latino-americanos com o objetivo de resolver “problemas comuns” do continente, a verdadeira pauta do estado norte-americano era outra. A criação de uma espécie de 'zollverein' das Américas, assim como questões como a arbitrariedade dos Estados Unidos, uma moeda comum, entre outros acertos comerciais, como a assinatura de acordos de reciprocidade, eram uma parcela importante do evento.¹¹⁸ Principalmente, o propósito era divulgar os bens industriais e o poderio econômico do país, com a organização de uma espécie de *turnê* pelos centros industriais do Meio-Oeste, partindo de Nova Iorque até St. Louis, mais de novecentos quilômetros adentro do território estado-unidense. Periódicos por todo o país relatavam o progresso da viagem e ao mesmo tempo faziam uma campanha opinião pública sobre a conferência.¹¹⁹

¹¹⁴ *Op. Cit.* CRAPOL, 2000, p.157

¹¹⁵ *Ibid.*

¹¹⁶ *Op. Cit.* PLETCHER, 1998, p.192.

¹¹⁷ INMAN, Samuel Guy. *Inter-American Conferences, 1826-1954: History and Problems.* The University Press, Washington, 1965.

¹¹⁸ *Op. Cit.* CRAPOL, 2000, p.115

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 119

As mudanças que afligiriam o Brasil durante a turnê mudaria enormemente a posição do país na conferência, assim como as relações subseqüentes com a nação. A declaração da república em meados de novembro do mesmo ano pegou a todos de surpresa, inclusive os estado-unidenses residentes na Amazônia. O fim do regime imperial seria o primeiro passo para uma mudança na política externa não só do país, mas na relação do mesmo com a República do Norte e nas relações comerciais norte-americanas com o agora Estados Unidos do Brasil. O cônsul em atividade no Pará, Robert T. Clayton, declarou a proclamação da república como uma possibilidade de maior aproximação com os Estados Unidos da América, e se viu surpreso com o fato de que seu país ainda não havia reconhecido o novo regime.¹²⁰ Os primeiros idealizadores do modelo republicano em São Paulo e em Minas Gerais eram de fato favoráveis ao modelo federalista norte-americano, e este foi o grande vencedor na constituição de 1891. Igualmente importante, o poderes estaduais, como entes federados relativamente independentes, passaram a ocupar maior poder e autonomia frente às outras entidades da república. Pará e Amazonas, ambos dependentes da exportação da goma elástica em suas balanças comerciais, poderiam manter a maior parte das taxas cobradas no produto.¹²¹

Nos dias iniciais, porém, as emoções da declaração da república ainda guiavam a maior parte das ações do governo provisório. O novo chanceler brasileiro, Quintino Bocaiúva, imediatamente depôs Lafaiate como o líder da delegação brasileira e colocou em seu lugar Salvador de Mendonça, com as instruções de seguir as indicações dos Estados Unidos na maior parte das questões pertinentes ao hemisfério.¹²² Salvador de Mendonça era um árduo defensor do pan-americanismo e admirador dos Estados Unidos, e portanto faria sentido que ele liderasse as negociações dos projetos representando o regime. Mais do que isso, possuía uma relação próxima com o novo secretário de estado e já tinha contato com vários dos delegados norte-americanos.¹²³

Por sua vez, os delegados norte-americanos eram em sua maior parte homens de negócios, com interesses econômicos sobre o sub-continente. As relações personalistas eram as principais manivelas da reunião, com Charles R. Flint, conhecido como o 'Pai dos Trustes', se

¹²⁰Periódico: A República, 16 de novembro de 1889, p. 03.

¹²¹ Para aprofundar na temática, indico: DE CARVALHO, José Murilo. A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; Sobre a construção do modelo republicano no Pará: FARIAS, William Gaia. A Construção da República no Pará (1886 – 1897). Dissertação de Doutorado, UFF, 2005.

¹²²DULCI, Tereza Maria Spyer. As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889-1928). Tese de Doutorado da USP, São Paulo, 2008.

¹²³ TOPIK, Steven C. Trade and Gunboats: The United States and Brazil in the Age of Empire. Stanford: Stanford University Press, 1996.

tornando a figura mais influente no que se relacionava ao estado brasileiro.¹²⁴ Ele já havia viajado em meados dos anos oitenta pela Amazônia, como associado de William Grace nos negócios da borracha, e seu principal objetivo era expandir seus negócios nos estados do Extremo Norte e no restante do Brasil.¹²⁵ Ainda assim, Flint era o único delegado que ainda falava espanhol, dada sua experiência na América do Sul, e a maior parte dos outros delegados sequer tinham contatos nos países participantes. Os norte-americanos pensavam pouco e sabiam menos ainda sobre os países mais ao sul que Cuba e México, e um dos membros do gabinete do Presidente Harrison fez um discurso antes do início da conferência em que se referiu a Buenos Aires como a capital do Brasil.¹²⁶ A maior parte das delegações dos outros países eram compostas por juristas e diplomatas, na expectativa de discussões sobre direito internacional.¹²⁷

Pouco se alcançou na reunião inicialmente planejada por Blaine. A maior parte das decisões se deram sobre recomendações de reciprocidade, um banco hemisférico, um sistema internacional de ferrovias e outros adendos à questão comercial.¹²⁸ A principal criação que mudaria as relações com os outros países do hemisfério e a forma de elaboração de conteúdo de saber e de estudos com o resto das Américas foi a 'União Internacional das Repúblicas Americanas.' Com sede em Washington e sujeita ao departamento de estado dos Estados Unidos, o órgão serviria para unificar as até então confusas práticas de política externa do país com os outros membros da América Latina, coletando informações comerciais e as escrevendo em um jornal trilingue de publicação mensal. Seria a partir deste mecanismo que também se marcariam as próximas reuniões e a criação de um sistema Pan-Americano – Que eventualmente se tornaria a Organização dos Estados Americanos.¹²⁹

O órgão comercial serviria como o novo ponto de referência para os ideais da política externa para a América Latina, isto é, a coleta de informações que pudessem informar a reciprocidade e a criação de uma proximidade comercial, incluindo a economia da Amazônia. O *saber* sobre os países do sub-contidente latino-americano permitiriam que mais efetivamente, acordos e espaços de investimento pudessem ser elaborados, tendo em vista as oportunidades comerciais. Como o historiador Terry Caesar postula, “Desde seu nascimento até o início da Segunda Guerra Mundial, escritos Americanos sobre a América do Sul justificam suas próprias

¹²⁴Ibid.

¹²⁵CLAYTON, Lawrence A. W.R. Grace: W.R. Grace & Co., the Formative Years, 1850-1930. Jameson Books, Ottawa, 1985, p. 184.

¹²⁶Op. Cit, 1996.

¹²⁷ *Op. Cit.* PLETCHER, 1998, p.242

¹²⁸Ibid, p.247

¹²⁹ Ibid, p.248.

motivações em relação à ignorância sobre o território.”¹³⁰ Não à toa, ao enviar o jornalista-cônsul Joseph Orton Kerbey para o consulado do Pará, o secretário de Estado pontuou:

Eu acho que você é o homem certo para mandar para lá, como um telegrafista e um eletricista prático, e nós queremos saber algo sobre o isolamento proporcionado pela borracha na era da eletricidade, principalmente em relação à reciprocidade.” (...) “Eu estou mandando você para lá para aprender algo sobre lá, já que você tem um bom nariz para notícias e seu treinamento como jornalista qualifica você para coletar e reportar inteligentemente sobre os prospectos de negócios para os Americanos.¹³¹

Já o banco Pan-americano era de interesse majoritário de Flint, que pretendia com isso financiar o negócio da borracha. O monopólio do capital financeiro britânico, mesmo com os Estados Unidos sendo o maior consumidor de borracha, ainda era o principal impedimento da expansão do capital norte-americano, e ele esperava que a medida permitisse maior controle sobre a produção e os aviadores da Amazônia. Talvez mais importante, ele era o maior importador de borracha nos Estados Unidos, e nos anos subsequentes à reunião, se tornaria o pai do truste entre as nove maiores manufaturas de borracha.¹³² Como um dos principais arquitetos da Tarifa McKinley, de 1891, estava preparado para abrir o mercado latino-americano para os bens industriais do Norte.

Mas nem mesmo Blaine e seus projetos inter-americanos poderiam prever o *boom* da borracha e sua expansão comercial durante a década de noventa. O consumo desenfreado de goma elástica tomou conta dos dois pólos consumidores do produto brasileiro, o que exponencialmente aumentou a valorização, mas ainda assim níveis que ainda conseguiam ser mantidos pela oferta da Amazônia. A revolução automobilística, porém, causaria um aumento considerável no valor e demanda do produto no mercado mundial. O seu crescimento desenfreado nos últimos anos da década de noventa e na década subsequente tornaram o negócio da *hevea brasiliensis* ainda mais importante no esquema do mercado mundial e principalmente para os Estados Unidos, como os líderes da utilização da borracha na indústria.¹³³

Quadro 2: Quantidade de Borracha Importada pelos Estados Unidos, 1890-1912, em toneladas.

¹³⁰ *Op. Cit.* CAESAR, 2009.

¹³¹ *Op. Cit.* KERBEY, 1911, p. 47.

¹³² *Op. Cit.* PLETCHER, 1998, p. 51; FERNANDES, Felipe Tamega. Institutions, geography and market power: The political economy of rubber in the Brazilian Amazon, c. 1870-1910. PhD thesis, London School of Economics and Political Science, London, 2009.

¹³³ *Op. Cit.* WEINSTEIN, 1993; *Op. Cit.* FERNANDES, 2009.

Anos	Amazônia Brasileira	Europa ¹³⁴	Ásia e Oceania	Outros	Total
1890	9444	3961	423	1524	15351
1891	9680	3595	598	1854	15727
1892	11570	4872	196		18273
1893	12133	4879	272		18846
1894	10608	3089	191		15312
1895	12015	4201	285		18026
1896	9995	5082	282		16681
1897	9915	4872	223		16136
1898	11731	7708	208		20890
1899	12458	8494	454		23162
1900	12713	7711	292		22397
1901	15783	7706	255		25073
1902	14303	7052	255		22867
1903	14116	9394	206		24952
1904	15018	9695	493		26769
1905	16599	11145	967		30497
1906	13380	9661	951		26238
1907	18274	10890	1014		34910
1908	14808	7491	561		28228
1909	19955	11307	513		40079
1910	17922	14371	1098		45833
1911	14071	14347	2103		32680
1912	21211	22927	2876		49990

Fonte: Commerce and Navigation of the United States, 1870-1912.

Como podemos observar na *Quadro 2*, o país era o principal consumidor de borracha, e geralmente a importava de território brasileiro, tendo como segunda via os países europeus. A mudança na balança comercial só passou a ocorrer a partir da primazia britânica sobre a produção em massa do produto, em suas colônias no Sudeste Asiático. A indústria norte-americana superava como mercado consumidor da borracha todos os países da Europa em conjunto, mas a relação dos estados do extremo norte com os Estados Unidos ainda eram rudimentares, e muitas vezes mediada pelo continente europeu. A primeira linha telegráfica entre Belém e Nova Iorque surgiria apenas em 1891, construída por uma companhia francesa.

¹³⁴O principal papel da importação europeia era a compra do produto e a sua re-exportação para os Estados Unidos.

La Societe Française de Telegraphes Sous-Marins construiu os cabos que conectavam o Pará aos sistemas Centro e Norte-Americano. Essa nova conexão assegurou uma nova via para a comunicao com a república do Norte, que até então são era feita através da rota Recife-Europa.-Nova Iorque¹³⁵ Análogo ao telégrafo, a linha de navegao a vapor Nova Iorque-Pará também demorou a ser instalada, provavelmente pelas dificuldades de uma rota confiável. Ela se materializou inicialmente através da *Booth Co.*, que instalou a rota após pressão de que não t-la significaria abrir espaço para concorrência. No início da república, o Lloyd Brasileiro instalou a linha que levaria do Pará para Nova Iorque através do vapor 'Goyaz', esta sendo uma das paradas da rota Rio de Janeiro-Nova Iorque.¹³⁶

A proximidade com os Estados Unidos e as tentativas de expandir os negócios com a região amazônica não parariam por aí, mesmo que os estados, quase autnomos, ainda tivessem de negociar com o poder central no Rio de Janeiro. Se o acordo de reciprocidade Blaine-Mendonça indicava uma nova etapa na história diplomática entre o Brasil e aquele país, os norte-americanos e paraenses ou amazonenses interessados em divulgar os benefícios da borracha faziam campanhas públicas para atrair investimentos estrangeiros. Esse foi o caso da Exposio Universal de 1893, realizada em Chicago, para a comemorao da descoberta da América. Uma parte da sessão brasileira foi dedicada para a Amazônia, a qual os representantes dos estados do Extremo Norte, entre eles o Barão do Marajó, José Coelho da Gama e Abreu, ativamente advogou por uma visão positiva do rio Amazonas, lembrando os registros de viajantes e pesquisadores que destacassem as possibilidades para o futuro progresso.¹³⁷ Além disso, a Exposio Universal destacava as maravilhas da Segunda Revoluo Industrial, a qual a borracha era uma das matérias-primas mais importantes, e portanto, os representantes investiram na exposio de elementos que fossem relacionados ao produto.¹³⁸

A primazia da borracha garantia sua hegemonia sobre as exportaoes de outros produtos da região para os Estados Unidos, e o cônsul norte-americano em serviço no Pará em 1898, Kenneday, já dizia que apesar da importância do cacau e das castanhas, era impossível superar o primeiro. Em contrapartida, o trigo era a principal importao norte-americana, ao passo em que era o responsável pela maior parte do abastecimento da região, assim como outros produtos como presuntos, bacon e gordura. Os produtos industrializados que competiam diretamente com os de outros países europeus, porém, não conseguiam se popularizar no mercado do extremo-

¹³⁵ Ibid.

¹³⁶ *Op. Cit.* KERBEY, 1911.

¹³⁷ COELHO, Anna Carolina de Abreu. Barão de Marajó: Um intelectual e político entre Amazônia e a Europa. Dissertao de Doutorado, UFPA, 2015.

¹³⁸ Ibid.

norte, e as estratégias designadas pelo cônsul para a expansão dos negócios americanos envolviam:

Estabelecer uma secretaria permanente para exibir produtos americanos para a inspeção de compradores. Amplas possibilidades de crédito, como as oferecidas pelos europeus (...) Ninguém além dos homens mais competentes, que falem a língua local e estejam armados de conhecimento sobre as condições locais. Se os industriais dos Estados Unidos estão procurando um mercado para expandir os seus negócios, não hesito em falar que esse distrito e as localidades próximas oferecem muitas oportunidades; mas é necessário homens competentes para a terra da promessa.¹³⁹

A influência da economia britânica e alemã, entretanto, ainda causava certo desconforto para a agenda comercial dos Estados Unidos. Major Joseph Orton Kerbey ainda apontava que o Pará era “uma cidade para os ingleses, assim como Manaus era uma cidade alemã”¹⁴⁰, considerando os papéis exercidos por ambos os países na balança comercial dos principais centros da Amazônia. Na esfera local, porém, apesar da intensa discussão sobre o estrangeiro que controlasse o setor exportador da borracha, outros investimentos e capital estrangeiro eram bem-recebidos pelos líderes locais. Os Estados Unidos eram bem-vistos por todos os três primeiros governadores do estado do Pará, mantendo uma ligação próxima com a família Chermont, ao qual um dos filhos trabalhava diretamente na embaixada do Brasil em Washington.¹⁴¹ No caso de Paes de Carvalho, o cônsul dos Estados Unidos no Pará chegou a chamá-lo de “o amigo mais leal aos Estados Unidos”.

Para os norte-americanos, porém, a necessidade de expandir o poderio financeiro sobre quaisquer que fossem as vias não parariam por aí. Se Charles R. Flint representava o capitalismo corporativista que dominou as relações externas sobre a Amazônia, ele também utilizou do poder central do recém-estabelecido governo para conseguir concessões econômicas na base da produção da borracha. Seria através de sua flotilha, em 1893, que Floriano Peixoto, então presidente, derrotaria a revolta naval no Rio de Janeiro.¹⁴² O precedente entre o estado norte-americano, o corporativismo capitalista, o poder marítimo e imperialismo da política externa norte-americana já estavam postos. O desdobramento natural da Doutrina Monroe, como estabelecida no princípio do século, havia de ser alterado para caber nas tendências políticas dos anos noventa, e portanto corolários, que são como proposições derivadas de uma ideia precedente, começaram a ser instaurados. Quando aplicados para a Doutrina original de

¹³⁹ United States. Dept. of State, United States. Bureau of Foreign Commerce(1854-1903). Commercial relations of the United States with foreign countries (1898) . Govt. Printing Office, Washington, 1899.

¹⁴⁰ *Op. Cit.* KERBEY, 1911.

¹⁴¹ DE MIRANDA, Victorino Coutinho Chermont. A família Chermont, memória histórica e genealógica. IHGB, Rio de Janeiro, 1982.

¹⁴² TOPIK, Steven C. *Mercenaries in the Theater of War: Publicity, Technology, and the Illusion of Power during the Brazilian Naval Revolt of 1893*. Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of U.S.-Latin American Relations. Duke University Press, Durham, 1998.

Monroe, que compunha o direito defensivo do continente americano, eles adicionaram novas propostas sobre as condições viáveis de intervenção nas políticas domésticas de outras repúblicas latino-americanas. O Secretário de Estado Richard Olney, portanto, elaborou seu próprio colorário aos ideais de Monroe em 1895. Segundo Olney, a doutrina dava a autoridade de mediar disputas territoriais entre países do hemisfério ocidental para os Estados Unidos da América, como os vistos na disputa entre Guiana Britânica e Venezuela, no mesmo ano. Veremos, a seguir, como o estabelecimento do novo corolário tentaria ser imposto pela pátria estado-unidense durante o conflito pelo território acreano.¹⁴³

1.2.1. A Questão do Acre

A entrada da canhoneira Wilmington no Orinoco e Amazonas, em 1899, deflagrou as verdadeiras intenções do país sobre a região. Recém-saído da Guerra Hispano-Americana, em que haviam tomado Cuba, Guam, Porto Rico e as Filipinas da Espanha, a entrada de um navio de guerra norte-americano sem a autorização formal era perturbadora, ainda mais por ser considerada uma ameaça real à soberania brasileira. Mas o trajeto ainda escondia outros interesses mais obscuros, principalmente no que condizia aos interesses norte-americanos sobre a produção e o controle do mercado da borracha.¹⁴⁴

A viagem começou quando, após a assinatura do acordo de Paz, Chapman Todd, um dos principais comandantes na tomada de Cuba, decidiu realizar uma viagem pela região norte da América do Sul, visitando portos como Trinidad, La Guaira, Barrancas, Ciudad Bolivar e Paramaribo, na época colônia holandesa. Seria desta última que zarparia para o Brasil, com a intenção dita na imprensa norte-americana e brasileira de “obter informações sobre as pessoas e os recursos da pouco conhecida região e as oportunidades de expansão do comércio americano.”¹⁴⁵ Sua chegada no Pará foi tratada com a pompa estendida para os norte-americanos nos trópicos, com um jantar oficial com as principais autoridades políticas do estado, em que Todd e os outros oficiais discursaram sobre a amizade e proximidade das duas repúblicas. O comandante ainda frisou as suas intenções de amizade e reciprocidade, apontando

¹⁴³ Ibid; HERRING, George C. *A Hegemon's Coming of Age: A Brief History of U.S. Foreign Relations*. Oxford University Press, Oxford, 2008.

¹⁴⁴ Ibid; *Op. Cit.* HETCH, 2013.; BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil. Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 2007.

¹⁴⁵ *Star Tribune* (Minneapolis, Minnesota) · 28 May 1899, Sun · Page 25; TODD, Chapman Coleman. *Report on Voyage of the U.S.S. Wilmington Up the Amazon River: Preceded by a Short Account of a Voyage Up the Orinoco River, 1899*. U.S. Government Printing Office, Washington, 1899.

que iria escrever um relatório que seria gratificante para a região.¹⁴⁶ O principal passageiro do Wilmington, porém, não estava presente – O cônsul norte-americano no Pará, K. Kenneday, que seria supostamente responsável por elaborar um acordo entre os Estados Unidos e a Bolívia.

A falta de respeito dos norte-americanos com o governo brasileiro ficaria clara, entretanto, na chegada do Wilmington à Manaus, dias depois. Após expressar sua vontade de subir o Amazonas até Iquitos ao governador do Amazonas, a canhoneira decidiu não esperar a licença especial que deveria ser dada pelo governo brasileiro e zarpou durante a noite, com os faróis apagados.¹⁴⁷ Isso não só demonstrou para o governo brasileiro uma violação da soberania nacional, mas também uma atitude soberba da potência que havia acabado de vencer uma guerra pelo controle do hemisfério. Quando a licença chegou da capital, Todd já estava cruzando Tabatinga, em direção ao Peru.¹⁴⁸

Ao retornar do Peru, a recepção do Wilmington foi menos *amistosa*. No Amazonas, uma reunião foi convocada para protestar contra a ousadia norte-americana, indo em várias casa norte-americanas e à casa do cônsul dos Estados Unidos na cidade, chegando a apedrejar o escudo norte-americano do consulado.¹⁴⁹ O *Commercio do Amazonas* publicou que “o sempre heroico e correcto Brasil, felizmente, não se sujeitará jamais à sorte iniqua imposta, pelo direito da força que vence, mas não convence, à pobre Cuba e às desgraçadas Philipinas.”¹⁵⁰ No Pará, a imprensa se demonstrou contrária à postura norte-americana, mas Todd e Kenneday asseguraram em uma reunião com o governador do estado, Paes de Carvalho, que tiveram as melhores das intenções, querendo apenas expandir o comércio norte-americano no Norte do Brasil. Por fim, o governador declarou ser motivo de satisfação tentar resolver ressentimentos naturais, e que nada poderia abalar as relações de amizade entre o Brasil e os Estados Unidos.¹⁵¹

Mesmo a retratação dos Estados Unidos através da figura do secretário de estado, John Hay, demonstrou o ímpeto imperialista da nação, reflexo do espírito norte-americano após as vitórias sem dificuldades contra a Espanha.¹⁵² Hay reconheceu o erro do comandante, mas não sem pontuar o desrespeito que o mesmo sofreu durante sua volta, por parte da população, da

¹⁴⁶ Periódico A República, 22 de Março de 1899; HECHT, Susanna. The Scramble for the Amazon and the "Lost Paradise" of Euclides da Cunha. University of Chicago Press, Chicago, 2013; BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Presença dos Estados Unidos no Brasil. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2007.

¹⁴⁷ Periódico A República, 07 de Abril de 1899.

¹⁴⁸ Op. Cit. CHAPMAN, 1899; Op. Cit. BANDEIRA, 2007, p.192.

¹⁴⁹ Periódico A República, 26 de Março de 1899

¹⁵⁰ Periódico A República, 26 de Março de 1899

¹⁵¹ Periódico A República, 07 de Abril de 1899.

¹⁵² Op. Cit. BANDEIRA, 2007, p.194.

imprensa e das autoridades do Amazonas.¹⁵³ E nos relatórios de Todd, o mesmo fez questão de frisar as intenções amigáveis e comerciais do navio de guerra no interior do Amazonas, o ponto mais “interior aonde tem chegado um navio de guerra dos Estados Unidos, e talvez o único de sua classe de qualquer nação.”¹⁵⁴ O secretário de estado fez questão de destacar a última parte, ao dizer que os navios norte-americanos não entrariam onde não fossem recebidos com intenções amigáveis.

E assim teria terminado a discussão, se não tivessem surgido novos fatos na contenda entre os Estados Unidos e o Brasil. No dia três de junho do mesmo ano, o jornal *Província do Pará* divulgou um suposto acordo sobre o Acre entre o cônsul norte-americano no Pará, Kenneday, o vice-cônsul da Bolívia, Luiz Truco, e Pavacini, ministro de relações exteriores do mesmo país. Os sete artigos, aos quais os dois países se prometiam cumprir, eram uma clara ameaça à posição brasileira. Além de funcionar como uma série de acordos sobre um possível confronto armado e a distribuição de custos e benefícios, incluindo uma generosa doação territorial para os Estados Unidos, também tinha cláusulas que envolviam transporte e comércio, de forma a tornar a exploração da borracha e de outros recursos no extremo-oeste da Amazônia economicamente atraente. Esse acordo havia sido transportado pela canhoneira Wilmington para o Presidente McKinley, cujo ao qual ficaria o critério de aprová-la.¹⁵⁵

A notícia causou rebuliço nos dois estados do extremo-norte, onde a imprensa continuou a discutir o significado de tal acordo. Pavacini, Kenneday e Truco negaram veemente o acordo. E em Washington o presidente norte-americano afirmou que exonerou Todd e reprovou todas as medidas do comandante no Amazonas. No Pará, a discussão confrontou as duas principais facções políticas, ao passo em que *A Tribuna* questionou a legitimidade dos escritos do outro jornal, considerando os interesses de alguns membros da elite política do estado na Questão do Acre e na abertura de um consulado brasileiro em Puerto Alonso.¹⁵⁶ *A República*, jornal de tradição dos republicanos históricos no Pará¹⁵⁷, reproduziu a coluna da Tribuna, que questionava os interesses da *Província do Pará* e de seus gestores nos supostos arranjos comerciais com os brasileiros que ocupavam o Acre, e declarando suporte ao cônsul norte-americano no Brasil, Page Bryan. Isso, porém, não diminuiu a onda anti-estado-unidense que tomou os espíritos da maior parte do país.

¹⁵³ Ibid.

¹⁵⁴ Op. Cit. CHAPMAN, 1899, p.12

¹⁵⁵ Periódico A Província do Pará, 4 de junho de 1899.

¹⁵⁶ Periódico A República, 8 de Julho de 1899.

¹⁵⁷ Op. Cit. FARIAS, 2005.

A imprensa norte-americana também difundia a versão de que Todd não foi responsável por algum acordo, e que a matéria era fruto de “ciúme de qualquer tentativa de desenvolver o comércio dos portos a oeste”.¹⁵⁸ Outras matérias negaram as outras afirmações de que os norte-americanos haviam fornecido armas e munição para os revoltosos de Iquitos durante sua passagem pela cidade, assim como agentes secretos do departamento de Estado ou da Marinha, ou muito menos negociado um acordo para adquirir terras no interior da América do Sul. Para os estado-unidenses, isso não passava de uma tentativa de “pertubar o crescente sentimento de Pan-Americanismo que é deveras temido pelos interesses comerciais europeus tão firmemente arraigados na América do Sul, onde os interesses Americanos tem poucos defensores entre os jornais.”¹⁵⁹

O certo é que a exposição deste suposto acordo se tornaria uma das principais bandeiras para o primeiro levante dos seringalistas no Acre, que culminaria na declaração da independência do território.¹⁶⁰ A manutenção da posição diplomática do Brasil de respeito à soberania da Bolívia no território do Acre não era o suficiente, no entanto, para disassociar os interesses do revoltosos brasileiros com o seu país-natal. No ano seguinte, novas matérias na imprensa norte-americana discutiam uma possível intervenção dos Estados Unidos na questão, principalmente no condizente à soberania da Bolívia e no que poderia se tornar um conflito armado com o Brasil pela constante intervenção do governador do Amazonas¹⁶¹. No fim do ano, uma notícia circulou de que os revoltosos tinham interesse em conseguir o reconhecimento dos Estados Unidos, na figura do representante H.W. Philips. Isso interessou as autoridades brasileiras, que logo questionaram ao ministro Assis Brasil uma ficha da procedência do indivíduo.

A reunião amanhã de H.W.Philips, representando a suposta república, será, portanto, infrutífera. Mr. Hay irá, seguindo os costumes usuais de receber estranhos distintos, encontrar com Mr. Philips, mas ele invidavelmente será mudo aos seus apelos. (...) Mr. Assis Brasil, o ministro plenipotenciário brasileiro aqui, disse hoje que será provável (...) que o estabelecimento definitivo de seus lares no Brasil causará uma cessação ao movimento em favor da independência.¹⁶²

Não demorou para que o ministro plenipotenciário nos Estados Unidos descobrisse que se tratava de um agente comercial da Casa Flint, e que era a Bolívia que procurava em Charles Flint um parceiro comercial que pudesse influenciar a balança diplomática com os Estados Unidos e também atrair os investimentos de Wall Street e os interesses econômicos norte-

¹⁵⁸ The Courier-Journal (Louisville, Kentucky) · 11 Jun 1899, Sun · Page 23

¹⁵⁹ The North Carolinian (Raleigh, North Carolina) · 14 Sep 1899, Thu · Page 2

¹⁶⁰ Op. Cit. HETCH, 2013.

¹⁶¹ Op. Cit. BANDEIRA, 2007, p. 198; Op. Cit. HETCH, 2013; Província do Pará, 03/04/1900.

¹⁶² The Baltimore Sun (Baltimore, Maryland) · 27 Nov 1900, Tue · Page 2

americanos para a questão.¹⁶³ A dificuldade da administração do Acre atraía cada vez mais o governo boliviano para o projeto de uma *companhia colonial*¹⁶⁴, o que se encaixava perfeitamente nas necessidades da Bolívia, um país pobre e com pouco capital doméstico que não tinha como manter os altos custos militares que as constantes revoltas na região acabavam por gerar. *Companhias coloniais* eram uma forma de colonialismo *indireto*, mas que poderia vir a se tornar um espaço para anexação territorial colonial. A fraqueza econômica e política do país o tornavam o ponto de entrada óbvio para qualquer potência imperialista com ambições coloniais na Amazônia.

E foi assim que em meados do primeiro ano do século, Felix Avelino Aramayo, representando o estado boliviano, e Frederick Wilingford Whitridge, em nome do grupo de anglo-americanos, assinaram um protocolo passando a administração do território para a *Bolivian Syndicate*.¹⁶⁵ O *syndicate* tinha entre seus membros grandes nomes financeiros de Wall Street e dos negócios norte-americanos, como Flint, Emlin Roosevelt (Primo do próximo presidente, Teddy Roosevelt), o próprio Frederick, Morton, Bliss and Company, entre outros. No acordo, a companhia tinha direito de manter polícia e forças armadas para a proteção dos rios do território e conservação de ordem em relação aos revoltosos, construir portos, ferrovias e outros meios de comunicação, recolher impostos e até mesmo criar redes de esgoto e outros serviços públicos.¹⁶⁶ Os interesses dos Estados Unidos estavam garantidos, com seus cidadãos sendo o capital majoritário do negócio, e não demorou para que gerasse uma rejeição enorme aos norte-americanos no Brasil.

A reação da sociedade civil e da imprensa tanto na capital brasileira quanto nos estados amazônicos apontava para o que consideravam a óbvia tentativa norte-americana de alcançar a hegemonia sobre o Acre e a exportação de borracha. O governo Campos Sales era abertamente criticado, chegando o presidente a ser mesmo alvejado nas ruas da capital, sobre brados de protesto contra a falta de ação para a proteção dos brasileiros no Acre.¹⁶⁷ A comunidade comercial no Pará passou a apoiar a ação dos revoltosos, chegando mesmo a incitar a opinião

¹⁶³ Op. Cit. BANDEIRA, 2007.

¹⁶⁴ A Companhia Colonial era um dos mecanismos, assim como a colonização direta ou a conquista militar, para a extensão da ambição econômica imperial. Elas podem ser vistas como um tipo de “terceirização” da administração colonial, com a nação subordinada permitindo concessões à recursos em troca de *Royalities*. A virtude das *companhias coloniais* era de que serviam tanto a interesses do capital privado (Uma certeza sobre os recursos, uma variação nos arranjos comerciais na esfera pública e privada) e hegemonia territorial garantida através do acordo de *lease* de longo tempo com os estados subordinados, muitas vezes de cinquenta a cem anos, e apoiados pelas forças militares do estado imperial.

¹⁶⁵ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. O Barão de Rothschild e a questão do Acre. Rev. Bras. Polít. Int, Brasília, 2000, Ed. 43: 150-169.

¹⁶⁶ Periódico O Industrial, 08 de Maio de 1902.

¹⁶⁷ Periódico O Industrial 29 de Maio de 1902.

pública a seu favor. Na capital, O *Jornal do Brasil* reproduzia charges que representavam diretamente a questão sob o prisma de Tio Sam como a personificação dos Estados Unidos, muitas vezes afugentando a pequena Bolívia sobre o território do Acre.¹⁶⁸ Era impossível não recordar do suposto acordo do *Wilmington*, que havia sido negado por ambos os países nos anos anteriores e agora parecia ressurgir sobre outra roupagem.¹⁶⁹ Não demorou para que o governo reagisse fechando o Amazonas e os afluentes para a Bolívia e impedindo exportações do país através de seus portos.



Figura 2: Charge Política da Questão do Acre.

“Tio Sam – De quem é o Acre, menina? Diga isso bem alto para ser ouvido até no Brasil.”
“A menina (gritando) – Mas estou farta de dizer... O Acre é de Vossa Senhoria, Sr. Mestre.”

Fonte: *Jornal do Brasil*, 15.07.1902.

¹⁶⁸ Periódico *Jornal do Brasil*, 17 de Maio de 1902.

¹⁶⁹ Periódico *Jornal do Brasil* 11 de Abril de 1902.

Na **Figura 2**, podemos observar como a imprensa procurou apresentar a tensão entre o Estados Unidos, Brasil e Bolívia, que apenas aumentou quando o último pediu a ajuda do primeiro para impor o cumprimento dos termos do tratado, visto que o país por si só não tinha poderio para controlar a região sem ajuda estrangeira. Os Estados Unidos, então, dialogaram com o Brasil para ajudar a resolver o conflito sem danificar os interesses dos norte-americanos, que supostamente haviam entrado sem segundas intenções na questão.¹⁷⁰ Hay ainda afirmou que não era interesse de seu país entrar no interior da Amazônia – Mas sim de proteger os interesses de seus cidadãos. E enquanto a imprensa brasileira continuava a atacar as interferências norte-americanas na questão, a imprensa estado-unidense exaltava as incontáveis riquezas do Acre, e as possíveis formas de desenvolvê-las comercialmente através do *Syndicate*.¹⁷¹

A postura do Brasil mudaria com a ascensão de Rio Branco ao posto de Ministro das Relações Exteriores. O clima esquentava no Amazonas e no Pará, ao passo em que o governador do primeiro impedia a passagem de estrangeiros para Puerto Alonso, e Paranhos sabia que seria uma questão de tempo até um conflito militar pelo território. Portanto, ele mudou a postura oficial diplomática do país ao declarar o Acre um território em litígio, como parte do acordo de Ayacucho, assinado por Brasil e Bolívia em meados dos anos sessenta.¹⁷² Com as tropas brasileiras tendo marchado para ajudar os revolucionários e ocupado por definitivo a área em conflito, a Bolívia só tinha a saída de pedir a intervenção dos Estados Unidos, mas Hay se recusou a adotar uma postura direta, mantendo a neutralidade norte-americana.¹⁷³ Era um indicativo de que a república do norte só entraria no conflito se fosse realmente necessário defender os direitos dos investidores norte-americanos, estes já sendo cuidados por mais uma das manobras de Rio Branco.

A situação do Brasil ainda foi favorecida por outros fatores internacionais. A intenção de conseguir mais apoio diplomático das potências imperialistas ao expandir o capital do *Syndicate* falharam.¹⁷⁴ Os alemães e belgas foram dissuadidos de intervir no conflito ou investir no *Syndicate*, de acordo com o argumento da litigiosidade do território, e os britânicos haviam dado um apoio meramente retórico aos seus cidadãos que haviam investido na empreitada. Privados de qualquer possibilidade de auxílio externo e sem nenhuma perspectiva

¹⁷⁰ Op. Cit. BANDEIRA, 2007, p.156.

¹⁷¹ The Baltimore Sun (Baltimore, Maryland) · 19 Dec 1902, Fri · Page 6

¹⁷² Op. Cit. BANDEIRA, 2007. p. 162.

¹⁷³ LEONARD, Thomas M. United States-Latin American Relations (1850-1903): Establishing a relationship. University of Alabama Press, Alabama, 2014, p. 223.

¹⁷⁴ Quad-City Times Davenport, Iowa 15 Jun 1902, Sun • Page 2

de apoio diplomático norte-americano, a companhia aceitou negociar com a legação brasileira de Assis Brasil.¹⁷⁵

O argumento diplomático brasileiro se utilizou justamente da doutrina Pan-Americana e da lógica estado-unidense para o continente americano. Ambas estavam cientes da partilha do continente africano e dos perigos precedentes que uma companhia colonial abriria, justamente pela participação britânica na sua formação, mesmo que em menor escala. A melhor estratégia seria a invocação da Doutrina Monroe e do Corolário Olsney para a questão, como parte da base da doutrina pan-americanista de união dos estados americanos. Esses argumentos foram apoiados por John Bassett Moore, jurista contratado para aconselhar os diplomatas brasileiros e defensor da aplicação da doutrina quando de intervenções européias no continente.¹⁷⁶ Essa forma de imperialismo econômico, argumentava, em uma companhia que já havia tentado vender suas concessões no continente europeu, poderia resultar em uma partilha européia do interior da América do Sul, algo que desagradava a círculos estado-unidenses e latino-americanos.

Rio Branco autorizou a *House of Rothschild*, o principal credor da república, a negociar os termos financeiros que agradariam os magnatas da companhia. O acordo foi concluído em finais de fevereiro, sob a quantia de cento e quatorze mil libras, que foram pagos no mês seguinte. A compensação agradou os especuladores de Wall Street, que nunca haviam sequer se aproximado do território em litígio.¹⁷⁷ Embora tenha sido criticado por ter comprado uma concessão quase caduca, o ministro havia afastado o principal impedimento para as negociações pela região. Mesmo sob os protestos de outros países da América Latina, que pediam o arbitramento do Estados Unidos¹⁷⁸, o país não tinha mais nenhum interesse na questão. A Bolívia se via disposta a negociar, agora sem nenhum outro objetivo a não ser resolver o que havia causado conflitos em sua política externa pelos últimos anos.

Após longas negociações, o Tratado de Petrópolis marcou o fim do litígio pela região, com um acordo bilateral entre Bolívia e Brasil, o último pagando dois milhões de libras esterlinas em uma permuta desigual pelos 191,000 quilômetros quadrados de território acreano, assim como a promessa de uma ferrovia que permitiria uma saída para o mar para o país.¹⁷⁹ Essa ferrovia seguiria o padrão da tentativa de Church, anos antes, agora com um novo

¹⁷⁵Op. Cit. LEONARD, 2014, p. 225.

¹⁷⁶Op. Cit, HETCH, 2013.

¹⁷⁷Op. Cit. BANDEIRA, 2000, Ed. 43: 150-169; Op. Cit. HETCH, 2013; Op. Cit. LEONARD, 2014, p. 227.

¹⁷⁸Peru e Argentina chegaram a pedir pela intervenção norte-americana na questão, sem sucesso.

¹⁷⁹TOCANTINS, Leandro.*Formação Histórica do Acre*. vols. I e II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Instituto Nacional do Livro / Conselho Federal do Cultura / Governo Estadual do Acre, 1979, pp.253-274.

investidor, e que sofreria dos mesmos problemas da anterior.¹⁸⁰ E assim se encerrou a disputa entre os dois países e a intervenção norte-americana na mesma, com o Acre anexado ao Brasil e os magnatas de Wall Street satisfeitos.

A criação de uma companhia colonial na Amazônia não se realizou, e Assis Brasil acreditava que foi graças ao posicionamento brasileiro que o país não se tornou mais uma Ásia ou África.¹⁸¹ Mesmo anos depois, quando o Peru continuou o litígio com o Brasil e tornou a pedir apoio ao Estados Unidos, os norte-americanos não se envolveram mais na questão, procurando se desviar de qualquer função que pudessem exercer. Os diplomatas peruanos ainda tentaram persuadir a opinião pública estado-unidense dando entrevistas em periódicos enfatizando os apetites brasileiros por territórios amazônicos, sem sucesso.¹⁸² A réplica brasileira, através de um panfleto escrito por John Bassett Moore, foi enviado para todos os diplomatas, jornalistas e políticos para desfazer qualquer sentimento anti-brasileiro no país. Em *Brazil Peru Boundary Question*, o jurista explicou as bases legais para a reclamação brasileira sobre o território e os antecedentes da situação, concluindo em acordo com o Brasil e em defesa do princípio *Uti Possidetis de facto*, que se aplicaria à região.¹⁸³

Com a campanha pela neutralidade concluída na imprensa norte-americana, o caminho estava livre para a negociação. Enfim, um novo tratado entre as nações foi assinado em meados de setembro de 1909, a fim de resolver as questões pendentes.¹⁸⁴ Peru e Brasil realizaram novamente uma permuta desigual, ganhando mais um território no extremo oeste da Amazônia. A ameaça de uma intervenção havia sido novamente driblada e os estados amazônicos a cada ano lucravam mais com a importação norte-americana da borracha, mantendo os princípios das relações amigáveis com os Ianques sempre presentes. O período áureo da borracha não duraria eternamente, entretanto, e novos eventos mudariam a balança das relações entre os dois.

1.2.2. Investimentos de capital Estados-Unidense e desdobramentos nas relações exteriores

A primeira década do século apontava para a explosão da indústria da borracha, com taxas de produção e aumentos vertiginosos de preços que atraíam até mesmo os mais céticos membros das comunidades comerciais da Amazônia. Em 1905, a mais importante união da

¹⁸⁰ *Op. Cit.* FOOT-HARDMAN, 1988; GAULD, Charles A. Farquhar - O Último Titã. Editora de Cultura, São Paulo, 2006.

¹⁸¹ Ofício de Assis Brasil a Rio Branco, Washington, 4.2.1903. AHI-234/1/2.

¹⁸² *Op. Cit.* HETCH, 2013, p. 195

¹⁸³ MOORE, John Bassett. *Brazil And Peru, Boundary Question*. The Knickerbocker press, New York, 1904.

¹⁸⁴ *Op. Cit.* BANDEIRA, 2000, Ed. 43: 150-169.

indústria da borracha se deu com a compra da *Rubber Goods Manufacturing Company* pela United States Rubber Co., tornando-a a maior firma no negócio a partir de então.¹⁸⁵ Nunca a produção de borracha havia sido tão importante para a indústria norte-americana. No cenário diplomático, a 3ª Conferência dos Estados Pan-Americanos se realizou no Rio de Janeiro, com a primeira visita de um secretário de Estado estado-unidense à América Latina.

Elihu Root, sucessor de Hay no cargo, aportou no Pará em meados de julho de 1906, com toda a pompa estendida para uma das principais autoridades da república norte-americana. O governador do estado, Augusto Montenegro, considerou sua visita como “um acontecimento de grande alcance e de consequências facilmente conjecturáveis, para a política de confraternização das nações americanas.”¹⁸⁶ E no café da manhã oferecido para o advogado, com todas as figuras proeminentes da política paraense, Montenegro re-afirmou os laços de amizade entre o Brasil e os Estados Unidos, principalmente no condizente ao Pará, que esperava nas poucas horas que o secretário conheceu Belém ter causado uma boa impressão.¹⁸⁷ E as exportações para Nova Iorque apenas cresciam, tendo esta se tornado o centro das negociações da borracha.

A necessidade de um maior acesso à matéria-prima, então, era sempre a principal pauta da política norte-americana para a região. Se a questão do Acre se encerrou sem a intervenção norte-americana, o capital norte-americano e seus investimentos não parariam de aparecer na Amazônia. O escoamento do caucho, que desde os dias de Church¹⁸⁸ já havia sido assunto para os projetos norte-americanos, alcançava novos limites. A Pan-American Railway, como era conhecido o projeto apresentado e aprovado pelos países pan-americanos na primeira conferência das Américas, destacava-se como o mais ambicioso, com sua ferrovia que conectaria de Nova Orleans à Patagônia.¹⁸⁹ O seu objetivo era conectar todas as capitais e principais cidades de todos os países representados na conferência, e que o custo fosse diminuído ao máximo pelo uso das linhas já existentes. Eram necessárias que fossem feitas pesquisas e legislação que garantisse a segurança da ferrovia e principalmente, a resolução aprovada no Congresso Pan-Americano sobre a questão clamava que as nações cedessem fatias de terras e subsídios para sua construção.¹⁹⁰ Muitas dúvidas pairavam sobre a possibilidade da

¹⁸⁵ *Op. Cit.* FERNANDES, 2009, p.88

¹⁸⁶ Mensagens do governador do Pará para a Assembléia (1906), P. 4

¹⁸⁷ ROOT, Elihu. *Latin America and the United States : addresses by Elihu Root (1854-1937)* . NYU Press, New York, 2009, p.45

¹⁸⁸ VERGARA, Moema de Rezende. *A Exploração dos rios Amazonas e Madeira no Império Brasileiro por Franz Keller-Leuzinger: imprensa e nação*. Almanack online. 2013, n.6, pp.81-94. ISSN 2236-4633.

¹⁸⁹ *Op. Cit.* KERBEY, 1911.

¹⁹⁰ *Op. Cit.* CARUSO, 1951; SCOTT, James Brown. *The International Conferences of American States*. Washington, 1931, pp. 11-13.

ferrovia passar pelo Vale do Amazonas, considerando sua irmã próxima, a 'Trans-Andean Railway', outro projeto de proporções faraônicas.¹⁹¹

A 'Manaos-Georgetown Railway' era menos ambiciosa, mas não menos desafiadora. O cônsul norte-americano em Demerara via a possibilidade de aproximar a cidade de Nova Iorque, através de uma linha que correria por território britânico e brasileiro, e praticamente inexplorado. A própria madeira que seria retirada da floresta pagaria pela ferrovia, assim como os benefícios comerciais que a exportação e importação de toda a região teriam. Também seria um meio de aproximar os Estados Unidos da Amazônia, com rotas para a borracha sendo especialmente mais vantajosas. Concluía com a promessa de que “O porto de Georgetown seria inudando com produtos da Europa e da América, que agora precisam dar a volta por Pará, e tanto Georgetown quanto Manaos se tornariam grandes centros de atividade comercial.”¹⁹²

Ambos projetos careciam de aplicabilidade prática, entretanto. “Apesar de ser possível, não é pratico.”¹⁹³, Kerbey considerava, baseado na sua experiência como telegrafista na empresa de Andrew Carnegie. A falta de carvão ou combustível na Amazônia era a principal questão que impedia a construção de grandes ferrovias na região, assim como a falta de conhecimento sobre o terreno. “Quando o Brasil é o assunto”, dizia Kerbey, “se lê quase como um romance de Jules Verne escrito por alguém no local”¹⁹⁴. Sobre a Pan-American Railway, pontuava que “Contanto que meia onça¹⁹⁵ de carvão possa ser feita para mover uma tonelada de carga por uma milha em mar aberto, nenhum Ianque nascido vai enviar seu frete por ferrovia para o vale do Amazonas, ou para Rio, ou para Buenos Ayres.”¹⁹⁶

A Manaos-Demerara ou Paramaribo, sofria dos mesmos problemas, mas principalmente do desconhecimento de seus idealizadores. “Os vapores de Nova Iorque navegam diretamente para Manaos, mil milhas adentro do Amazonas, o ano todo. Eles podem fazer a distância de Manaos para Paramaribo, via Pará, em cinco dias, (...) com muito menos que metade do gasto.”¹⁹⁷ O plano inteiro, para o jornalista, parecia uma maneira de tentar dispenar o rio Amazonas, levando os produtos até as Guianas para depois enviá-lo por navio, o que parecia pouco prático. “O Amazonas nunca permitirá uma ferrovia a oeste e a leste como sua rival, nem permitirá que seja dividido depois que deixa seu berço nos Andes.”¹⁹⁸

¹⁹¹ *Op. Cit.* KERBEY, 1911.

¹⁹² The Evening Times (Washington, District of Columbia) · 29 Sep 1900, Sat · Page 4

¹⁹³ *Op. Cit.* KERBEY, 1911, p . 343

¹⁹⁴ *Ibid*, p . 347

¹⁹⁵ Onça ou Ounce é uma método de medição norte-americana.

¹⁹⁶ *Ibid*, p. 348.

¹⁹⁷ *Ibid*, p. 351

¹⁹⁸ *Ibid*, p. 351

Existiam forças superiores às críticas do (então) cônsul dos Estados Unidos no Pará, entretanto. O relatório em que descreveu sobre as condições para o investimento em ferrovias foi completamente alterado no congresso, justamente para não assustar os magnatas do transporte. Após a publicação de um artigo do jornalista sobre o assunto na imprensa norte-americana¹⁹⁹, eles se tornaram os principais responsáveis pela substituição de Kerbey como cônsul no Pará. O *lobby* dos representantes das companhias de ferrovias, interessados nos investimentos e subsídios do governo brasileiro e norte-americano, pediram o retorno do antigo cônsul, que demorou alguns meses.²⁰⁰

As premonições do jornalista se provaram fatídicas. Os dois projetos não conseguiram sair da etapa de planejamento. A Pan-American Railway foi pauta de várias das Conferências entre os estados Pan-Americanos, mas os diferentes sistemas de trilho e as dificuldades de manutenção e construção na América Latina afugentaram o investimento estado-unidense²⁰¹, agora voltado para o canal do Panamá. A Manaos-Demerara falhou em angariar apoio na imprensa norte-americana e teve pouco interesse das elites do Amazonas, concentradas na disputa comercial com o Pará e no mercado internacional da borracha²⁰². Embora os britânicos tenham tentado já na década de 10 angariar fundos para uma ferrovia, a mudança do eixo econômico da borracha para o sudeste asiático tornou-a dispendiosa e desnecessária.

Embora a ferrovia não fosse vista como a ideal para o contexto amazônico, ainda existiam projetos que combinavam o meio de transporte com tradicionais rotas de navegação e que em conjunto poderiam permitir uma melhora na logística do escoamento da produção. O projeto da estrada de Ferro Tocantins, conhecida pelos norte-americanos como *Alcobaça Railway*, era vista com bons olhos por Kerbey e outros cônsules estado-unidenses, “um campo promissor para empreender”.²⁰³ Como previsto, uma empresa com sede em Kentucky havia adquirido a concessão para a construção da ferrovia ainda durante o Império, sendo anulada na passagem de governo para a república. Apesar do parecer favorável para o investimento *norte-americano*, a rota foi eventualmente construída com capital belga durante a primeira década do século XX, quando a demanda da borracha expandiu a produção para o sudeste do Pará.²⁰⁴

¹⁹⁹ Pittsburgh Dispatch (Pittsburgh, Pennsylvania) · 8 Feb 1891, Sun · Page 20

²⁰⁰ *Op. Cit.* KERBEY, 1911, p. 353

²⁰¹ *Op. Cit.* CARUSO, 1951.

²⁰² *Op. Cit.* WEINSTEIN, 1993, pp.219-241.

²⁰³ United States. Dept. of State, United States. Reports from the Consuls of the United States (1910) . Govt. Printing Office, Washington, 1910, p. 660; *Op. Cit.* KERBEY, 1911, p. 392.

²⁰⁴ MACIEL, Dulce Portilho. A rota Araguaia-Tocantins de comunicação mercantil entre Goiás e Belém do Pará – 1846/1967. UEG, Goiânia, 2009.

A Madeira-Marmoré se tornou o único projeto encabeçado por um norte-americano que efetivamente operou uma rota ferroviária na Amazônia, embora pouco sucedido. Após a assinatura do Tratado de Petrópolis, Percival Farquhar, um magnata norte-americano que já tinha negócios no país, assumiu o encargo de construir a estrutura com a tarefa de cruzar o território de três estados brasileiros e transpor dezenove cachoeira e inúmeras corredeiras em 350km de trilhos.²⁰⁵ Para o cônsul norte-americano em atividade, a Madeira-Marmoré iria “abrir a comunicação com todo o interior do continente”, permitindo partir de Belém para Buenos Aires pelo interior dos países.²⁰⁶ A realidade da construção e operação da ferrovia foi outra, com conseqüências para toda a região. As consideráveis perdas humanas geradas pela obra não impediram seu ritmo, e muito menos afetado os negócios como nos anos de Church. Até o final da década de 10, a única das ferrovias projetadas por norte-americanos foi construída na Amazônia, sem jamais operar com sua total capacidade.²⁰⁷

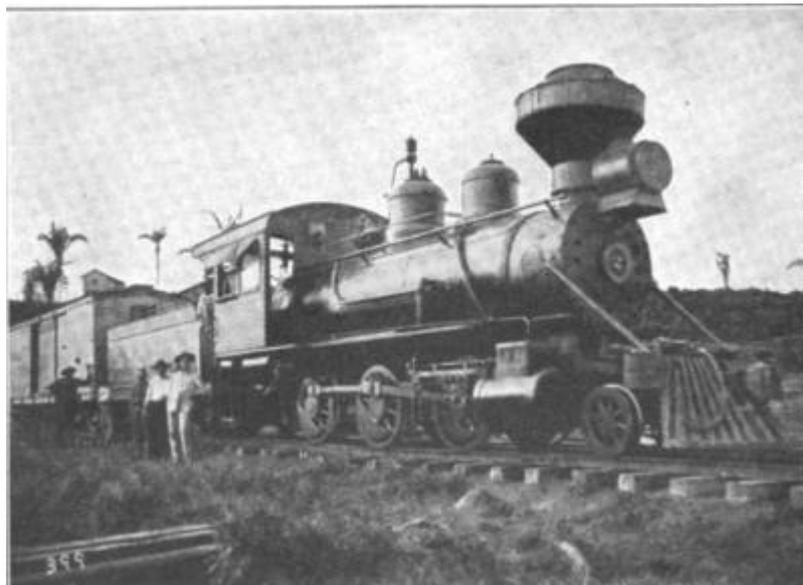


Figura 3: Estrada de Ferro Madeira Marmoré – Uma Locomotiva Americana.

Fonte: Pan-American Union. Union of American Republics. Bulletin of the Pan-American Union, Vol. 30. Pan-American Union Bureau Office, Washington, 1910, p. 35.

Na **Figura 3**, podemos observar a narrativa sobre a construção da modernidade na Amazônia através do prisma do capital estrangeiro estado-unidense, capaz de domar a selvageria e conquistar a fronteira impenetrável do sertão impenetrável. A ferrovia se

²⁰⁵ MILANI, Martinho Camargo. Percival Farquhar, um homem quase sem nenhum caráter entre oligarcas e nacionalistas de muita saúde (1898-1952). USP, São Paulo, 2017.

²⁰⁶ Pan-American Union. Union of American Republics. Bulletin of the Pan-American Union, Vol. 30. Pan-American Union Bureau Office, Washington, 1910, p.22

²⁰⁷ *Op. Cit.* FOOT-HARDMAN, 1988.

apresentava como progresso do capitalismo mundial sobre a região, de acordo com os benefícios que a possibilidade de acesso norte-americano traria para as áreas até então inexploradas. O historiador Francisco Foot-Hardman argumenta que vemos o valor da ferrovia não apenas pelo prisma econômico e político, mas sua função simbólica, como um verdadeiro monumento do progresso.²⁰⁸ Se o discurso oficial justificava a Madeira-Marmoré como a esperança de uma entrada às riquezas provindas da borracha, assim como de outros itens advindos dos países limítrofes, ela escondia em si o papel obscuro de apresentar a conquista da modernidade sobre a região selvagem. Ela seria a responsável por “trazer o comércio internacional para uma região que não pode progredir sem ele, e abrir para a ocupação e negócios regiões no Brasil, Peru e Bolívia que senão permanecerão uma selva virgem desconhecida.”²⁰⁹ A ferrovia seria parte de um sistema hidro-ferro-portuário, que permitiria alcançar os rios navegáveis para então, com a concessão do transporte hidroviário por meio dos vapores norte-americanos, exportar a borracha através do Porto de Belém, que então também estava sendo construído por Percival Farquhar.²¹⁰ Com a mudança do eixo produtivo da borracha, o destino da ferrovia não foi diferente das outras que nem sequer saíram do papel – O esquecimento.

O *Port of Pará* era outra das etapas do projeto do magnata norte-americano para o escoamento da borracha. Se a empresa britânica *Booth Line* tinha conquistado o direito de construir as docas de Manaus, era necessário que entrasse na estrutura portuária de Belém, com a qual fez questão de registrar com o nome *Pará* por sua próxima associação com a goma elástica no mundo inteiro.²¹¹ A concessão foi registrada em Portland, no estado do Maine, em meados de 1906, começando a construção imediatamente. Farquhar, assim como tantos antecessores, era otimista em relação ao futuro da cidade como uma das maiores do mundo, ao qual seria o principal investidor. Um de seus principais investidores era outra importante figura norte-americana, o embaixador Lloyd C. Griscom que voltava do Rio de Janeiro no mesmo período.²¹²

O plano de Farquhar era criar uma infra-estrutura de transportes que combinasse inúmeros setores na logística de uma dominação comercial da região, como terras, gado e agricultura, além da borracha. Para poder completar a sua cadeia de produção, então, Farquhar

²⁰⁸ *Op. Cit.* FOOT-HARDMAN, 1988.

²⁰⁹ Pan-American Union. Union of American Republics. Bulletin of the Pan-American Union, Vol. 30. Pan-American Union Bureau Office, Washington, 1910, p. 32

²¹⁰ *Op. Cit.* GAULD, 2006, p.156

²¹¹ *Ibid*, p.157-158.

²¹² Muitos norte-americanos que investiram em negócios no Brasil faziam parte do corpo diplomático da nação.

engoliu a *Amazon River Steam Navigation Company* ao adquirir o total monopólio de seu capital acionário, já em 1910.²¹³ O magnata chegou mesmo a vir a Belém para negociar concessões com o então governador João Coelho, tendo como um de seus principais apoiadores o cônsul norte-americano Pickerell, com o qual havia se comunicado por cartas desde o princípio de seus investimentos.²¹⁴ Para esse mesmo cônsul, a importância da entrada de capital dos projetos estado-unidenses alterou a ordem natural da predominância européia na cidade. Em 1910, ele já relatava ver mais comerciantes norte-americanos do que nunca antes, e posicionando os produtos do seu país à frente dos ingleses e alemães, mesmo com as discriminações legais contra os Estados Unidos.²¹⁵

O principal obstáculo para os Ianques que participavam da construção e da aquisição de títulos para esses grandes projetos, entretanto, eram as condições sanitárias da região. A Amazônia era conhecida por seus surtos de malária e febre amarela, ambas responsáveis pela alta mortalidade dos trabalhadores da ferrovia de Farquhar. Foi com isso em mente que o empresário contratou o médico e sanitarista Oswaldo Cruz, que visitou o Pará e as obras da ferrovia ainda no mesmo ano. O doutor chegou a eliminar inúmeros criadouros das doenças tropicais e melhorar consideravelmente os serviços de saúde pública na capital do estado. Em Manaus, porém, a influência preponderante ainda era britânica, e ao oferecer estender o mesmo serviço para a capital do Amazonas, teve sua ajuda recusada, com uma ironia do governador deste estado de que “a febre amarela só mata forasteiros”.²¹⁶ O estado se manteve muito mais fechado aos negócios com os Estados Unidos.

A última tentativa de investimento de Farquhar na Amazônia foi a doação de sessenta mil quilômetros quadrados de terras ao norte do estuário do Amazonas, onde atualmente se encontra o estado do Amapá, para duas de suas companhias, a *Amazon Development Company* e *Amazon Land & Colonization Company*, em 1912.²¹⁷ As terras eram propícias para a criação de gado e plantações de *hevea brasiliensis*, mas Farquhar foi pouco sucedido em suas tentativas de enriquecer com o negócio, visto as doenças que acometiam as plantações e impediam a produção na mesma escala do Sudeste Asiático.

Mas mesmo os investimentos de capital norte-americano eram recebidos com desconfiança pela imprensa brasileira. Desde o princípio de suas companhias, o empresário

²¹³ Ibid, p.156.

²¹⁴ Ibid.

²¹⁵ United States. Dept. of State, United States. Reports from the Consuls of the United States (1910) . Govt. Printing Office, Washington, 1910.

²¹⁶ *Op. Cit.* GAULD, 2006, p. 141

²¹⁷ *Op. Cit.* BANDEIRA, 2007.

quaker enfrentou oposição nos periódicos e de maior parte dos intelectuais brasileiros, que viam-o como uma extensão do imperialismo econômico dos Estados Unidos e lembravam das questões do Acre e do Panamá.²¹⁸ Salvador de Mendonça havia sido particularmente crítico às aquisições de Farquhar e ao seu “negócio amazônico.” Para o ex-embaixador:

O Sr. Farquhar [...], depois de haver por meio da Amazon Land Colonization Co. se apoderado do Amapá e nele se fortificado, quando visse chegado o momento, pelo método que até hoje tem posto em prática, meteria em sua sacola os governos do Pará e do Amazonas e [...] o Acre, e associados proclamariam a independência da Amazônia, a qual seria reconhecida pelo governo de Washington, e depois era pegar-lhe como um trapo quente.²¹⁹

Esse seria todo um plano nefasto dos estado-unidenses de transformarem a Amazônia em um “protetorado do americano e o Golfo do México e o Caribe seriam como um lago Ianque.”²²⁰ O ex-embaixador em Washington, que havia sido anteriormente tão próximo dos interesses de James G. Blaine e Charles R. Flint, agora via como uma ameaça os concidadãos do país ao qual serviu como embaixador do Brasil por tantos anos, movido em parte por seu desgosto pelo ministro de Relações Exteriores e sua diplomacia.²²¹

A imprensa da capital considerava que nos passos de Farquhar “reina um espírito da megalomania, (...) O do Sr. Percival Farquhar, sem dúvida, embora elle já devesse saber, por experiência própria e recente, que a ambição demasiada pôde ser prejudicial.”²²² A imagem dos investimentos de Farquhar só piorou com a crise econômica e política do Brasil na segunda década do século. A campanha se alastrou até Farquhar não resistir e devolver formalmente a concessão ao estado do Pará, que a esse ponto afetava seus outros negócios, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo.²²³ O Pará dos investimentos de Farquhar agora estava cercado de caos financeiro e ruína, disputas entre os municípios e o estado e um crescente exército de desempregados, frutos da queda da receita da borracha.

A navegação fluvial de Farquhar tampouco rendeu frutos, e na maior parte da década, as suas embarcações ficaram à deriva no porto, já que a considerável queda nos preços da

²¹⁸ A independência do Panamá, conquistada pela flotilha norte-americana ao fim da Guerra dos Mil Dias na Colômbia assinalou mais uma tentativa imperialista de impor a criação de estados subservientes aos interesses Estado-Unidenses. Ver: DEAS, Malcom. *Colombia, Ecuador and Venezuela, c. 1880–1930*. The Cambridge History of Latin America, edited by Leslie Bethell. Cambridge University Press, Cambridge, 1986, pp.641-682.

²¹⁹ MENDONÇA, Salvador de. A Situação Internacional do Brasil. Livraria Garnier, Rio de Janeiro, 1913, pp. 10, 11 e 19.

²²⁰ Ibid.

²²¹ JUNIOR, Carlos Martins. Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Um aspecto das relações Brasil-EUA e da Consolidação Rondon. Albuquerque, Revista de História, Campo Grande, 2009, S, v. 1, n. 1, p. 25-54, jan./jun. 2009.

²²² Periódico Jornal do Comércio, 22 de Abril de 1911.

²²³ A maior parte das tensões com Farquhar tinham origem nas crises econômicas do sistema durante a Grande Guerra, aos quais tornavam difíceis de manter os juros altos cedidos ao empreendedor. Ver: GAULD, Charles A. Farquhar - O Último Titã. Editora de Cultura, São Paulo, 2006.

borracha tornou o negócio improdutivo. A derrocada de seus investimentos nos anos de 1913-1915 o levaram a finalmente declarar a concordata da *Port of Pará* em meados deste último ano, encerrando assim os seus investimentos na Amazônia.²²⁴ Farquhar ainda voltou a Belém inúmeras vezes, mas desacreditado do seu idealismo original de que um futuro glorioso aguardava a cidade, como esperava durante o apogeu da borracha.

É certo que a discussão sobre o imperialismo norte-americano permeava os círculos sobre as concessões e infra-estrutura construídas por aqueles que fossem da república do norte. Farquhar representava de muitas formas a relação complexa entre os dois países, ao passo em que era visto tanto como um agente do controle econômico (e eventualmente) político dos Estados Unidos, como um sujeito cuja ação “inteligente e benéfica no Brasil está produzindo fecundos resultados para a nossa civilização, para a nossa prosperidade. (...) Farquhar é um brasiliophilio; é um benemérito.”²²⁵

Uma outra figura importante das relações internacionais norte-americanas durante o período e que foi ao Pará no mesmo período das tentativas de Farquhar foi o ex-presidente Theodore Roosevelt, responsável por grande parte da política externa norte-americana com os países latino-americanos, especialmente na questão do Panamá.²²⁶ Em um dos seus discursos na capital do país, antes de partir na expedição científica Roosevelt-Rondon, o aventureiro fez questão de ressaltar o papel amigável e fraterno que havia sido defendido por seu secretário de estado, anos antes.

Desejo ver aumentar o tráfego entre os Estados Unidos e todos os países sulamericanos: o essencial em tal intercurso é a capacidade de inspirar confiança. Portanto, de todos os pontos de vista, penso que os Estados Unidos devem agir escrupulosamente, de modo a inspirar confiança às repúblicas irmãs. É por isso que sinto especial orgulho nacional em havermos desocupado Cuba duas vezes e em termos intervindo em São Domingos puramente em benefício de São Domingos. Não há capítulo mais brilhante de nossa história do que o que registra esses feitos. Os Estados Unidos não desejam o território dos seus vizinhos: desejam sua confiança.²²⁷

Apesar de Roosevelt ecoar o discurso de seu secretário de Estado, Root, os tempos já eram outros. Sua derrota no processo eleitoral de 1912 para Woodrow Wilson já era um indicativo de que a plataforma progressista e a pauta intervencionista da política do *Big Stick* e do Corolário Olney já estava se modificando, ao passo em que os Estados Unidos assumiam uma nova postura internacional.²²⁸ Concomitantemente, a principal matéria-prima da região norte começava a enfrentar uma nova concorrência, que logo desviaria o eixo econômico da

²²⁴ *Op. Cit.* GAULD, 2006, p.163.

²²⁵ Periódico Jornal do Brasil, 16 de Dezembro de 1911.

²²⁶ *Op. Cit.* JUNIOR, 2009.

²²⁷ *Ibid.*, p.43.

²²⁸ *Op. Cit.* HERRING, 2008.

goma elástica para outra região e mudaria as relações geopolíticas, econômicas e políticas da bacia amazônica.

1.3. A Amazônia Esquecida: a crise da 'Terra do Amanhã'

Não haviam motivos para temer a segunda década do então novo século na Amazônia. O aumento vertiginoso dos preços da goma elástica criaram a expectativa de um futuro esplendoroso para a nova 'El-Dorado' do estado brasileiro, que até aí já havia se consolidado como o segundo maior produto de exportação nacional. Entretanto, existiam vozes que acordavam na insustentabilidade do sistema da borracha selvagem, a maior parte das medidas locais mantiveram o regime intocado, preservando os interesses dos grupos econômicos dominantes que não pretendiam qualquer alteração que pudesse irromper em um balanço do valor do produto no mercado mundial.²²⁹

O monopólio amazônico estava com os dias contados, entretanto. Embora o crescimento vertiginoso da produção asiática já fosse fruto de discussões pelos barões da borracha na primeira década, a rapidez em que o látex das colônias britânicas e holandesas inundou a produção mundial já em 1912 era inesperada. Se o Brasil estava comprometido com o modelo de altos valores e um regime de produção de mão-de-obra escassa, foi no Sudeste Asiático que o sistema de *plantations* vigorou.²³⁰ Na Malásia, a produção da borracha se transformou em um sistema de baixo custo e trabalho intensivo. Era tarde demais para o Pará e Amazonas: A estrutura-base das *plantations* da Ásia não era competitiva com a produção *natural* da floresta. De certa forma, então, o jogo não mais valia a pena, pois a única forma de tonar o látex brasileiro competitivo seria baixando significativamente o custo de produção – O que por sua vez só seria possível com uma expansão do sistema de transportes e uma agricultura doméstica de base no interior do Vale Amazônico.²³¹

A tentativa de construção de *plantations* na Amazônia e no resto da América Latina já havia sido pauta em inúmeros relatórios e figurado na ideia da política externa americana desde os anos noventa do século XIX, com proeminentes figuras advogando pelo controle da matéria-prima que crescia em uso na América do Norte.²³² Após a explosão da indústria automobilística, porém, a necessidade de uma expansão da produção, para acompanhar a crescente demanda

²²⁹ *Op. Cit.* WEINSTEIN, 1993.

²³⁰ FRANK Zephyr & MUSACCHIO, Aldo. *Brazil in the International Rubber Trade, 1870-1930. From silver to cocaine : Latin American commodity chains and the building of the world economy, 1500-2000, edited by Steven Topik. Duke University Press, Durham, 2006, pp.270-300.*

²³¹ *Ibid.*

²³² Pan-American Union. Union of American Republics. *Bulletin of the Pan-American Union, Vol. 3. Pan-American Union Bureau Office, Washington, 1897, p.82; Op. Cit. KERBEY, 1911.*

norte-americana, se tornou uma das principais questões produtivas do país, principalmente com a disputa britânica pelo mercado.

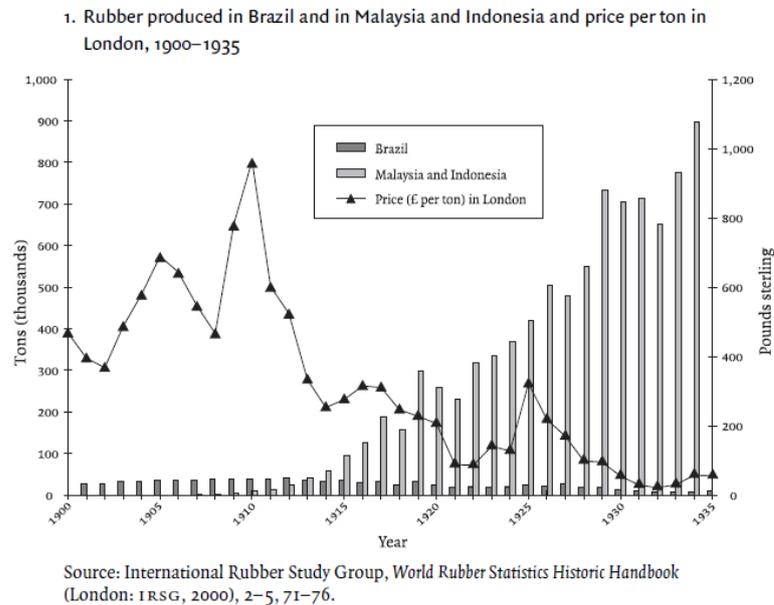


Figura 4: Dados de borracha produzida no Brasil e na Malásia por tonelada entre 1900-1935.
Fonte: International Rubber Study Group, World Rubber Statistics Historic Handbook, 2-5,71-76.

Como podemos observar na *Figura 4*, uma queda paulatina do consumo da borracha brasileira e a produção em larga escala na Malásia, tornaram-se os meios para tentar contornar o controle absoluto da matéria-prima pelos britânicos. Os projetos para estabelecer *plantations* e assim, controlar a produção, era o sonho dos capitalistas norte-americanos, interessados em conseguir baixar o valor da goma elástica, monopolizada ainda pela Amazônia nos anos noventa. Joseph Orton Kerbey foi enviado em viagem para a região em 1894 justamente com essa intenção: O estudo para o estabelecimento de *plantations* produtoras para os Estados Unidos.²³³ O certo é que até o final da década, investidores já estavam despejando milhares de dólares em plantações no istmo de Tehuantepec, com a intenção de desenvolver uma indústria da matéria-prima de fácil acesso que pudesse burlar o valor da brasileira. A produção mexicana nunca deslanchou, em partes pelas dificuldades de tornar a espécie *castilloa elastica* (A árvore nativa da América Central produtora de borracha) rentável, dada a dificuldade da extração e os níveis de produção.²³⁴

²³³ Pan-American Union. Union of American Republics. Bulletin of the Pan-American Union, Vol. 38. Pan-American Union Bureau Office, Washington, 1912, p.70

²³⁴ SCHELL, William. American Investment in Tropical Mexico: Rubber Plantations, Fraud, and Dollar Diplomacy, 1897-1913. The Business History Review, vol. 64, no. 2, 1990, pp. 217-254.

As conquistas da Guerra Hispano-Americana também abriram outros territórios para as tentativas de implementação de *plantations*, às quais Kerbey visitou como consultor da indústria da borracha e especialista na Amazônia.²³⁵ Cuba foi cenário de tentativas de plantações no início do século, com insucesso similar ao mexicano. A exceção foram as Filipinas, que tinham as condições climáticas favoráveis à *Hevea Brasiliensis*. Mesmo assim, a produção do país nunca o tornou um significativo produtor de borracha, e só realmente rendeu frutos nos anos trinta, décadas após o auge de Belém e Manaus.²³⁶ Kerbey também visitou o país, mas os resultados foram pífios. Os norte-americanos nunca conseguiram produzir no exterior a produção de *plantation* da borracha.

A idéia de se criar uma *plantation* no território amazônico, entretanto, não estava descartada, e algumas tentativas de capital norte-americano surgiram para combater os altos preços da borracha nos primeiros anos e em seguida o monopólio das colônias asiáticas inglesas e holandesas no mercado mundial. Os côsules estado-unidenses duvidavam da capacidade dos brasileiros de estabelecer o cultivo da seringueira²³⁷, mas o investimento e o empreendedorismo da república do norte poderia ser a saída para as mazelas do sistema nativo. Joseph Orton Kerbey reproduzia a mesma visão de seus conterrâneos, afirmando que “O que for conquistado no desenvolvimento da terra do amanhã deve vir por meio da energia e do empreendedorismo Anglo-Saxão, reforçando a raça Latina que agora predomina.”²³⁸

A derrocada da participação da Amazônia no mercado da borracha apressou a necessidade de sua criação, entretanto. O governador do Amazonas, em meio ao declínio da região, chegou a oferecer 500 mil quilômetros quadrados do estado para uma firma norte-americana com vagas promessas de desenvolvimento.²³⁹ A “Campanha Nacional para a Defesa da borracha”, lançado em 1912, refletia a pressão dos estados do extremo-norte para uma medida que pudesse apaziguar a crise e tentar tornar a situação da borracha uma questão nacional.²⁴⁰ O projeto produziu plantas para *plantations* e distribuiu propagandas e folhetos instrutivos, mas a maioria do material era dedicada a produção em outros estados do país. Por outro lado, os altos custos de investimento na região tornavam-a mais barata *mantendo* o sistema vigente.

²³⁵ The Washington Times (Washington, District of Columbia) · 18 Dec 1903, Fri · Page 7; The Intermountain Catholic (Salt Lake City, Salt Lake, Utah) · 10 Oct 1903, Sat · Page 1

²³⁶ CUTSHALL, Alden. “Philippine Rubber Plantations.” *Economic Botany*, vol. 7, no. 1, 1953, pp. 86–88

²³⁷ *Op. Cit.* WEINSTEIN, 1993, p. 248

²³⁸ *Op. Cit.* KERBEY, 1911, p. 271.

²³⁹ HECHT, Susanna. *The Fate of the Forest: Developers, Destroyers, and Defenders of the Amazon*. University of Chicago Press, Chicago, 2011, p.95

²⁴⁰ *Op. Cit.* WEINSTEIN, 1993. p.257

Farquhar, cujos investimentos apostavam no futuro glorioso do vale amazônico, era o principal norte-americano nas tentativas de reaviver a exportação do país. Em seu acordo com o governo do Pará em 1911, o magnata havia prometido tentar cultivar a *hévea brasiliensis* em *plantations* e em trazer técnicos e botânicos da Malásia, mas essas promessas nunca se concretizaram. No ano seguinte, face ao colapso de seus negócios, ele se uniu com outros investidores europeus para contratar o jornalista Charles E. Akers no objetivo de estudar comparativamente a goma elástica na Ásia e na Amazônia, e tentar compreender uma forma de remediar a questão.²⁴¹

Apesar dos resultados pessimistas de Akers, Farquhar se comprometeu a estudar uma possibilidade de salvar a economia da goma elástica. Procurou estudar a imigração de chineses e japoneses para a floresta, que eram mão-de-obra considerada mais barata que a cearense, e até mesmo em recrutar britânicos e holandeses especialistas no campo, sem sucesso. Suas dificuldades para lidar com as doenças que acometiam as plantações também impediram o progresso de qualquer produção em larga escala.²⁴² Pior, os clamores nacionalistas sobre as suas propriedades intensificaram a campanha contra o magnata na imprensa e tornaram o governo federal ainda menos cooperativo.²⁴³



Courtesy of The India Rubber World, New York.
 EXPERIMENTAL STATION OF THE STATE OF PARÁ.
 Extensive experiments are being conducted here in the cultivation of the *Hevea brasiliensis*, the product of all rubber-producing trees, and also in the cultivation of pineapples and other tropical fruits.

Figura 5: Plantation experimental no estado do Pará.

²⁴¹ HECHT, Susanna. *The Fate of the Forest: Developers, Destroyers, and Defenders of the Amazon*. University of Chicago Press, Chicago, 2011, pp.87-104.

²⁴² *Op. Cit.* GAULD, 2006, p.161.

²⁴³ HECHT, Susanna. *The Fate of the Forest: Developers, Destroyers, and Defenders of the Amazon*. University of Chicago Press, Chicago, 2011, pp.87-104.

Fonte: Pan-American Union. Union of American Republics. Bulletin of the Pan-American Union, Vol. 40. Pan-American Union Bureau Office, Washington, 1913.

Como podemos observar na **Figura 5**, tentativas de fato foram aplicadas para tentar burlar a dominação do modo de *plantation* estabelecido no Sudoeste Asiático, mas tornaram-se vãs, impossibilitadas de funcionar. A resposta para os norte-americanos não deixava de ser o espírito *indolente* dos brasileiros, que pouco ajudava na recuperação econômica da borracha. O retorno para os estereótipos já presentes desde os escritos de Maury e Herndon ajudariam a justificar a impossibilidade dos latinos de salvarem seu sistema econômico da ruína. O historiador James Bryce registrou um estado-unidense que sonhava com o domínio de seu país sobre o Vale Amazônico, em que substituíria o antigo sonho de escravos sulistas por milhares de chineses que reviveriam o negócio da goma elástica e os enfrentariam os britânicos e holandeses no mercado mundial: “Como homens do Mississippi fariam as coisas no Amazonas! (...) Vapores iriam cruzar os rios, ferrovias iriam passar por dentre os caminhos da floresta, e o já vasto domínio iria inevitavelmente alargar-se às custas dos vizinhos mais fracos até que alcançasse os pés dos Andes.”²⁴⁴

A intervenção estado-unidense que seria a salvadora da borracha nunca veio. Ao passo em que a região enfrentava o colapso de sua principal matéria-prima, o cenário político dos Estados Unidos que havia permitido a postura do *Big Stick* de Roosevelt e da *Dollar Diplomacy* de Taft havia mudado.²⁴⁵ Se a política externa de Taft era baseada no colonialismo norte-americano e na possibilidade de “Substituir dólares por balas. . . apela tanto para sentimentos idealistas, para os ditames de política e estratégia, e para legítimos objetivos comerciais.”²⁴⁶, a eleição de Woodrow Wilson demonstrava que os ares progressistas do novo presidente dariam um novo tom à política externa do país.

Esta se desdobrava não só nos ideais de auto-determinação de Wilson, mas nas mudanças consideráveis que a economia latino-americana estava passando. Se por um lado o novo presidente se posicionava contrário às intervenções imperialistas na América-Latina, a ameaça de uma Guerra Mundial esfriava as economias dos países e congelava o fornecimento de capital estrangeiro europeu.²⁴⁷ O cenário de uma guerra que envolvesse as potências coloniais da europa favorecia o mercado norte-americano, interessado em ocupar os espaços de importação ingleses no Brasil.

²⁴⁴ PEARCE, Fred. Deep Jungle: Journey To The Heart Of The Rainforest. Random House, New York, 2010, p.277.

²⁴⁵ *Op. Cit.* HERRING, 2008.

²⁴⁶ FAULKNER, Harold U. The Decline of Laissez Fare, 1897-1917. New York Press, New York, 1951, p. 70.

²⁴⁷ HECHT, Susanna. The Fate of the Forest: Developers, Destroyers, and Defenders of the Amazon. University of Chicago Press, Chicago, 2011, p.93.

E esse *mesmo* conflito era razão de uma falta de investimentos estrangeiros na recuperação dos negócios da borracha e nas dívidas brasileiras, incluindo com Farquhar. As dívidas do empreendedor se somavam às desgraças da Amazônia, que já não conseguia manter o preço da goma elástica a níveis lucrativos. Neste mesmo ano de 1913, apenas 22 mil toneladas de borracha haviam sido embarcadas do Pará²⁴⁸, desenvolvendo um desequilíbrio na balança comercial da Bacia Amazônica, que necessitava importar a maior parte de sua base alimentícia. Farquhar, em uma jogada desesperada, ainda tentou conseguir 300 milhões de libras esterlinas para o estado brasileiro na esperança de conseguir receber sua fatia, mas a guerra estragou seus planos.²⁴⁹

As dificuldades das *plantations* na região eram as mesmas geralmente apontadas pelos naturalistas que analisavam a distância considerável as entre árvores da mesma espécie. As plantas crescem e co-evoluem com o meio ambiente ao seu redor, incluindo pestes e insetos, e as áreas de origem possuem um maior número de forças limitantes de tal espécie. Plantações nessas regiões destroem a proteção da floresta e da distância, permitindo uma maior concentração dos inimigos tradicionais da espécie. Assim que as árvores de borracha eram plantadas em uma proximidade ordenada, as pestes naturais imediatamente as atingiam. Este não era um problema na Ásia, onde podiam crescer em um meio ambiente livre de seus predadores naturais. O próprio Brasil havia se beneficiado disso com o café, originalmente da Etiópia, porém alcançando o seu estágio mais produtivo na América do Sul.²⁵⁰

Sem um sistema de defesa, as tentativas de plantar borracha na sua região de origem estavam destinadas ao fracasso. Em meados da metade da década, a Amazônia já encarava um futuro ao qual não havia perspectiva de um retorno ao *boom* dos anos vindouros. Se a geopolítica baseada no colonialismo do dólar dava os seus sinais de enfraquecimento, os paraenses e amazonenses clamavam o dinheiro dos norte-americanos. Durante uma exposição sobre a goma elástica em Nova Iorque em 1915, os estados em conjunto com o governo federal fizeram inúmeros folhetos em inglês para distribuir para investidores e cônsules, sem sucesso.²⁵¹ O capital era considerado o fator necessário para o desenvolvimento, e uma responsabilidade de cada brasileiro consegui-lo.

O capital também era um poderoso fator no desenvolvimento futuro da agricultura e outras indústrias e era necessário que brasileiros de qualquer esfera social tomassem

²⁴⁸ *Op. Cit.* ZEPHYR, 2006.

²⁴⁹ HECHT, Susanna. *The Fate of the Forest: Developers, Destroyers, and Defenders of the Amazon*. University of Chicago Press, Chicago, 2011, p.94.

²⁵⁰ Ver: TOPIK, Steven. *The Latin American Coffee Commodity Chain: Brazil and Costa Rica. From silver to cocaine : Latin American commodity chains and the building of the world economy, 1500-2000*. Duke University Press, Durham, 2006, pp.145-178.

²⁵¹ *Op. Cit.* GAULD, 2006, p.159

a tarefa e obrigação de suas partes de respeitar e defender todos que podem trazer capital a seu país tão cordialmente e galantemente como agiriam com um hóspede em suas próprias casas. (...) O povo que possuir essa virtude de nascença não deverá ver dificuldade em fazer respeito pela lei e fazer de capital estrangeiro e capitalistas uma questão de orgulho nacional.²⁵²

O capital não veio, e a crise deflagrou em uma decadência constante. Ao passo em que o projeto geopolítico norte-americano deixava o cenário latino-americano para consolidar ganhos na Europa, a Amazônia se via alastrada em um caos político e econômico. As pressões da burocracia paraense, agora sem meios de receber seus dividendos, gerou uma intervenção federal, que depôs o governador e pôs em seu lugar Enéas Martins, auxiliar de Rio Branco durante sua ocupação do cargo de Ministro das Relações Exteriores. O novo governador possuía seu próprio jornal, o Estado do Pará, pelo qual incentivava a proximidade com os Estados Unidos e o estreitamento de laços comerciais com o principal parceiro econômico do borracha, mas os Ianques já estavam confortáveis com as negociações pela matéria-prima com as potências imperialistas.²⁵³

As cidades de Belém e Manaus amargavam um declínio profundo, com o empobrecimento de seus cidadãos mais nobres e a queda da qualidade de vida. Pickerell, o cônsul norte-americano em atividade no Pará, notou que a cidade estava cheia de panfletos clamando pela independência da Amazônia dos estados do Sul e um alinhamento com os Estados Unidos como solução para os problemas econômicos.²⁵⁴ Mesmo com as inúmeras ameaças ao governo federal de uma possível secessão, nenhuma medida mais contundente foi adotada para recuperar, mesmo que por outro meio, a economia regional. Os nortistas reclamaram do *oportunismo* da união que só se preocupava com o extremo-norte no período do auge econômico, em vão. A região havia sido esquecida e se tornara novamente um canto primitivo da nação.²⁵⁵

E justamente nos anos de declínio do sistema de exportação da goma elástica amazônica que o país Ianque ocupou o espaço de domínio do comércio exterior brasileiro, com a ascensão dos produtos importados norte-americanos. A Grande Guerra européia subverteu a lógica econômica do Vale Amazônico, permitindo a penetração de modo amplo e efetivo dos manufaturados estado-unidenses, a principal contenda do país na região. Já em 1915 o Estados Unidos superou a Grã-Bretanha como principal parceiro comercial do Brasil, e essa posição se

²⁵² Pan-American Union. Union of American Republics. Bulletin of the Pan-American Union, Vol. 38. Pan-American Union Bureau Office, Washington, 1912, p. 59

²⁵³ *Op. Cit.* GAULD, 2006, p.160

²⁵⁴ *Ibid*, p. 162.

²⁵⁵ *Op. Cit.* WEINSTEIN, 1993; HECHT, Susanna. The Fate of the Forest: Developers, Destroyers, and Defenders of the Amazon. University of Chicago Press, Chicago, 2011, p.98.

manteve constante durante toda a Primeira República.²⁵⁶ A borracha ainda era consumida pelo seu mercado, mas em quantidades menores e a um valor desvalorizado que pouco lembrava os períodos do *boom*.²⁵⁷

Em contraponto, os negócios de Farquhar continuavam enfrentando uma ferrenha oposição na imprensa da capital e entre os intelectuais brasileiros, que viam ascensão do centro financeiro de Nova Iorque como uma ameaça imperialista sobre o país.²⁵⁸ O encolhimento da oferta mundial de capital acoplada com a necessidade de investimento constante fizeram com que Farquhar entregasse sua concessão para o governador Martins, após amargar derrotas em todos os seus objetivos para a região. Não demorou muito para que a *Port of Pará* entrasse em concordata, concluindo o sonho transformado em pesadelo para o empreendedor na Amazônia. Sua superambição de monopolizar toda a logística do produto tropeçou no perigo que o mercado dos seringais asiáticos representou para os negócios no vale, e não conseguiu o desenvolver nem realizar os objetivos de colonização e agricultura.²⁵⁹

Os Ianques, apesar de serem os maiores consumidores do produto, jamais conseguiram produzi-lo em grande quantidade. Apesar das tentativas nas Filipinas, o país nunca se aproximou da produção britânica e holandesa, em partes porque o sistema de ambos já estava consolidado quando as primeiras seringueiras se desenvolveram. Quando o Reino Unido tentou utilizar seu poder de mercado para levantar os preços da borracha nos anos 20, com a taxa Stevenson, os Estados Unidos voltaram a investir na Amazônia, como uma possível local de *plantation*. O experimento foi um fracasso; As mesmas razões de meio-ambiente, mão-de-obra escassa e competição da Ásia impediram o sistema de funcionar.²⁶⁰

Por fim, a Amazônia perdeu a sua parte no mercado da borracha natural e nos lucros provenientes da produção de pneus; os britânicos ganharam uma larga porcentagem do mercado de borracha natural, apesar de falharem em seu objetivo de usarem o controle da produção do produto de forma a controlar a indústria de fabricação de pneus. O colonialismo acabou por se tornar peça essencial ao passo em que permitiu que a Grã-Bretanha tivesse as condições econômicas de produção, como a mão-de-obra barata e a terra propícia, ao mesmo tempo em que Brasil e Estados Unidos estavam sem uma ou outra opção disponíveis. Para o primeiro, foi

²⁵⁶ *Op. Cit.* BANDEIRA, 2007, p. 203.

²⁵⁷ FRANK Zephyr & MUSACCHIO, Aldo. *Brazil in the International Rubber Trade, 1870-1930. From silver to cocaine : Latin American commodity chains and the building of the world economy, 1500-2000, edited by Steven Topik. Duke University Press, Durham, 2006, pp.281-282.*

²⁵⁸ *Op. Cit.* BANDEIRA, 2007, p. 205.

²⁵⁹ *Op. Cit.* GAULD, 2006.

²⁶⁰ GRANDIN, Greg. *Fordlandia: The Rise and Fall of Henry Ford's Forgotten Jungle City.* Henry Holt and Company, New York, 2010.

o custo alto da produção e a falta de capital que condenaram o mercado à ruína. Para o segundo, foi a forma tardia e sem entusiasmo que entraram na corrida colonial.²⁶¹

A '*Terra do Amanhã*' de Maury, Blaine, Kerbey e Farquhar, da colônia escravagista e da riqueza da borracha, da Amazônia Pan-Americana e independente sob a égide dos Estados Unidos, não se realizou, mas a Bacia Amazônica com as suas promessas de riquezas e como território de disputa geopolítica do Brasil com a potência mundial do século XX não morreu. Al Gore, enquanto senador do país em 1989, re-afirmou que “Contrário ao que os brasileiros pensam, a Amazônia não é sua propriedade, ela pertence a todos nós.”²⁶² O *status* da floresta ainda está na balança.

2. Um garoto espião na Amazônia – As Aventuras do Major Joseph Orton Kerbey

Na introdução da última obra que escreveu antes de vir a óbito, *An American Consul in Amazonia* (1911), Joseph Orton Kerbey (1837-1913) reflete sobre uma interessante anedota sobre a Amazônia. Em um almoço, acompanhado por um oficial, um cientista, um missionário aposentado e o autor, os quatro passaram a discutir sobre a temporada de verão. Os dois primeiros logo demarcaram um itinerário em um caminho comum para turistas no continente europeu, e o missionário expressou uma preferência por uma visita pelo Levante ou subir o Nilo. Quando o autor mencionou que iria para a região do Amazonas, os três gargalharam por escolher uma região tão inóspita, e tão insalubre para passar as férias. Ele retrucou dizendo que relativamente, a mortalidade em qualquer parte do Pará, o porto da Amazônia, era menor do que em qualquer parte dos Estados Unidos, e que ele sabia disso porque havia morado lá por vários anos. Quando o grupo se separou, ele sentiu seus olhares de empatia pelo viajante-aventureiro, que partiria para as terras desconhecidas do sul, a “fronteira da qual nenhum viajante retorna”.

Era só mais uma evidência para o jornalista de que uma grande proporção dos estadunidenses, familiarizados com viagens para o Oriente, Europa e África, eram deficientes de conhecimento sobre a geografia da “América Equatorial”. O Diretor-Geral da associação da Pan-American Union, organização dos estados Pan-Americanos, dizia que o autor conhecia “Mais sobre o Brasil e a Amazônia que qualquer um dos membros permanentes”. Portanto, era o seu desejo “conduzir os leitores pelo caminho pelo Equador e a Amazônia e além, e retorná-los em segurança para casa.”

²⁶¹ FRANK Zephyr & MUSACCHIO, Aldo. *Brazil in the International Rubber Trade, 1870-1930. From silver to cocaine : Latin American commodity chains and the building of the world economy, 1500-2000*, edited by Steven Topik. Duke University Press, Durham, 2006, p. 298.

²⁶² GRANDIN, Greg. *Fordlandia: The Rise and Fall of Henry Ford's Forgotten Jungle City*. Henry Holt and Company, New York, 2010, p. 117.

A “aventura” que Kerbey pretendia narrar para os seus leitores fazia parte da persona que havia construído, um garoto de cinquenta anos que partia para desmistificar uma região desconhecida do mundo e encoberta pela falta de registros. Kerbey se definia como, acima de tudo, um jornalista e correspondente, mesmo desde a tenra idade. Baseado em uma premissa de superioridade racial e no destino dos Estados Unidos de conquistar e governar todo o continente, ele imaginou um futuro promissor para a região que descrevia mais como a “Land of Tomorrow.”, ou “Terra do Amanhã”. Este mundo re-criado pelo escritor teria um sentido norte-americano, e não à toa o escritor utiliza das referências ao mundo estado-unidense para escrever sobre a região, considerando-a a “Califórnia da América do Sul”, com Belém como a sua Nova Orleans e Manaus St. Louis, e o Amazonas como o braço do sul do Mississippi. Embora ecoasse as palavras de escritores que o antecederam, o escritor acreditava que acima de tudo seu trabalho era jornalístico e imparcial, fazendo questão de definir sua verdade sobre os fatos já no princípio da obra conjunta, intitulada *The Land of Tomorrow* (1906):

Quem não ama o pronome pessoal, que parece inseparável da forma narrativa, lembraria a qualquer leitor que não há pretensão de embelezamento literário; se algum mérito pode ser descoberto nestas páginas é devido ao fato de que é um esforço para fornecer uma narrativa despretensiosa e verdadeira da experiência um tanto incomum de um cônsul americano e jornalista durante uma exploração do interior da América Equatorial escrito sem qualquer ginástica de máquina de escrever por alguém que afirma ser um "escritor", ao invés de um autor, a diferença (como eu entendo) é que o primeiro descreve apenas as coisas que ele viu, ou experimentou, enquanto um autor é permitido para inventar histórias interessantes.²⁶³

A diferença sublinhada entre um “escritor” e um “autor” é essencial para o que considera ser a sua principal função na região. Como um correspondente internacional, é a afirmação da declaração de que os eventos aos quais irá narrar em seus dois livros sobre a região tem como principal função informar sobre a “verdade” da região, algo que considera outros livros sobre a região, da perspectiva de cientistas, naturalistas, ou até mesmo jesuítas ou turistas literários incapazes de fazê-lo.²⁶⁴ Para ele, a principal pergunta a qual o livro deveria responder, como narra ainda na introdução do livro, é “Existe algum dinheiro nisso, alguma chance de negócios lá embaixo?”, e ele pretende responder esta pergunta na sua obra. Na Amazônia, para Kerbey, era o local onde o sucesso do capitalismo norte-americano poderia render, sobre circunstâncias mais favoráveis para o seu desenvolvimento. Fazia sentido, para alguém que iniciou seu trabalho na região enviado pelo secretário de estado James Blaine com a missão de investigar os negócios da borracha para o seu país. Ele sabia que o seu talento jornalístico era o que o havia trazido até ali,

²⁶³*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 9.

²⁶⁴*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 10

e essa seria a sua saída da situação financeira que se encontrou após a morte de Blaine e a perda do emprego na secretaria de Estado.

Os pontos convergentes entre as obras, a personalidade e o legado do Major pintam um personagem complexo e interessante, digno de uma reflexão histórica. Para tanto, o propósito deste capítulo é compreender Kerbey como uma figura no contexto de uma época e o porque da sua seleção para o consulado no Pará, proporcionando dados biográficos inéditos, assim como um breve relato do fazer jornalístico dos correspondentes norte-americanos no final do século XIX; Segundo, revelar suas estratégias e façanhas durante a estadia e as viagens para o Brasil, na qual aprendeu a construir sua própria rede de contatos através do papel que a estrutura governamental norte-americana inicialmente lhe proporcionou, assim como o talento jornalístico o proporcionou uma carreira como agente da borracha; E por último, entender como a sua trajetória se co-aduna ou diverge com a de outros agentes de empresas ou governos estrangeiros na região, tendo como referências figuras proeminentes como Roger Casement e Henry Wickham.

2.1. Um esboço biográfico

Durante a Primeira Conferência Internacional dos Estados Americanos (1889-90), o então secretário de estado dos Estados Unidos da América, James Blaine, convocou um velho amigo do partido republicano para um cargo público após a vitória nas urnas de Benjamin Harrison. Kerbey havia recebido um consulado na América do Sul, na cidade de *Pará*²⁶⁵, na foz do rio Amazonas. Era a sua missão investigar “a indústria da borracha para sua utilização nesta era da eletricidade, e em sua relação ao princípio da reciprocidade, o escritor sendo reconhecido como um telégrafo para a Associated Press e um prático elétrico, interessado no assunto.” Blaine reforçou, quando questionado, porque enviá-lo para um local do qual ele não sabia praticamente nada:

Esse é o problema com *todos* nós. Eu estou enviando você para lá para aprender algo sobre lá, já que você tem um bom nariz para notícias e seu treinamento como olheiro para jornais o qualifica para coletar e reportar inteligentemente sobre as possibilidades para negócios americanos” Então, sorridentemente tirando os seus óculos e rodando-os em sua mão, ele continuou, “E os fatos são, nós temos mais plugues que buracos para pô-los todos, mas eu disse que acharia um buraco para você.” E ele manteve sua palavra. Ele me pôs em um buraco muito quente.²⁶⁶

²⁶⁵ Belém era frequentemente chamada de “Pará” por vários autores estado-unidenses, incluindo o referido neste capítulo.

²⁶⁶ *Op. Cit.* KERBEY, 1911, p. 26.

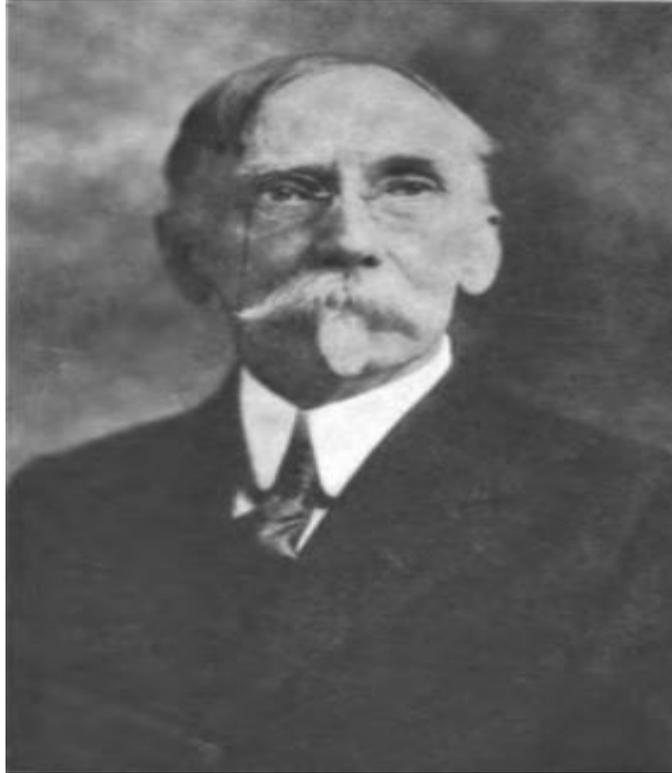
Como Kerbey refletiria anos depois, havia sido o seu papel como um homem da imprensa e sua carreira prévia que havia garantido a vaga, e não qualquer outra coisa. O curso que sua vida tomou após a nomeação para o consulado, como correspondente internacional, e o papel que assumiu na divulgação da Amazônia, que o escritor diria ter sido inicialmente uma sugestão de Blaine, então, seriam consistentes com o seu trabalho anterior à ida ao Brasil. O “Garoto Espião”, sua primeira alcunha na imprensa estado-unidense, estaria intimamente ligado à trajetória que se seguiu para seus manuscritos e artigos sobre o rio e a Amazônia.

Joseph Orton Kerbey nasceu em 1837 em Fort Loudon, no estado da Pensilvânia, próximo da linha de Mason e Dixon²⁶⁷. Neto de um oficial da marinha britânica, que havia lutado na Guerra de 1812, foi através dos registros deixados pelo avô que, segundo o mesmo, desde tenra idade desenvolveu seu “(...) espírito de aventura à minha disposição. Ele vem à mim naturalmente, e seguindo o meu ancestral, deixo esta desprezível narrativa, como um outro diário de um avô.”²⁶⁸ Foi através dos contatos deste avô que Kerbey deu seus primeiros passos na carreira como mensageiro e estudante de telegrafia no escritório do industrialista Thomas A. Scott, superintendente de ferrovias no estado. Quando o último assumiu o cargo de Secretário de Guerra do governo Lincoln, no conflito com os estados do Sul, a experiência do primeiro o fez ser convocado para ser um telegrafista a serviço do exército da União, infiltrado no estado Confederado para interceptar a sua comunicação telegráfica. Nascia, assim, o “menino espião”, frequentador da casa de senadores do Sul, coletando informações para o governo do então presidente eleito.²⁶⁹

²⁶⁷ A localidade é conhecida por ser o ponto de convergência do território de quatro estados estado-unidenses (Pensilvânia, Maryland, Delaware e Virgínia)

²⁶⁸ KERBEY, Joseph Orton. *The boy spy : a substantially true record of Secret Service during the War of the Rebellion. A correct account of events witnessed by a soldier attached to headquarters.* American Mutual Association, Chicago, 1889.

²⁶⁹ *Ibid*, 23.



*Figura 6: “Joseph Orton Kerbey” (c. 1837-1913);”, ilustração do periódico Bulletin of the Pan-American Union.
Fonte: Bulletin of the Pan-American Union, Vol. 38, 1913.*

A Guerra de Secessão mudaria a história de Kerbey. Como espião e telégrafo por trás das linhas inimigas, grande parte da participação na guerra do escritor se deu através das mensagens que interceptou e escreveu como correspondente de guerra para o exército da União. Seu principal feito neste trabalho, que eventualmente trouxe prestígio e reconhecimento na capital, foi sua coleta de informações que impediu a captura do Forte Pickens, na Flórida, pelo exército Confederado.²⁷⁰ O serviço de telégrafo continuaria a rendê-lo frutos durante a guerra, principalmente ao passo em que se envolveu em diversas aventuras do lado de ambas as forças, principalmente por sua atividade informativa, realizada de formas mais diversas como por bandeiras e tochas. Foi a partir de seu serviço no conflito – Incluindo a participação na batalha de Gettysburg – que o telégrafo se tornou um oficial do exército estado-unidense, por mensagem do presidente Lincoln. O título de Capitão-Major acompanharia Kerbey pelo resto de sua vida, apesar de renunciar à função militar logo após o fim do conflito.²⁷¹

O sucesso de suas façanhas durante a guerra o garantiram um trabalho como superintendente de telégrafo em Pittsburg, um dos centros das ferrovias na Pensilvânia. Foi através do serviço exemplar durante as revoltas das ferrovias em 1877 que se tornou repórter de telégrafo do

²⁷⁰Bedford Gazette (Bedford, Bedford, Pennsylvania, United States of America) · 9 Mar 1900, Fri · Page 1

²⁷¹ *Op. Cit.* PAN-AMERICAN BUREAU, 1913, p.69.

senado, tarefa que consistia em acompanhar as sessões do congresso e noticiá-las para os diferentes órgãos da imprensa com o mínimo de palavras possíveis. Washington se tornou sua casa e a sua ligação com o esforço de guerra da União naturalmente o aproximou da política do partido republicano – Este que sempre foi associado à sua família desde a fundação. O escritor se orgulhava de ter estado em todos os discursos dos Presidentes, desde o último de James Buchanan até o de inauguração de Benjamin Harrison.²⁷² Era portanto, seu papel como reporter telegráfico que o permitiu construir uma carreira na capital, próximo ao poder e à figuras proeminentes da política estado-unidense. Kerbey ainda viajou pelo país após a guerra, dada a sua vontade de viajar e espírito aventureiro, chegando a ir para a Califórnia, no início dos anos oitenta.²⁷³

Foram durante esses anos que Kerbey construiu a maior parte de sua carreira na capital do país, ao passo em que se associou com diferentes campos políticos e participou dos debates relacionados ao caminho do país recém-unificado. Ele conheceu o Senador Harrison quando de seus artigos quando de seus artigos sobre os debates do mesmo em Dakota, conhecia a maior parte dos senadores por nome e tinha proximidade com muitos dos ex-participantes do conflito, em especial com a espiã do lado confederado, Belle Boyd.²⁷⁴ James Blaine, quando o indicou para cônsul, já era conhecido como um colega de longa data, que o havia prometido um cargo em um futuro governo republicano. Até mesmo membros do partido Democrata o tinham como próximo, como o governador da Califórnia, que havia participado do mesmo regimento que o seu durante a guerra e se opunha duramente à política da reconstrução. O principal contato de sua vida, porém, era um amigo de infância da Pensilvânia que havia crescido com ele e se tornado um operador telegráfico no início da fase adulta, Andrew Carnegie. Um *self-made man*, Carnegie havia enriquecido com a indústria de aço, e seria um dos principais patronos das obras literárias do autor.

A vida no meio dos jornalistas telégrafos de Washington para Kerbey era uma realidade corrupta e vil, ao passo em que muitas vezes considerava que “o mediano 'conhecido correspondente' é de uma quantidade incerta, e geralmente falando, um mau grupo diabólico e não-confiável. Eu devo saber, pois fui um deles eu mesmo.”²⁷⁵ Para ele sempre haveria uma gangue jornalística na capital, e aquele novato que não se conformasse à forma de agir existentes, seria logo arrancado do posto. Muitas vezes, ambos os partidos davam propinas por matérias favoráveis, e o escritor chega mesma a dizer que conhecia jornalistas que as aceitavam de ambos os lados. “O

²⁷² KERBEY, Joseph Orton. *On the War Path: A Journey Over the Historic Grounds of the Late* Civil War. Donohue, Hennebery & co, Chicago, 1890.

²⁷³ *Op. Cit.* KERBEY, 1889.

²⁷⁴ *Op. Cit.* KERBEY, 1890.

²⁷⁵ *Op. Cit.* KERBEY, 1890.

preço daquele sujeito para uma mensagem para Boston é de um dólar por linha.”²⁷⁶ Mais do que isso, os correspondentes de Washington não conviviam em harmonia, dada a necessidade para o sucesso em seu negócio de notícias se dar através de vencer os outros na busca por matérias emocionantes ou itens exclusivos, que resultavam em uma competição e questionamentos sobre a veracidade dos fatos. O escritor estava ciente que para um jornalista de Washington, contatos e corrupção eram parte integrante do trabalho, e sem sombra de dúvidas sabia a importância de amigos poderosos. Afinal de contas, a partir da Guerra da Secessão e dos eventos subsequentes durante a Reconstrução e a Gilded Age, ocorreram mudanças consideráveis no país que afetaram diretamente o campo jornalístico, como o crescimento econômico desenfreado e o processo cada vez mais intenso de urbanização e industrialização o país.²⁷⁷

Os anos setenta foram um marco na transição do estilo jornalístico de uma imprensa voltada para o debate político para uma imprensa sensacionalista que cada vez mais entendia seu local dentro da esfera privada das figuras públicas e a ascensão das celebridades na imprensa. Antes dos escândalos de corrupção que marcaram os governos seguintes ao de Lincoln, a presença de figuras públicas no jornal não garantia os detalhes de suas vidas pessoais expostas, e muitas vezes os mesmos até evitavam adentrar nesse campo. No fim deste processo, argumenta Glenn Wallach, “(...) até os jornais mais ansiosos juntaram-se ao consenso que estabelecia a imprensa como o implacável promotor, defesa e juiz na corte da opinião pública. A imprensa “séria” havia definido suas noções de interesse público a arenas da vida que antes eram consideradas privadas. Não era uma simples rendição ao sensacionalismo: Era uma verdadeira reconstrução da realidade.”²⁷⁸ Washington era o epicentro da tensão entre a nova imprensa e as figuras políticas, e o escritor registrou isso ao relatar o caso de um senador do Oeste:

O representante de um jornal de Nova Iorque, sendo requisitado para corrigir uma afirmação em que confundiu o senador John Sherman com um agente imobiliário de mesmo nome que fazia parte do *boom* imobiliário de Washington recusou-se, porque, como disse, “Era uma pena estragar uma boa estória.” O mesmo repórter publicou uma matéria de cunho sensacionalista sobre a família de um senador do Oeste, mas logo efetuou uma correção, após receber uma ligação do senador, em que ele disse “Você pode publicar o que quiser sobre mim como um homem público, mas se você mencionar minha família de novo, eu o matarei da mesma forma que mataria um rato”, e ele falava a verdade.²⁷⁹

Apesar do papel crucial da imprensa em investigar os erros de funcionários do estado e expor escândalos, o *ethos* do jornalismo do período ainda era muito voltado para fortes posições

²⁷⁶Ibid, p. 35

²⁷⁷WALLACH, Glenn. "A Depraved Taste for Publicity:" The Press and Private Life in the Gilded Age". *American Studies* Vol. 39, No. 1, 1998, p. 32.

²⁷⁸ Ibid, p. 33.

²⁷⁹*Op. Cit.* KERBEY, 1890.

políticas e partidárias, refletidos em suas escritas. Grandes jornais eram associados com um dos partidos políticos ou com um movimento social específico. Os escândalos, então, eram geralmente expostos por jornalistas que se opunham às políticas de estado daquele político em particular. Não à toa, Kerbey criticava a máquina de noticiários que prejudicavam os seus aliados políticos, notadamente Blaine e seus associados do partido republicano.²⁸⁰ Apesar de altamente partidários, os jornais se tornaram importantes espaços para comunicar questões proeminentes para o público, e a corrupção provia matérias constantes para a imprensa, principalmente para questionar o governo e fazê-lo responder ao público.

Muitos anos trabalhando em Washington o haviam tornado uma figura conhecida e comum para a cidade. Era natural, então, que Kerbey eventualmente ambicionasse um cargo público, após tantos anos em conexão com alas do partido republicano.²⁸¹ A eleição de um democrata em meados dos anos oitenta adiou os seus planos, mas o jornalista logo se empregou como secretário pessoal de um lobbysta de Nova Iorque, que representava os interesses do setor financeiro do Banco Rothschild na cidade de Washington.²⁸² O trabalho investigativo de Kerbey com o seu chefe o levou a denunciar um esquema de dívidas públicas que este pretendia levar ao Congresso norte-americano. O certo é que Kerbey, dentre os anos de aguardo, permaneceu atuando em diversos campos.

Um destes campos era o da impressão de livros. Outra tendência, talvez tão popular quanto a anterior, se desenhava nas narrativas da Guerra Civil, um gênero que se popularizava cada vez mais ao passo em que o conflito ficava cada vez mais distante e uma nova narrativa sobre o evento se formava, sobre diferentes pontos de vista, na imprensa norte-americana. O espírito de reconciliação entre o Norte e o Sul tornavam-se parte de uma intensa campanha para decidir o caminho da memória da guerra, segundo a autora Alice Fahls.²⁸³ Após a eleição de Glover Cleveland para a cadeira presidencial, Kerbey passou a re-visitare e re-publicar alguns dos artigos que escreveu durante a guerra, sobre a alcunha de “Garoto Espião”. Segundo Kerbey, seu objetivo era “narrar os eventos da guerra do ponto de vista de um garoto espião e telégrafo para o exército da União, sendo portanto bem-informado de grande parte dos eventos.”²⁸⁴

Os artigos foram um sucesso na imprensa, consolidando seu título como “Garoto Espião”, alcunha que manteve durante boa parte de sua vida. As aventuras de uma guerra que estava tão presente na memória coletiva tomaram grande parte das páginas de jornais ansiosos

²⁸⁰ *Ibid*, p. 23

²⁸¹ *Op. Cit.* KERBEY, 1890.

²⁸² *Ibid*.

²⁸³ FAHLS, Alice. *The Memory of the Civil War in American Culture*. Harvard University Press, Boston, 2006.

²⁸⁴ *Op. Cit.* KERBEY, 1889, p.14

para postar romances aventurecos, assim como era a prática cada vez mais voltada da indústria da imprensa de produzir material que tivesse conteúdo acessível para a ascendente classe urbana.²⁸⁵ Kerbey recebeu inúmeros elogios por sua prosa de figuras importantes da política estado-unidense, como fez questão de pontuar. As críticas positivas e o sucesso de sua trama, porém, não foram unânimes. Alguns criticaram a veracidade de alguns de seus eventos, feito que Kerbey fez questão de frisar em um de seus livros subsequentes.²⁸⁶ Para o escritor, ele não tinha interesse em ser um escritor profissional ou viver de livros, mas se encontrou com tempo disponível para relembrar os (até então) feitos de sua vida.

Eu não escrevo livros para viver. Esta declaração será não menos gratificante para o público leitor do que para mim. Por alguns anos, eu fui um repórter de Washington, treinado para telegrafar fatos especiais para a imprensa com menos palavras possíveis. Recentemente me tornando um do grande exército daqueles que procuram cargos públicos, eu me permiti algum do tempo livre sempre permitido a esses senhores, para escrever, em forma de reminiscências pessoais, algumas das experiências e incidentes sobre minha observação.²⁸⁷

O certo é que Kerbey adquiriu ainda mais fama dada a sua parcela sobre a narrativa da Guerra da Secessão, tendo como principais lembretes sua reputação entre os veteranos, como pontuou o jornal *Pittsburgh Daily Post* em uma breve coluna, “Feitos no campo inimigo o deram o título de “Garoto Espião” e ele é muito conhecido por reputação por muitos veteranos de guerra.”²⁸⁸ A reputação de Kerbey entre os veteranos já era conhecida, mas o sucesso de seu livro o garantiu reconhecimento em uma escala maior, além dos limites de Washington. Além deste, o escritor ainda escreveria uma continuação, *Further Adventures of a Boy Spy in Dixieland*, lançado alguns anos depois, e um outro chamado *On the War Path*, cujo objetivo era fazer um livro de viagem que funcionasse como um guia pelos pontos importantes da Guerra da Secessão.²⁸⁹

Portanto, em meados de 1889, quando Benjamin Harrison foi eleito presidente dos Estados Unidos e James G. Blaine seu Secretário de Estado, Kerbey já estava consolidado como repórter, telégrafista e escritor. Suas conexões políticas e seu espírito aventureiro estavam em evidência, dado o seu último material produzido, e seu talento para a escrita parecia necessário para embarcar no desafio que seria proposto por Blaine. Mais importante, o repórter *queria* uma vaga pública, algo que pudesse englobá-lo na máquina do estado norte-americano. As estrelas estavam alinhadas para que ele assumisse *alguma* vaga pública, e ficaria a cabo de Blaine pensar em *qual*.

²⁸⁵ *Op. Cit.* KERBEY, 1889.

²⁸⁶ *Op. Cit.* KERBEY, 1890.

²⁸⁷ *Ibid*, p. 15

²⁸⁸ *Pittsburgh Daily Post* (Pittsburgh, Allegheny, Pennsylvania) · 15 Aug 1909, Sun · Page 6

²⁸⁹ *Op. Cit.* KERBEY, 1890.

A carreira consular tinha uma conotação marcadamente política entre o período entre a Guerra da Secessão e a Guerra Hispano-Americana. Enquanto oficialmente a função de cônsul era receber protestos ou declarações envolvendo a navegação estado-unidense, cuidar dos interesses dos cidadãos no estrangeiro ou coletar certas taxas e assumir inventários desses últimos, a função havia se tornado um verdadeiro posto de empregos para qual partido assumisse o poder. Enquanto a fascinação de uma vida no exterior atraísse muitos homens, também havia se tornado um posto de recompensa para os partidários daquele que estivesse no poder. Segundo o historiador Charles Stuart Kennedy, vagas consulares haviam se tornado ainda mais patrocinadas após o Pendleton Act de 1883, que estabeleceu o princípio de seleção examinatória para cargos no serviço civil, deixando de fora da medida as atividades diplomáticas e consulares. Uma prática comum era a nomeação de partidários ao assumir a presidência, algo que Cleveland fez na sua ascensão, tirando vários cônsules em atividade e nomeando democratas para o seu lugar. Harrison, através de seu secretário de estado Blaine, faria o mesmo.²⁹⁰

Era visível que a pauta de política externa era bem próxima ao coração de Blaine, como descrito no capítulo anterior. O secretário de estado já havia organizado a Primeira Conferência das Américas em Washington, em que pautas sobre o comércio com outros países do hemisfério foram o o tema principal, a reciprocidade sendo o maior lema da reunião.²⁹¹ A crescente industrialização e a demanda por matérias-primas da América do Sul, então, tornavam a ligação e o conhecimento sobre esses países essencial. A borracha, matéria-prima de um novo ramo industrial, ainda residia em grande parte um mistério para os Estados Unidos, principalmente na imprensa norte-americana, em que o assunto não havia sido tão abordado. Apesar de ter feito parte das discussões no saguão da Conferência, pouco se sabia sobre o mesmo ou até mesmo sobre como lidar com os delegados dos outros países. Os Ianques haviam nomeado a maior parte de seus delegados dentre comerciantes e industriais, inexperientes para lidar com relações diplomáticas entre os países.²⁹² Para William Grace, antigo prefeito de Nova Iorque e antigo residente do continente sul-americano, investidor da borracha amazônica, a reunião havia sido um verdadeiro desastre (Embora seu partidarismo democrata compusesse com a sua visão).²⁹³

O cargo como cônsul no Pará, então, seria a maneira perfeita de por num cargo diplomático e representativo um jornalista experiente que pudesse reportar sobre uma região que, apesar de crucial para os negócios de empresários e industriais estado-unidenses, ainda parecia

²⁹⁰GOEY, Ferry de. *Consuls and the institution of global capitalism, 1783-1914*. Pickering & Chatto Limited, New York, 2014.

²⁹¹*Op. Cit.* PLETCHER, 1998, p.242

²⁹²Ibid.

²⁹³ Pittsburgh Daily Post (Pittsburgh, Allegheny, Pennsylvania) · 4 Apr 1890, Thu · Page 3

elusiva para os mesmos. Irônicamente, foi no *Memorial Day*, o dia de homenagem para os estadunidenses mortos em combate criado por causa da Guerra de Secessão, que Kerbey recebeu a notícia de que seu pleito havia sido atendido e o Presidente havia mandado sua confirmação para o Senado.

Enquanto tomava meu café na minha pensão em Washington, na manhã do Memorial Day, 30 de Maio, uma senhora sentou próxima a mim na mesa, lendo em voz alta de seu jornal o anúncio de que o Presidente havia, no dia anterior, mandado meu nome para o Senado para confirmação como cônsul no Pará. (...) Eu havia sido um de mais ou menos cem ansiosos por um consulado, que havia sido bem-sucedido em assegurar uma das muito disputadas meia dúzia de vagas.²⁹⁴

Apesar das tentativas de parte dos lobbystas jornalistas de tentarem se opor à nomeação do escritor, ele assim mesmo foi confirmado pelo Senado. Inicialmente, apesar da notícia positiva sobre a nomeação, ele não sabia nada sobre o seu posto ou sequer sobre o seu antecessor. As informações que obteve quase o fizeram desistir, mas, segundo o mesmo “eu finalmente decidi que iria dar uma olhada no país da reciprocidade.”²⁹⁵ Kerbey assumiria o cargo que anteriormente pertencia a um associado do partido democrata e funcionário pessoal dos interesses do industrial William Grace, Robert T. Clayton, dono de uma das principais casas comerciais do Pará. Clayton havia assumido o consulado em 1884 após a eleição de Cleveland, e fazia parte da rede de exportação do truste da borracha. Um jornalista de Washington estava longe dos interesses econômicos dos envolvidos nas atividades do Truste, como o escritor descobriria mais tarde.²⁹⁶

Após muitos anos nos meandros da política de Washington e à serviço da imprensa e da telegrafia, o escritor ganhou sua incumbência de revelar as possibilidades comerciais da borracha e sua utilização em relação à eletricidade. Mais do que uma missão de reportagem, Kerbey descobriu que seus anos como espião seriam tão necessários quanto os seus outros talentos. Como um último sinal de sua reputação, Kerbey fez questão de frisar que, assim como havia feito antes, manteria correspondência com várias jornais, e assim o fez, mesmo a contragosto do truste da borracha, que não desejava que os segredos de seus negócios fossem expostos ao público consumidor de jornais.²⁹⁷

Em setembro de 1890, Kerbey se dirigiu para o seu novo posto, o consulado estadunidense na cidade de Pará, foz do Amazonas. “Eu era um oficial da mais velha e influente república do hemisfério norte, para a mais jovem das repúblicas sul-americanas.” Após a viagem de navio, o escritor avistou pela primeira vez sua nova cidade, do convés da embarcação, e não pôde esconder que “(...) com as tempestades de chuva que são comuns no início da tarde naquela

²⁹⁴*Op. Cit.* KERBEY, 1911.

²⁹⁵*Ibid.*

²⁹⁶*Op. Cit.* KERBEY, 1911.

²⁹⁷*Ibid.*

latitude, cria um verdadeiro sentimento de depressão igual ao que um prisioneiro político provavelmente sentiria ao ser exilado para alguma cidade moura.”²⁹⁸

Depois de anos longe do serviço público, essa foi a sua forma de retornar ao serviço do estado. E foi assim que o “Garoto Espião” se tornou o “Cônsul Americano”.

2.2. O Cônsul Americano nos Trópicos

As peculiaridades dos trópicos, assim como as estórias sobre o seu posto e o consulado, assumiram logo as rédeas da narrativa da vida de Kerbey. Ainda na embarcação, a poucos dias de desembarcar no posto, ele ouviu tantas narrativa lúgubres sobre o Pará que considerou aceitar a sugestão dos colegas de navio e prosseguir para o Rio de Janeiro. Mesmo assim, Kerbey desceu no Pará e assumiu o cargo de seu popular e querido antecessor, Robert T. Clayton. Clayton havia assumido o cargo durante quatro ou cinco anos, durante a administração democrata, por intermédio do então prefeito de Nova Iorque, William Grace, que era o maior exportador estado-unidense de borracha daquele porto.²⁹⁹ O vice-cônsul predecessor era Robert Sears, agente comercial direto do industrial nova-iorquino, o que deixava ainda mais claro os interesses daqueles que, antes do jornalista, controlavam o consulado estado-unidense na cidade.

Kerbey dedicou os últimos vinte e três anos de sua vida na missão dada por Blaine, construindo uma rede de conexões através do Vale Amazônico e além, assumindo inúmeros postos relacionados à região, reportando sobre possíveis investimentos comerciais e tarefas consulares e assumindo funções e cargos que pudessem guiá-lo para o local. Ele realizou um total de cinco viagens para a região do Amazonas, de 1890 até 1911, além de ter se imbricado em questões no Peru, Bolívia, México, Cuba e Filipinas na tarefa de estudar as possibilidades da borracha e de seu plantio em outras regiões. Suas aventuras renderam três livros, inúmeros artigos e o título de “Consul Americano”, aquele pelo qual se tornaria popular. Irônico, considerando que o escritor jamais quis servir como cônsul no Pará ou mesmo residir por lá, e no entanto, foi a oportunidade que o abriu as portas de uma nova empreitada profissional.

(...) Eu havia desperdiçado quatro dos melhores anos da minha vida em uma guerra, e a única recompensa que eu recebi foi ser enviado para acabar os meus dias em serviço do meu país no Hades ou purgatório do qual ele estava sendo felizmente libertado. (...) Eu me apressei para garantir ao meu predecessor que eu não iria ficar no Pará, e me voluntarei para recomendar sua reintegração, como os seus amigos desejavam.³⁰⁰

²⁹⁸ *Op. Cit.* KERBEY, 1911, p.62.

²⁹⁹ *Op. Cit.* CLAYTON, 1985, p. 215.

³⁰⁰ *Op. Cit.* KERBEY, 1911, p. 66.

O escritor inicialmente enfrentaria muitas dificuldades como o cônsul da cidade. Seu antecessor era muito popular entre os membros locais da minúscula comunidade estrangeira, concentrada nos interesses da borracha. Ele mal falava alguma palavra do português – Apesar de esta ser a norma para os cônsules que assumiram vagas de seu país – e as suas impressões iniciais sobre a cidade e sua população eram desagradáveis, o que fez questão de registrar para a imprensa a qual escreveu, ainda no período inicial de seu mandato.³⁰¹ O único que podia servir de tradutor – Um missionário da comunidade protestante – era conhecido por criticar a moral e os costumes daqueles que serviam no consulado, como descobriu com o tempo.

Mas a vida do outro lado do hemisfério tinha suas vantagens. A escrita de viagem – ou de aventura – era um gênero cada vez mais popular na imprensa norte-americana, assim como em outras partes do mundo. Segundo a escritora Katrina J. Quinn, o artigo de viagem era uma das maiores fontes de entretenimento no jornalismo da Gilded Age, trazendo a visão do outro diretamente conectada com os anseios da classe consumidora de jornais.³⁰² Viagens para destinos exóticos e incomuns passaram a fazer parte das colunas dos mais diversos jornais no cenário nacional, como vários escritores e correspondentes descobriram. Nellie Bly, uma conhecida jornalista contemporânea, havia retornado de uma viagem seis meses no México como correspondente internacional, e depois havia se aventurado em outra ao redor do mundo, no mesmo ano da inauguração do governo Harrison.³⁰³

No final do século dezenove, os ianques já tinham viajado até as áreas mais remotas do sub-continente Sul-Americano, apesar da maior parte dos escritos de viagem serem britânicos. Fosse por motivos comerciais ou políticos, a narrativa estado-unidense de viagem do continente seguia atrás da britânica, e isso se refletia na influência de seu país na cidade. O jornalista estava ciente disso, e desde o início fez questão de frisar seu papel como correspondente internacional. Já na primeira quinzena do mês de chegada, antes de assumir o cargo, dedicou-se a registrar todo e qualquer passo que desse na cidade e todo hábito, clima e costume que notasse.³⁰⁴ Kerbey fazia questão de diferenciar sua prosa da de outros que haviam visitado a Amazônia, as quais existiam vários livros nas bibliotecas de Washington. Na introdução de seu livro 'A Terra do Amanhã', ele falava sobre outros turistas literários, que “a maioria manteve suas observações confinadas sobre o deque de seus vapores que navegam sobre a costa, visitando as várias cidades.”³⁰⁵

³⁰¹Ibid, p. 47.

³⁰²QUINN, Katrina. *The Rocky Mountains, Yosemite and Other Natural Wonders: Western Landscape in Travel Correspondence of the Post Civil-War Press. After the War: The Press in a Changing America, 1865-1900.* Routledge, New York, 2017, p.127-161.

³⁰³ Ibid, p.135.

³⁰⁴*Op. Cit.* KERBEY, 1911.

³⁰⁵*Op. Cit.* KERBEY, 1906.

Na cidade de Belém, a imprensa noticiou sua chegada, de acordo com a recepção geralmente estendida para membros do corpo consular de outros países, e dada as suas publicações, contribuições para a guerra da secessão e a proximidade com Lincoln e o exército da União. O aspecto mais levantado, porém, foi o mesmo que o próprio escritor destacava, isto é, sua tarefa como jornalista e correspondente de uma Associação de Jornais estado-unidenses, em Washington, Nova Iorque, Pittsburgh, Chicago e outros, como apontado pelo periódico '*A República*':

O Major Kerbey ainda continua no seu caracter de jornalista que combina com o de cônsul. Foi escolhido pelo Secretario de Estado, o Sr. Blaine, como pessoa eminentemente idonea para colher as informações a respeito do Brasil que actualmente são tão necessárias para o bom êxito da tentativa internacional que actualmente se está fazendo para estreitar as relações de amizade e do commercio entre a republica norte-americana e dos os Estados da América do Sul.³⁰⁶

O jornal continuou, lançando uma segunda matéria sobre as intenções de Kerbey na capital paraense, como o incentivo à reciprocidade e a pauta da política externa estado-unidense para a América Latina, sem diminuir o papel como correspondente, artigos dos quais eventualmente escreveria um livro, como dito pelo próprio cônsul. Ele também cita a viagem que Kerbey pretendia fazer rio adentro, até à nascente, cujo propósito só pôde ser efetuado após deixar o cargo:

(...) além de desempenhar os deveres ligeiros do seu cargo official, tambem dedica-se a sua profissão de jornalista, e pretende empregar grande parte das suas muitas horas vagas a um estudo minucioso dos interesses comerciais, assim como das maneiras e costumes do povo do valle do Amazonas, que elle pretende percorrer no proximo mez, como representante de uma associação de jornaes americano, e talvez um livro sobre o mesmo assunto.³⁰⁷

Em contraposição, a função do consulado permitia para o mesmo certos convites e honrarias não estendidas para cidadãos comuns da época. Como a autoridade que representava o Estados Unidos na cidade, o jornalista ganhou acesso imediato para os círculos das elites locais no estado. Isto não quer dizer, óbvio, que ele *escolheu* estar de um lado ou outro, mas certamente, a posição de prestígio o alçou imediatamente para a fila de membros honoríficos da estrutura política da recém-estabelecida república brasileira. Assim como em Washington, o então cônsul teria que exercitar seus músculos políticos. Errado, porém, supor que os grupos de elite da cidade eram homogêneos, como ele logo descobriria.

A *opinião* de Kerbey sobre os “paranenses”, como descrevia os moradores da cidade em que estava alocado, era justamente em contraposição aos estado-unidenses já conhecidos pelo cônsul, afirmando que não existia aristocracia na cidade além de uma voltada para o político-

³⁰⁶A República, 10 de Setembro de 1890.

³⁰⁷A República, 28 de Setembro de 1890.

econômico. Haviam alguns barões, títulos nobiliárquicos remanescentes do Império, do qual o maior era o Barão do Marajó. Um homem “alto, tão alto quanto Abraham Lincoln. (...) O coração é também grande, com correspondentes idéias liberais e avançadas.”³⁰⁸ Sua tarefa, afinal de contas, era fazer acordos econômicos que favorecessem o país e investigar a possibilidade de reciprocidade no país, e estes só podiam ser efetuados através da intermediação com membros da elite local. Esse também era o passaporte dele para acessar os eventos sociais da cidade, que o permitiram observar e descrever tudo que encontrasse para reportar para a imprensa.

Em somatória com os árduos deveres impostos sobre um cônsul tentando ir em cinco bailes em três noites, para poder ver e experimentar tudo, eu também estava tentando familiarizar o meu governo, através de volumosos relatórios de tais questões enquanto eu as observava e experimentava socialmente, que eu pensei que pudessem ser de utilização pública ou úteis na promoção da reciprocidade. (...) Nós precisamos de reciprocidade social, Mr. Blaine praticamente ilustrou pelo dar e receber das relações de casamento.³⁰⁹

Era através destes eventos que o escritor se familiarizou com a maior parte da elite da cidade, formando laços de amizade e atrito. Kerbey tinha um interesse considerável por figuras da elite política local, principalmente aqueles que partilhavam da língua inglesa, o que favorecia a proximidade e o contato. Os membros da família Chermont logo se aproximaram do cônsul, dada suas conexões com o seu país de origem. Justo Leite Chermont, então governador do estado, havia sido adido diplomático do Brasil em Washington dez anos antes, e havia sido influenciado pelas idéias democráticas e repúblicas dos Estados Unidos da América, trazendo-as para o seu pensamento republicano.³¹⁰ O irmão mais novo do governador, porém, se tornaria o amigo mais próximo do jornalista nos trópicos.

Apresentado pelo vice-governador, Dr. Paes de Carvalho, Theodosio Chermont foi posicionado ao lado de Kerbey na maior parte dos eventos públicos dada sua familiaridade com a língua inglesa. Ele havia residido na América durante três anos, como um estudante de Odontologia em Cornell, uma prestigiosa universidade Estado-unidense³¹¹ Para Kerbey, “Ele e eu nos tornamos instantaneamente bons amigos, já que ele é um bom amigo da América e de suas instituições, e à sua bondade eu estou em dívida por muitos horas agradáveis.”³¹² Algum tempo depois, o jornalista chegou mesmo a nomeá-lo vice-cônsul estado-unidense, dada sua lealdade à república norte-americana e sua formação em Cornell, tendo “como profissão advogado, na sua cidade nativa, Pará, e sua família e conexões sociais são as melhores”. Os outros cônsules, como

³⁰⁸*Op. Cit.* KERBEY, 1911.

³⁰⁹*Op. Cit.* KERBEY, 1911, p.78.

³¹⁰A Província do Pará, 25 de novembro de 1889.

³¹¹*Op. Cit.* KERBEY, 1911.

³¹²The Shippensburg News (Shippensburg, Pennsylvania) · Fri, Dec 19, 1890 · Page 1

o britânico e o alemão, pela proximidade linguística, se aproximaram do mesmo, ao passo em que por representarem seus respectivos países também assumiam papéis de destaque na sociedade paraense.

Figuras de destaque provenientes de outros países eram comuns durante o período na cidade, e o cônsul não era exceção. Muitas das políticas públicas desenvolvidas no período inclusive procuravam incentivar a migração de cidadãos europeus e estado-unidenses para a região, assim como havia sido feito décadas anteriores com Lansford Hastings, que havia tentado colonizar a região de Santarém, no Baixo Amazonas.³¹³ Os cônsules que o sucederam também participaram da mesma rede de relações, embora Kerbey desenvolveu um projeto próprio para a região, como perceberemos. O certo é que sua participação na política local não era de total incomum, mas sua posição como jornalista e correspondente geraram certa diferenciação no exercício do cargo, como mais tarde perceberia.

É seguro de dizer que os cônsules americanos com todas as suas limitações, recebem maior consideração em localidades estrangeiras do que em casa. Isso é especialmente verdade dos consulados latino-americanos, em que as pessoas como regra entretêm uma preferência visível para aqueles que carregam “comissões” de seus governos. (...) É certo dizer que agora o cônsul dos Estados Unidos é conhecido como um cônsul exclusivo, que não está engajado em nenhum outro tipo de negócio.³¹⁴

Não era, então, a tarefa do consulado que o havia causado maior dificuldade no Pará, mas sim os desdobramentos da carreira jornalística. Ele já havia percebido – dada a repercussão de algumas de suas colunas – a importância para a sociedade local das informações que reportava para a imprensa norte-americana. Quando escreveu uma coluna sobre “A Festa no Rio com os 400 bem-nascidos”³¹⁵, ele havia notado a repercussão na elite paraense. Se até então as suas colunas não haviam atraído muito interesse nos círculos sociais, aquela havia causado um verdadeiro burburinho dentre os membros que participaram do evento. O Barão de Gondoriz, um dos participantes e conhecido como o “rei da borracha” na América e na Europa, fez questão de explicá-lo que ele havia feito o erro de imprimir o nome de algumas senhoritas e senhores e não de outros, e aqueles que não o tiveram se sentiram desprezados.³¹⁶ A mesma matéria foi reproduzida em português no Pará e na capital, fazendo sua visão ser disseminada no país.

³¹³ *Op. Cit.* GUILHON, 1987.

³¹⁴ *Op. Cit.* KERBEY, 1911, p.69.

³¹⁵ *Op. Cit.* KERBEY, 1911, p.85.

³¹⁶ *Op. Cit.* KERBEY, 1911, p. 93.



The Baron's daughter being presented by Colonel Theodosio Chermont to O Consul, who is a little weak-kneed at meeting his affinity.

Figura 7: A filha do Barão do Marajó sendo apresentada pelo Coronel Theodosio Chermont para O Cônsul, que ficou fraco dos joelhos ao conhecê-la.

Fonte: KERBEY, Joseph Orton. **An American Consul in the Amazon.** W. E. Rudge, New York City, 1911, p. 79.

A repercussão não foi positiva, tendo na realidade o efeito contrário. Para a imprensa local, principalmente o jornal 'A Província do Pará', este artigo foi duramente criticado. Como indicado pelo historiador William Gaia Farias, A Província do Pará era um periódico do tempo do Império, que até então não tinha uma orientação abertamente político-partidária.³¹⁷ Não obstante, o redator e também proprietário do jornal, Antônio Lemos, começou a desenvolver sérias críticas ao conteúdo escrito por Kerbey na imprensa estado-unidense, declarando-o errôneo sobre a realidade do Pará e dos paraenses e publicizando-o para aqueles que não haviam tido acesso às versões originais no estrangeiro. Ele não era o único, mas certamente era o que tinha o maior destaque.

Os artigos de Kerbey continuaram a contribuir na deterioração das suas relações com os órgãos de imprensa locais. Suas colocações sobre a sociedade paraense e sobre o clima e os hábitos da cidade afetavam diretamente a imagética do discurso oficial da cidade, ao passo em que seguia criticando os elementos da cidade. A relação tinha contornos ora dóceis, como quando seu amigo Theodosio pediu para corrigi-lo sobre o artigo em que falava sobre o clima, argumentando que “Nova Iorque é mais próximo e quente durante o verão que o Pará, que é um local saudável, considerando a taxa de morte e a população. Não atrole o Pará, tem um bom tanto!”³¹⁸

Nem todos seriam tão amigáveis, entretanto. A Província intensificava as críticas ao cônsul a cada uma de suas matérias publicadas, e mesmo aquelas que ele pensava que seriam bem recebidas falhavam em seu intuito. Até mesmo no artigo que considerou ter elogiado a filha do Barão teve uma conotação ofensiva, ao passo em que ela considerou que ele “criticou o seu inglês e disse que ela falava em um inglês falho.”³¹⁹ O insucesso para agradar a maior parte da imprensa transmitiu-se ao governo paraense, quando o mesmo liberou dois artigos controversos sobre as reais condições de Febre Amarela e Lepra no Pará. Segundo Kerbey, a intenção era causar controvérsia, o que certamente o fez, ao intensificar seu conflito com os periódicos e membros da elite local.³²⁰

O efeito rebote veio imediatamente, ao passo em que A Província pesquisou matérias e escritos sobre o autor na imprensa estado-unidense, na intenção de ferir sua imagem pública perante a sociedade paraense. Para este efeito, a carta que o jornalista escreveu para o seu antecessor, publicizada na imprensa democrata estado-unidense no ano anterior, foi republicada

³¹⁷FARIAS, William Gaia. A Construção da República no Pará (1886 – 1897). Dissertação de Doutorado, UFF, 2005.

³¹⁸*Op. Cit.* KERBEY, 1911, p. 91.

³¹⁹The Shippensburg News (Shippensburg, Pennsylvania) · 20 Feb 1891, Fri · Page 1

³²⁰*Op. Cit.* KERBEY, 1911.

em português nas páginas da Província. Na mesma, o cônsul descrevia seus interesses de não levar sua família para não ter que se manter confinado à cidade de Pará, a qual não achava válido, e sobre os custos de vida para “um velho cão de guerra que têm gostos caros e adora mulheres.”³²¹ Através da publicação, o jornalista foi imediatamente atacado como um inimigo da cidade e um promíscuo, acusações às quais se defendeu no Diário de Notícias, que também circulava na cidade. Segundo ele, a exposição da carta era só mais uma tentativa do editor da Província de difamá-lo, na intenção de trazer seu antigo amigo democrata de volta para o cargo.

A redacção do jornal “A Província do Pará” confessa ao seu número de hoje que “folheou os jornaes estrangeiros” em procura de notícias que interessassem á minha individualidade. Um jornal da opposição do governo actual dos Estados Unidos da América publica agora uma carta particular que escrevi em junho, 17, 1890. É quase um monumento archeologico, se é que não, fruto de alguma excavação pliocena. (...) Os meus escriptos são requisitados pela imprensa que me conhece e abrange uma circulação de mais de um milhão de leitores. Esse e os livros que tenho publicado garantem-me um meio de subsistência que felizmente abriga-me do vexame de recorrer à caridade pública, como acontecesse ao meu antecessor quando teve de retirar-se d'aqui, (...) eu garanto “A Província do Pará” de fazer applicar ao seu protegido o código penal, dentro de muito curto prazo. Peço dispensa á “Província” de voltar novamente á imprensa, salvo se me franquear (...) porque não desejo carregar com dispendio quem não me convém.³²²

Em Washington, a situação do escritor não estava muito mais favorável. Os investidores, cujo capital privado dependia de boas palavras sobre o investimento no exterior, não haviam se agradado com os artigos de Kerbey em que considerava um “delírio febril” o investimento em ferrovias na Amazônia.³²³ Por outro lado, suas publicações irritavam os membros do governo brasileiro-paraense, que pretendiam propagandear sua região na imprensa internacional, e portanto desgostavam dos artigos em que o autor criticava elementos da saúde pública e das condições culturais e econômicas da região. Enfim, o governo norte-americano decidiu removê-lo da função, como, segundo Kerbey, ele já havia pedido desde o início de sua atividade consular.³²⁴ Ele também foi proibido de continuar a enviar correspondências para a imprensa enquanto ainda estivesse em serviço, ou seja, até a chegada de seu substituto. Esses fatos foram lamentados na imprensa republicana de seu estado natal, onde eram publicados em maioria os seus artigos.

Os muitos leitores do The News irão se arrepender ao saber que o Major J. O. Kerbey, cônsul no Pará, Brazil, foi retirado do serviço, e sendo o caso não mais as suas interessantes cartas serão publicadas, a menos que ele decida ficar naquele país para escrever notas para um livro que pretende publicar. A posição de Major Kerbey como cônsul não o permitia exercer a liberdade de um correspondente internacional, e suas impressões da cultura brasileira dadas em sua correspondência atraíu a ira de alguns membros do governo, e eles pediram sua retirada. Major Kerbey é um escritor

³²¹Delaware Gazette and State Journal (Wilmington, Delaware) · 23 Oct 1890, Thu · Page 1 ; A Província do Pará, 18 de Abril de 1891.

³²²Diário de Notícias, 19 de Abril de 1891.

³²³*Op. Cit.* KERBEY, 1911.

³²⁴The Shippensburg News (Shippensburg, Pennsylvania) · 10 Apr 1891, Fri · Page 3

corajoso assim como um exímio observador e ele diz o que vê em língua clara, sem medo ou benevolência.³²⁵

Os periódicos democratas re-afirmaram o papel da ineptitude diplomática de Kerbey no que constasse à sua demissão, principalmente o fato de não ter se rendido para o agrado da sociedade local do Pará. Suas inimizades, construídas após anos trabalhando como consultor na capital e que já haviam tentado impedi-lo de tomar posse, agora ironizavam o fato do mesmo ter sido tirado do cargo governamental. Para *The Sunday Herald*, um proeminente jornal democrata de Washington, as qualificações do mesmo para o cargo já eram duvidosas, e seu serviço, desastroso.

Desde que chegou ao Pará, Mr. Kerbey esteve cartas jornalísticas para periódicos americanos, que mostram claramente que seu conhecimento das regras de composição da língua inglesa é muito fraco e que ele é inteiramente despreocupado com o cuidado ao efeito que sua severa crítica aos homens públicos brasileiros e desdenhosos comentários ao caráter e costumes brasileiros poderiam ter em sua posição dentre as pessoas as quais está morando temporariamente. (...) Como regra real, não pode existir objeção à cónsules americanos pretendendo aumentar seus minúsculos salários ao escrever cartas jornalísticas, desde que possam escrever em inglês tolerável; mas eles tem que ter mais senso para não insultar as pessoas dentre as quais vivem como representantes deste governo.³²⁶

De qualquer forma, a carreira de cónsul não havia sido adaptada para Kerbey. Seu insucesso, porém, só o deixou mais determinado para fazer sua viagem através do rio Amazonas, como planejava desde o início de seu emprego. Já em novembro do mesmo ano, com a saúde ainda debilitada, o jornalista anunciava seu retorno “logo” para a América do Sul, em uma missão de negócios. A jornada estava delimitada – canoagem nos afluentes do alto Amazonas e cavalgar sobre uma mula nos Andes, sobre os interesses de pesquisa para um novo território para a borracha, após ter percebido o inevitável esgotamento das fontes naturais no baixo Amazonas.³²⁷ Essa não era uma novidade: Segundo a historiadora Bárbara Weinstein, desde a década de 1880 membros da elite política paraense já temiam que a expansão contínua para Oeste da fronteira econômica extrativa os tirasse dos negócios da borracha, que decrescia nas antigas áreas de seringueiras. De fato, até o início da década seguinte, a maior parte da produção viria do Acre e das afluentes do Amazonas, apesar de participação menor de áreas no Tapajós e no Xingu terem ajudado a segurar a participação do estado no mercado da produção da borracha.³²⁸

Tampouco Kerbey era o primeiro estado-unidense a cruzar o Amazonas em busca de vantagens comerciais para os Estados Unidos. Quarenta anos antes, sob a mentoria de Matthew

³²⁵The Shippensburg News (Shippensburg, Pennsylvania) · 6 Mar 1891, Fri · Page 3

³²⁶The Sunday Herald (Washington, District of Columbia) · 2 Aug 1891, Sun · Page 4

³²⁷Pittsburgh Dispatch (Pittsburgh, Pennsylvania) · 1 Nov 1891, Sun · Page 12

³²⁸*Op. Cit.* WEINSTEIN, 1993.

Fontaine Maury, Herndon e Gibbons haviam feito o caminho oposto do proposto pelo Major, partindo de Lima, Peru, em direção à Pará, fazendo o trecho em uma missão de reconhecimento para o seu país e tendo em mente uma resolução para a questão da escravidão, elemento crucial em sua viagem.³²⁹ Tirando essa e a expedição pela construção da Madeira-Marmaré, entretanto, o jornalista considerava que os estado-unidenses sabiam ou fizeram pouco sobre a região, e pretendia, através de seu olhar jornalístico, reportar o que encontrasse pelo caminho para assim incentivar os negócios dos Ianques na região.³³⁰

O correspondente partiu de Nova Iorque em direção à América do Sul no final de fevereiro de 1892, com planos para alcançar Pará até a metade de Março. Com a promessa de informar vários jornais sobre a sua jornada, através dos tradicionais artigos que enviara durante seu serviço como cônsul, ele ia sobre outra capacidade. Se por suas próprias palavras ele havia retornado por “informação e aventura”³³¹, esses motivos não estavam de todo corretos. Ele havia aceito a oferta do periódico *The New York Herald* para reportar sobre tudo o que encontrasse no caminho, assim como também para uma porção de jornais da Pensilvânia e de Washington, sob os auspícios do serviço como correspondente internacional. Também, sob outra esfera, serviria como agente comercial para qualquer manufatura da Pensilvânia de implementos para agricultura e enlatados, tendo sua viagem para a América do Sul a intenção de introduzir as mercadorias no mercado brasileiro.³³²

Kerbey viajou por onze meses, do Atlântico ao Pacífico, entre o período de Março de 1892 a Fevereiro de 1893. Na sua subida através do Amazonas, Kerbey quase não teve informações do mundo exterior, apenas enviando através do indígenas suas cartas para os periódicos aos quais era contratado, que as publicavam enquanto o jornalista cruzava o continente sul-americano. Ele também manteve alguma correspondência com o governo estado-unidense, através de cartas enviadas sobre os locais aos quais visitou ao senador de seu estado natal, Boise Penrose. Esta era uma maneira de se manter presente, mesmo que dispensado do governo atual, próximo ao partido republicano e aos políticos de seu estado. O Major ambicionava, caso Blaine viesse a ser candidato do partido à presidência, uma possível embaixada, em reconhecimento por seu serviço e experiência, em uma das repúblicas da América do Sul, no Peru ou no Equador.

³²⁹ *Op. Cit.* MAURY, 1853.

³³⁰ *Op. Cit.* KERBEY, 1911.

³³¹ *Op. Cit.* KERBEY, 1906.

³³² The Shippensburg News (Shippensburg, Cumberland, Pennsylvania, United States of America) · 19 Feb 1892, Fri · Page 3

No tempo de começar minha primeira viagem era esperado que Blaine fosse se tornasse o candidato do partido para a Presidência, de forma em que eu concluí que meus serviços e experiência me intitulariam uma indicação para Ministro Plenipotenciário e Embaixador Extraordinário em uma das repúblicas Sul-Americanas localizadas do outro lado do continente. (...) Eu fiz alguma “equitação difícil” sobre os Andes, às vezes numa altitude de “três milhas acima da terra em uma mula,” guiado pela expectativa de um “reconhecimento”(...) ³³³

E de fato, Kerbey viveu sua experiência. Ascendendo o Amazonas até a sua nascente, como disse, “além da civilização”, no Peru, 3,000 milhas do Pará; De lá, explorando inúmeras afluentes em canoas com apenas remadores indígenas como companheiros, chegando aos pés das Cordilheiras dos Andes, chegando tão profundamente no interior e de forma tão longínqua do ponto inicial que decidiu prosseguir e continuar a procura por borracha e outros produtos nas altitudes da cordilheira enquanto cruzava o continente para alcançar o Pacífico. ³³⁴ Sua viagem através da América do Sul rendeu vários artigos para os veículos de imprensa aos quais estava associado, enquanto narrava eventos que ocorreram durante seu percurso, como desventuras com indígenas, paixões por senhoritas peruanas e conflitos com homens poderosos no interior do Brasil e do Peru.

O jornalista completou sua jornada de cruzar o continente em meados de dezembro, apesar de ainda estar sem comunicação. *The Pittsburg Dispatch*, o periódico que laudava os feitos de Kerbey, foi categórico ao afirmar que “nenhum veterano americano completou este tipo de viagem e nenhum jornalista americano, e nenhum nativo também, realizou este interessante trajeto.” ³³⁵ A matéria ainda afirmava que o Major havia dito que não estava cansado das dificuldades da jornada de descoberta, mas que ao invés de retornar da cidade de Pascamayo, onde estava, pretendia ir a Lima, mais ao Sul, e de lá descer pelos Andes até o estreito de Magalhães, para Buenos Aires, Rio de Janeiro, e finalmente Pará, seu ponto de início.

Os planos não se sucederam como esperado. A primeira notícia que o jornalista recebeu ao alcançar o Pacífico era tudo menos positiva para o mesmo. “Blaine está morto. Cleveland é Presidente.” ³³⁶ Era um balde de água fria na possibilidade de ser embaixador, e isso só o assegurava que estava desempregado, a cinco mil milhas de seu país e sem nenhum centavo. Andy Carnegie, seu velho amigo e poderoso industrial da Pensilvânia, estava de férias na Escócia e também não podia ajudá-lo. Kerbey ainda tomou o barco para Lima, onde residiu na embaixada dos Estados Unidos por algumas semanas até decidir retornar para o país, sem

³³³ *Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 9.

³³⁴ Pretendo explorar o livro ao qual esta viagem se reporta, assim como os artigos sobre a mesma, no terceiro capítulo, 'A Terra do Amanhã'.

³³⁵ *Pittsburgh Dispatch* (Pittsburgh, Pennsylvania) · 18 Dec 1892, Sun · Page 18

³³⁶ *Op. Cit.* KERBEY, 1906.

nenhum indicativo de recompensa por sua longa jornada pela América do Sul. No mais, estava exausto, falido e sem condições de prosseguir com o plano de viagem original.

Finalmente, o major tomou o navio a vapor para o Panamá, alcançando-o após atravessar a costa peruana, parar em Guyaquil no Equador e atravessar a baía do país para atracar na cidade do Panamá. Kerbey ainda postulou que, de forma irônica, “Depois de ter cruzado o continente em seu ponto mais interior e selvagem, nós estávamos agora retornando pela sua parte mais estreita.”³³⁷ Eles ainda cruzaria o Panamá de ferrovia, para poder alcançar a outra costa do país, no Atlântico, de onde partiria para Nova Iorque imediatamente.³³⁸

Após onze meses e vinte dias de viagem, o aventureiro estava de volta ao seu país natal. O devaneio de assumir uma posição de prestígio no corpo diplomático havia escapado do alcance de seus dedos. Blaine estava morto, Harrison derrotado, Cleveland eleito. Um democrata na presidência não cederia uma vaga para um *velho republicano*, agora já no auge de seus cinquenta e poucos anos. Mas se o fim da carreira na diplomacia assinalava-se, Kerbey tinha ambição por retornar à América do Sul e continuar atuando no serviço ao qual estava habituado, tanto como correspondente como agente comercial. Era a transição natural para que Kerbey prosseguisse no universo ao qual havia se inclinado de forma tão direta e pelo no qual havia ficado conhecido, através de seus artigos “interessantes” sobre o Brasil.³³⁹ E não obstante, ainda haviam muitas fortunas a serem feitas na Amazônia, estava certo disso.

2.3. O agente da borracha

O “Garoto Espião” havia retornado de uma longa viagem pela América do Sul falido e sem patronos para mantê-lo no serviço público. Mas Kerbey ainda tinha seu conhecimento sobre o continente sul-americano como arma, e pretendia usá-la como agente comercial, correspondente ou qualquer outra atividade. Ele havia sido criado como um jornalista, e assim pretendia manter-se. Nada mais natural, então, que passasse a organizar uma nova forma de se promover através de seu currículo sobre a América do Sul. O jeito mais seguro de retornar para a América do Sul, então, era através do capital industrial, que tinha, assim como na viagem anterior, financiado os custos da viagem de Kerbey.³⁴⁰

Os artigos do jornalista para os periódicos tratavam de aventuras pelo continente sul-americano, mas também de interesses comerciais para os produtos industriais e agrícolas estado-unidenses, assim como desvendar os mistérios e os percursos para a importação da

³³⁷Ibid, p. 345.

³³⁸Canal do Panamá ainda não existia, estando em construção durante o período em que Kerbey visitou o país.

³³⁹The Shippensburg News (Shippensburg, Pennsylvania) · 21 Jul 1893, Fri · Page 3

³⁴⁰*Op. Cit.* KERBEY, 1906.

borracha. O jornalista ainda publicou alguns artigos discutindo temáticas sobre o continente sul-americano, especialmente voltado para algumas das questões culturais e locais dos estados peruano e brasileiro. Seu artigo sobre as condições das ferrovias no Peru as descrevia como estruturas não apropriadas para o clima equatorial, considerando “Eu prefiro mulas para a navegação nos Andes. Elas nunca perdem sua mente durante as emergências, e são mais confiáveis do que alguns engenheiros.”³⁴¹ Assim, o escritor re-afirmava sua bagagem de conhecimento sobre o continente, assim como demonstrava seu conhecimento sobre os possíveis investimentos comerciais.

O grande produto econômico, entretanto, continuava a ser a goma elástica, que paulatinamente aumentava o seu preço no mercado mundial e era a principal matéria-prima para a nascente indústria estado-unidense. Até então, a borracha para esta última tinha que ser comprada na América do Sul, onde não estava em plantações mas exposta de forma selvagem, produzida e vendida a preços e disponibilidade não sobre o controle dos Estados Unidos.³⁴² Kerbey retornou à América do Sul em 1894, desta vez sobre o contrato da indústria de investimentos na borracha, novamente para o estudo da possibilidade da criação de um sistema que pudesse favorecer a reciprocidade e o comércio sobre o produto, assim como seu cultivo em forma de *plantation*.³⁴³

O jornalista não era o primeiro que havia ido para a América do Sul com interesses de desvendar (e lucrar) com a borracha amazônica e seu eventual comércio. O caso mais emblemático tornou-se o de Henry Alexander Wickham, que décadas antes havia conseguido traficar incontáveis sementes pelo Amazonas para a coroa britânica, as quais eventualmente causaram o fim da economia da borracha selvagem. Segundo a historiadora Ann Lane, até o final de sua vida, Wickham ficaria conhecido por sua capacidade como um pioneiro que transformou a economia mundial, falindo o Brasil e entregando o monopólio da borracha nas mãos do Império Britânico, concluindo que “apesar de todas as suas deficiências, ele permanece o paradigma do aventureiro e individualista britânico do século dezenove.” O botânico chegou a receber, em seu aniversário de oitenta anos, um presente de cinco mil libras do fundador estado-unidense de plantações de borracha em Sumatra e Malaia.³⁴⁴

Nesta viagem, Kerbey realizou o seu objetivo de fazer o caminho contrário ao anterior, partindo de Buenos Aires, cruzando os Andes de mula até Santiago, depois Mollendo, no Peru, e novamente cruzando as montanhas para La Paz, Bolívia. De lá, o aventureiro cortou pela floresta e a selvageria em mulas, canoas ou a pé até o Uyacali, e depois no Amazonas para Manaus e

³⁴¹Shawnee Drum-Beat (Topeka, Kansas) · Fri, Jun 9, 1893 · Page 2

³⁴²*Op. Cit.* WEINSTEIN, 1993.

³⁴³*Op. Cit.* PAN-AMERICAN BUREAU, 1912.

³⁴⁴LANE, Ann. Chapter 11: The Pacific as rhizome: the case of Sir Henry Alexander Wickham, planter, and his transnational plants. *Transnational Ties*. ANU E PRESS, Canberra, Australia, 2008.

Pará.³⁴⁵ Apesar de não ter registrado nos periódicos esta viagem, Kerbey fez questão de citá-la, em seu imediato retorno para os Estados Unidos em uma entrevista que cedeu durante uma visita ao município de Montgomery, no Alabama.

Meu amigo, Mr. Blaine, me indicou como Cônsul no Pará, Brazil, a cidade na foz do Amazonas, e a Nova Orleans da América do Sul. Ano passado, depois de ter sido liberado de meu serviço, eu fui até a nascente do Amazonas, 2.500 milhas, e canoei no Alto apenas com índios para as Cordilheiras, e de lá de mula sobre os Andes e acabei no Oceano Pacífico sobre Lima e voltei para casa pelo Panamá. Essa é uma jornada de onze meses, sozinho entre índios enquanto cruzava a América Equatorial, que alguns de vocês jovens teriam medo de empreender. (...) Daqui eu estou em rota para Flórida, México, Nicaraguá, e então Buenos Aires e Peru, para tentar viajar de canoa 1,000 milhas de Cuzco, no Peru, para a Amazônia do Brasil.³⁴⁶

A investigação iniciada por Blaine e encaminhada para o Major tornou-o então uma referência no assunto, sobretudo no que se tratava das propriedades da borracha. As viagens para o continente sul-americano, assim como a formação em telegrafia e eletricidade, assim como o talento para o jornalismo, o tornavam um candidato para assumir a causa da indústria da goma elástica. Na mesma viagem para os Andes, o jornalista visitou o México, por interesse da possibilidade de produção da borracha no território. A Amazônia, como Kerbey havia descrito em suas colunas, tinha uma dificuldade com o trabalho braçal e com a transformação em um sistema produtivo capitalista. Nada mais natural, então, que se procurassem alternativas para o cultivo da matéria-prima. O consulado no Pará e a jornada através do sub-contidente tornaram-se o passaporte empregatício de Kerbey, ao passo em que assumiu a maior parte de suas funções a partir deste momento baseados nesta experiência. No ano de 1895, ao descrever-se para um caso criminal ao qual foi envolvido, Kerbey re-afirmou a própria identidade como “um agente de propaganda da indústria da borracha, atualmente em uma companhia de borracha no México. Um eletricista e telégrafo por profissão, autor e jornalista.”³⁴⁷

Assim como Henry Wickham, quando considerado como um todo, suas atividades na indústria da borracha tornaram-o um elemento extremamente “transnacional”.³⁴⁸ Talvez este elemento esteja mais presente justamente na sua defesa do investimento no Brasil como um país de promessas e na atuação em seguida na indústria da borracha mexicana. Embora o México tentasse viabilizar uma indústria de borracha que pudesse fazer frente à produção brasileira, o país nunca alcançou os níveis nem produziu borracha de semelhante qualidade. Para o jornalista, durante sua estadia e contratação no país, era visível que a árvore da borracha mexicana não era a

³⁴⁵Op. Cit. PAN-AMERICAN BUREAU, 1912.

³⁴⁶ Shawnee Drum-Beat (Topeka, Kansas) · Fri, Jun 9, 1893 · Page 2

³⁴⁷Washington Times (Washington, District of Columbia) · 13 Sep 1895, Fri · Page 2

³⁴⁸Op. Cit. LANE, 2008.

mesma da Amazônia, e logo então não conseguiria produzir borracha da mesma quantidade, utilizando-se de sua fala como autoridade no assunto.

Eu fui ao México especialmente para investigar as perspectivas de um novo campo para a *India-rubber*. Como todos sabem, a questão da oferta e demanda de borracha nesta Idade da Eletricidade está se tornando mais importante (...) O truste de Nova Iorque de borracha está impossibilitado de controlar o comércio da Amazônia, porque Inglaterra, Alemanha e França são compradores prolíficos do produto. É esperado que nas baixas terras tropicais do México e da América Central se achem as condições certas para a cultura da borracha. (...) Tendo em vista o objetivo de determinar a identidade da árvore de borracha mexicana, eu viajei consideravelmente pela costa do Golfo, e eu não encontrei uma única espécie da árvore de borracha do Pará. (...) A deles produz apenas metade da quantidade de borracha, e vale apenas a metade, daquela do Pará, a borracha genuína.³⁴⁹

O investimento no México, então, não poderia ser feito esperando um resultado similar ao da borracha brasileira. Além disso, o país não era local para “um homem pobre ou uma pessoa com pouco capital.”³⁵⁰ Sua posição, porém, não o dava autoridade absoluta sobre o assunto, como descobriu na resposta que recebeu de outro agente comercial, residente no México, que afirmou que o trabalho de Kerbey havia sido feito “visitando apenas duas plantações de borracha de apenas árvores jovens, e depois partiu para Tehuantepec de ferrovia, do lado do Oceano Pacífico do país, e onde nenhuma borracha cresce.”³⁵¹

Como agente comercial e antigo cônsul estado-unidense, o jornalista compreendia o papel importante que o jornalismo e o consulado exerciam na propagação de investimentos no mercado externo, que em turno renderiam lucros para o autor. Segundo o autor William Schell Jr, a política de Washington encorajava os investimentos no exterior como um instrumento de influência geopolítica, na prática que ficou conhecida como “Política das Portas Abertas” no Oriente e como “Diplomacia do Dólar” na América Latina. Os estado-unidenses acreditavam que a internacionalização de seu comércio e capital era um desenvolvimento progressivo em relações exteriores.³⁵² Isso era visível na utilização de passagens de registros de cônsules em empresas relacionadas à propaganda da borracha. Estes agentes consulares tinham seus relatórios usados como atrativos para os investidores privados do mercado.

³⁴⁹Buffalo Courier (Buffalo, New York) · 7 Aug 1895, Wed · Page 9

³⁵⁰Ibid.

³⁵¹The Inter Ocean (Chicago, Illinois) · 29 Aug 1895, Thu · Page 7

³⁵²Op. Cit. SCHELL, 2007.

18 THE PHILADELPHIA INQUIRER—FRIDAY MORNING, DECEMBER 17, 1899

COMMERCIAL PRODUCTION OF CRUDE RUBBER WILL GIVE YOU PRACTICALLY A PERPETUAL YEARLY INCOME

ARE STUBBORN THINGS WHEN BACKED BY GOVERNMENT REPORTS

INCONTESTABLE FACTS

THE PROFIT ESTIMATES

COST AND SAFEGUARDS
COMPLETE DETAILS OF THE ENTERPRISE

ESTIMATED PROFIT AND COST TABLE
IN FIVE GRAMS OF STOCK

SUBSCRIPTIONS FOR STOCK

MEXICAN PLANTATION COMPANY, 725 Drexel Building, PHILADELPHIA, PA.

Figura 8 : Propaganda da Indústria da borracha nos jornais estado-unidenses.
Fonte: The Philadelphia Inquirer (Philadelphia, Pennsylvania) · Sun, Dec 17, 1899 · Page 16

“Não existe questão sobre a praticabilidade ou a imensa lucratividade de plantações de borracha (...) Tomando as condições mais desfavoráveis do pântano da borracha e aplicando-as à um arvoredo de borrachas, nós podemos calcular 538 árvores iriam render 15 quilos de borracha por dia (...) Então porque eles não plantam árvores de borracha?” Joseph Orton Kerbey, Consul, Para, Special U.S. Consular Report, Pages 381 and 382.³⁵³

Mas a “Diplomacia do Dólar” não era a única forma de abrir novas oportunidades de expansão econômica estado-unidense. Para o jornalista, a Guerra Hispano-Americana, travada entre o seu país de origem e a Espanha, trouxe novas oportunidades de expansão dos negócios da borracha para os Estados Unidos. Kerbey se alistou para o conflito, como um velho líder de combate da Guerra da Secessão, e assim partiu para o *front* em Cuba, local que possuía um clima possivelmente favorável para os investimentos da borracha. Kerbey era, acima de tudo, um orgulho cidadão estado-unidense, e isso se mantinha constante em seus artigos, e um proponente do

³⁵³The Philadelphia Inquirer (Philadelphia, Pennsylvania) · Sun, Dec 17, 1899 · Page 16

pensamento de Blaine de expansão comercial e internacional do país de origem.³⁵⁴ A posse de McKinley, outro republicano, para o quadriênio de 1897-1901 também incitou o interesse do jornalista pela guerra, requisitando a ele e o secretário de estado, John Milton Hay, sua acoplação ao exército em Cuba.³⁵⁵ Mais uma vez, a emprego do governo estado-unidense, as habilidades de Kerbey seriam usadas para descobrir as possibilidades de borracha, agora no país caribenho.

O conflito militar não estendeu-se, dando fim ainda no mesmo ano de 1898. Para os Estados Unidos, ele simbolizava uma nova mudança paradigmática: A ascensão ao status de potência imperialista, ao menos em comparação ao restante do mundo. Para o país, a guerra criou novas questões sobre a identidade estado-unidense e a anexação de efetivas colônias sob o controle de uma metrópole Ianque, como era o caso de Guam, Filipinas, Porto Rico e o protetorado cubano.³⁵⁶ A transposição da questão de fronteira da formação dos Estados Unidos, em meados do nascimento de Kerbey, para a América Latina, estava completa. O jornalista descreveu sua missão em Cuba como “Investigações para o governo sobre a possibilidade de crescer borracha naquele novo território, o que o tornariam uma aquisição ainda mais valiosa do que a Califórnia foi após a Guerra Mexicana.”³⁵⁷ Ele havia sido empregado pelo serviço secreto.

A discussão no congresso sobre a expansão territorial dividia opiniões no público estado-unidense, entre aqueles que eram a favor e aqueles que eram contrários. Para aqueles favoráveis, os argumentos eram similares aos de Kerbey durante sua visita aos territórios conquistados na intenção de introduzir o negócio da borracha. A visão dos Estados Unidos como uma grande potência ascendente entendia que pontos como as Filipinas e o Havaí tinham imenso valor para indústrias que pretendiam comercializar com a Ásia. O senador Albert J. Beveridge do estado de Indiana, republicano como o jornalista, argumentava que estes poderiam ser novos pontos de comércio para o país, aderindo à teoria de que o Pacífico dominaria o comércio do futuro.³⁵⁸ Era a derradeira conexão entre o pensamento de Kerbey e suas afiliações políticas, assim como a sua posição em relação à possíveis ganhos comerciais no condizente à negócios nas colônias que o tornaram um apologista do Império, associando-se às correntes republicanas favoráveis a essas devidas políticas e seus desdobramentos no cenário de política externa.³⁵⁹

Kerbey residiu por um ano no país insular, determinando que ele não era o local ideal para o plantio da borracha. Isso não o impediu de visitar o Pará mais uma vez, no mesmo biênio

³⁵⁴*Op. Cit.* CRAPOL, 2000.

³⁵⁵*Op. Cit.* PAN-AMERICAN BUREAU, 1912.

³⁵⁶ Protetorado Cubano.

³⁵⁷The Philadelphia Inquirer (Philadelphia, Philadelphia, Pennsylvania, United States of America) · 2 Sep 1899, Sat · Page 7

³⁵⁸*Congressional Record*, Senate, 56th Cong., 1st sess. (9 January 1900): 704.

³⁵⁹*Op. Cit.* LANE, 2008.

de 1898-1899, para investigar os avanços comerciais na questão da cultura, assim como Tehuantepec, no México, e o Peru, em nome de um sindicato inglês. Até aí seus talentos já haviam se desenvolvido, conseguindo desenvolver a reputação de ter “viajado todo o Brasil e o continente sul-americano e fala espanhol como um nativo”³⁶⁰. Quando do retorno para os Estados Unidos, já em meados de 1899, o escritor tinha em mente retomar o trabalho na indústria jornalística, cuja tarefa havia diminuído durante os anos como agente comercial, e procurar fontes para a tentativa de plantio nas Filipinas, a colônia estado-unidense no sudeste asiático.³⁶¹

O jornalista tinha suas próprias impressões sobre a possível produção de borracha nas Filipinas, assim como havia comentado em relação à América Latina. Como re-afirmou em sua coluna para os sindicatos de imprensa, em suas viagens para o continente sul-americano ele havia encontrado a fonte da goma elástica e:

enquanto havia sido bem-sucedido em achar aquilo que havia buscando, a floresta em que as árvores de borracha estão localizadas é praticamente inacessível, no coração do continente. Isso, combinado com a escassez de mão-de-obra e a incerteza de concessões feitas pelos governos em países da América do Sul, tornam a perspectiva de um aumento da oferta desta fonte extremamente precário.³⁶²

As Filipinas, então, com o clima amigável e as condições similares às do sub-contidente, além de uma mão-de-obra acessível e o controle estado-unidense, tornavam-o o perfeito candidato para a substituição da produção amazônica. O transporte poderia até ser executado de forma mais econômica, tendo em mente transportá-lo em navios, diferente das longas distâncias enfrentadas no interior do Brasil e Peru. Era a oportunidade perfeita para o investimento na borracha, que renderia lucros estrondosos e criaria uma fonte própria para o seu país da matéria-prima. Entretanto, não era qualquer árvore que poderia ser plantada no território filipino, como já haviam existido espécies de *gutta-percha* na colônia. Era necessário que:

A identificação da borracha genuína e da árvore da borracha seja determinada por um especialista prático. Inquestionavelmente as árvores de borracha da Amazônia devem ser transplantadas e devem crescer nas novas possessões, várias variedades identificadas como naturais do local.³⁶³

Tal como Wickham havia feito anos antes, Kerbey também considerava a remoção da espécie de seu *habitat* natural, na floresta amazônica, para o sistema organizado do sudeste asiático, visando o lucro e a produção em massa do produto. Para ele, entretanto, a sua terra havia saído atrás na empreitada, visivelmente em desvantagem contra as potências européias. Enquanto

³⁶⁰The Philadelphia Inquirer (Philadelphia, Philadelphia, Pennsylvania, United States of America) · 2 Sep 1899, Sat · Page 7

³⁶¹The Philadelphia Inquirer (Philadelphia, Philadelphia, Pennsylvania, United States of America) · 2 Sep 1899, Sat · Page 7

³⁶²Hilo Daily Tribune (Hilo, Hawaii) · 18 Oct 1901, Fri · Page 5

³⁶³The West Schuylkill Press and Pine Grove Herald (Tremont, Pennsylvania) · 5 Apr 1902, Sat · Page 3

a Grã-Bretanha e a Holanda tinham a posse de todas as terras produtoras de goma elástica fora das Filipinas, a Alemanha tinha agentes em países produtores de borracha que estudavam a planta para introdução em suas colônias e a França já havia enviado sementes para as próprias, o jornalista considerava que “nosso governo está lento para assumir uma questão de suma importância e hesita em apontar um especialista prático para ajudar no desenvolvimento de uma grande indústria.”³⁶⁴

A manutenção do mercado da borracha era uma questão que afligia não apenas o major.³⁶⁵ A possibilidade do fim do acesso natural da matéria-prima era um alvo de debate que não somente havia incentivado o jornalista a procurar a fonte da produção no coração da Amazônia, mas também o fazia perceber que a forma como a mesma era conduzida não parecia viável a longo prazo. Mesmo em seus escritos durante a viagem de 1892 para o Peru, o autor já falava sobre o fato de que “(...) Em um futuro próximo todo o caucho disponível nas florestas do Peru terão desaparecido a menos que outros métodos sejam adotados com rapidez.”³⁶⁶ Sua missão, então, era dupla: Garantir a produção de seu país e a livre-oferta para o crescente complexo industrial baseado no produto, e escapar das garras do controle econômico britânico e brasileiro, o primeiro controlando o mercado do segundo.

Apesar das possibilidades de um eventual mercado lucrativo na nova colônia asiática, o qual Kerbey estudou durante alguns anos, outras oportunidades de lucros a curto prazo apareceram de seus contatos estado-unidenses, dentro do círculo pessoal das indústrias da Pensilvânia. As Filipinas durariam muitos anos até as plantações de borracha renderem algum fruto: De fato, as primeiras remessas do projeto na colônia começaram a render em meados dos anos vinte e trinta, e nunca alcançaram os níveis das colônias britânicas e holandesas.³⁶⁷ Nos Estados Unidos, acionistas e organizadores montaram uma companhia, chamada de Pittsburgh and Amazon Rubber Trading Company, na intenção de explorar os benefícios do comércio da borracha com o território amazônico, principalmente no que condizia às negociações pela borracha e as rotas de comércio com o rio Mississipi, assim como procuraria homens de negócios que fossem interessados pela empreitada. Major J. O. Kerbey era o vice-presidente e secretário da nova companhia, que seria sediada em Washington, no interesse de conseguir apoio governamental.³⁶⁸

Portanto, em uma empresa que pretendesse convencer homens de negócios a investirem em seus fundos, era natural que se organizasse mais uma viagem para a Amazônia, fato que Kerbey realizou nos últimos meses de 1903. Como representante da empresa, seu plano era justamente:

³⁶⁴The West Schuylkill Press and Pine Grove Herald (Tremont, Pennsylvania) · 5 Apr 1902, Sat · Page 3

³⁶⁵*Op. Cit.* FARIAS, 2005.

³⁶⁶Akron Daily Democrat (Akron, Ohio) · Mon, Oct 28, 1901 · Page 5

³⁶⁷*Op. Cit.* TOPIK, 1998.

³⁶⁸Pittsburgh Daily Post (Pittsburgh, Pennsylvania) · 30 May 1903, Sat · Page 3

(...) em ordem para dar a homens de negócios a oportunidade de verem por conta própria as vantagens que se tem para ganhar de um investimento de capital nesta região. Major Kerbey é um viajante, que já duas vezes cruzou a América Equatorial e cinco vezes cruzou os Andes. Ele foi enviado para a região da Amazônia pelo Secretário de Estado James G. Blaine para estudar as florestas de borracha. Ele agora organizou a sua própria companhia para explorar o negócio.³⁶⁹

Apesar de ser o motivo principal de sua viagem, ele também não descartava receber em sua trupe jovens aventureiros com desejos de caça, fotógrafos que tivessem interesse de conseguir fotos originais da natureza selvagem da região, e mesmo comissões para a coleta de flora e fauna, além de continuar a investigação da borracha no interior do continente. Ele ainda afirmou que, por uma quantia recompensatória, estava disposto a coletar “plantas, orquídeas e cerâmica, zarabatanas e outros itens dos nativos dos Andes. (...) A oportunidade de coletar artigos de valor em troca de algumas de nossas novidades irá certamente reembolsar os custos da viagem.”³⁷⁰ Qualquer um que quisesse se juntar à ele, porém, tinha que arcar com os custos pessoais de sua viagem, em média \$500 dólares, que incluíam o transporte para a América do Sul ida e volta e as canoas no interior.

³⁶⁹The Washington Times (Washington, District of Columbia) · 12 Nov 1903, Thu · Page 2

³⁷⁰The Washington Times (Washington, District of Columbia) · 18 Dec 1903, Fri · Page 7

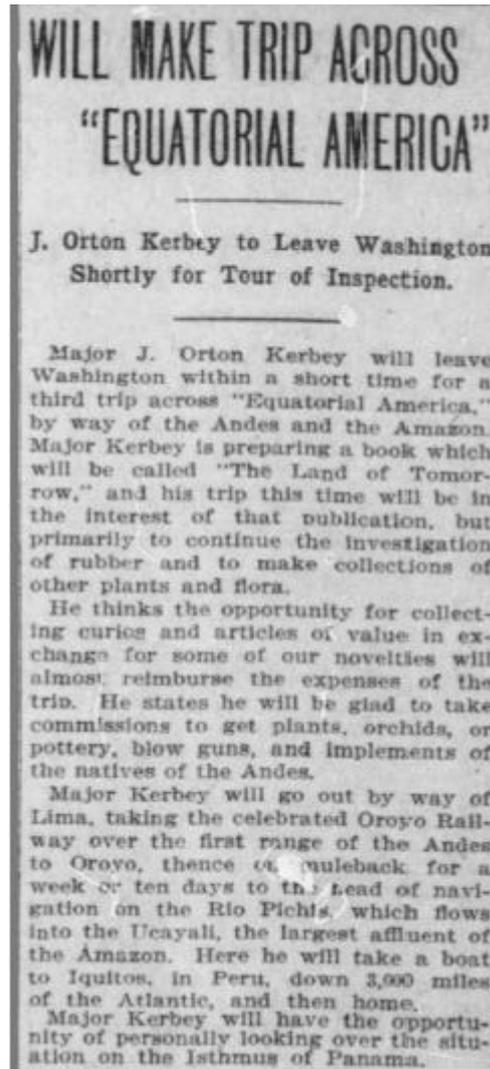


Figura 9: Nota de Jornal Indicando o próximo trajeto de Joseph Orton Kerbey para a Amazônia.
 Fonte: The Washington Times (Washington, District of Columbia) · 18 Dec 1903, Fri · Page 7

Outro motivo para a viagem também era o iminente lançamento de um livro que registrasse todas as suas estórias sobre o sub-continente da América Equatorial, a região conhecida por ele como “A Terra do Amanhã”³⁷¹, dada a sua proeminência futura na balança comercial do mundo, segundo o autor. Os artigos retratando esta viagem atual serviriam como propaganda para o livro que estava em vias de publicação, este por sua vez retratando sua jornada de 1892, logo após a partida do consulado. O conflito entre Brasil e Peru pelo território de fronteira³⁷² também ajudavam a elevar o interesse do público por sua obra, considerando que ela retratava justamente a região do litígio entre ambos os países. Para o jornalista, o benefício comercial poderia vir de qualquer uma de suas fontes, contanto que assim o fizesse.

³⁷¹Título de seu livro.

³⁷²Op. Cit. DULCI, 2008.

Mesmo com o investimento na Amazônia, porém, ele não deixou de reforçar a necessidade da migração da borracha para os territórios conquistados pelos Estados Unidos. Se por um lado ele defendia o investimento na região, por outro lembrava que o seu país tinha totais condições de “criar borracha para as suas próprias necessidades e o suficiente para ofertar à uma grande fatia do mundo através do Havaí e das Filipinas, e ele acha que a borracha deveria ser transplantada para essas novas terras.”³⁷³ Seu estudo das propriedades da borracha brasileira e peruana vinha justamente do desejo de desenvolver a produção de borracha para a sua pátria, quer fosse pela via econômica do acesso aos países e à reciprocidade, como havia defendido durante o mandato de Blaine, quer fosse pela bio-pirataria e pela produção própria, como Wickham havia feito. O certo é que os artigos que desenvolveu para os sindicatos de imprensa durante este trajeto tinham o devido interesse de divulgar passagens do livro que pretendia publicar, assim como abrir oportunidades comerciais no país, mesmo que não fossem do campo de atuação de sua companhia.³⁷⁴

Para garantir a publicação e distribuição de seu livro, como adendo para a campanha de investimentos e de informação sobre a região, o ex-cônsul pediu ajuda para o velho amigo, Andrew Carnegie, que a esse ponto havia se tornado um dos mais poderosos industriais dos Estados Unidos.³⁷⁵ Assegurado do valor necessário para a impressão, publicação e distribuição do livro, Kerbey finalmente publicou seus artigos relacionados à viagem na América Equatorial e nos Andes, realizada logo após seu serviço consular, sobre o título de “A Terra do Amanhã: Uma exploração jornalística subindo o Amazonas e sobre os Andes para a Califórnia da América do Sul.”. A referência à Califórnia, como veremos no capítulo subsequente, não era uma coincidência; Kerbey utilizava de seus escritos não apenas como uma informação jornalística, mas como parte integral da propaganda para a expansão dos negócios no sub-continente.

O livro de Major Kerbey, “La Tierra de Manana”, ou “The Land of Tomorrow”, conta a história da exploração de borracha, e adiciona fatos interessantes ao detalhar as reais aventuras de um veterano em uma equitação difícil sobre os Andes em uma mula, às vezes de uma altitude de 17,000 pés, durante uma jornada de onze meses do Atlântico para o Pacífico.³⁷⁶

A prática de lançar aventuras narrando os eventos vividos nas regiões inóspitas do mundo não eram caso isolado estado-unidense. O lançamento do livro de Joseph Orton Kerbey, em 1906, precedeu por dois anos outro best-seller que narrava eventos também ambientados na região, através do *On the Plantation, Cultivation, and Curing of Para Indian Rubber*, escrito por

³⁷³The Washington Times (Washington, District of Columbia) · Sun, May 15, 1904 · Page 29

³⁷⁴Kerbey chega a mencionar as oportunidades comerciais para arqueologistas e exploradores que se interessassem por história antiga da América Pré-Colombiana.

³⁷⁵*Op. Cit.* KERBEY, 1906, Foreword.

³⁷⁶The York Dispatch (York, Pennsylvania) · 26 Dec 1905, Tue · Page 1

Wickham.³⁷⁷ Wickham alterou alguns fatos, falsificou alguns eventos e acrescentou elementos de perigo para a sua aventura contra o tempo e a favor da coroa britânica, assim tecendo uma boa trama, tornando-a de grande apelo popular e solidificando sua posição como progenitor da borracha britânica.³⁷⁸

O jornalista já era um consolidado agente estado-unidense nas regiões ao sul do Estados Unidos, e as críticas feitas a seu livro na imprensa nacional apenas reforçaram seu local de *expertise* e de conhecimento sobre um universo alheio à vida moderna da potência ascendente, destacando as possibilidades comerciais e as riquezas escondidas dentre as matas da América do Sul. O diferencial, para o autor, era justamente como o seu livro destacava os benefícios comerciais e financeiros da região, principalmente no quesito da exploração da goma elástica, em diferenciação dos ingleses, que “dão mais consideração para características geográficas ou científicas.”³⁷⁹ As críticas elaboradas sobre o livro na imprensa estado-unidense confirmam esse caráter, como dito pelo periódico *The Washington Post* na sua análise do livro.

Emocionantes histórias de aventuras na selvageria da América do Sul, entrelaçadas com uma geral dissertação sobre as possibilidades comerciais, e especialmente em conexão com a indústria da borracha, são contadas por Maj. J. Orton Kerbey, em seu último livro “A Terra do Amanhã”, que acabou de sair na imprensa. Maj. Kerbey é um jornalista que foi enviado como cônsul para a selvageria sobre o Amazonas para fazer um estudo especial sobre as plantações de borracha. (...) Ele é bem conhecido em Washington, onde sua figura pitoresca era familiar.³⁸⁰

A crítica especializada do *The Washington Herald* reforçou os elementos que o jornalista havia supostamente dedicado a maior parte do seu depoimento no livro, estes sendo as perspectivas de crescer a borracha de forma não-selvagem e as possibilidades da agricultura para outros bens, apesar da concentração da temática se manter no produto anterior.³⁸¹ *The Washington Times* também avaliou a escrita do autor como “Olhos atentos, um excepcional ponto de vista, e um bom estilo jornalístico permitem Maj. J. Orton Kerbey, antigo consul americano no Pará, apresentar aos seus compatriotas americanos uma figura instigante do país da Amazônia na 'Terra do Amanhã'.”³⁸²

Outras críticas foram menos gentis. Para o *Pittsburgh Daily Post*, o periódico situado em seu estado natal da Pensilvânia e de onde tinha criado a maior parte de sua carreira jornalística

³⁷⁷*Op. Cit.* LANE, 2008.

³⁷⁸ *Ibid.*

³⁷⁹*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 4

³⁸⁰The Washington Post (Washington, District of Columbia) · 27 May 1906, Sun · Page 8

³⁸¹The Washington Herald (Washington, District of Columbia) · 2 Dec 1906, Sun · Page 24

³⁸²Pittsburgh Daily Post (Pittsburgh, Pennsylvania) · 19 May 1906, Sat · Page 7

préviamente à Washington, o livro tinha muitos problemas. Apesar da história por si só atrair, e o autor fornecer um único e detalhado registro da Amazônia, mas seu ritmo e sua prosa são falhos.

O escritor foi um operador da Imprensa Associada e um quasi jornalista, e como tal não existe necessidade de depreciar sua habilidade ao grau da humilhação que tende a descreditar seu trabalho, antes de ser lido. Ele então presume definir palavras espanholas e pronuncia-las parentescamente em uma maneira exasperante. O dia da irritante nota de rodapé já se foi, e ainda pior é a constante inclinação, por meio de parênteses, de divergir atenção do verdadeiro ritmo da história. (...) Muito do contido no livro pesa de trabalho especulativo e cheira ao bureau de repúblicas Pan-Americanas. (...) A quantidade de fatos é indigesta, e a sequência é, portanto às vezes sujeita a desvios. Mas muitas informações podem ser obtidas do livro.³⁸³

De fato, o interesse principal do Major nunca perdeu o viés econômico sobre a utilização e a produção da borracha – Fato que o interessava ainda mais agora que pretendia elencar negócios próprios na Amazônia. Seu próprio debate sobre a religiosidade católica com membros da igreja presbiteriana o mantiveram em evidência no Brasil, chegando a ter sua reposta publicada no periódico da capital.³⁸⁴ Neste mesmo período, o jornalista partiu para o Rio, na intenção de reportar a Terceira Reunião dos Estados Pan-Americanos, sediados pelo país na ocasião, já com idade avançada.³⁸⁵ Seus artigos na imprensa deste período se concentraram principalmente na questão da ferrovia Pan-Americana, um projeto que tinha suas origens desde os anos oitenta do século passado e ao qual Kerbey considerava um sonho impossível, considerando seu conhecimento sobre as possibilidades na região.³⁸⁶

O certo é que o autor já havia superado qualquer expectativa de assumir um cargo público, dada sua idade limite para o serviço civil. A vasta experiência no continente sul-americano e no processo da borracha, entretanto, já permitiam que o escopo de seu conhecimento pudesse ser aplicado em outra área. A presidência de Theodore Roosevelt, repúblicano que substituiu McKinley, havia sido sucedida pela de Howard Taft, o mesmo ao qual o autor havia atuado em conjunto durante as tentativas de plantação de borracha nas Filipinas, durante o período em que este último serviu como governador colonial. Mais uma vez, a proximidade com a política do partido repúblicano, assim como a amizade de longa data com Andrew Carnegie, abriram mais uma porta para o jornalista. Com a ascensão do diplomata John Barrett para a vaga de Diretor Geral do Bureau Internacional das Repúblicas Americanas em 1907, e com a re-organização da estrutura do órgão para o incentivo das relações inter-hemisféricas, tendo como patrono o amigo

³⁸³Pittsburgh Daily Post (Pittsburgh, Pennsylvania) · 19 May 1906, Sat · Page 7

³⁸⁴O Carioca, 4 de Maio de 1902.

³⁸⁵The Washington Times (Washington, District of Columbia) · 19 May 1906, Sat · Page 6

³⁸⁶The Washington Post (Washington, District of Columbia) · 12 Aug 1906, Sun · Page 9

íntimo do jornalista, Andrew Carnegie, Kerbey foi convidado para fazer parte da equipe da organização internacional, sediada em Washington, D.C.³⁸⁷

O Bureau de Relações Inter-Americanas era uma associação fundada durante a primeira conferência de Washington, sobre os auspícios de James G. Blaine, para difundir e aproximar as relações dentre os países do hemisfério Americano. Embora em tese o órgão devesse funcionar como uma organização internacional em apoio igual aos dezoito países fundadores, na intenção de coletar e distribuir informações comerciais, segundo o historiador David M. Pletcher, o projeto logo se desenvolveu em uma iniciativa quase exclusivamente estado-unidense, ao passo em que o país controlava a maior parte da verba da instituição e o seu poder real.³⁸⁸ Portanto, a maior parte das vagas de delegados da associação, assim como os membros de seu corpo administrativo, eram do país, sediados em Washington. Para Kerbey, o serviço seria de justamente atuar sobre a tutela do Diretor Geral na intenção de continuar a coleta e organização de informações para o Bureau, utilizando-se justamente de seu *expertise*. Andrew Carnegie, o amigo e industrialista filantropo do autor, ainda frisou a importância da associação para ele, de acordo com a sua função política de aproximar os países pan-americanos.

Como Mr. Andrew Carnegie, meu primeiro instrutor nos negócios de telegrafia, secamente diz: “Se dez por cento do dinheiro gasto em Dreadnoughts fosse desviado para educação de negócios e a expansão da nossa marinha mercante, seria melhor para estabelecer relações seguras de paz.”³⁸⁹

Portanto, assumir a vaga na organização internacional se encaixava justamente com as tentativas do escritor de aproximação comercial, investimento e propaganda do Brasil, dada a forma como encarava o esquema das relações entre o seu país e o sub-continente latino-americano. A investigação sobre a indústria da borracha e sobre as formas de investimento na Amazônia e na América Latina formariam a base de suas atividades no Bureau, assim como a procura de capital estado-unidense para o seu próprio enriquecimento na “Terra do Amanhã”. Conhecido por atuar em tantos campos, este seria mais um trabalho para o autor que havia passado até então os últimos anos de sua vida construindo sua reputação como especialista dos países da América Equatorial.

2.4. O Pan-americanista e a “Terra do amanhã”

A seguridade do emprego no Bureau possibilitava ao jornalista uma segurança financeira e um reconhecimento e prestígio do qual o mesmo sempre teve interesse de gozar.

³⁸⁷Carnegie se manteve como um dos grandes patronos da pasta de Relações Exteriores; Ver: *Op. Cit.* HERRING, 2008.

³⁸⁸*Op. Cit.* PLETCHER, 1998; QUINTANA, Moreno. "Pan Americanism and the Pan American Conferences", in *Inter-America*, VIII, 1989. 429-444.

³⁸⁹*Op. Cit.* KERBEY, 1911.

Ao assumir o cargo em 1907, o garoto espião já era um senhor de setenta anos, veterano de dois conflitos armados, inúmeros governos e diferentes gerações. No prefácio de seu livro publicado em 1911, *An American Consul in Amazonia*, ele mesmo denota que à essa idade pouco tem a omitir em seus escritos, visto que “antigas animosidades já haviam sido harmoniosamente ajustadas, enquanto alguns dos nomeados já passaram para o “além”, e o escritor alcançou a idade limite para o serviço civil.”³⁹⁰

Era, então, inevitável que o jornalista retornasse para a América do Sul, em específico para a Amazônia. As atividades do Bureau consistiam em escrever e publicar artigos que discutissem não apenas as relações comerciais, mas também informar e propagar ideias sobre os países da América. Esses tipos de instituições pretendiam capitalizar em descrições idealizadas do das localidades que representavam em seus escritos, mas cada indivíduo trazia sua própria bagagem cultural para sua visão de cada região representada em seus cadernos.³⁹¹ Kerbey tinha sua própria perspectiva sobre a 'Terra do Amanhã', e foi aderindo a seus imperativos que assim tentou representá-la nas páginas do *Bulletin* do órgão. Ao narrar sobre a sede, em Washington, D.C, o jornalista frisou o seu papel como uma instituição de informação, ao passo em que:

(...) são fornecidas instalações para obter informação sobre a Pan-America, consistindo em uma biblioteca de setecentos e cinquenta volumes, localizados em uma grande e confortável gratuita sala de leitura, onde podem-se encontrar arquivos dos principais jornais e revistas Pan-Americanos, mapas e vistas destes países. Dentre as mais interessantes exposições está um imenso mapa de relevo no centro da sala, exibindo, em uma escala de vinte e cinco milhas por polegada, os principais rios, montanhas, ferrovias e cidades do hemisfério inteiro.³⁹²

Sua manutenção na instituição, então, se dava justamente por seu extenso currículo na América Latina, especialmente no Brasil. Em alguns momentos, segundo Kerbey, o próprio autor era designado para a tarefa de explicar para os visitantes o mapa e o ambiente, com o Diretor Geral referindo-se à ele como “alguém que sabe mais sobre o Brasil e a Amazônia do que qualquer um dos funcionários permanentes”.³⁹³ Qualquer oportunidade que surgisse para que pudesse voltar para a América do Sul era válida – E o jornalista queria realizar mais uma viagem para completar mais um livro sobre a região, baseado dessa vez em seu ano de

³⁹⁰*Op. Cit.* KERBEY, 1911, p. 15.

³⁹¹OFFENBURGER, Andrew. Cultural Imperialism and the Romanticized Frontier: From South Africa and Great Britain to New Mexico's Mesilla Valley. *Amerikastudien / American Studies* Vol. 59, No. 4, South Africa and the United States in Transnational American Studies, 2014, pp. 535-552.

³⁹²*Op. Cit.* KERBEY, 1911, p. 20.

³⁹³*Ibid*, p. 21.

consulado. Em janeiro de 1908, se candidatou para uma vaga na expedição do aventureiro George M. Boynton, mas a mesma não se concretizou.³⁹⁴

A oportunidade surgiu alguns meses depois, através da possibilidade de cobrir a exposição do centenário da chegada da família real no Brasil, em agosto de 1908. O plano de viagem era simples: Ir primeiro ao Pará, onde havia sido cônsul, e depois subir o rio até Manaus, para tomar uma outra rota alternativa até o Madeira, para registrar suas impressões sobre a construção da ferrovia Madeira-Marmoré, e por fim ir até o Rio para a exposição.³⁹⁵ A viagem era de interesse do Bureau, que, segundo o periódico *Jornal do Comércio*, situado no Rio de Janeiro, havia o enviado para “(...) missão especial do Governo de Washington, em conexão com The International Bureau of American Republics, com o intuito de estudar e relatar o estado do commercio, industria e atual progresso do Brasil, segundo as impressões que colher na visita á Exposição Nacional.”³⁹⁶ Era a percepção do Bureau, em conjunto com o governo estadunidense, que Kerbey era o homem mais indicado para reportar sobre a exposição brasileira e sobre as condições atuais de comércio naquele país.

Sendo assim, o escritor alcançou a antiga sede de seu consulado no início de julho, na companhia de vários jovens paraenses que estudavam nos Estados Unidos e estavam voltando para as férias de verão. Era no Pará onde concentraria a maior parte de sua jornada – E de seus escritos sobre o país naquela viagem. Para o autor, a quarta viagem para o país era um reencontro com velhos amigos e a produção de material necessário para “notas sobre o estados das coisas no Brasil e a lista completa de jornais brasileiros antigos.”³⁹⁷

Theodosio Chermont foi o primeiro a recepcioná-lo, em conjunto com o cônsul estadunidense em exercício, George Pickerell. Ambos o auxiliaram na tarefa de escrever sobre o subcontinente, com a coleta de dados e material para a escrita.³⁹⁸ Irônicamente, até mesmo no antigo periódico que tanto o rivalizou, a Província do Pará, o jornalista conseguiu construir uma relação amigável, chegando a publicar nas suas páginas durante a viagem de noventa dias.

O coronel (Theodosio Chermont) estava cheio de conversas alegres e ria com vontade sobre a briga que eu tive com os jornais do Pará, que depois foi transferida pela mesma influência para Nova Iorque. Na ocasião da minha revisita ambos os jornais locais publicaram uma nota elogiosa sobre o meu retorno, como notada pela reprodução pelo original. (...) Foi um grande privilégio ter uma entrevista com o proeminente Dr. Lemos, um reconhecido líder do partido de situação.³⁹⁹

³⁹⁴The Boston Globe (Boston, Massachusetts) · 3 Jan 1908, Fri · Page 7

³⁹⁵Evening Star (Washington, District of Columbia) · 23 Jun 1908, Tue · Page 7

³⁹⁶Jornal do Comércio, 29 de Agosto de 1908.

³⁹⁷*Op. Cit.* KERBEY, 1911, p. 11

³⁹⁸Ibid, p. 69.

³⁹⁹*Op. Cit.* KERBEY, 1911, p.330

Ele também formou laços com outro membro da elite local, como Dom José Oliveira, na propriedade de Quinta Carmita, onde passou parte de seus finais de semana na capital na companhia dos amigos próximos. Anos depois, este mesmo homem traduziria as páginas dos livros de Kerbey sobre a região para a imprensa local, dado os laços formados por ambos e o fato de sua propriedade, quer era um colégio, ter sido mencionada duas vezes.⁴⁰⁰

Dito isto, o principal ponto da viagem eram os interesses comerciais, e o jornalista não perdeu isto de vista. Os interesses do Bureau eram, como já dito, incentivar os interesses comerciais dos Estados Unidos nos países latino-americanos, e ter um homem que pudesse investigar sobre o assunto conhecedor do país era essencial. A ideia de buscar áreas que pudessem se beneficiar de capitais ianques e a visita à ferrovia Madeira-Marmoré também tratavam dessa idéia, ao passo em que procuravam aberturas possíveis para empreendimento. Kerbey ainda visitou nesta viagem Maranhão, Pernambuco e Bahia, até chegar ao Rio, onde, além do Bureau, tinha contratos com outros sindicatos de jornais para representação na exposição.⁴⁰¹ Na coluna publicada no Província do Pará sobre a viagem, o interesse dessas instituições é destacado justamente em seu aspecto comercial.

Além do *Boletim do Bureau*, que se publica mensalmente em Washington, representa ainda o *Daily Consular and Trade Reports*. Para ambos escreverá o Major Kirby, tratando do nesso progresso e desenvolvimento comercial, mesmo porque o intuito d'essas publicações visa o interesse e a expansão commercial dos paizes da America e consequente permuta de productos.⁴⁰²

O certo é que o autor publicou nas colunas dos jornais estado-unidenses sobre suas impressões no país, assim como também reportou sobre a exposição no Rio de Janeiro. Para o Pará, o jornalista utilizou de uma reprodução do ditador popular, “Quem vae ao Pará, parou. Quem bebe assahy, ficou. Sendo esta minha quarta viagem ao Pará, parece que, com effeito, houve alguma virtude neste *preventivo* assahy.”⁴⁰³ Retornando para os Estados Unidos, não demorou para que saísse nas colunas do *Bulletin of the American Bureau* um artigo que tratasse sobre o Brasil, especificamente sobre o Pará, do qual o autor descreveu as novas impressões que teve sobre a cidade e a ordem das coisas no Amazonas e na Madeira-Marmoré.⁴⁰⁴ Por este trabalho, o cônsul fortaleceu seus laços com a embaixada brasileira em Washington, que chegou a enviá-lo uma carta congratulando-o pelo trabalho.

⁴⁰⁰*Op. Cit.* KERBEY, 1911, p. 22

⁴⁰¹Folha do Norte, 8 de Julho de 1908, p.2.

⁴⁰²Província do Pará, 8 de Julho de 1908, p.2.

⁴⁰³Folha do Norte, 03 de Setembro de 1908, p.3

⁴⁰⁴*Op. Cit.* PAN-AMERICAN BUREAU, 1909.

Outro objetivo crucial para a viagem havia sido a coleta de informações para a publicação de um novo livro sobre a Amazônia, desta vez voltado para o período de serviço consular no Pará. Assim como em 1903, os artigos publicados para a imprensa serviriam de divulgação de um futuro livro que tratasse da temática. Para tanto, Kerbey decidiu revisitar os artigos que havia publicado durante os anos de consulado, e compará-los com as condições durante seus retornos, com ênfase neste último.⁴⁰⁵ Embora a temática do livro fosse voltada para a borracha e sua crescente expansão, como o jornalista frisava, outros temas que procurava abordar eram as condições presentes “(...) sociais e intelectuais existentes nas cidades assim como descrever o lar feliz e a vida em família na Terra do amanhã.”

Outro tópico de discussão era o trabalho missionário, também muito importante para a sociedade estado-unidense, atualmente crescente na região através de “jovens do Brasil na forma de associações de escolas e faculdades com os Estados Unidos.”⁴⁰⁶ A importância dada ao sistema de ensino ficava clara nas discussões sobre o colégio de Quinta Carmita, formado justamente no lar de seu novo amigo, José Marcelino de Oliveira, fundador do internato. Em sua casa, em Washington, Kerbey passou a entreter os jovens que o acompanharam em sua viagem para o Pará e estudavam nos Estados Unidos, fortalecendo os seus laços com os filhos de membros da elite que estudavam em seu país de origem.

Alguns dos estudantes brasileiros agora cursando seus estudos superiores em universidades americanas irão passar o restante de suas férias em Washington como os convidados de Maj. J. Orton Kerbey, do Bureau das repúblicas Americanas. Messrs. H. Oswaldo de Miranda, Humberto Guimarães, Aylmiro(sic) Guimarães, e Emilio Miller, todos da cidade de Pará, onde Maj. Kerbey serviu como cônsul deste país, estão entre aqueles em que ele espera entreter. Eles irão ser mostrados quanto puderem os belos prédios e vistas da cidade sob a guia de Maj. Kerbey, e irão à embaixada brasileira prestar seus cumprimentos a sua excelência Embaixador Nabuco.⁴⁰⁷

Kerbey também ministrou palestras sobre o sub-continente em várias cidades no interior dos Estados Unidos, onde pretendia difundir as possibilidades de comércio e capital nos trópicos, tendo o mesmo como intermediário. O jornalista ainda considerou retornar para o sub-continente em 1909, mesmo que para revisitar os Andes e negociar um acordo com o governo do Equador para conectar o sistema telegráfico deste país com a Amazônia, possibilitando maior conexão entre o Pacífico e o Atlântico.⁴⁰⁸ Ainda que o trajeto não tenha se concretizado, Kerbey mantinha como principal interesse o aumento do comércio com a fronteira sul, a forma como o Bureau classificava

⁴⁰⁵ *Op. Cit.* KERBEY, 1911, p. 15.

⁴⁰⁶ *Ibid.*, p.16.

⁴⁰⁷ The Washington Herald (Washington, District of Columbia, United States of America) · 1 Jan 1909, Fri · Page 7

⁴⁰⁸ The Pittsburgh Press (Pittsburgh, Pennsylvania) · 14 Jul 1909, Wed · Page 1

como a melhor para estreitar os laços entre os países da Pan-América, fossem esses culturais, sociais ou políticos.⁴⁰⁹

O certo é que mesmo o trabalho jornalístico do autor dentro da instituição tinha um viés econômico, ao passo em que o ponto de seus escritos tinha que viabilizar uma aproximação e uma informação de matriz necessariamente econômica, viabilizada pelo contexto das relações estabelecidas entre Brasil e Estados Unidos. Ele procurava até de certa forma em conexão com a função jornalística, a construção de um negócio material entre seu país, em que ele estivesse envolvido, e agentes brasileiros. Em 1910, dois anos após sua quarta visita, o jornalista conseguiu um contrato com a comissão de corporações estatais para investimento em uma nova empresa, 'The Amazonia Rubber Exchange', cujos objetivos eram muitos similares aqueles tentados em sua empresa anterior. O acordo previa que a mesma negociasse propriedade, borracha, côco, café e fibra no continente Sul-Americano. Ela também previa, o que seria essencial para o jornalista, “publicar e circular livros e panfletos com referências à seus negócios e comprar e vender informações sobre a mesma perspectiva.”⁴¹⁰ O livro de Kerbey se beneficiou do financiamento de uma instituição do qual o autor era o presidente.

Em 1911, a primeira edição de seu livro, sob o título de “Um cônsul americano na Amazônia”, finalmente foi distribuído pelas livrarias e bibliotecas do país, assim como para os órgãos de imprensa. Para o autor, era a conclusão de sua quarta viagem para a região, sob o conhecimento adquirido nos últimos vinte anos no país tropical. Ele assim o pretendia como uma obra que acompanhasse o seu livro anterior, de forma que discutia vários assuntos relacionados aos interesses econômicos do país, assim como retratava os dias de consulado, como o havia feito em 1890 para os periódicos associados.⁴¹¹ Não demorou para que os capítulos de seu livro estivessem circulando, mesmo que de forma editada e informal, pelos periódicos do Pará.

Diferenciado de seu livro inicial, que tratava de um período definido em uma viagem específica, este tratava principalmente das impressões sobre o Pará, o que o autor frisou nos capítulos finais da obra, e sobre os costumes e impressões da cidade. Como um livro de viagem da América do Sul, como poucos na época, Kerbey tinha um especial interesse sobre os produtos de seu estado natal, a Pensilvânia, e as formas como eles poderiam se beneficiar do comércio com a região, notado pelo periódico *Pittsburgh Post-Gazette*. Para a crítica do mesmo sobre o livro, Kerbey era re-afirmado como um especialista no assunto sobre o Brasil e o mais indicado para guiar a direção das indicações econômicas sobre a região. Na percepção do jornal:

⁴⁰⁹*Op. Cit.* PLETCHER, 1998.

⁴¹⁰Evening Star (Washington, District of Columbia) · 1 Sep 1910, Thu · Page 15

⁴¹¹*Op. Cit.* KERBEY, 1911.

Mr. Kerbey já fez três ou quatro visitas para o Brasil, e está projetando outra enquanto esse livro está sendo liberado para a imprensa. Ele frequentemente atravessou o rio Amazonas – perto de sua nascente, em Cusco, não perto de sua foz. Ele é familiarizado com todo o caminho, e é parte de um sonho comercial com afeição que ele têm, vê o Amazonas como parte do sistema do Mississippi. Ele vê o carvão de Pittsburgh descendo o Ohio e o Mississippi para Nova Orleans e sendo levado pela costa até o Amazonas e rio acima para outras cidades daquele vale que ele acredita que se tornará o maior império que o mundo já viu. Essa é uma visão gloriosa, e talvez não uma miragem insubstancial.⁴¹²

As possibilidades descritas por Kerbey eram contrapostas com os custos e os gastos da vida consular nos Trópicos, cujo o mesmo considerava o lugar mais caro no mundo para se residir, e que chamava a atenção de acordo com o valor da moeda brasileira. Para o mesmo periódico, então, sua narrativa trazia informações concentradas sobre o país visitado e sua realidade.

Já o periódico sulista *The Times Democrat*, sediado em Nova Orleans, a cidade que tinha um papel preponderante em seus planos, destacou justamente a importância de sua terra natal para os desejos econômicos de Kerbey, como um grande ponto de estígio da economia estadunidense, que deveria enviar seus produtos através de seus portos. Para o mesmo, as vantagens da escrita de Kerbey eram sua “(...) nenhuma tentativa de floreamento literário, mas possuindo o mérito de clareza e verdade, contadas pela experiência de um cônsul na América do Sul.” A sua validade ainda aumentava pelo mesmo ter feito o trajeto várias vezes, então “ele sabe de realmente observar e investigar todos os fatos e detalhes que apresenta em seu livro.”⁴¹³ O *Arkansas Democrat* destacou o conhecimento que o autor passava “de forma apta descrevendo os hábitos comerciais do povo, sua vida social e familiar: Os vastos recursos da maravilhosa região Amazônica, particularmente a indústria da borracha e as atraentes oportunidades para desenvolvimentos comerciais com essa vasta república da América do Sul.”⁴¹⁴ A validade de seu escrito, como o autor havia afirmado no prefácio do livro, vinha justamente da experiência *in loco*, diferente daqueles que, como dizia, haviam apenas visitado a costa.

Mesmo com o sucesso da edição, porém, Kerbey já começava a planejar a saída da vida pública. O autor já tinha setenta e quatro anos, e o trabalho já o tornava exausto, como afirmou quando estendeu sua resignação do cargo no Bureau, assim como seus planos de passar os meses mais rigorosos do ano na ilha de Barbados, onde poderia descansar o corpo.⁴¹⁵ Mesmo assim, ainda realizou mais uma viagem para a Amazônia, nos meses posteriores de sua resignação, para escrever um último artigo para a edição, do qual retratou as impressões frescas de sua viagem.

⁴¹²Pittsburgh Post-Gazette (Pittsburgh, Pennsylvania) · 5 Jun 1911, Mon · Page 4

⁴¹³The Times-Democrat (New Orleans, Louisiana) · 28 Apr 1912, Sun · Page 43

⁴¹⁴Arkansas Democrat (Little Rock, Arkansas) · 22 Jun 1912, Sat · Page 2

⁴¹⁵Op. Cit. PAN-AMERICAN BUREAU, 1913.

Atenção especial é trazida para um artigo nesta edição do BULLETIN intitulado “Amazonia”, preparado por aquela veterana autoridade sobre o Brasil, Maj. Joseph Orton Kerbey, que recentemente retornou de outra visita pela Amazônia e o país ao redor. Maj. Kerbey foi por algum tempo cônsul dos Estados Unidos em Pará e fez muitas visitas para a Amazônia e seus principais portos. Em vista do crescente interesse naquele grande rio e no país que o abriga, este artigo provém muitas informações instrutivas.⁴¹⁶

Kerbey realizou sua última viagem para a região nos meses de verão de 1911, onde observou mais uma vez as condições econômicas, topográficas e geográficas da região, na intenção de incentivar a expansão comercial para a região. A principal missão desta última viagem, porém, era “ilustrar a viabilidade de férias de verão nos Trópicos do Equador, pelas Índias Ocidentais até o Amazonas, no Pará, da mesma maneira que excursões para o Mediterrâneo e o Nilo.”⁴¹⁷ Ele reencontrou os mesmos amigos, passou alguns dias dentre os membros do internato de Quinta Carmita e redigiu no escritório do antigo amigo, Theodosio. O jornalista retornou para Washington em outubro do mesmo ano, de onde passou a planejar os próximos passos.

Mesmo após sua aposentadoria, ele não parou suas atividades usuais. Kerbey continuou a atuar no campo jornalístico, cujo novo projeto era um terceiro livro que narrasse seus eventos durante a viagem pela Argentina, Chile e através dos Andes.⁴¹⁸ O escritor ainda mantinha suas conexões com o Bureau de forma informal e pretendia realizar mais uma viagem para a Amazônia, da qual tinha sempre novidades para escrever. O jornalista, porém, não era mais um “Garoto Espião”, e sua saúde havia começado a se deteriorar. Ele ainda conseguiu distribuir algumas edições de 'Cônsul Americano na Amazônia' em 1912 antes de adoecer, o que o levou a partir para a recuperação em Barbados, onde o clima era mais ameno e saudável.⁴¹⁹

Quando retornou para o país, no ano seguinte, o jornalista manteve-se ativo, guiando viagens por antigos cenários de conflito da Guerra Civil, da qual havia participado cinquenta anos atrás, e frequentando alguns eventos do amigo Andrew Carnegie.⁴²⁰ Embora ainda tivesse tantos planos, porém, o Major teve seu caminho encurtado por uma queda, com graves ferimentos, ocorrida em sua casa em Washington.⁴²¹ O quadril e as coxas haviam ficado feridos, e apesar de alguns sinais de recuperação, o jornalista veio a óbito no dia vinte e nove de outubro de 1913, no hospital de Soldados, em Washington. Como um verdadeiro cidadão da cidade de Washington, na qual residiu durante quarenta anos de sua vida, foi enterrado no cemitério de Arlington, sob a

⁴¹⁶*Op. Cit.* KERBEY, 1911.

⁴¹⁷*Ibid.*

⁴¹⁸*Ibid.*

⁴¹⁹The Washington Herald (Washington, District of Columbia) · 27 May 1913, Tue · Page 12

⁴²⁰The Washington Times (Washington, District of Columbia) · 27 May 1913, Tue · Page 3

⁴²¹The Washington Post (Washington, District of Columbia) · 4 Oct 1913, Sat · Page 2

patente de Tenente. O túmulo fazia referência ao seu serviço como veterano da Guerra de Secessão e serviço para a União no pós-guerra, preservado pelos veteranos.⁴²²



Figura 10: Túmulo de Kerbey, Cemitério Arlington, Washington D.C.
Fonte: Foto pessoal cedida por descendentes do mesmo.

Os obituários do Major contavam uma outra história. Para o periódico *The Evening Star*, o feito destacado de sua carreira foi o serviço consular no Pará, assim como os escritos sobre a região amazônica e a conexão com o Bureau Pan-Americano. O livro que o obituário destacou foi o seu último, “Um cônsul americano na Amazônia”, dedicado para seu amigo de infância, Andrew Carnegie.⁴²³ O periódico *The Washington Herald* lembrou justamente os mesmos eventos, destacando o mesmo livro e o serviço consular como seus maiores feitos, assim como as suas tentativas de criar “laços pan-americanos.”⁴²⁴ Para *The Pittsburgh Daily Post*, ao qual o jornalista havia escrito várias colunas, era uma figura *importante* de Pittsburgh que falecia, conectada às relações exteriores latino-americanas e que havia incentivado as relações do estado com os países do sub-continente.

⁴²²Evening Star (Washington, District of Columbia) · 31 Oct 1913, Fri · Page 14

⁴²³Evening Star (Washington, District of Columbia) · 31 Oct 1913, Fri · Page 14

⁴²⁴The Washington Herald (Washington, District of Columbia) · 1 Nov 1913, Sat · Page 11

O maior obituário, entretanto, certamente estava reservado para a instituição do Pan-American Union, publicado no *Bulletin* ainda no mesmo ano. Além de descrever todos os feitos da vida do escritor, como seu serviço militar durante a Guerra da Secessão e o período consular, sua lembrança estava eternizada após um “longo período de utilidade e atividade em negócios Latino-Americanos.”⁴²⁵ Os seus dois livros sobre o continente sul-americano também foram rememorados, como “episódios em que ele deixou para o mundo suas variadas experiências na América do Sul.”⁴²⁶ Após tantos anos de serviço, o Major pôde descansar como outras figuras públicas, como o “Garoto Espião” transformado em “Cônsul Americano.”

O jornalista viveu setenta e seis anos, viu o nascimento do partido repúblicano e a queda da Confederação, participou dos círculos de influência das presidências de Grant, Garfield, Harrison, Roosevelt e Taft, fez amizade com um dos mais influentes industriais e filantropos do período, Andrew Carnegie, e escreveu ativamente para periódicos e para editoras, publicando quase uma dezena de livros. Sua prolífica carreira seria, entretanto, sempre rememorada em relação ao seu serviço consular no inferno quente, como sempre o chamava. O Pará, local ao qual inicialmente pediu dispensa incontáveis vezes, tornou-se o feito mais lembrado de seu currículo, superando até mesmo os anos como espião pela União.

Talvez de forma irônica, quando Kerbey era cônsul, durante suas várias noites dormindo no prédio consular, ele tinha um pesadelo recorrente. Ele dizia que neste, ele sofria todo o sofrimento da febre amarela e morria, indo parar na frente dos portões do céu. Ao ser atendido por São Pedro, o santo o perguntava de onde ele era, e quando ele repetia que era do Pará, o primeiro fechava a porta no seu rosto, dizendo que “Ninguém do Pará entra aqui”.⁴²⁷ Após caminhar até o Inferno, Kerbey era recebido por uma figura demoníaca que o dizia “Você é do Pará, não é?” “Sim”, respondendo com medo, “Eu sou o cônsul americano lá.”, “Ah, sim. Eu imaginei. Estamos felizes em vê-lo, senhor cônsul. Estamos esperando o senhor por um bom tempo.”⁴²⁸ E no fim, o jornalista se juntou aos outros homens do Pará.

3. Retratando a “Terra do Amanhã” – A fronteira romantizada

Como afirma o historiador Terry Caesar, “Escritos sobre viagens americanas para a América do Sul não são tão numerosas nem tão distintas quanto os escritos sobre viagens americanas para a Europa.”⁴²⁹ Embora existam obras canônicas produzidas por estado-

⁴²⁵ *Op. Cit.* PAN-AMERICAN BUREAU, 1913.

⁴²⁶ *Ibid.*

⁴²⁷ *Op. Cit.* KERBEY, 1911, p.85.

⁴²⁸ *Ibid.*

⁴²⁹ *Op. Cit.* CAESAR, 2009.

unidenses sobre a região Amazônica, como a *Exploration on the Valley of the Amazons, 1851-2* (1853) de William Herndon, ele continua uma figura normalmente esquecida, geralmente relegada à uma participação secundária na narrativa de viagens mais importantes, como as de escritores europeus como Roger Casement, Henry Wickham, Henry Coudreau e Alexander von Humboldt. Isso relaciona-se à menor relevância cultural estado-unidense durante o século XIX e início do XX para o estado brasileiro, assim como a preponderância dos relatos britânicos no território nacional.

Dito isto, é essencial compreender a importância do agente estado-unidense para a construção de uma concepção da “Terra do Amanhã” na consciência do agente-viajante colonial. A região Amazônica, como postulado pelo historiador Neil Whitehead, foi largamente imaginada pelos relatos de viagem. Segundo o mesmo, nada deixa mais claro este elemento do que as tentativas de definir e localizar a região. A “Amazônia” pode ser identificada com o rio principal ou com a sua bacia hidrográfica, mas não existe uma fronteira delimitada com o Orinoco. Da mesma forma, a floresta tropical que se denomina amazônica atravessa os limites da bacia hidrográfica e os desenhos territoriais, cobrindo partes do Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. Portanto, a idéia de Amazônia dentro de diversos relatos de viagem pode “fundir estas diferenças e distinções em uma idéia de 'Amazônia' que é migratória e deslocada de específicos lugares físicos, permitindo que se torne um projeto intenso da imaginação.” Assim, como qualquer local, a Amazônia foi construída pela imaginação cultural, principalmente pelas lentes dos “olhos imperiais” do viajante colonial.⁴³⁰

O olhar do agente colonial estado-unidense, então, é particular ao de outros agentes, já que ele reflete as ansiedades e perspectivas da sua própria idéia de representação. O olhar imbuído de uma nação considerada mais pujante do que as mais fracas da América do Sul, segundo Terry Caesar, permitia que certa ignorância distinta do que a de outros agentes coloniais de outros países. Em um segundo ponto, o historiador Ricardo Salvatore postula que o relato de viagem quando voltado para o contexto latino-americano revela a forma como os Estados Unidos compreende a si próprio, a partir do olhar de fronteira que marcou o processo expansionista do país. Como o mesmo explica:

O mito da fronteira Americana... Foi re-aplicado no contexto latino-americano para reproduzir imagens de espaços vazios, rigidez institucional, e povos infantis ineptos para o desenvolvimento econômico, governo democrático, e renovação

⁴³⁰WHITEHEAD, Neil. *South America/ Amazonia: The Forest of Marvels*. The Cambridge Companion to Travel Writing. Cambridge University Press, 2002, pp.122-139; PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes. Travel writing and transculturation*. Nova York: Routledge, 1995.

espiritual nacional. Desde o princípio do texto *Americano*, a América do Sul – o continente inteiro assim como os países individuais – estava fatalmente sujeito ao imperativo político e cultural da América do Norte.⁴³¹

A construção, então, para Salvatore, da narrativa da incorporação da América do Sul – E portanto da Amazônia – dentro da órbita de conhecimento norte-americano segue os imperativos, no período do final do século XIX, como o período do encontro neo-imperial (1890-1930).⁴³² Durante este, uma característica marcante do movimento era a necessidade de proceder sobre os auspícios do conhecimento como motivo principal. Portanto, o conhecimento sobre o território amazônico é equiparado necessariamente com o seu desenvolvimento, e este por sua vez é tratado com equivalência ao desenvolvimento do próprio Estados Unidos, e o conhecimento sobre ele tornando-se uma possibilidade para o conhecimento do próprio país.⁴³³ O tratamento da fronteira latino-americana como uma fronteira interna, preparada para a expansão dos Estados Unidos, marcava em grande parte o discurso do país e a sua diferença para com o de outras potências européias. Como diz o historiador Terry Caesar, “No texto neo-imperial, um dualismo familiar é repetidamente instalado, onde a pobreza da presença humana é contrastada com a riqueza da natureza (...) Se apenas *nós* estivéssemos colonizado a terra; a possibilidade está costurada de várias formas na narrativa americana neo-imperial.”⁴³⁴

Dentro deste enquadramento, Joseph Orton Kerbey parte para a Amazônia em 1890, para assumir o consulado e escrever sobre o país que realizaria seu serviço civil. A descrição que o mesmo faria do Vale do Amazonas, ou como chamava, a “Terra do Amanhã”, não perpassava apenas pelos elementos gerais, mas também dependia de perspectiva, motivos e emoções próprios de seu sujeito, o próprio drama humano que, como o historiador Andrew Offenburger postulou, se torna um produto da criação narrativa.⁴³⁵ Roberto González Echevarría também nota como “a retórica da narrativa de viagem científica é permeada pela figura de um narrador-herói que perpassa obstáculos por uma questão de conhecimento.”⁴³⁶, um elemento que marca consideravelmente a narrativa de Kerbey sobre a sua viagem no sub-continente. Seus interesses pessoais, moldados para os elementos comerciais do capitalismo corporativo que procurava expandir seus tentáculos para o território latino-americano faziam parte da criação de sua narrativa, através de suas próprias geografias e experiências. A vida e interesses do autor

⁴³¹*Op. Cit.* SALVATORE, 1998, p. 90.

⁴³²*Ibid.*

⁴³³*Ibid.*

⁴³⁴*Op. Cit.* CAESAR, 2009.

⁴³⁵*Op. Cit.* OFFENBURGER, 2014.

⁴³⁶*Op. Cit.* CAESAR, 2009.

criaram, dentro de sua perspectiva, a sua versão romantizada do Vale, construindo em sua narrativa através de seus próprios elementos e práticas culturais, a sua própria fronteira pessoal.

Neste capítulo procuro majoritariamente analisar o livro 'A Terra do Amanhã: Uma exploração jornalística subindo o Amazonas e sobre os Andes para a Califórnia da América do Sul' (1906) dentre o seus elementos que dialogam com a produção do discurso estado-unidense sobre a Amazônia a partir da perspectiva de Joseph Orton Kerbey, seu autor, ao passo em que o mesmo no livro relata sua viagem da foz do Amazonas até sua nascente. Procuro, através de estudo comparativo com outros autores do cânone de viagem estado-unidense para a região, compreender a construção da narrativa de Kerbey sobre a mesma, dentro do modelo postulado e do seu próprio elemento de discurso estado-unidense. Por fim, também procuro contrapô-lo à Euclides da Cunha em seus escritos sobre a região, pelo mesmo ser contemporâneo aos eventos do livro e por difundir uma visão nacionalista sobre a posse e a natureza da hiléia, mesmo que não negue as premissas raciais e deterministas geográficas as quais o jornalista se subscreve.

3.1. O Novo Mississippi – Cenário e território na “Terra do Amanhã”

No primeiro capítulo do livro 'A Terra do Amanhã: Uma exploração jornalística subindo o Amazonas e sobre os Andes para a Califórnia da América do Sul' (1906), o major inicia sua primeira descrição sobre o território tema do livro. “Amazônia”, o jornalista indicou, “é chamada de “La Tierra de Manana”, 'A Terra do Amanhã', em um duplo sentido, em que é uma região totalmente subdesenvolvida”. Não é a terra do *presente*, pois ela é tristemente subdesenvolvida, mas sim a terra do amanhã, a promessa do futuro brilhante. E as vias desse desenvolvimento já o eram conhecidas - “E o amanhã é encarado à frente como o dia vindouro que irá trazer o Anglo-Saxão para desenvolver o rico e belo Vale que é tão utilitário da vida em suas variadas formas.”⁴³⁷ Essa terra, destinada para o desenvolvimento anglo-saxão, que pretende como motivo de sua viagem através da Amazônia Equatorial.

⁴³⁷*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 11.

A razão para a viagem é a *própria* Amazônia, a sua promessa de um futuro prometido para a expansão comercial dos Estados Unidos em si própria, a partir do meio comercial. Os ianques o tinham de forma módica com os brasileiros, e assim pretendiam expandi-lo. A reciprocidade era a *justificativa* de Kerbey, para apertar os laços das nações do hemisfério. Em nenhum momento do texto o jornalista, por mais impressionado que esteja pelas maravilhas da Amazônia, perde o elemento comercial e logístico de sua exploração. Ainda no prefácio, o autor relembra o episódio em que mandou seus escritos para a *Royal Geographic Society*, um órgão britânico de geografia, que pediu a eliminação de todos os trechos que se referissem à negócios ou comércio. Para o jornalista, “Eles somente queriam escutar os pontos científicos ou geográficos. Em acordo com esta sugestão, eu senti que estava cortando o coração do meu papel.”⁴⁴² O valor prático comercial da viagem, para ele, superava o *zeitgeist* dos relatos geográficos.

A diferença essencial no sentido comercial entre o jornalista e Herndon, entretanto, é a maneira a qual a relação entre os Estados Unidos e o Brasil é então previsto, sobre o modo comercial. Para Herndon, e portanto seu ideólogo, Matthew Maury, existia uma esfera interconectada entre o comércio e a escravidão, como uma maneira de tornar o território brasileiro um apêndice da questão escravagista estado-unidense. Ao invés de sobrepor o território comercial brasileiro ao torná-lo escravagista, apenas pretendia a garantia de um sistema que já estava posto, como o mesmo postulou.⁴⁴³ Kerbey, entretanto, não tinha nenhuma pretensão de tornar o território agora já livre em território escravo, ou sequer tinha algum interesse de cunho ligado à causa da Confederação, como Hastings o havia feito em seu livro para a migração, *Emigrant's Guide to Brazil*. O interesse econômico do autor era outro, ligado à necessidade da matéria-prima da goma elástica, assim como de outros possíveis benefícios comerciais que o mesmo explica durante a edição. Se o livro de Hastings servia como um guia da forma correta de emigrar para o Brasil, o jornalista pretendia o seu como um guia de como investir e lucrar no Brasil.

Como um contraponto para o elemento central da narrativa do jornalista, Euclides da Cunha atua justamente numa posição contrária. As justificativas de sua escrita não são dadas sobre as benesses comerciais, embora elas sejam um fator na sua viagem, mas sim sobre as necessidades nacionalistas do país Brasil, na busca para a contruição do argumento nacionalista da defesa e conquista da fronteira brasileira, em disputa com o Peru e Bolívia. Para o autor:

⁴⁴²*Op. Cit.* KERBEY, 1906.

⁴⁴³*Op. Cit.* PHILIFE, 2019.

A conquista do *hinterland* constituía empreendimento da maior significação como comprovação da energia do homem brasileiro – aquele homem sertanejo que Euclides encontrara no Nordeste, no entrevero de Canudos e agora, nos confins da Amazônia, na floresta fechada, nos paranás, nos grandes rios integradores da gigantesca bacia hidrográfica, investindo contra o desconhecido, aquela natureza áspera, inteiramente diferente daquela outra que conformava a paisagem dos sertões – revelava a mesma fibra, o mesmo heroísmo, a mesma decisão de vencer.⁴⁴⁴

Euclides da Cunha procurava, de forma contrária ao estado-unidense, elaborar uma narrativa que fosse voltada para a defesa da fronteira da pátria a qual servia, a brasileira. Se a trama de um se assentava na forma como o comércio servia como o meio integrador do continente, o outro se baseava no fortalecimento do estado-nação brasileiro, frente aos outros estados do sub-continente sul-americano. Como representante da Comissão Brasileira de Limites, o discurso do brasileiro buscava reforçar a brasilidade da região, assumindo seu caráter pertencente ao seu estado sobre os interesses Ianques.⁴⁴⁵ Desta forma, a intenção de ambos assumia posições discrepantes, ao passo em que a grande questão de Kerbey perpassava na sua forma de apresentar o Vale do Amazonas.

Para o jornalista, era essencial posicionar a dicotomia entre o império do presente e o possível amanhã. Portanto, o primeiro capítulo de seu livro pretende engajar em uma descrição do que seria a Amazônia e o seu atual estado de desenvolvimento, para assim narrar os eventos da sua aventura e os elementos de possível progresso, os quais o autor faz nos subsequentes capítulos. A Amazônia, então, é posicionada a todo o momento em conjunto com os Estados Unidos, como uma dicotomia entre ambos. Na descrição do que dizia por Amazônia, o autor relata:

A área daquela porção da América do Sul, conhecida como Amazônia, é maior em extensão do que os vales inteiros do Ohio e do Mississippi combinados. Ela se estica 3,000 milhas a oeste quase sobre o Equador, e se estende vários degraus na latitude Norte e Sul. Por esta vasta extensão de país, desde os Andes até o Atlântico, flui incessantemente as poderosas águas do Amazonas.⁴⁴⁶

É a referência para o leitor estado-unidense dos Vales do Ohio e do Mississippi que trazem a magnitude da região, a partir do olhar estado-unidense. Esse elemento se repete no parágrafo seguinte, quando ele se referencia às possibilidades dos produtos de matéria-prima da região.

Na questão dos maravilhosos produtos naturais e possibilidades agricultoras dessa imensa área, Amazônia pode ser comparada com o nosso grande Oeste; Tanto pelo

⁴⁴⁴REIS, Artur César Ferreira. *Euclides e o Paraíso Perdido*. Um Paraíso Perdido. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2000, pp.47-61.

⁴⁴⁵Ibid, p. 50.

⁴⁴⁶*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p.18.

valor de suas florestas inexploradas de goma elástica e outros produtos nativos, assim como pelas suas riquezas de ouro e prata, depositados das Cordilheiras na nascente, também pode ser apropriadamente chamado de “A Califórnia da América do Sul.”⁴⁴⁷

Estes elementos não só representam o imperativo cultural do relato de viagem de Kerbey, como também apresentam o espectro político da empreitada comercial de Kerbey, a partir da comparação com o território do Oeste estado-unidense. Assim como o Oeste havia se tornado uma fronteira no processo de construção da identidade estado-unidense, de acordo com a sua possibilidade, a região também apresentava uma nova fronteira para a expansão norte-americana. Kerbey utiliza o próprio país na construção da descrição sobre a região, para assim demonstrar e destacar as supostas possibilidades da região, assim como ignora os limites dos países que assim a cobriam. A importância da soberania de Peru, Brasil e Bolívia estão em segundo plano para o autor, que vê a região como acima de fronteiras, uma prática comum dentre os estado-unidenses que visitaram a região.⁴⁴⁸

A referência à Califórnia, então, se faz ainda mais importante se considerarmos a criação do mito da fronteira e da *wilderness* no discurso estado-unidense, como podemos observar em autores como Katrina J. Quinn, que interpreta os artigos de viagem para o Oeste, um gênero literário que cativava pela beleza natural do Oeste. Para ela, “A imprensa do Oeste pós-guerra carregava o desdobramento de viajantes enquanto eles abraçavam o Oeste – Não só para converter ou explorar mas para ser testemunha das grandes terras da América, especialmente os rígidos vales, pradarias ondulantes e montanhas rochosas”⁴⁴⁹ É o testemunho da grandiosidade do Vale em convergência com a sua fronteira inexplorada que deveria atrair o estado-unidense, assim como o fez com a Califórnia.

Esse tema se estende durante o cânone da literatura de viagem para a região, como podemos observar em Lansford Hastings, que pretendeu primeiramente explorar esta fronteira até seguir para o Brasil. O autor, assim como o jornalista, pretendia encontrar um novo Oeste para os Confederados derrotados do conflito da Guerra Civil, já que na América do Norte não haviam novas fronteiras a serem exploradas.⁴⁵⁰ A transposição do Destino Manifesto para a América do Sul, especialmente a região em que discutem, se torna presente na sua descrição da chegada dos emigrantes estado-unidenses, “olham com êxtase e deleite, esquecendo o passado,

⁴⁴⁷*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 11

⁴⁴⁸Não existe uma razão evidente para oferecer uma avaliação de país por país da literatura de viagem de Kerbey. A sua produção não foi feita desta maneira porque é uma região ao invés de um país que se torna o território embarcado pela análise. Préviamente, eram feitas análises do continente inteiro ao invés de uma região. Portanto, é Amazônia que se torna a temática do texto ao invés dos países aos quais o autor passa.

⁴⁴⁹*Op. Cit.* QUINN, 2017.

⁴⁵⁰*Op. Cit.* PHILIPPE, 2019.

contemplando a beleza do presente e em antecipação para o pacífico, glorioso futuro do Novo Mundo.”⁴⁵¹ Diferente do jornalista, porém, a riqueza da agricultura confederada estaria intimamente ligado à seu modo de vida e à mão-de-obra escrava, até então permitida no Brasil dos anos sessenta do século XIX.

Primordial dentro do processo de representar a Amazônia como um novo Oeste, então, era a concepção de que a região era uma continuação natural da América do Norte. “Enquanto os navios velejam, a Amazônia está tão próxima de Washington quanto a capital do Brasil, Rio de Janeiro.”, o Major postulou. Era a formação natural da costa, apontando para o Norte, que permitia que o Atlântico entrasse no Amazonas, de forma que a corrente equatorial africana, em combinação com o tremendo volume de água, formaria o a corrente do Golfo, o caminho mais seguro para desenvolver o comércio, e este “seguindo sempre o transporte e a reciprocidade.” Mais do que isso, o Amazonas produz açúcar, borracha, café e outros produtos naturais que não crescem na latitude da América do Norte, mas deveras necessários para a vida civilizada; Em contraponto, o Mississippi e o Ohio podem produzir todos os artigos que faltam no território ao sul, como farinha, bacon, carnes enlatadas, maquinaria moderna e principalmente, o motor da vida moderna, carvão, este que “acenderia o continente nas trevas.”⁴⁵² Kerbey exaltou a região como um Moderno Éden, esperando a ascensão da “Terra do Amanhã” e do novo Oeste, onde pudesse se encontrar riquezas a fio sem muito trabalho duro, devido a sua abundância. O autor deixa clara a metáfora ao cruzar a linha do Equador, em que descreve como “Nos viramos tristemente, como do passado para o futuro, e olhando para a frente e adiante, na direção em que estávamos navegando, achando-a suspensa sobre o nosso futuro horizonte, o belo Cruzeiro do Sul.”⁴⁵³

O caminho *natural*, portanto, era interligar o antigo Mississippi com o novo, conectando os dois maiores sistemas aquáticos do mundo. Os portos do sul, principalmente Nova Orleans, serviriam como ponte de entrada para os produtos amazônicos nos Estados Unidos e em seguida como ponto de saída para o fortalecimento dos laços de reciprocidade e amizade dentre as duas nações.⁴⁵⁴ Para o autor, era preferível alterar o trajeto atual que partia de Nova Iorque, desenvolver o comércio e abrir o Vale para o empreendimento estado-unidense. O caminho também seria facilitado pelas correntes marítimas, que permitiriam em Barbados, Trinidad e Martinica o caminho perfeito para o acesso no interior do continente. Mais do que

⁴⁵¹Op. Cit, GUILHON, 1987.

⁴⁵²Op. Cit. KERBEY, 1906, p. 23

⁴⁵³Op. Cit. KERBEY, 1906, p. 25

⁴⁵⁴Op. Cit. KERBEY, 1906, p. 78

desejável, era o que a geografia *definia* como ideal para o desenvolvimento da região, reiterando a conexão entre a praticidade do comércio e a proximidade com o país.

Relativamente é tão fora de curso para um navio vindo do Rio de Janeiro ou da Argentina para Nova Iorque, ou vice-versa, parar no Pará no Amazonas, como seria para o mesmo navio adentrar o Golfo do México, e ascender o Mississippi para Nova Orleans, as duas cidades sendo em média cem milhas acima da foz de seus respectivos rios. Os requerimentos para o comércio amazônico sendo inteiramente distintos daqueles do Sul do Brasil e dos Argentinos, além de por motivos geográficos, demanda um serviço independente.⁴⁵⁵

Esta idéia não era original do jornalista. A tese oceanográfica de Matthew Fontaine Maury já havia se disseminado na literatura concernante à Amazônia, em que o Vale do Mississippi e o do Amazonas eram complementares e portanto, as correntes marítimas favoreceriam o comércio entre as regiões.⁴⁵⁶ Se Maury sonhava, entretanto, com um império escravista que se assemelhasse com os estados sulistas dos Estados Unidos, o Major divergia da concepção. O comércio seria baseado na reciprocidade e na troca de materiais que fossem complementares dentre os dois locais, por isso a ênfase na complementariedade das regiões. Não era, portanto, um desígnio de transplantar o sistema algodoeiro confederado, como assim pretendia Lansford Hastings.⁴⁵⁷ As linhas de navegação serviriam então para corrigir o que era mais lógico, a partir do princípio de que era mais fácil alcançar o próprio Estados Unidos do que os estados do Sul do Brasil, fortalecendo a concepção de que a Amazônia permanecia uma região não-conquistada, aberta para a descoberta estado-unidense.

⁴⁵⁵Ibid, p.77.

⁴⁵⁶ *Op. Cit.* PHILIPPE, 2019.

⁴⁵⁷ *Op. Cit.* GUILHON, 1987.



Figura 12: Trajeto planejado para as linhas de navegação estado-unidenses conectando o Mississippi com o Amazonas.

Fonte: Kerbey, Joseph Orton. *The land of Tomorrow; a newspaper exploration up the Amazon and over the Andes to the California of South America.* W. F. Brainard Publisher, New York, 1906, p. 18.

Dentro do esquema de ver a Amazônia tanto como uma terra selvagem como uma potencial terra do futuro, as cidades de Belém e de Manaus cumpririam papéis semelhantes aos de Nova Orleans e St. Louis, respectivamente. A primeira, segundo o autor, correspondia à Nova Orleans dado seu papel na foz do Amazonas, como uma cidade sustentada pelo comércio dos produtos naturais do interior da floresta. Mesmo como o principal porto de comércio da região da Amazônia, porém, o autor a considerava uma cidade de pouco desenvolvimento. Para ele, “Apesar do negócio no Pará ser majoritariamente especulativo, sendo dependente dos produtos naturais do Vale do Amazonas, não é uma cidade em *boom* como aquelas do nosso Oeste, nem como as regiões do óleo, carvão e gás do nosso Leste.”⁴⁵⁸ Manaus padecia de problema similar, embora fosse uma cidade ainda menor e menos desenvolvida, mas que crescia rapidamente, no mesmo ritmo do aumento do mercado da borracha. Iquitos, a última cidade nas margens do Amazonas, era a chave para a eventual conquista do interior amazônico, por onde se entraria na inexplorada Amazônia Ocidental. Por este motivo, então, a corrente oceanográfica que ligava os dois rios era ideal para unir os vales, e assim desenvolver as três cidades do Sul.

O Pará foi comparado a Nova Orleans por causa de sua situação baixa perto da foz do rio e seus arredores de água doce. As comparações podem ser levados adiante e da mesma forma apropriados chamando Manaus, o St Louis deste vale. Como a cidade ocidental, a cidade de Manaus está a 1.600 quilômetros da foz, estando situada bem no coração do grande Vale do Amazonas. Isto é o centro geográfico de origem, admiravelmente adaptado por natureza para a coleta e distribuição dos produtos da seção mais produtiva do superfície da Terra. Os navios podem navegar diretamente de Manaus para St. Louis, via Pará e Nova Orleans e vice-versa, carregada de produtos diferentes de cada um para troca. Embora o Amazonas seja mais profundo, é totalmente praticável para barcos que possam ir para St. Louis para navegar no golfo e ir até mil milhas além de Manaus, em várias direções.⁴⁵⁹

O autor Frederick Pike postulou que perspectivas estado-unidenses sobre a América Latina foram conduzidas por meio da dicotomia da civilização *versus* a natureza, a mesma que teria sido aplicada na condução do mito de fronteira doméstico. Dentro deste esquema, a narrativa criada “parte do viajante civilizado que vê a natureza e assim considera como ela pode ser explorada, desenvolvida, ou outrora politicamente, culturalmente e especialmente economicamente recuperada, sendo digerida e compreendida como parte dos Estados Unidos.”⁴⁶⁰ Assim, a argumentação de Kerbey contrapondo o desenvolvimento do presente Mississippi com o futuro Amazonas fazem o principal argumento para a discussão do autor – O desenvolvimento da região Amazônica. Mesmo dentre os esforços científicos, Kerbey não conseguia evitar ver as benesses financeiras que a exploração da floresta poderiam trazer. “O

⁴⁵⁸*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p.23.

⁴⁵⁹*Ibid.*, p. 73.

⁴⁶⁰*Op. Cit.* PIKE, 1992.

que reside em centenas de milhas de denso crescimento além, nenhum homem branco conhece”, o autor disse, “mas é uma rica safra de orquídeas sozinhas, sem mencionar suas outras grandes riquezas de maravilhas medicinais, madeiras, tintas, etc.”⁴⁶¹ Ainda mais, o alcance das distantes regiões de Moyobamba, no coração da Amazônia Ocidental e parte do território peruano, corroboravam com a tese de que a Amazônia tinha uma fronteira espacial própria, que não obedecia às lógicas dos estados latino-americanos.

Para o jornalista, a Amazônia existe como uma região à parte dos estados-nação que a cercam – com primazia ao Brasil, que detém a maior parte de seu território. Os interesses do “Brasil do Sul” estariam distantes à milhares de quilômetros de território de floresta, e a comunicação entre as regiões era escassa, assim como as linhas de navegação. Segundo ele, “A capital no Rio de Janeiro é praticamente em outra parte do mundo.”⁴⁶² Ao descrever a mesma situação no estado peruano, pontuava não só o isolamento e falta de convergência geográfica com o resto do território do país, descrevendo o Pacífico como “outro mundo”, mas também a área “de recursos produtivos suficientes para sustentar um governo independente, e como seus interesses não se identificam em nada com o Peru do Pacífico, alguns dos mais inteligentes peruanos pensam que a indiferença do governo de Lima pode causar uma separação.”⁴⁶³ Este seria o mesmo caso na Venezuela, Bolívia e Equador, países que compunham parte da região, e portanto, “Os interesses de toda essa imensa região são bastante distintos de seus governos locais separados, que claramente estão preocupados apenas com a coleta de receitas.”⁴⁶⁴

Os interesses seriam similares e convergentes dentre todas as “Amazônias” dos países diferentes e o estabelecimento então de uma “República da Borracha” que compusesse em um governo todos os territórios a leste no Atlântico, Oeste nos Andes e Norte e Sul nos limites da própria floresta era necessário para o desenvolvimento da civilização na hiléia. Kerbey ainda remonta para o fato de que um único encouraçado poderia bloquear a foz do Amazonas, e uma pequena força militar, apoiada por um país preponderante, poderia conseguir o reconhecimento dos outros países do mundo. Esse era o meio em que, através da independência, guiada pelas mãos do comércio estado-unidense, a região se tornaria a “Terra do Amanhã.”

Não existe conflito ou entre as pessoas do do baixo e do alto Amazonas, nem como entre os Brasileiros e seus estados vizinhos do Peru, Bolívia e Ecuador, exceto talvez na maneira da rivalidade na busca dos negócios de coletar e comercializar borracha. Seus interesses são idênticos por todo o vale, a saída natural para todos sendo rio abaixo para o mundo e a civilização. (...) O estabelecimento da República de “Borracha” da Amazônia, na “Terra do Amanhã”, compondo a área mais rica da superfície da terra, pode ser a maneira de realizar o sonho do nativo, que estão

⁴⁶¹*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 268.

⁴⁶²*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 85

⁴⁶³*Ibid*, p. 108.

⁴⁶⁴*Ibid*, p. 79.

aguardando pelo “Amanhã”, que é para trazer o anglo-saxão para desenvolver “A Terra do Amanhã”.⁴⁶⁵

Os argumentos de Kerbey demonstram o nível da sua proximidade com uma visão profundamente baseada nos argumentos do expansionismo estado-unidense. Quando comparando o Mississippi ao Amazonas, o autor participou da longa tradição estado-unidense de invocar o Vale do Mississippi como a figura central do expansionismo norte-americano, como dito por um dos proponentes da expansão para o Oeste, Thomas Jefferson, um império da liberdade.⁴⁶⁶ A liberdade da expansão territorial e dos direitos naturais dos anglo-saxões, assim como superioridade racial, faziam parte central do argumento de conquista. A visão do autor não tinha fronteiras territoriais a partir do ponto em que sua Amazônia não necessitava das fronteiras nacionais dos países do Sul do continente, e sim das fronteiras que definiria para o seu próprio benefício, sendo guiados pela *expertise* estado-unidense. O argumento comercial e geográfico se combinava com o argumento racial, a partir da perspectiva do futuro brilhante de uma nação que não ainda existia, mas viria a existir.

O jornalista se contrapunha, então, diretamente à tese do autor brasileiro Euclides da Cunha. Se para o major a Amazônia não possuía fronteiras territoriais, o escritor havia sido enviado para a região com a missão de delimitar as fronteiras dentre Peru e Brasil, países em litígio na região.⁴⁶⁷ A Partir de seu livro *Um Paraíso Perdido*, Euclides da Cunha desenvolve sua própria argumentação para o caso da região amazônica, baseado em seu conhecimento da região e as teses às quais se subscreve, principalmente a partir da perspectiva de fortalecer a política de consolidação do território no estado brasileiro. Portanto, o autor já parte da premissa dos direitos nacionais do país sobre a região, como deixa claro na passagem em que diz “se se não te apercebes para integrar a Amazônia na tua civilização, ela, mais cedo ou mais tarde, se distanciará, naturalmente, como se desprega um mundo de uma nebulosa – pela expansão centrífuga de seu próprio movimento.”⁴⁶⁸ A Amazônia deveria ser integrada ao território brasileiro, pois seu território faz parte do corpo nacional. Caso não o faça isso, a região está sobre risco de se perder pelos dedos da nação – Como ele já apontava.

Assim como Kerbey, Euclides da Cunha partilha da narrativa edênica do sub-continent amazônico, a hiléia que restava como a última parte do Gênesis ainda presente na humanidade. Neste sentido, a Amazônia é ainda a 'Terra do Amanhã', a partir da perspectiva de

⁴⁶⁵Ibid, p. 78-80.

⁴⁶⁶JOHNSON, Walter. *River of Dark Dreams: Slavery and Empire in the Cotton Kingdom*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2013, p. 22

⁴⁶⁷*Op. Cit.* REIS, 2000, pp.47-48.

⁴⁶⁸*Op. Cit.* REIS, 2000, p. 51.

que o autor a vê como “a terra que ainda está a ser”⁴⁶⁹. Se o discurso do jornalista estadunidense estava imbuído das necessidades comerciais de seu país de origem, seguindo a cartilha dos viajantes ianques durante o século XIX, o romancista via na região uma terra sem pecado, um espaço perdido na pré-modernidade da *Belle-Époque*. As *Impressões gerais* do autor, escritas durante sua visita para a definição da fronteira, em 1905, deixam claro o aspecto semi-virginal do autor sobre a floresta, ao passo em que ainda a vê como um fruto de um passado longínquo.

Completa-a, ainda sob esta forma antiga, a fauna singular e monstruosa, onde imperam, pela corpulência, os anfíbios, o que é ainda uma impressão paleozóica. E quem segue pelos longos rios não raro encontra as formas animais que existem, imperfeitamente, como tipos abstratos ou simples elos da escala evolutiva. A *cigana* desprezível, por exemplo, que se empoleira nos galhos flexíveis das oiranas, trazendo ainda na sua asa de vôo curto a garra do réptil...⁴⁷⁰

Essa natureza intocada é incompleta, por isso a região tem tudo e, ao mesmo tempo, falta-lhe tudo. Para o autor José Francisco da Silva Queiroz, Euclides da Cunha contemplava a floresta e a região como um espaço a ser protegido, uma terra que necessitava de proteção. O Paraíso Perdido, alusão ao texto de John Milton, era como uma terra escondida de si mesma, flagelada pela civilização e ao mesmo tempo destinada a pertencer à mesma. Portanto, sua maior questão se detém sobre a natureza e a civilização, ao passo em que procura compreender como esses dois agentes devem se entender sobre o território da floresta.⁴⁷¹

Sua visão geográfica funciona então como uma tese que se contrapõe à de Kerbey sobre a complementariedade do Mississippi e do Amazonas, para o jornalista parte da mesma estrutura hidrográfica. O autor compartilha, dentro de seus escritos, da hipótese que considerava mais viável – A de um extinto oceano, que um dia afogou Mato Grosso e Bolívia e hoje se rendia à integração latino-americana. Sendo assim, o Amazonas possuía uma forte identificação com o continente da América do Sul, pois ele fazia parte da formação continental, o “sertão brasileiro” justamente por seu local à distância do Brasil do Litoral.⁴⁷² Cabia ao estado brasileiro fazer-se presente na região, dada a sua conexão e importância, e principalmente, como um *front* para as potências imperialistas que cercavam o território. Para ele, era necessário compreender como a realidade da ausência do estado afetava a região, e qual era a solução para resolver a questão, o atraso econômico e a pobreza.

⁴⁶⁹QUEIROZ, José Francisco da Silva. *Amazônia: Inferno Verde ou Paraíso Perdido? Cenário e Território na Literatura escrita por Alberto Rangel e Euclides da Cunha*. Nova Revista Amazônica - Ano V - Volume 3, Set/2017, p. 28.

⁴⁷⁰*Op. Cit.* DA CUNHA, 2000, p. 116.

⁴⁷¹*Op. Cit.* QUEIROZ, 2017.

⁴⁷²BOLLE, Willi. O Mediterrâneo da América Latina: a Amazônia na visão de Euclides da Cunha. *Revista USP*, São Paulo, n.66, p. 140-155, 2005.

O abandono, para o autor, não se devia simplesmente às impossibilidades da Amazônia como região. Não era *intrinsecamente* incapaz de evoluir, mas sim uma vítima de uma exploração colonizatória mal-sucedida, tendo ao mesmo tempo a natureza como principal adversária do homem. Para a recuperação da região, então, o autor destacou o potencial de navegabilidade do Amazonas, mesmo dispendiosa, como uma possibilidade de desenvolvimento, até porque “os grandes rios [são] a causa preeminente do desenvolvimento das nações”⁴⁷³, uma das idéias generalizadas de seu tempo. A principal via, porém, para unir o Brasil do Sul com o Brasil do Norte era a “Transacreana”, a ferrovia que seria responsável pela via de povoamento e comunicação dentre as duas regiões, resolvendo a principal questão ao diagnóstico pessimista da região como isolada e selvagem no meio da modernidade.

[A] grande estrada de 726 km, [...] capaz de prolongar-se de um lado até o Amazonas, pelo Javari, e de outro, até o Madeira, pelo Abunã, está de todo reconhecida, e na maior parte trilhada. / A intervenção urgentíssima do Governo federal impõe-se [...]. / Deve consistir [...] no estabelecimento de uma via férrea [...] urgente e indispensável no Território do Acre⁴⁷⁴

De certa forma, o autor novamente se contrapõe à Kerbey sobre a espacialidade da Amazônia, a partir de uma proposta de integração que levasse em consideração uma ferrovia para o Território do Acre. Para o Major, que havia residido no Pará e visitado a região por quatro vezes, as possibilidades ferroviárias da região eram inexistentes. Quando discutiu a questão da possibilidade de investimentos ferroviários na região, o autor descreveu-os como “possível, mas não prático.”⁴⁷⁵ Para o jornalista, o caminho era a rota de navegação que conectaria o Sul dos Estados Unidos ao Norte do Brasil. Para o escritor, era a ferrovia que seria a responsável por acoplar os dois Brasis, representados pelo binômio litoral/sertão. A “Transacreana”, então, pode ser contraposta ao projeto de navegação à vapor de Kerbey, a partir da ideia de que ambos tinham a intenção de integrar a região à seus respectivos estados.

Portanto, a proteção da Amazônia como patrimônio da nação, à qual cabia a sua responsabilidade e à qual a expectativa do desenvolvimento estava alinhada à conexão com o Brasil do Sul, estava intimamente ligada aos escritos de Euclides da Cunha, mesmo que sua visão pessimista sobre a região a tornasse uma figura complexa em que a natureza se confrontasse com o homem. Como o autor Willi Bolle discorre em sua arguição, a argumentação para a “Transacreana” trazia justamente os elementos do “navegar em seco”,

⁴⁷³*Op. Cit.* DA CUNHA, 2000, p.29

⁴⁷⁴*Op. Cit.* DA CUNHA, 2000, p.100

⁴⁷⁵*Op. Cit.* KERBEY, 1906.

para entreligar os vales dos rios, de forma a firmar um símbolo tangível de posse, que reafirmasse a posição do Brasil.⁴⁷⁶

O elemento “imóvel” da Amazônia, a natureza, era confrontada por ambos os autores de perspectivas completamente adversas, mesmo que partissem da mesma premissa da floresta como um paraíso edênico, o último braço do Gênesis no mundo contemporâneo. Para Kerbey, era a última fronteira do Oeste, uma nova entrada para a civilização estado-unidense, o futuro comercial e político da América. Para Euclides da Cunha, era o fruto da cobiça internacional que, como denúncia, deveria ser protegido ao mesmo tempo que reclamado pela sociedade brasileira, sua herdeira por direito.

3.2. Comércio, economia e investimentos na “Terra do Amanhã”

Apesar da prosa de Kerbey ser permeada de elementos da aventura e romance, seguindo o sub-gênero extremamente popular do período de “Imperial Western” - Que incluía não-ficção e ficção conjuntos, misturando elementos de guerra, aventura, amor, darwinismo social, alteridade racial, masculinidade, dentre outros⁴⁷⁷ – ele não perde o contexto da análise econômica, este viés sendo aquele que traria a conquista do país sobre a região. Portanto, a sua narrativa analisa cada trajeto de sua viagem como um possível espaço para o investimento estado-unidense e o enriquecimento financeiro de investidores que pretendessem se arriscar na “Terra do Amanhã.” Era imprescindível aumentar a presença dos mesmos, para que assim os laços econômicos pudessem construir os passos necessários para a civilização. Além da proximidade com os Estados Unidos, cuja distância era até mais próxima que a capital do Brasil, um outro elemento comercial era preponderante para a crença na reciprocidade entre ambos os países – A idéia de que existia uma complementariedade de produtos entre o Vale do Amazonas e o do Mississippi, tendo um todos os artigos necessários para o outro e vice-versa. O jornalista percebia nas duas regiões elementos que, dada suas condições climáticas e naturezas distintas, tornariam-as opostos complementares.

A bacia do Amazonas produz estes artigos padrão, borracha, cacau, café, açúcar, raízes, plantas e cascas, requeridas para “materia medica” que não podemos crescer em nossa latitude; mas todas que são necessárias para a vida civilizada, e pelas quais pagamos centenas de milhões de ouro anualmente. O Vale do Mississippi e do Ohio podem ofertar em abundância estes artigos que não podem ser produzidos na Amazônia, e pelos quais os nativos precisam depender de outros países, na zona temperada; nominalmente, trigo, bacon, banha, carnes enlatadas,

⁴⁷⁶*Op. Cit.* BOLLE, 2005; *Op. Cit.* DA CUNHA, 2000.

⁴⁷⁷*Op. Cit.* OFFENBURGER, 2014, p. 539.

ferragens, ferramentas, maquinário, e especialmente carvão para combustível e nosso querosene para iluminar aquele continente escuro.⁴⁷⁸

Assim sendo, não havia *nada* que a Amazônia precisasse que não estivesse ao alcance dos Estados Unidos de fornecer, considerando a balança comercial ianque. Para Kerbey, portanto, não existiria integração entre os dois pólos que não perpassassem a questão comercial, considerada a questão basilar para qualquer proximidade entre ambas. Ao propor a linha de navegação entre as cidades às margens do Mississippi e as suas equivalente no Amazonas, além de seguir a trajetória natural estabelecida pela tese oceanográfica de correntes marítimas, tinha como meta “Não apenas servir como promoção para a reciprocidade no comércio, mas resultaria em estabelecer relações amigáveis que seriam de grande vantagem para o Oeste e o Sul.”⁴⁷⁹ O comércio era uma das vias pelas quais as relações se estreitariam, o que permitiria o aumento da influência do país tendo como fim servir como o dirigente natural para a região no futuro. O Brasil do Sul centrado no Rio de Janeiro, que ficava a milhares de quilômetros de Belém e das outras cidades da Amazônia, requisitava produtos inteiramente distintos para alimentar sua balança comercial, dadas as suas condições geográficas, radicalmente diferentes daquelas necessárias no Brasil do Norte.

Se a tese de Joseph Orton Kerbey discutia a validade sobre as possibilidades da comercialização e os tratados de comércio entre os dois países, sua ambição tinha um produto específico em mente, aquele que seria capaz de mover uma economia para o coração da floresta. A goma elástica era o principal produto em ascensão no comércio internacional, dada sua necessidade para as indústrias estado-unidenses e britânicas, cujo faturamento era incalculável. Como o autor discorreu, “No tempo presente e por alguns anos, todo o comércio e transporte da Amazônia e de suas cidades, os governos estaduais do Brasil do Norte dependem dos produtos naturais da floresta e de seus vales, do qual o principal é *India-Rubber*, ou como é conhecido lá, “Borracchio”.⁴⁸⁰ A matéria-prima havia dominado todas as transações de produtos na região, dada sua importância financeira no cenário internacional, e dentre todos os países, o Estados Unidos tinha a maior demanda para o consumo da mesma. Como a historiadora Bárbara Weinstein pontuou, o controle quase absoluto da produção natural do produto tornou a região uma área de disputa econômica dentre vários agentes internacionais.⁴⁸¹ O jornalista era mais um desses, interessado nas benesses que tornariam sua nação a mais favorecida na disputa feroz pelo “ouro branco”. A ambição desmedida para a expansão neo-colonialista de capital, tendo a

⁴⁷⁸*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p.13

⁴⁷⁹*Ibid*, p. 12

⁴⁸⁰*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 44

⁴⁸¹*Op. Cit.* WEINSTEIN, 1993.

modernidade como princípio, destaca o que o autor Francisco Foot-Hardman chama de “fantasia lúdica” do progresso, tendo o mercado mundial como palco para as justificativas do espetáculo da modernidade que tinha a função simbólica de demonstrar a sobreposição da tecnologia sobre a natureza, força motora da civilização.⁴⁸²

A produção natural, entretanto, não era suficiente. O autor tinha temor pelos frutos da exploração insensata do “nativo ou indígena”, que drenava a árvore e assim a fazia morrer. Mais preocupante, o massacre impiedoso havia sido instigado pelos comerciantes das grandes cidades, ávidos para enriquecer rapidamente com a alta demanda para o mercado externo, despreocupados com os negócios no futuro. Estes homens, por sua vez, consistiam em nativos latinos ou portugueses, e o extensivo transporte requerido para distribuir os suprimentos e a coleta de borracha e seu envio para os mercados do mundo no controle de companhias inglesas de transporte e navegação.⁴⁸³ As ações desses agentes haviam sido, para o autor, as responsáveis pela destruição do baixo amazonas como zonas produtivas, e por conseguinte, sua missão consistia em encontrar novas fontes no interior da região para garantir a demanda para os anos vindouros, assim como estabelecer a relação econômica natural entre os ianques e a região, partindo de sua concepção de que a mesma complementava o seu país. O dever econômico da Amazônia era fornecer aquilo que era necessário para o advento da modernidade, e em troca receberia os benefícios da civilização estado-unidense.⁴⁸⁴

Assim, fazia-se necessário que relações sem intermédio de um terceiro país pudessem ser geradas, de forma a beneficiar ambos os lados. Ao alcançar a cidade de Belém no Estado do Pará, sua análise do comércio da cidade provém da necessidade de estabelecer um vínculo econômico mais próximo com os Estados Unidos, este atualmente sendo intermediado pelo Reino Unido, do qual não permitia o estabelecimento do princípio da reciprocidade. Segundo o mesmo:

Borracha é próxima das taxas de importação de produtos tropicais de café e açúcar, e os Estados Unidos consomem um-meio da produção total, equivalente à média de cinquenta milhões de dólares anualmente, pelo qual pagamos em ouro, sempre por intercâmbio inglês, o dinheiro sendo usado para comprar bens na Europa para a Amazônia. Não existe reciprocidade em borracha, mas pouco sendo importado da América, exceto querosene, farinha de trigo e bacon, os quais sua terra-natal Portugal não pode fornecer.⁴⁸⁵

O principal entrave, portanto, era a impossibilidade da reciprocidade já que os produtos importados da sua nação eram escassos e em menor quantidade. Para um país que

⁴⁸²*Op. Cit.* FOOT-HARDMAN, 1988.

⁴⁸³*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 43

⁴⁸⁴*Op. Cit.* FOOT-HARDMAN, 1988.

⁴⁸⁵*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 46

sobrevive de taxas de importação e exportação, como postula o autor, de itens encontrados na floresta pela mão-de-obra baixamente qualificada, e pelas quais os Estados Unidos são grandes responsáveis pela compra, o ideal era estabelecer um sistema beneficiário com o seu principal patrono. A idéia do *saber* como principal fonte para este incentivo era a força motora de Kerbey, a partir da ideologia de que era necessário *descobrir* as riquezas comerciais a partir do espectro do capital estado-unidense, como comum nos relatos de viagem dos conterrâneos na América do Sul. Essa visão não era exclusividade do autor, já que outros antecessores discutiam a temática econômica a partir do papel de descobrir os segredos da região e suas potencialidades. Herndon, quase meio século antes, creditava aos ianques a missão de organizar a economia local. Quando discutindo as formas de incentivar os produtos estado-unidenses e a abertura do rio para a navegação, o tenente escreveu:

Nós, mais do que qualquer outro povo, estamos interessados na abertura desta navegação. Como já foi dito anteriormente, o comércio desta região *precisa* passar pelas *nossas* portas, e misturar-se e trocar com os produtos do *nosso* vale do Mississippi. (...) Eu posso ser testemunha da verdade do sentimento expresso pelo meu amigo, Mr. Maury, de que o vale do Amazonas e o vale do Mississippi são complementos comerciais um do outro – Um suprindo o que o outro necessita no grande cenário comercial. Eles são irmãos que não devem ser separados.⁴⁸⁶

Mesmo que estivessem sobre a mesma perspectiva do papel crucial do comércio e da intrínseca ligação entre os dois vales, a perspectiva de como estes processos deveriam se desdobrar, eram completamente distintos. O autor acreditava que a melhor forma de aumentar a participação do país na região era através do capital estado-unidense, que deveria ser empregado no vale do Amazonas como parte do processo de aproximação de ambos os países. Sua missão, portanto, tinha que explorar o interior da floresta para abrir o caminho comercial para o país de origem – Tendo como principal produto a borracha – E achar maneiras para a expansão da presença econômica na região. Kerbey, em divergência com o módico que havia guiado os seus antecessores voltados para a proximidade escravocrata do Brasil e dos estados sulistas do país, procurava organizar os laços através do investimento típico dos estados nortenhos da união, como o seu estado natal, Pensilvânia. De muitas maneiras, sua pesquisa por investimentos preclui o cargo que por muito tempo chegou a exercer, como agente comercial de inúmeros negócios de seu estado natal no exterior. Enquanto muitos dos escritores que o precederam na Amazônia, como Maury e Herndon, e mesmo Hastings, tinham proximidade com a indústria escravocrata e o modo de vida da agricultura do Sul, o jornalista

⁴⁸⁶Op. Cit. HERNDON, 2000, p.193.

sempre se manteve próximo aos grandes negócios e magnatas do Norte, mantendo-se coerente com a política do partido republicano.⁴⁸⁷

A procura por oportunidades para os investidores, por conseguinte, fazia com que necessariamente procurasse modos para encontrar produtos dentre os nativos e os espaços que visitava. O investimento principal teria de ser feito pela borracha, esta justificando toda e qualquer futura benesse econômica. Uma dessas era a “conservação” da árvore de látex, tendo em vista o uso predatório dos coletores brasileiros, estes já tendo “esgotado o Javary, a fonte mais prolífica de Hevea Rubber”. A questão da “cultivação”, porém, não era considerada da mesma importância, mesmo que esta fosse a maneira mais segura de prosseguir com a produção em escala do produto. Mesmo dentro do pensamento voltado para o comércio com o território local, porém, Kerbey não deixou de refletir sobre os resultados eventuais da destruição desenfreada da floresta para o consumo do produto. Comparando com a quinina peruana, que havia sido transplantada para a Índia pelos britânicos, o autor se questiona, “A mesma coisa irá ocorrer com a borracha através da nossa transplantação da semente ou plantas para nossas próprias possessões, adaptadas à seu crescimento, para serem encontradas apenas nas Filipinas, na mesma latitude e em um clima similar em Cuba e em Porto Rico?”⁴⁸⁸ Apesar dos itinerários das duas regiões serem destinados a se cruzarem, como um verdadeiro destino manifesto entre o Mississippi e o Amazonas, o autor não descartava a possibilidade de usurpar o principal produto para ganho pessoal da sua pátria de origem. Não à toa, o escritor nomeou aquela que considerava a futura república da Amazônia como “A República da Borracha”, tamanha sua importância comercial para o progresso. O autor ressaltava que uma floresta de borracha poderia ser “tão valiosa quanto uma mina de ouro desenvolvida”⁴⁸⁹, e os ganhos com a matéria-prima justificariam qualquer prática.

As terras próximas à nascente do rio, porém, tinham a possibilidade de fornecer alguns dos itens que complementariam as demandas das maiores cidades na bacia. Durante sua passagem pelo vale do Tarapota e do Moyabamba, Kerbey observou na diferença do solo e do clima do Amazonas Oriental, condições favoráveis para a agricultura de insumos difíceis de serem cultivados nas planícies do baixo Amazonas. A abundância de oportunidades para sustentar o vale inteiro de outras formas de produção, além da goma elástica, certamente passava pelas idéias do jornalista. A produção agrícola, dada a devida interconexão com os meios de transporte e logística necessários para levá-la até os mercados da foz do rio, seria

⁴⁸⁷Como explicitado no segundo capítulo desta dissertação.

⁴⁸⁸*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 104.

⁴⁸⁹*Ibid*, p. 131

suficiente para abastecer o vale inteiro, e em turno este teria acesso à alguns dos produtos que até então eram importados de outros países.

Praticamente tudo pode ser cultivado em uma fazenda ou hazienda deste maravilhoso vale, frutas dos trópicos no vale, algodão e açúcar e tabaco nas terras baixas assim como café, com batatas, milho e trigo no sopé das montanhas, enquanto as eternas montanhas cobertas de neve fornecem água gelada, e se desejado armazenamento a frio e energia do transbordamento para fazer uso de produtos que não podem ser consumidos. No entanto, praticamente nada é cultivado, exceto alguns artigos necessários para sustentar os nativos dispersos. Embora eles pudessem cultivar neste vale o suficiente para comer do baixo Amazonas com produtos de pão, bem como carneiro e carne bovina, não é tentado por causa da inacessibilidade e dificuldade de transpor as montanhas para o rio, um dia de transporte para chegar à navegação e o mercado além.⁴⁹⁰

Dentro deste contexto, então, a navegação era outro campo essencial, a partir do momento que ela permitiria o acesso à essas riquezas. Além da proximidade natural que as linhas de navegação estimulariam entre as cidades então propostas pelo major, quebrar o monopólio do transporte na região por meio de vapores e empresas britânicas garantia que não seria mais necessária a mediação do país para relações inter-hemisféricas, permitindo acordos bilaterais entre os Estados Unidos e o Brasil ou Peru. Segundo o autor, existia um grande campo para expandir os negócios de transporte “(...) dos portos do sul de Nova Orleans e Mobile (...) expressando a esperança que a bandeira americana será um dia bem-vinda no Amazonas. Não está presente lá agora.” Um sistema que favorecesse o transporte e o controle da distribuição logística dos produtos providos pelo rio ajudariam ainda mais a desenvolver as conexões, partindo do pressuposto de que “Extensiva empreendimento e comércio irá seguir instalações de transporte que procuram as saídas naturais rio abaixo no Amazonas para os mercados do mundo, via o navegável rio para as correntes oceânicas.”⁴⁹¹

Se em mãos estado-unidenses, as economias complementares do Mississippi e do Amazonas conseguiriam se retroalimentar sem a necessidade de uma presença externa. A borracha, que muitas vezes tinha que ser adquirida por preços mais caros de ingleses, poderia ser adquirida por um valor menor e comercializado através de um sistema de logística ianque, considerado pelo autor superior ao inglês. Kerbey confirmou essa suspeita ao analisar sua viagem em uma embarcação produzida em seu país, durante o traslado de Iquitos até o vilarejo de Yurrimaguas, no extremo oeste do rio. O vapor batizado de “Sábina”, em homenagem ao pássaro de mesmo nome, era uma pequena embarcação construída na Inglaterra, mas moldada usando o estilo de embarcação de sua pátria.

⁴⁹⁰Ibid, p. 212

⁴⁹¹Ibid, p. 87.

Os oficiais da Amazônia assim como os homens de negócios nos rios acima, estão sendo mostrados por esta ilustração a superioridade do estilo Americano de barcos para a navegação de numerosos rios menores sobre o modelo de casco inglês em forma de cunha de quilha profunda que puxa muita água durante a estação seca. Os oficiais ingleses, apesar de seu preconceito contra tudo americano, admitem que sua roda leve de popa Sabia viaja mais rápido e transporta tanta carga, com menos despesas e acomoda mais passageiros do que os cascos em forma de iate que estão sempre causando problemas ancorando-se nas barras do canal em constante mudança dos menores, rios.⁴⁹²

Portanto, os navios ingleses não eram adaptados para este tipo de comércio, nem sequer sabiam como operar nos Trópicos, sendo usualmente construídos para lidar com o clima frio e insuportáveis por ter seu maquinário ocupando a maior parte do espaço. Além do mais, para o autor, as embarcações estado-unidenses estavam sendo aguardadas com ansiedade pelos governos e pessoas do Amazonas, como uma forma de estender uma mão liberalizante que encorajaria o comércio do país com a região.

A importância da permissão e acesso à navegação no rio já era discutida desde o princípio do século XIX. Como parte integral do processo de interconexão com a América do Norte, a abertura para a navegação de nações amigas permitiria investimento de capital estado-unidense, que em turno traria a domesticidade e a modernidade para a região, como um dever para o desenvolvimento do comércio mundial, que necessitava dos produtos que a floresta tinha a oferecer. Segundo a autora Sarah Philippe, Maury articulou seu pensamento elencando a introdução dos vapores e embarcações como simbólicos da “ (...)conquista predestinada da Amazônia”, uma parte do arco mundial da história.⁴⁹³ Para o mesmo, a chegada desse espírito progressista às grandes bacias da América do Sul, através da livre-navegação, “faria com que a selvageria ali florescesse.”⁴⁹⁴ O Brasil precisava se alinhar a este destino e liberar os direitos, para “O bem do comércio, ciência e do mundo.”⁴⁹⁵ Assim, a tecnologia naval estado-unidense era a força motor para intermediar o destino do sub-continente. Em seu livro sobre a imigração para Santarém, Hastings acrescentou que, dada a oportunidade aos anglo-saxões, e permitida o livre acesso ao rio, a expectativa de um grande sucesso comercial era palpável, a partir de que:

Com apenas um ano nós poderíamos de uma visão, de nossas casas nessas terras de mesa, ver os vapores, carregando as bandeiras de todas as nações comerciais, subindo e descendo aqueles rios vastos, abastecendo Peru, Bolívia, Equador e Venezuela com mercadorias dos mercados distantes e trazendo em troca os ricos e naturais produtos daquele imenso e maravilhoso país.⁴⁹⁶

⁴⁹²*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 130

⁴⁹³*Op. Cit.* PHILIPPE, 2019, p. 56

⁴⁹⁴*Op. Cit.* MAURY, 1853, p. 142.

⁴⁹⁵*Ibid*, p. 22

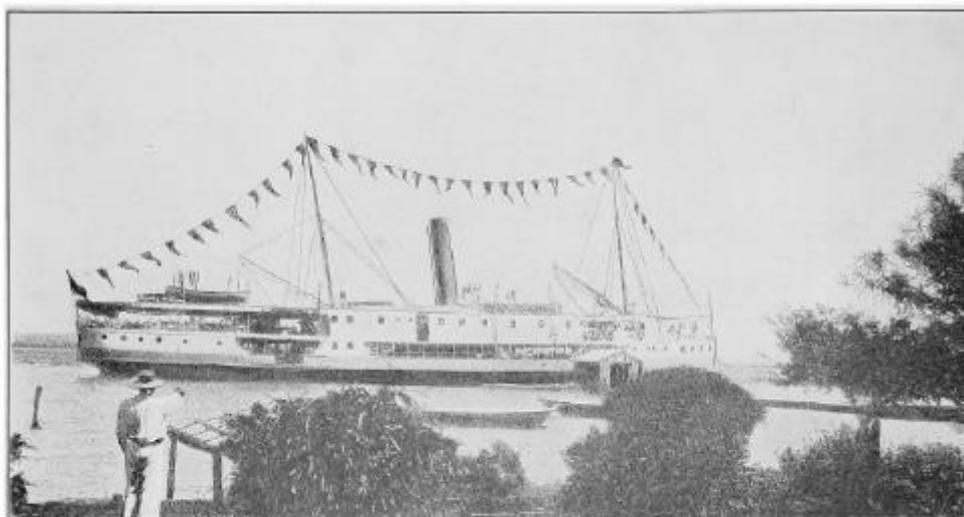
⁴⁹⁶*Op. Cit.* PHILIPPE, 2019, p.37.

Kerbey partilhava do mesmo ideário, mesmo que em um contexto diferente. Se o Amazonas já estava em tese aberto para os negócios internacionais, o governo brasileiro punha entraves, em conjunto com os britânicos, para atrapalhar os estado-unidenses. De acordo com o jornalista, os brasileiros tinham o hábito caprichoso “mudar o nome dos rios” para que assim, o seu acesso só pudesse ser feito através de embarcações brasileiras. O suposto tratado de abertura para o comércio internacional se aplicava apenas ao rio principal, e os numerosos e importantes tributários e afluentes, as vezes até mais ricos em recursos naturais, só podiam ser navegados se negociações fossem feitas por meios de tratados. Para o escritor, porém, “(...) A despeito dos fazedores de geografias no Rio, o poderoso Amazonas retém o seu nome desde o Atlântico até a sua nascente nos picos nevados dos Andes.”⁴⁹⁷ Esse era só mais um indicativo de que o país não entendia a região, e assim impedia que a lei internacional beneficiasse o povo em seu interior, ávido para a possibilidade de navegação livre até o oceano através dos córregos que nascem, seja na Bolívia, no Peru Oriental ou no Equador, todos fazendo parte da bacia denominada de amazônica.⁴⁹⁸ Os britânicos, tendo em controle o atual transporte da região, impediam até mesmo a comercialização do carvão ianque. Mesmo que fosse muito mais prático que simplesmente o trouxessem do Mississippi para alimentar a escassez do produto, mantinham o monopólio de seu país natal, Inglaterra.⁴⁹⁹

⁴⁹⁷*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 77.

⁴⁹⁸*Ibid.*

⁴⁹⁹*Ibid.*, p. 60.



AN AMAZON STEAMBOAT Facing Page 60

Figura 13: Um vapor na Amazônia.

Fonte: Kerbey, Joseph Orton. *The land of Tomorrow; a newspaper exploration up the Amazon and over the Andes to the California of South America*. W. F. Brainard Publisher, New York, 1906, p. 60.

O último espetáculo da modernidade, que representava os milagres da civilização em face à selvageria da bacia amazônica, eram as ferrovias. A idéia de construir ferrovias em trechos da região, para ajudar no escoamento de produtos, não era original. Para o autor, porém, a maior parte destas propostas eram pautadas em desconhecimento sobre a região e as formas de locomoção na floresta, assim como o caso das frequentes enchentes que ameaçavam a preservação dos trilhos. De forma irônica, o autor lembra como sua demissão do cargo de cônsul deveu-se à sua tarefa jornalística de “educar o nosso povo sobre a pouco conhecida região”, ao criticar a proposta da Pan-American Railroad, ferrovia que pretendia cruzar os Andes e adentrar a Amazônia, não vendo-a “capaz de competir em tempo com barcos lentos.”⁵⁰⁰

Com exceção de curtas ferrovias que pudessem funcionar para diminuir distâncias entre riachos, o autor considerava a manutenção das estruturas no clima tropical improvável. Na descrição do mesmo Vale do Tarapota, o autor defende que a forma viável para escoar a possível safra que ali fosse planta era por meio de “ferrovias de bitola estreita que carregariam todos os produtos para a navegação em duas horas.” A energia gerada para movimentar o meio de transporte viria de um “sistema de energia que viesse do poder da água, presente nas numerosas torrentes de montanhas, capazes de gerar eletricidade suficiente para operar as ferrovias.”⁵⁰¹ Tirando os casos do clima mais ameno próximo à Amazônia Ocidental, entretanto,

⁵⁰⁰*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 212

⁵⁰¹*Ibid.*

aconselhava que o transporte nas regiões orientais mantivessem-se movidos pelas rotas diversas de navegação, que além de mais práticos eram naturalmente favoráveis.

Os grandes centros comerciais, como Belém, Manaus e Iquitos, também careciam de estrutura estado-unidense em aspectos comerciais e culturais, sendo largamente influenciados pela estética européia. Na primeira cidade, o jornalista comentou sobre a arquitetura e os elementos culturais de matriz portuguesa, a principal influência sobre Belém, assim como a falta de estrutura similar às cidades modernas da terra natal, como Nova Iorque. Em Manaus, as casas de comércio eram “maiores e arquitetadamente superiores, sendo geralmente de um estilo mais moderno. As residências também são modeladas imitando o plano francês e germânico, e são mais agradáveis ao olho do visitante americano do que a monótona arquitetura portuguesa.”⁵⁰² Diferente de Belém, em que a colônia inglesa dominava o comércio, os mercadores e comerciantes estrangeiros eram principalmente alemães, com um grande número de judeus. “Nas datas de minhas várias visitas não encontrei um residente Americano”, disse. Iquitos, por último, ainda era uma cidade recente, sendo recém-fundada e ainda tendo como base “cabanas indígenas” em seu entorno. O descaso do governo peruano com a cidade, para o autor, era mais uma evidência dos benefícios da independência da região, esta então podendo redirecionar seus fundos para si. Mas mesmo em Iquitos, a predominância do clima afetava a relação que os comerciantes poderiam ter com a cidade.

Os fatos concretos são que o clima e as pessoas, porém, não podem ser demolidos por um americano ou outro estrangeiro traficante de negócios em mudar sua rotina diária. (...) Muito tempo e espaço podem ser ocupados no esforço para mostrar porque teorias políticas e algumas práticas de negócio, boas o suficiente em nosso país, não podem ser aplicadas com sucesso à latitude 0.⁵⁰³

Portanto, o desdobramento da construção da representação de Amazônia dentro da publicação de Kerbey tinha a clara intenção de justificar a suposta ascensão econômica de seu país para a região, assim como o esperado pelo destino mítico que a aguardava, uma clara linha tangencial do Destino Manifesto que havia justificado a expansão para a Califórnia e o Novo México. Diferente do módico esperado por seus antecessores, entretanto, as conexões do escritor com a faixa do nordeste do país, o ajudavam a pensar em uma conquista não pautada pelos valores comuns do sistema econômico escravista, como Maury, Herndon e Hastings, mas sobre a proposta do investimento e da reciprocidade – Voltados para a questão da indústria estado-unidense e para os produtos agrícolas do Vale do Mississippi.

⁵⁰²Ibid, p. 70.

⁵⁰³*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 108

Em contraste com o autor, Euclides da Cunha via o processo econômico da bacia como um processo predatório, instigado pelo valor comercial dos produtos a quais a floresta tinha a oferecer. O otimismo romântico que marca a escrita aventureira de Kerbey, mesmo que esteja lidando com as *possibilidades* comerciais de uma terra em desenvolvimento, são subsistuídas pelo pessimismo da narrativa euclidiana. Ao tratar do povoamento da região, Euclides elenca os mesmos produtos que para o estado-unidense, faziam parte da complementariedade econômica com o Vale do Mississippi. “O látex das seringueiras, o cacau, a salsa, a copaíba e toda espécie de óleos vegetais, substituindo o ouro e os diamantes(...)”, e esses mesmos “alimentavam *as mesmas ambições* insofregadas”⁵⁰⁴, responsáveis pela migração em massa. Seu foco é a extração e o comércio da borracha, o principal produto dentre os disponíveis na hiléia, dada como sua importância na balança comercial do país. Era este aquele que “determinou o desbravamento e o povoamento de tão extenso território”.⁵⁰⁵

Apesar das similaridades no enfoque da importância do látex e da goma elástica, Kerbey vê o processo civilizacional da floresta como parte da importância econômica da mesma para o Brasil e as repercussões que a mesma teria no contexto nacional, em detrimento à sua importância mundial. Portanto, não vê os produtos amazônicos como complementos naturais, mas parte integrante da balança nacional, e que então conversava com as outras regiões do país. A integração, essencial para o módico econômico estado-unidense, através do sistema de navegação e das linhas de embarcação para as cidades do Mississippi, são ignoradas em favor do projeto Transacriano, que pretende integrar politicamente e por conseguinte, economicamente o país. Para o historiador Artur César Ferreira Reis, Euclides da Cunha pretendia, em seu projeto, que:

Impunham-se medidas do poder público, entre elas a Transacriana, que ligaria os grandes vales da mais nova área integrada politicamente ao Brasil e seria uma demonstração cabal de nossa capacidade para empreendimentos análogos, do tipo daquele que fizera, espetacular, o processo de desenvolvimento dos Estados Unidos quando ligaram, pela via férrea, o Atlântico ao Pacífico. A lição que a façanha representava bem poderia ser repetida por nós na estrada pela selva. A Transacriana transformaria o que era o deserto, penetrado, ousadamente, na investida contra a floresta, pelos novos sertanistas, seringueiros e caucheiros que renovavam, no mesmo estilo de coragem, a façanha dos bandeirantes da quadra colonial.⁵⁰⁶

A capacidade do estado de empreender investimentos similares àqueles empregados na história estado-unidense demonstrava o ímpeto nacional que dispensava a necessidade do

⁵⁰⁴*Op. Cit.* DA CUNHA, 2000, p.17-18.

⁵⁰⁵*Ibid.*

⁵⁰⁶*Op. Cit.* DA CUNHA, 2000, p. 57.

comércio do outro país como seu modo de desenvolvimento. A legalidade da região como parte do Brasil dispensava com o conceito de que existia uma intrínseca conexão dentre os vales que movia a uma inexorável integração de ambos. E para da Cunha, o meio de investimento fluvial, como proposto pelo jornalista e parte do discurso de autores que o precederam, era rebatido com a integração proporcionada pela estrada que conectaria o território com o sul do país, assim tornando-o viável para a exportação através do Sul e não apenas do porto de Belém.

O brasileiro também, se opondo ao pensamento ambicioso do ianque em relação ao modo de produção extrativista, questiona a forma de trabalho e de distribuição de renda no sertão da hiléia. Se as exportações de borracha, castanhas, óleo de copaíba, pirarucu, salsaparrilha, dentre outros, tornavam a região rica, as benesses econômicas estavam concentradas nas mãos de um número restrito de pessoas. O caráter denunciatório da escrita euclidiana fica claro na sua descrição das duras condições de trabalho na Amazônia, estas que mal figuram como uma questão de importância para o major. Enquanto Joseph Orton Kerbey se posiciona como um agente da futura civilização amazônica e procura demonstrar as oportunidades comerciais e financeiras, postas para os cidadãos que *merecem* povoar a região, Da Cunha demonstra o custo da ganância do primeiro, descrevendo a forma de trabalho do sertanejo “duramente explorado, vivendo despeado do pedaço de terras em que pisa longos anos (...) nos pontos mais remotos, a um quase servo, à mercê do império discricionário dos patrões”⁵⁰⁷ Mais do que isso, este encara a questão procurando soluções para a forma de exploração econômica do trabalhador, propondo uma “uma forma qualquer do *homestead* que o consorcie definitivamente à terra.”⁵⁰⁸, buscando na conquista do Oeste Estado-Unidense, uma solução que resolveria a questão dentro do cenário *nacional* e para cidadãos brasileiros.

À luz da promessa da modernidade e do comércio, tão representados pelo ianque, o brasileiro conseguia ver as mazelas da hiléia, amaldiçoando aqueles que haviam sido desafortunados a trabalhar em seu deserto, castigados pelas benesses comerciais, pelos grandes projetos de ferrovias e navegações e pelas mãos dos carrascos gananciosos, desumanos em seu tratamento.

3.3. O homem da Amazônia – Nativos e imigrantes sob o olhar de Kerbey

Em sua narrativa sobre o Pará, o ponto de partida de sua viagem, Kerbey passa rapidamente pela definição das etnias que consideram formadoras do homem amazônico, assim como de classes sociais pela capital do estado. Para o autor, “Na Amazônia a distinção de classe

⁵⁰⁷Ibid, p. 126.

⁵⁰⁸*Op. Cit.* DA CUNHA, 2000, p. 130

é claramente definida, tendo uma classe superior e uma inferior que obedece finamente. Essa não é uma divisão de cor, porém, pois por aqui não se encontra nada do preconceito que existe em algumas partes dos Estados Unidos.”⁵⁰⁹. Para o jornalista, então, não existiria dentre os nativos do território alguma diferença racial. A única aristocracia que a região conhecia era aquela que possa ser chamada de política-comercial, tendo nada em comum com as conhecidas linhagens de gerações do exterior. Algumas famílias ilustres mesmo chegavam a ter quadros de suas avós indígenas em suas casas, motivos de grande orgulho para suas genealogias.⁵¹⁰

Este era o cenário do homem amazônico que o Major encontrava na região brasileira, a partir da perspectiva de três raças que o formavam – O português, o indígena e o africano. Apesar da ampla literatura que discute a formação da construção das três raças⁵¹¹, Kerbey as observava a partir do olhar estrangeiro de um estado-unidense, pela qual a miscigenação do território brasileiro causava certa surpresa, principalmente quando comparada com a experiência da república do norte. Mais importante, sua aderência às teses raciológicas do período eram esperadas, principalmente se baseadas na literatura de seus antecessores na Amazônia. Maury e Herndon acordavam na tese da impossibilidade do homem branco sobreviver e prosperar nos trópicos, sendo mais adaptados os negros, cuja raça tinha mais ligação com o clima.⁵¹² Por mais que Maury exaltasse a riqueza da natureza selvagem amazônica, ele não acreditava na possibilidade da terra para condições reais de vida para os homens brancos.

Joseph Orton Kerbey, como visto anteriormente, exaltou em igual a natureza selvagem da floresta edênica. A relação da mesma com os nativos, entretanto, dizia bastante sobre sua opinião sobre os trópicos. Embora cheio de amigos no Pará, onde residiu durante o seu serviço consular, a visão dos povos “latinos”, a forma como eram chamados os “crioulos da terra”, descendentes de portugueses, passava pelo crivo dos estereótipos estado-unidenses sobre os povos sul-americanos. Para o historiador Terry Caesar, o texto neo-imperial elabora sobre as populações nativas uma dualidade comum em que a exaltação da natureza é contraposta com a pobreza mental das populações locais, pondo um espectro em que a riqueza natural é a responsável pela inércia da região.⁵¹³ O jornalista se posiciona favorável a essa dualidade, a partir de sua análise sobre “primitivismo” e atraso da região.

⁵⁰⁹*Op. Cit.* KERBEY, 1906.

⁵¹⁰*Ibid.*

⁵¹¹Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁵¹²*Op. Cit.* PHILIPPE, 2019, p. 47

⁵¹³*Op. Cit.* CAESAR, 2009, p. 185.

Essas condições são tácitamente aceitas pelos residentes que são as pessoas a quais mais importam, o viajante ou comerciante residente não precisando se preocupar. Talvez a causa para esta apatia possa ser traçada às condições raciais antecedentes. Certamente o sangue que corre em suas veias é diferente do sangue Anglo-Saxão que não dificilmente se submeteria (...) É verdade suficiente que o calor combinado com a silenciosa solitude dessas florestas tropicais primitivas, parecem jogar um feitiço particular sobre a vida. É uma terra onde a natureza aparentemente aboliu o trabalho por uma luxuosa abundância que reduz a luta pela vida ao mínimo.⁵¹⁴

Portanto para o autor, o clima e a geografia tinham uma influência direta sobre a índole da população da Terra do Amanhã, fazendo com que estes se tornassem preguiçosos e inertes, incapazes do desenvolvimento prático. Este cenário era muito comum na literatura estado-unidense, principalmente quando comparados com os anglo-saxões, cuja raça impedia de “se corromperem” de forma tão vil.⁵¹⁵ Kerbey, porém, não deixou de apontar o argumento dos oficiais nativos de que até mesmo os estado-unidenses poderiam vir a padecer do mal dos Trópicos, se vivessem durante muito tempo em contato com os locais.

Talvez, também, o clima do Equador produza, em parte, as causas do que parece criar um povo tão deficiente em energia e indiferente aos ordinários impulsos da independência. Os oficiais nativos irão defender sua posição ao insistir que o Anglo-Saxão, vivendo um longo período neste clima e associando-se com o seu povo, aprende a adotar o seu modo de vida, aparentemente absorvendo sua indiferença por contato.⁵¹⁶

A falta de impulso para um processo de independência da Amazônia e a formação de um estado próprio, então, provinha justamente do espírito indolente dos povos nativos que assim a dirigiam, incapazes de se levantar contra os poderes centrais de seus respectivos estados nacionais, Peru e Brasil. Embora ainda visse o brasileiro com um espírito mais próximo do estado-unidense, dada sua inclinação para a expansão no território peruano, o autor tinha convicção de que as mãos anglo-saxãs eram necessárias para o desenvolvimento da região. Este pensamento também se encaixa em uma maneira de olhar a bacia que prevalecia na lógica do pensamento estado-unidense. Susannah Hetch explica como cientistas e viajantes de tradição anglófona criaram uma narrativa que posicionava a região como um local natural ao invés de um moldado por esforço humano. Assim como Kerbey, esses viajantes descreveram os membros locais da sociedade como “gentis hóspedes, ajudantes, ou remadores”, mas incapazes de se tornarem agentes ativos em alterar a paisagem.⁵¹⁷ Enquanto estava no Pará e no Amazonas, o Major Herndon comentou sobre a ociosidade da população local, escrevendo que “os homens,

⁵¹⁴*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p.100.

⁵¹⁵*Op. Cit.* HORSMAN, 1981.

⁵¹⁶*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 100

⁵¹⁷*Op. Cit.* HETCH, 2013, p. 282.

neste país, não são ambiciosos. Eles não se irritam, como os homens mais masculinos de climas mais gelados ficam, ao verem seus vizinhos passaram em sua frente.”⁵¹⁸

Enquanto estes sujeitos, assim como Kerbey, produziam conhecimento para um largo aparato imperial, para a autora, também reproduziam conhecimento da época em questões como raça, clima e os trópicos, para o qual consideravam estar conectados.⁵¹⁹ Na análise dos nativos de descendência europeia, Matthew Fontaine Maury escreveu que “Por mais de trezentos anos o homem branco esteve estabelecido na bacia amazônica, e por mais de trezentos anos permaneceu uma selva uivante”⁵²⁰ Apesar de considerar os descendentes de europeus como indivíduos brancos, ele também sugere uma hierarquia dentre os indivíduos que podiam ser considerados como brancos. O problema não era o *homem branco* em si, mas um *tipo específico* de homem branco, cujos hábitos eram incapazes de colonizar a terra. O que faltava, então, era uma presença especificamente branca, protestante, anglo-saxã e estado-unidense, já que para os nativos, “os grandes implementos de assentamento e civilização, são curiosidades.”⁵²¹

Kerbey encara a mesma questão a partir do espectro comercial, a partir da qual os nativos são incapazes de desenvolver os vínculos de reciprocidade com os estado-unidenses por conta própria, sendo necessário que os negócios estado-unidenses viessem para a Amazônia encontrar as oportunidades econômicas tão ignoradas pelos locais. Ao descrever o Alto Amazonas e suas afluentes, assim como seu povo, Kerbey não consegue ignorar que “Existem milhares de dólares de produtos valiosos decaindo na floresta pela falta de mãos hábeis para transportação e conseguir levá-las para o mercado. (...) É perfeitamente seguro de sugerir que algum americano que possa estar interessado no assunto, e que a introdução de nossos barcos será bem vinda e encorajada pelo povo do Peru.”⁵²² O comércio, o principal veículo para o avanço civilizacional da região, ajudaria a erguer as populações latinas, se gerenciados pelos seus superiores. As crenças de incapacidade, então, ajudavam a justificar o domínio estado-unidense.

A influência do clima dos trópicos sobre as populações nativas era um argumento válido para Kerbey, tendo em vista as teses comuns ao século XIX sobre as raças. Ao discutir as populações indígenas que encontrou durante sua aventura, o jornalista fez questão de pontuar sua natureza bárbara, seus hábitos similares à das criaturas naturais da floresta, como se a

⁵¹⁸*Op. Cit.* HERNDON, 2000, p. 172.

⁵¹⁹*Ibid.*

⁵²⁰*Op. Cit.* MAURY, 1853, p. 6.

⁵²¹*Ibid.*

⁵²²*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 132.

própria fosse capaz de influir nas raças as quais eram comuns ao território, como reivindica em sua análise, mais uma vez contrapondo com a Califórnia, sua referência principal.

Os índios da Amazônia que habitam a floresta tropical nos limites de inúmeros afluentes no Peru e Brasil, não são tão selvagens e guerreiros como os do nosso selvagem Oeste. Apesar de serem mais utilizáveis eles são talvez mais traiçoeiros e degradados. Isso pode ser atribuído às influências climáticas do Equador que afetam similarmente as feras selvagens das florestas, não tendo o mesmo instinto feroz das feras selvagens das zonas temperadas. Essa comparação pode ser carregada adiante e aplicada apropriadamente à massa da humanidade que vive sobre o Equador.⁵²³

Com a exceção do homem branco anglo-saxão, as outras raças estavam fadadas a cair no mesmo problema por influência do clima tropical. A crença do autor na supremacia racial anglo-saxã, entretanto, era extremamente difundida mesmo dentre aqueles que acreditavam no clima como o principal determinante para as raças, pois para estes, a questão não se aplicava aos descendentes de germânicos, sendo estes capazes de popular o mundo inteiro.⁵²⁴ Segundo a autora Sara Phillipe, em meados do século dezenove, estado-unidenses anglo-saxões haviam passado a se ver como inerentemente superiores, destinados à prosperidade econômica, o certo sistema de governo e a forma correta de cristianismo, e devendo levar seus conhecimentos para todo o continente e o resto do mundo. Esta ideologia foi principalmente aplicada em conjunto com as propostas do Destino Manifesto e que correspondiam à justificativa e glorificação de seus objetivos de conquista mundial. A narrativa de sua própria história, para os ianques, assim como suas sucessivas vitórias militares e ascensão comercial, eram as evidências claras de seu status como o povo escolhido, e assim, superior.⁵²⁵

Outros autores estado-unidenses pontuaram a diferença dentre as raças, mesmo que entre os brancos portugueses e os anglo-saxões de descendência germânica. James Bryce faz questão de frisar o arrependimento de não haver existido uma raça germânica que tivesse “tomado as coisas em mãos.” Para ele, “Como homens do Mississippi fariam as coisas no Amazonas! (...) Vapores iriam cruzar os rios, ferrovias iriam passar por dentre os caminhos da floresta, e o já vasto domínio iria inevitavelmente alargar-se às custas dos vizinhos mais fracos até que alcançasse os pés dos Andes.”⁵²⁶ A fé no espírito empreendedor anglo-saxão teria moldado um sub-continente inteiramente diferente para ele, onde a Amazônia já estaria inserida como uma grande potência na escala mundial de poderes, conquistando os territórios dos países mais fracos e esbanjando tecnologia. Kerbey, em contraponto, assumia que a região tinha

⁵²³Ibid, p.134

⁵²⁴*Op. Cit.* HORSMAN, 1981.

⁵²⁵*Op. Cit.* PHILIPPE, 2019, p. 51

⁵²⁶PEARCE, Fred. *Deep Jungle: Journey To The Heart Of The Rainforest*. Random House, New York, 2010, p.277.

questões climáticas que impeliam o progresso, mesmo que essa regra não valesse para os estado-unidenses.

Em conseqüente com o raciocínio, então, as raças mais degradadas que pertenciam ao território além dos latinos, como os indígenas, estavam em um degrau evolutivo ainda mais atrasado. Durante o trajeto para a travessia dos rios no Amazonas Ocidental, o major foi compelido a contratar um índio como intérprete, um mestiço cujo pai havia sido inglês e a mãe, índia. A miscigenação havia criado para o autor, um homem que:

Quando garoto havia aprendido um pouco da língua de seu pai, mas preservado toda a estupidez e traiçagem do Índio. Como a maioria dos mestiços ele era pretensioso e arrogante com os outros indígenas, seu conhecimento de inglês 'pigeon' sendo considerado um certo feito que o admitia a ter relações mais próximas com o branco (...) Um intérprete índio é um caro estorvo e nem um pouco necessário se um souber falar um pouco de espanhol. Um não precisa ou quer falar muito neste tipo de viagem. Os índios todos parecem compreender o que alguém quer pelos sinais mais simples, dado sua falta de conhecimento.⁵²⁷

Mesmo assim, o jornalista ainda tentou ensiná-los alguns costumes, os indígenas se mostrando difíceis de compreender que “seus costumes poderiam ser modificados.”⁵²⁸ Portanto, apesar de acreditar que os hábitos destes poderiam ser modificados, os considerava imersos demais em seu estilo de vida dentro a natureza para mudarem. Essa visão se assemelhava aquela de Matthew Fontaine Maury, que considerava os indígenas “sem energia e espírito empreendedor” para modificar o seu meio, aprisionados no atraso que era intrínseco à sua raça.⁵²⁹ Para as elites locais, descendentes de espanhóis ou portugueses, segundo o autor, eram considerados criaturas naturais, dava sua servitude e obediência, e portanto ainda se consideravam mais misericordiosos do que os estado-unidenses, por não terem massacrado seus indígenas para o avanço da civilização.⁵³⁰ Kerbey, por outro lado, os via como seres inferiores, incapazes de qualquer espírito além da servitude, na prática escravos de seus “melhores.”

Os índios são de fato peões ou escravos para os líderes militares Espanhóis-Peruanos. Em suas atenções para mim ele estavam simplesmente cumprindo com seus treinamentos e instruções. (...) Este fato vale a pena repetir – Que o indígena da América do Sul é dócil e submisso a um degrau que assemelha-se à servitude. Ele também é burro, e talvez traiçoeiro, respeitando a pessoa que serve como seu mestre ou superior, porque o teme. Experiência já provou que todo o esforço missionário para levá-lo para um degrau de igualdade, ou até além um certo degrau de inteligência, sempre resultou em fracasso. (...) Se você os chutar ele irá apenas murmurar, e lambear a mão que o bate. Eu sempre os tratei gentilmente e severamente, como eu faria com um animal que me servisse lealmente, não como um cão de estimação, mas como um cavalo, o melhor amigo do homem.⁵³¹

⁵²⁷ *Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 151.

⁵²⁸ *Ibid*, p. 164.

⁵²⁹ “Direct Foreign Trade to the South,” *DeBow's Review of the Southern and Western States*, Vol. XII.-New Series, Vol. V. New Orleans, 1852, 143.

⁵³⁰ *Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 219

⁵³¹ *Ibid*, p. 264.

Em outra passagem, Kerbey re-afirma seu atraso econômico e intelectual utilizando o exemplo da produção indígena da cidade de Moyobamba, nas encostas da província de Loreto, na Amazônia Peruana. Apesar de produzirem chapéus por centenas de anos, e haverem sido um negócio lucrativo no passado, a produção humana havia se tornado obsoleta pela criação de máquinas que podiam produzir uma quantidade enorme de chapéus com muita mais agilidade. Entretanto, como é uma das “peculiaridades desse povo nunca mudar seus hábitos”, eles continuam a fazê-los, satisfeitos em receber um punhado de moedas.⁵³² A questão climática era determinante para seu estado – Assim como com todos os povos que habitavam a tal região. Ao ascender até as altitudes dos Andes, os indígenas pareciam mudar suas características, tornando-se tipos melhorados com a mudança de cenário, como “(...) parecendo que era a lei natural da terra, que a realização intelectual é somente desenvolvida em direta razão com as altitudes e climas”.⁵³³

Kerbey não os via sobre uma visão *inteiramente* negativa, entretanto, mesmo que incapazes de serem as forças motrizes para o desenvolvimento da civilização. Os indígenas não-mestiços chegavam, para ele, a serem melhores do que os latinos ou mestiços nas questões de natureza, como acender uma fogueira, caçar e coletar na floresta, cozinhar e preparar café, coisas peculiares à vida na floresta, das quais “excede em muito qualquer homem branco.”⁵³⁴ Reproduzindo a conceituação do período em relação aos indígenas, ele chega mesmo a citar seu comportamento infantil, como crianças laboriosas, contentes e satisfeitas em seu trabalho comum. Os índios eram seus parceiros de negociação e seus companheiros de viagem, convivendo com estes em uma rotina diária para poder se locomover aos pés dos Andes e por dentro da densa selva verde. Seu diagnóstico final é de que a ignorância da vida civilizada, afinal de contas, os permitia ter a felicidade que os “civilizados” eram impossibilitados de ter, dada seu vício de acumular riqueza a todo e qualquer custo. Na Terra do Amanhã, “o dinheiro não compra a felicidade, eles certamente têm mais prazer na vida do que nós com todas as vantagens a nosso favor.” Em outra passagem, re-afirma que “Nós todos temos nossas fraquezas inerentes à humanidade, mas esses chamados de “povos ignorantes” são em muitos aspectos mais fortes do que nós.”⁵³⁵

⁵³²Ibid, p. 292.

⁵³³Ibid, p. 310

⁵³⁴Ibid, p. 158.

⁵³⁵Ibid, p. 298.



Figura 14: Ilustração de Cabanas Indígenas, segundo os relatos de Joseph Orton Kerbey.

Fonte: Kerbey, Joseph Orton. *The land of Tomorrow; a newspaper exploration up the Amazon and over the Andes to the California of South America*. W. F. Brainard Publisher, New York, 1906, p. 137.

Mesmo assim, a mão-de-obra indígena, utilizada quase que exclusivamente no mundo do trabalho da Amazônia, era incapaz de ser a força motriz para o desenvolvimento da região. A solução mais viável para o progresso civilizatório, portanto, residia em um processo migratório, com a imigração de povos de fora para o interior da floresta, onde pudessem desenvolver as riquezas incalculáveis da região.⁵³⁶ Para Kerbey, então, a solução para a mão-de-obra relacionada ao plantio e coleta dos produtos naturais, principalmente a borracha, era a introdução da população chinesa, conhecidos como *coolies*, para atuar como trabalhadores braçais na floresta, dada sua “boa adaptação à região e ao clima.”⁵³⁷ O autor também diz que o governo brasileiro estava em discussões para trazer a imigração chinesa para a região, que serviria como garantia para o capital estado-unidense de um alto grau de produtividade e segurança na extração das regiões interiores.

A idéia de solucionar o atraso econômico amazônico com imigrantes não era novidade, fazendo parte de uma tradição dentre os autores estado-unidenses sobre a região, mesmo que

⁵³⁶Ibid, p. 141.

⁵³⁷Ibid, p. 142.

sobre perspectivas diferentes. Matthew Fontaine Maury, postulava que a imigração negra era a resposta ideal para a questão da falta de braços na região, instaurando um sistema econômico similar ao escravista do Sul dos Estados Unidos. O autor chegou mesmo a advogar pelo envio de milhares de escravos negros para o Norte do Brasil, considerando os benefícios naturais que a raça teria nos Trópicos, que obedeciam “a mesma lei da natureza que deu aos pretos a posse exclusiva das mesmas correspondentes latitudes na África.”⁵³⁸ Para a autora Sara Philipe, a Amazônia serviria no pensamento do autor como uma “válvula de escape” para as tensões raciais estado-unidenses, e então o envio desses homens faria parte de um processo de limpeza racial do país de origem.⁵³⁹ Essa idéia se fortaleceu com a proposta de James Webb, ministro plenipotenciário no Brasil durante a Guerra da Secessão, que defendia a imigração em massa da população preta para o Norte do Brasil, como uma forma de resolver a questão dos Estados Unidos pós-escravidão. Mesmo que atrelado à questão da escravidão, a tese de que um povo acostumado com o clima deveria trabalhar na terra perpassava todos os escritores que se voltavam para a questão da mão-de-obra na Amazônia, assim como o contexto do Brasil como um país escravista. Kerbey nem sequer considera o preto como uma opção viável para a imigração no território amazônico, relegando-o à uma presença diminuta nas cidades grandes mais próximas da foz do e associando-o ao sistema atrasado da escravidão, que não estava nos interesses comerciais do autor e no avanço civilizacional.⁵⁴⁰

Por outro espectro, o próprio governo brasileiro incentivava a imigração para o Brasil como a solução para a ocupação do suposto vazio demográfico da região. As elites políticas dos grandes centros urbanos da região incentivavam abertamente à imigração européia e estado-unidense, com acordos para ceder terras e permutas de propriedades, como os acordos vistos através de Lansford Hastings e o governo paraense, em meados dos anos sessenta.⁵⁴¹ Tavares Bastos, favorável à abertura do rio para o comércio internacional, advogava pela crença de que em todo o Brasil, a região que mais necessitava de imigrantes era a Amazônia. A idéia de enbranquecer o território brasileiro cumpria um papel ligado justamente às idéias racialistas como apresentadas por Kerbey, tendo em vista trazer a civilização para os trópicos, através dos imigrantes brancos.⁵⁴²

Em relação ao imigrante anglo-saxão, Kerbey denota a tarefa de guiar a região no processo de evolução civilizacional, como uma espécie de catalisador de suas potencialidades.

⁵³⁸*Op. Cit.* HETCH, 2013, p. 290.

⁵³⁹*Op. Cit.* PHILPE, 2019, p. 30.

⁵⁴⁰*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 84.

⁵⁴¹*Op. Cit.* GUILHON, 1987, p. 130

⁵⁴²*Op. Cit.* PHILPE, 2019, p. 42.

Ao dialogar com este tipo, que via como superior à todos os outros, o jornalista têm um papel específico reservado para as suas habilidades, voltado para o investimento econômico. Através dos “negócios americanos”, o campo ao qual o Major foi enviado para investigar, assim como o estabelecimento dos valores da reciprocidade, a região poderia passar a convergir com os Estados Unidos em relação à seus valores e princípios.⁵⁴³ Para estes, cujo empreendedorismo nos negócios era essencial, assim como para aqueles que procurassem atuar na agricultura das gigantescas terras, Kerbey prometia que:

Em uma veia romântica, eu diria para algum amigo questionador sobre as oportunidades para imigração ou a inauguração de negócios e empreendimentos, que em extensiva viagem pela América do Sul, eu não encontrei um campo mais convidativo do que o proporcionado nos deliciosos vales do Amazonas superior (...)⁵⁴⁴

Para esses imigrantes, o trabalho reservado seria similar aquele das fronteiras durante o século dezenove no território estado-unidense buscando construir sobre grandes trechos de terra, soberania do país de sua origem. Um colono não precisaria ter muito trabalho, dado que “(...) ele encontrará milhas e milhas de solo de pradarias nos vales aguardando pela maquinaria agricultora para substituir os ridículos implementos brutos dos nativos.”⁵⁴⁵ Não deveriam, portanto, atuar nas florestas de borracha, consideradas inadequadas para seu tipo de trabalho, e portanto, trabalho delegado aos *coolies*. Em conseqüente, Kerbey ainda destaca como sua presença é bem vista pelos países que compõem a região, dadas as concessões para cidadãos de todas as nações, com “americanos sendo especialmente bem-vindos, sem consideração para raça, cor ou credo”. O autor ainda destacava que o processo de colonização estado-unidense não exigiria muito dos anglo-saxões, podendo viver em um clima glorioso, aguardando o desenvolvimento inevitável da “Terra do Amanhã.”⁵⁴⁶ Seu projeto para o colono estado-unidense, portanto, tinha similaridades com aquele proposto por Lansford Hastings, que após a queda da Confederação, havia migrado para Santarém com colonos estado-unidenses. O jornalista chegou a visitar a colônia confederada, mas considerou-a “um projeto mal-sucedido”, considerando que “contínua residência sem uma ocasional mudança de cenário, enfraquece tanto mentalmente quanto fisicamente o mais duro Anglo-Saxão.”⁵⁴⁷ A Amazônia, portanto, demandava mesmo da raça mais capaz, uma eventual viagem para fugir do isolamento

⁵⁴³*Op. Cit.* KERBEY, 1906.

⁵⁴⁴Ibid, p. 214.

⁵⁴⁵Ibid, p. 216.

⁵⁴⁶Ibid, p. 217.

⁵⁴⁷Ibid, p. 67.

proporcionado pela mata, o que demonstrava uma crença no determinismo geográfico mesmo dentre aqueles que seriam imunes à ele.

Como Maury, Herndon e Hastings, as observações do autor o levaram a chegar à conclusões muito específicas sobre a missão colonizadora dos Estados Unidos na região. As suas representações das populações nativas e migrantes, através do prisma das relações climáticas, o levou à conclusões muito claras sobre a forma de alcançar o progresso para a região, assim como sua independência e participação na economia mundial de forma organizada, algo que só poderia ser feito através da população anglo-saxã. Apesar de não agir diretamente mais como agente do estado estado-unidense, Kerbey gerou seu projeto de imigração como um tentáculo para um passo ainda maior de incorporar o território amazônico na lógica do império comercial e, eventualmente, político da potência ianque. Mesmo que não fosse essa a principal intenção de seu propósito, este sendo abrir as portas do comércio da região para os investimentos do Norte, o texto informa-os sobre a sua veracidade e procura passar uma autoridade científica para as suas propostas. Em contraponto aos autores anteriores, a escravidão não era o modo de sistema ideal, nem o valor que deveria ser carregado pelos anglo-saxões, mas sim o espírito empreendedor e valente, que a autora Sara Philipe chama de “*branquitude global*”⁵⁴⁸, a idéia perpetuada de que a raça branca era a única que poderia povoar o globo terrestre por inteiro.

Em desavença com os princípios de Joseph Orton Kerbey, portanto, o chefe da comissão demarcadora de limites para o Brasil, Euclides da Cunha, encarava a questão do nativo e migrante na amazônia através de outra perspectiva. Apesar de ser adepto das principais teses em voga durante o período – E das quais os seus principais textos antes de visitar a Amazônia eram derivadas – como o determinismo geográfico da região, o evolucionismo e o darwinismo social, Cunha mantinha uma visão nacionalista sobre a importância do homem brasileiro no processo de ocupação do território. Podemos observar, primeiramente, como considera o homem quase como um convidado intrometido para a flora e fauna tropical, perturbando esse jardim do Éden e a evolução natural da região. Para ele, “A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem...”⁵⁴⁹ Diante deste cenário, Cunha a via como a região mais nova do mundo e invadida

⁵⁴⁸*Op. Cit.* PHILIFE, 2019, p. 71.

⁵⁴⁹*Op. Cit.* DA CUNHA, 2000, p. 117

pelo ser humano, ainda não preparada para a ocupação plena de seu território. Neste sentido, o brasileiro:

salta; é estrangeiro; e está pisando terras brasileiras. Antolha-se um contra-senso pasmoso: à ficção de direito estabelecendo por vezes a extraterritorialidade, que é a pátria sem a terra, contrapõe-se uma outra, rudemente física: a terra sem a pátria. É o efeito maravilhoso de uma espécie de imigração telúrica. A terra abandona o homem. Vai em busca de outras latitudes. E o Amazonas, nesse construir o seu verdadeiro delta em zonas tão remotas do outro hemisfério, traduz, de fato, a viagem incógnita de um território em marcha, mudando-se pelos tempos adiante, sem parar um segundo, e tornando cada vez menores, num desgaste ininterrupto, as largas superfícies que atravessa.⁵⁵⁰

A influência climática sobre os homens, por conseguinte, transformaria a vida no Amazonas em uma decadência das faculdades mentais da espécie humana. Essa seria a explicação para a falta de desenvolvimento econômico que marcava a história da hiléia, desde os tempos coloniais até o período contemporâneo. A natureza, soberana sobre todos os indivíduos que ousassem tentar ocupá-la, é a principal adversária do homem. Ela seria responsável pela “vida vegetativa sem riscos e folgada, mas não a delicada vibração do espírito na dinâmica das idéias”⁵⁵¹ dos quais era inevitável fugir. Ainda mais, “a volubilidade do rio contagia o homem”, tornando a vida nas suas margens baseada no nomadismo por princípio, acreditando que o ser humano acaba se adaptando às necessidades do vale, sendo incapaz de sobreviver fora do determinismo da região.

Se os conceitos de influência climática e determinismo geográfico o aproximavam do estado-unidense, ambos envisionsavam sujeitos diferentes para domar a amazônia. Para o brasileiro, o homem mais capacitado para a conquista do *hinterland* era o imigrante nordestino, transformado em seringueiro. Para Euclides, estes eram sujeitos escravizados para o trabalho no “paraíso diabólico dos seringais”, sob a égide de patrões cruéis e impiedosos, parte de uma organização criminoso do trabalho. O autor, segundo a historiadora Iza Vanesa Pedroso, vê esse mesmo indivíduo como aquele que teria vencido a luta contra a natureza amazônica e conseguido tornar-se sedentário, ao contrário do caucheiro peruano, que permaneceu nômade.⁵⁵² O contraponto entre o cidadão brasileiro, representado pelo seringueiro, e o peruano, representado pelo caucheiro, reforçam a tese do autor de que a região já tinha o elemento necessário para sua efetiva incorporação no corpo do território brasileiro, e então não necessitaria de um agente externo, como Kerbey pressupunha através do homem branco anglo-saxão.

⁵⁵⁰Ibid, p. 121

⁵⁵¹Ibid, p. 125.

⁵⁵²GUIMARÃES, Iza Vanesa Pedroso. Amazônia Euclidiana. Revista Espaço Amazônico, n117, Fev/2011, p. 6

O homem amazônico nato seria composto por ambos, o seringueiro e o caucheiro. Se o primeiro era sedentário por seus longos trabalhos nos seringais e o sistema de mão-de-obra quase escravo, o segundo era marcado por seu espírito “errante, enigmático, dono de uma ambição, sem leis e deslocado dentro da selva amazônica”⁵⁵³. O caucheiro escapa da figura amistosa relegada ao latino de Kerbey, que meramente servia como ajudante do anglo-saxão. Na percepção de Euclides, eles são homens decididos e dispostos a colonizar e se apropriar da terra de qualquer modo. Eles não são os *passíveis* espanhóis que haviam respondido para o jornalista sobre a preservação dos indígenas da América do Sul, mas sujeitos cruéis que tratavam estes considerados bárbaros com requintes de selvageria e desumanidade, como o brasileiro trata em sua descrição sobre seus hábitos em relação aos povos tradicionais da região.

Atingindo qualquer trecho onde os pés de caucho se descubram, levantam à beira de uma quebra o primeiro “tambo” de paxiúba, e atiram-se à tarefa agitada. Os seus primeiros instrumentos de trabalho são a carabina Winchester – rifle curto adrede disposto aos encontros no traçado das ramarias – o “machete” cortante que lhes destrama os cipoais, e a bússola portátil, norteando-os no embaralhado das veredas. Tomam-nos e lançam-se a uma revista cautelosa das cercanias. Vão em busca do selvagem que devem combater e exterminar ou escravizar, para que do mesmo lance tenham toda a segurança no novo posto de trabalhos e braços que lhes impulsionem.”⁵⁵⁴

Talvez tão importante quanto isso, esses sujeitos que habitam a floresta e portanto são os seus homens natos, estariam sendo os responsáveis pela conquista territorial nestes locais, pressionando a posse por ambos os lados. Esse estado de eterna violência era natural do processo de civilização que estava em curso pelos agentes nacionais de ambos os países, tornando então a questão da ocupação da Amazônia uma questão por excelência, dos latinos da América do Sul, em desacordo com as propostas do major de imigração chinesa para o trabalho braçal nos seringais e estado-unidense para guiar a região.

A civilização, barbaramente armada de rifles fulminantes, assedia completamente ali a barbaria encontrada; os peruanos pelo ocidente e pelo sul; os brasileiros em todo o quadrante de NE; no de SE, trancando o vale do Madre-de-Dios, os bolivianos. E os caucheiros aparecem como os mais avantajados batedores da sinistra catequese a ferro e fogo, que vai exterminando naquele sertões remotíssimos os mais interessantes aborígenes sul-americanos.⁵⁵⁵

Embora seu discurso seja um de denúncia e pessimismo sobre o processo da região, do qual o autor Francisco Foot Hardman descreveu “como fantasma na história do Brasil civilizado, assim como fantasmal na memória de Euclides”⁵⁵⁶, dado seu tom de violência desmedida e de sangue derramado na incorporação, ele é um processo do ponto de vista

⁵⁵³ *Op. Cit.* DA CUNHA, 2000, p. 161

⁵⁵⁴ *Ibid*, p. 145

⁵⁵⁵ *Op. Cit.* DA CUNHA, 2000, p. 160

⁵⁵⁶ *Op. Cit.* HORSMAN, 1981.

nacional, que cabe aos estados do entorno da floresta, seus verdadeiros donos. O seu aspecto de imenso, gigantesco, infinito só se contrapõe com a própria ruína e miséria que ela traz aqueles sujeitos do mundo que não estão acostumados com os seus segredos. Nesse cenário de luta pela sobrevivência, não há espaço para o otimismo e para as ilusões de grandeza do jornalista estado-unidense.

Os seringueiros e caucheiros, então, se comportam como contraponto ao espírito nobre e empreendedor anglo-saxão, e portanto, pondo em questão a tese da dominância absoluta do homem branco estado-unidense disseminada nos escritos de Joseph Orton Kerbey.

3.4. A questão missionária e o catolicismo

Na primeira viagem para o país, o jornalista se assombrou com o público-alvo da embarcação. Longe de novos colonos dispostos a arar a terra ou magnatas e comerciantes ávidos pelos negócios, a maior parte dos companheiros de viagem para os Trópicos eram outros. “O grande número de missionários e a ausência de homens de negócio, criaram a impressão de que estávamos destinados, com a nossa carga de provisões a uma terra pagã.”⁵⁵⁷ A Questão Missionária tinha um papel importante nas relações entre os dois países, e portanto, o jornalista procura ater-se a sua análise sobre os significados do catolicismo e do protestantismo e as missões enviadas de seu país para o sub-continente, de acordo com o papel que prevê para a conversão da região e desta conversão na linha inexorável do progresso, da mesma forma como foi tratado em tópicos anteriores.

A expansão missionária tinha um propósito bem-definido para os cânones dos relatos de viagem estado-unidenses anteriores para a região. Matthew Fontaine Maury, segundo a autora Sarah Philipe, articulava a sua visão para além do sistema econômico, incorporando na inexorável conquista uma “necessidade da Cristandade” de converter novos adeptos para a fé protestante. Ao nomear a Cristandade como “uma das maiores motivações na necessidade de colonizar e civilizar o Brasil”, o oceanógrafo coordenava a concepção de que a promoção da civilização passava pela conversão dos nativos para a verdadeira corrente do cristianismo.⁵⁵⁸ O Catolicismo, portanto, não era a verdadeira forma de cristianismo, mas sim parte de uma religião inferior, responsável pelo atraso e males dos países adeptos à sua fé. Além do mais, também existia uma profunda racialização do discurso em relação à religião, já que os descendentes dos colonizadores portugueses e espanhóis eram considerados inferiores pela sua

⁵⁵⁷*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 14

⁵⁵⁸*Op. Cit.* PHILIPPE, 2019, p. 57.

mistura sanguínea com mulçumanos e judeus na península ibérica.⁵⁵⁹ O sub-desenvolvimento era o desdobramento natural de uma raça inferior e incapaz de evoluir, cuja religião não ensinava os dogmas do trabalho e da construção moral do indivíduo, incorporando em si a selvageria da natureza local.

O Brasil e os países do entorno haviam se tornado verdadeiros centros de proselitismo, a partir da perspectiva de que, como o autor Antônio Gouveia Mendonça descreve, “(...) transferir para a América Latina os benefícios do “sonho americano” ou do “estilo americano de vida”, cujos componentes são patriotismo, racismo e protestantismo. Tem sido comum a tese de que foi esse caldo de cultura o ponto de partida das missões protestantes.”⁵⁶⁰ Não somente, a abertura do Amazonas e as ligações hidroviárias com o país permitiram o aumento de missionários pelo Brasil, como havia sido previsto pelo Reverendo Daniel Kidder anteriormente, em sua visita pelo país em meados da década de cinquenta. Hastings, ao promover a emigração após a Guerra Civil, considerou que clérigos eram os principais tipos de profissões necessárias para migrantes, já que estes são “indispensáveis para qualquer comunidade; honestos e fiéis clérigos são os pilares da sociedade.”⁵⁶¹

Não existiria civilização estado-unidense, nem o progresso e a modernidade intrínsecas a seu estilo de vida, sem a sua religião. Era necessário, para o projeto dos protestantes, retirar a América Latina da influência do papismo. Como o primeiro metodista que veio ao Brasil, Fountain Pitts, postulou, “todo genuíno amante da liberdade deveria ajudar no avanço de uma religião que sempre foi a precursora da civilização, literatura, e os direitos dos homens.”⁵⁶² Como a cientista social Liliane Costa de Oliveira discorre, “esse protestantismo que se estabelece nessa região ressignificou a prática religiosa, que para tal movimento religioso perpassa pela conversão, o que significa mudança de vida, assim o mundo para os moradores locais passou a ser ressignificado.”⁵⁶³

O Major Joseph Orton Kerbey havia notado a importância do trabalho proselitista na Amazônia, e o visto como um desdobramento do espírito nobre estado-unidense. Ao descrever os melhores homens que conheceu na viagem, era necessário pontuar o Reverendo John Visorlot, que havia dedicado sua vida às conversões em isolamento com indígenas no Peru Oriental, como um mártir que provava que os missionários tinham boas intenções nos trópicos.

⁵⁵⁹Ibid.

⁵⁶⁰MENDONÇA, Antonio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. Introdução ao Protestantismo no Brasil, 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 31.

⁵⁶¹*Op. Cit.* GUILHON, 1987.

⁵⁶²*Op. Cit.* OLIVEIRA, 2017.

⁵⁶³*Op. Cit.* OLIVEIRA, 2017.

(...) É também sugerido que alguns missionários estão interessados em manter essas seções como uma fonte de receita para suas igrejas. Nenhuma dessas afirmações porém, foram sustentadas pela minha investigação. (...) O Rev. John Visorlot, um fiél missionário, que viveu uma vida de auto-sacrificante devoção entre estas pessoas. Para minha questão de que eu não consegui entender porque um cavalheiro de sua educação poderia estar contente de viver a vida terrível entre índios, ele sorrindo respondeu, enquanto levantava a cruz presa à uma alça de seu cinto, “Meu filho, se eu puder apresentar esta cruz aos olhos de um único índio morrendo, eu serei recompensado pelo trabalho de minha vida.”⁵⁶⁴

Em contraste com o sacrifício de missionários protestantes que abdicavam sua vida para tentar converter o máximo possível de nativos, o jornalista também registrou os hábitos religiosos das populações locais que se aproximavam através da fé. Se as demandas da cristandade estavam inexoravelmente ligadas ao progresso, a região ainda tinha muitos elementos de atraso. Desde sua chegada no Pará, o autor percebeu a continuada influência do catolicismo em todos os setores da sociedade, mesmo naqueles que se propunham como laicos, como o Estado. Em conversa com o governador do estado, sobre a separação da Igreja e do Estado e a proclamação da república, o mesmo expressou a situação da forma “Oh, sim, eu sou um bom católico. Somos todos católicos. Eu vou à Igreja em média três vezes por ano, para um casamento, então um batismo, e então talvez um funeral; Mas a minha esposa todos os domingos de manhã enquanto estou dormindo.”⁵⁶⁵ A grande proporção de atendentes da missa de domingo, assim como assíduos nas práticas religiosas, eram das classes mais baixas ou mulheres, que tinham o dever de levar as palavras de Deus para a educação no lar.

As práticas católicas eram bem diferentes nas grandes cidades do que nos interiores, entretanto. Se nas capitais os padres, parte essencial da estrutura da Igreja, eram vigiados por bispos, no sertão da floresta se tornavam inescrupulosos, fazendo nenhum esforço para consertar os maus existentes entre os locais e vivendo em aberto concunbinato em suas paróquias. O jornalista descrevia os hábitos destes indivíduos religiosos como normalizados nos interiores, e portanto evidências de seu atraso e de sua conduta pagã. Em Iquitos, chegou a observar que “Um padre havia se tornado o pai de crianças de uma mãe e sua filha na mesma casa.” Em outro caso, o religioso estava tão orgulhoso do filho que o levava para todo o lugar, e chegava a dizer que era um pai como qualquer outro, apesar dos seu votos de celibato. Kerbey postulou que “Não ocorreu à ele que as crias de um padre em terras mais civilizadas teriam de sofrer pelos pecados de seu pai”. Porém, “nestas terras pagãs a ilegítima e inocente criança é igual a todos perante a lei e a sociedade.”⁵⁶⁶ O *status* da região como uma terra pecaminosa e infiel, como já havia aparecido nos relatos de viagem anteriores, retorna para a narrativa do

⁵⁶⁴*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 222

⁵⁶⁵*Ibid*, p. 40

⁵⁶⁶*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 117

autor, que via a perversão do interior como uma característica da falta de fé e civilidade. Mesmo o comparecimento na Igreja dentre os homens locais era rara, sendo relegada somente às mulheres – E por isso, quando um homem ia à Igreja, “(...) Nós todos nos perguntamos quem ele matou, a inferência sendo que um homem que vai à Igreja está procurando perdão por algum crime.”⁵⁶⁷

Mesmo que o primitivismo latino tivesse seu desdobramento através da fé local, Kerbey nem sempre adotava um tom negativo em relação ao catolicismo. Ciente da migração em massa para o Estados Unidos, e crente de que possivelmente leitores católicos pudessem estar lendo seus escritos, ele chegou a frisar que “Eu sei que os católicos inteligentes da América irão entender que em chamar atenção para estes abusos, eu sou movido apenas pelo desejo de passar fatos sem malícia, sem omitir também o bom trabalho da Igreja católica naquela Terra do Amanhã.”⁵⁶⁸ As condições climáticas e os trópicos que haviam tornado a religião pervertida, e não a mesma em si. Quando em conversa com um padre francês, discutindo algumas tradições religiosas, o mesmo aponta que existiam condutas elaboradas como força adaptativa da região sobre os ensinamentos europeus. Como afirma o historiador Frederick Pike, os estadunidenses acreditavam que dada a sua fraqueza religiosa, cultural ou racial, os latinos não tinham a força moral requisitada para resistir à natureza. Ao ver a floresta, sucumbiam à superstição e se resignavam à derrota em combater os instintos naturais. Como os últimos eram vistos como em um estado de natureza, os primeiros viam a região como um espaço de onde os habitantes seriam levantados das trevas através do protestantismo, e os conquistadores do norte revitalizados em suas crenças.⁵⁶⁹

Para tanto, o jornalista aponta outro momento em que, apesar de suas críticas ao catolicismo, os padres foram essenciais em sua sobrevivência. Durante o trajeto para alcançar o vale do Tarapota, Kerbey viu-se doente, abandonado e em uma terra estranha e selvagem. Os moradores da vila, então, correram para auxiliá-lo através do Padre, que atuava tanto como médico como religioso. O que realmente o animou, entretanto, foi quando um segundo padre falou com ele em inglês, indicando que este era um norte-americano, não tendo ouvido as palavras de um igual por meses. E assim “ele me deitou de costas ternamente, e me garantiu que eu estava dentre amigos e seria bem-cuidado. A visita havia tido o melhor efeito, trazendo à mente as palavras gentis de um pai ao filho pródigo”. Quando recuperado da doença, durante

⁵⁶⁷Ibid.

⁵⁶⁸*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 116

⁵⁶⁹*Op. Cit.* PIKE, 1992, p. 75.

suas conversas, descobriu que seu salvador, apesar de ser um monge católico, era um estado-unidense:

(...) Este velho homem débil e trêmulo com a idade me disse que seu nome era “Adolpho Page”, o filho de um americano, que há muito tempo veio ao Peru, como ele disse, “De Columbus em Massachussetts ou Massachussetts em Ohio, fazendo tanto tempo, que ele não conseguia lembrar qual (...) por alguns anos ele havia se exilado neste inacessível e belo vale, onde ele havia merecido o amor e o respeito de todas as pessoas por sua gentil e generosa disposição, sendo a mão-direita do padre em todo o seu trabalho missionário.⁵⁷⁰

*Este monge era bom, mas não escapa ao olho a idéia de que ele também era um ianque, e portanto não havia se corrompido pelos prazeres da carne. Mesmo assim, em contraste com Maury, Herndon e Hastings, ainda via características positivas nas missões jesuíticas e na cataquese dos indígenas, práticas cristalizadas na região por centenas de anos. Se os metodistas afirmavam que a Amazônia precisava ser libertada da influência do papismo, Kerbey não a considerava de *todo* mau, mesmo que inferior à fé protestante. Quando discutindo a questão religiosa nos vales do interior da hiléia, ele tinha em mente os esforços das missões católicas, que haviam gerado, em sua opinião “na redenção desta bela terra e as pessoas para uma condição de civilização que pode ser incompleta, mas de muitas maneiras se equivale à nossa própria civilização.”⁵⁷¹ Ele também procurava entender a dificuldade na catequização dos indígenas, uma tarefa árdua de se empreender na 'Terra do Amanhã.' Todas as tentativas de fazê-los subirem à um degrau básico de igualdade através dos ensinamentos da Igreja eram geralmente infrutíferos, dado seu espírito bestial.⁵⁷²*

Mesmo em suas tentativas falhas de exercer o catolicismo, porém, o jornalista observava uma sinceridade no espíritos dos “pagãos.” Durante a sua escalada nos Andes Centrais com um grupo de indígenas e mestiços, Kerbey reparou nos vários santuários construídos através da montanha para honrar à Cruz, marcada em várias grutas e riachos diferentes, na sua forma de expressar a crença em Cristo e na história que consideravam, conectava cristãos através do mundo todo. Mesmo que a sua raça fosse impura, existiam traços deste processo de civilização que, mesmo que incompletos, já haviam redimido parcialmente a população indígena, como observou no episódio da Cruz nos Andes Centrais. Usando de hipérbole, ainda descreveu a orquídea mais bela que já viu, prendendo-se à cruz e sendo alimentada apenas pelo “puro ar do céu”

Ajoelhando-se, enquanto os seus lábios se mexiam em uma oração silenciosa, a atitude devocional da pequena “pagã” em frente à cruz, formando um belo estudo para uma fotografia. (...) Esse pequeno lembrete, movido pela sinceridade, foi

⁵⁷⁰ *Op. Cit.* KERBEY, 1906, p.175.

⁵⁷¹ *Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 218

⁵⁷² *Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 264

notado pelos outros indígenas, que sem dúvida acreditavam que o “padrone”, como eles chamavam o pálido viajante de uma terra distante, havia aprendido a mesma velha história da cruz, e acreditava como eles, o simples ato servindo para estabelecer um vínculo de reconhecimento entre as civilizações de diferentes cantos da terra, que se encontravam aqui no seu maior ponto no Equador, no centro da Terra.⁵⁷³

Dito isto, Kerbey aconselhava com que se tomasse cuidado ao abordar a temática de assuntos religiosos no sub-continente, dada a importância que os nativos davam para sua fé cristã. Quando descrevendo-a para sua matéria, o autor não esqueceu de afirmar que a Igreja e o Estado era um e o mesmo em toda aquela região, independente do país. Portanto, em uma quebra com os escritores do cânone que defendiam a conversão como princípio, entendia que “Não deveriam os estrangeiros chegar lá, e insistir para que os nativos adotem suas maneiras e costumes, nem para criticar ou reverter condições que existiram por séculos.”⁵⁷⁴ Mais importante do que isso, os estados nacionais deveriam ser liberais para permitir os imigrantes estado-unidenses independente de seu credo, o que para o autor significava a entrada de qualquer cidadão de sua pátria. Se para Maury a abertura do Amazonas deveria significar a tarefa proselitista, para o Major era necessário estudar as condições e as maneiras de primeiramente se adaptar aos trópicos e ao convívio com os agentes já postos na região, ao passo em que se mostrariam bravios para mudar seus hábitos.

A principal questão que afinal de contas coloria o autor sobre a questão missionária era até que ponto o catolicismo era o responsável pelo atraso da região, fonte de debates fervorosos durante sua estadia na Amazônia. Embora Kerbey defendesse o argumento da importância do trabalho missionário e a sua tarefa na construção do espírito civilizador, ele encontrou algumas figuras que botaram em cheque a alegação. Se o cânone da literatura de viagem estado-unidense tinha uma visão bem clara da necessidade da fé como força motriz do desenvolvimento e o papismo como responsável pela pelas largas partes de terra ainda não-cultivada existentes no país, como postulado pela historiadora Sarah Philipe⁵⁷⁵, o jornalista fazia questão de apresentar uma segunda opção, voltada para o determinismo geográfico. Em uma discussão sobre a questão com um Don que considerava, ele se viu perdendo o argumento de que as civilizações latinas haviam sido beneficiadas pelo contato com a estado-unidense, e, para justificar a questão, decidiu citar a passagem da escritura em que se postula “Vá até todo o mundo e pregue o ensinamento para todas as criaturas.” O peruano retrucou com “Sim, señor. “Isto é verdade, mas este comando não veio da América.”⁵⁷⁶

⁵⁷³*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 342

⁵⁷⁴*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 217

⁵⁷⁵*Op. Cit.* PHILIPPE, 2019, p. 58.

⁵⁷⁶*Op. Cit.* KERBEY, 1906, p. 315

Kerbey, ao ver-se questionado sobre o que considerava o excepcionalismo estado-unidense, a idéia de que a América era a nação que deveria espalhar os seus valores sobre o resto do mundo por serem superiores, teve que admitir o peso do que considerava o determinismo geográfico da região. Para ele, “Um é apto a perceber, após uma residência nestas terras, que algumas condições religiosas e culturais adaptadas à nosso país não são sempre aplicáveis à esta latitude.”⁵⁷⁷ Em outro momento, apesar de chamar as massas do interior de “fanáticas e dispostas a excessos”, também as considerava de “fácil controle pelos Padres.” Os últimos, apesar do fanatismo e dos hábitos pervertidos, como descrito anteriormente, eram “Os mais cordiais a viajantes, oferecendo sem perguntas a hospitalidade de suas casas.”⁵⁷⁸

Portanto, embora a dificuldade natural de “um criado como protestante se inclinar a elogiar a religião católica”, principalmente tendo em vista os hábitos selvagens a quais testemunhou, como jornalista, ele tinha de admitir que eram os padres católicos que haviam sido responsáveis pelo controle dos indígenas e pela sua segurança nos Trópicos, através do trabalho catequético.⁵⁷⁹ É assim que mantinha, mesmo em discussões com outros norte-americanos que acreditavam fielmente na inferioridade do catolicismo, uma opinião discrepante, que para ele envolvia mais as questões geográficas, climáticas e raciais do que majoritariamente a questão religiosa.

Em discussões sobre este assunto, eu venho frequentemente sendo lembrado por amigos, que os ensinamentos da Igreja Católica não desenvolvem ou avançam um país que permanece sobre sua influência; Talvez isso seja principalmente uma questão de latitude ou clima e de condições raciais prévias, do que de influência religiosa. (...) Ela é a principal responsável pela salvação do total barbarismo desta região.⁵⁸⁰

Indo além, o autor ainda enumera os argumentos dos latinos para a defesa da Igreja, em comparação com a fé protestante. Tendo o clima como principal responsável pelas benesses econômicas, eles argumentam que caso houvessem ocupado o Norte e os anglo-saxões o Sul, teriam a vantagem geográfica e por conseguinte, não teriam o atraso como problema. Também, os Jesuítas, diferente de seus homólogos protestantes, não matavam nem destruíam os vilarejos indígenas, mas “por séculos de paciente auto-sacrifício labutaram, sem a ajuda de sociedades missionárias locais, eles trabalharam com sucesso e desinteressadamente pelo melhoramento dos indígenas.”, ao invés de simplesmente exterminá-los pelo bem da civilização. Sobre essas circunstâncias adversas, então, para o autor, outros cristãos liberais de outras correntes

⁵⁷⁷Ibid.

⁵⁷⁸Ibid, p. 218.

⁵⁷⁹Ibid.

⁵⁸⁰Ibid, p. 219

poderiam dificilmente censurar essas pessoas por protestar contra a importação de missionários do norte, que “dizem para os índios que seu treinamento religioso prévio foi falso.”⁵⁸¹

Kerbey então, enxerga a religião católica como, apesar de inferior, disposta dentro de seus limites a trazer alguns benefícios para a região em que estava alocada, fosse pela catequização dos indígenas ou o seu estilo de governança, ambos responsáveis por sua boa estadia no sub-continente. Embora o excepcionalismo da doutrina protestante também devesse ser superior, ele não se aplicaria totalmente às necessidades dos trópicos, assim como seus missionários não entendiam que o sub-desenvolvimento tinha fatores que não perpassavam, para ele, pelo religioso. Sobre a questão missionária, compreendia os argumentos que agiam contra as figuras metodistas que pretendiam converter as terras amazônicas, e que para ele procuravam intervir em uma questão que não compreendiam.

Isso se reflete ainda mais em uma resposta dada pelo autor, alguns anos após seu livro, para um grupo de estudos cristãos em sua cidade natal, chamado de Christian Endeavorers. Tendo como tópico para discussão a temática “Estudo de Missões da América do Sul”, o grupo irritou os católicos estado-unidenses e o jornalista a fazer afirmações como “A Bíblia é um livro desconhecido na América do Sul” e “A religião é a forma mais baixa do catolicismo e paganismo.”⁵⁸² A resposta do Major para a associação, em termos, demonstrava sua posição em relação ao catolicismo e à doutrina religiosa.

É evidente que as idéias de “Cristianismo” defendidas por quem preparou este tópico da associação significa protestantismo, e seu esforço missionário se conecta completamente com prosetilizar do catolicismo para este chamado cristianismo. (...) Primariamente, a América do Sul não é um continente negligenciado, e a Bíblia não é um livro desconhecido para suas pessoas. (...) O escrito da Christian Endeavor diz: “A religião daquele país é a forma mais baixa de catolicismo e paganismo”. (...) O que há de bom na América do Sul hoje vem desses missionários jesuítas, quem em seu zelo religioso plantaram a cruz onde nunca antes havia sido vista, e hoje o resultado é uma civilização, embora ainda não totalmente desenvolvida, no lugar dos selvagens que encontraram ali. (...) Eu indicaria para a Christian Endeavor para solicitar algum garoto ou garota dos grupos de estudo de Domingo dados corretos sobre a história antiga do cristianismo nesta e em outras terras.⁵⁸³

A idéia de que Kerbey escreveu para um periódico estado-unidense católico deixava clara sua posição sobre a religião e o que descrevia como a bravura dos padres jesuítas e o missionarismo católico, responsável por grandes benesses na América do Sul. Sua chamada como protestante para defender o catolicismo, assim como na posição de um viajante da região, ajudava a informar o fato de uma posição de conhecimento e autoridade. O autor chegou a ter

⁵⁸¹Ibid.

⁵⁸²Catholic Union and Times (Buffalo, New York) · 29 Oct 1903, Thu · Page 10

⁵⁸³Catholic Union and Times (Buffalo, New York) · 29 Oct 1903, Thu · Page 10

sua resposta publicada em vários periódicos católicos através do país, o que assim gerou burburinho dentro de alguns círculos sobre sua opinião em relação ao catolicismo.⁵⁸⁴ Kerbey havia sido criado como protestante, e manteve-se adepto à doutrina até o fim da vida, mesmo que se posicionasse com os católicos estado-unidenses em face aos argumentos de grupos missionários.

⁵⁸⁴The Catholic Advance (Wichita, Kansas) · 12 Dec 1903, Sat · Page 3; The Intermountain Catholic (Salt Lake City, Utah) · 10 Oct 1903, Sat · Page 1

Considerações finais

Quando Joseph Orton Kerbey morreu, em meados de outubro de 1913, o seu obituário salutou sua participação como um especialista sobre a região Amazônica e a América do Sul, um jornalista que havia dedicado sua vida para o estudo comercial, político, social e cultural de uma terra longínqua, distante do alcance da civilização estado-unidense e ao mesmo tempo dependente da mesma para a sua redenção. A “Terra do Amanhã”, que eventualmente se tornaria a “República Amazônica da Borracha”, era uma premonição do que estaria por vir, o último passo na construção do Éden Comercial do Amanhã. O papel preponderante dos Estados Unidos, era guiar o nascente país no caminho do progresso, do comércio, republicanism, raça e religião cristã, de acordo com os preceitos que já estavam postos a décadas na nação ianque e que faziam parte do espírito da nação, se contrapondo ao “outro” bárbaro da fronteira imaginada do Destino Manifesto.

Procuró compreender como esse elemento de representação não foi um fato restrito do jornalista para a região, mas fazia parte de um cânone estado-unidense para as relações com a América Latina e a Amazônia, tendo como referência autores que o precederam na escrita sobre a região, como Matthew Fontaine Maury, Herndon, Hastings, dentre outros. Procuró compreender como esse elementos influenciaram as ações diretas sobre política externa para com o país Brasil, que detinha a maior parte do território correspondente da Amazônia, assim como a importância desses eventos para a eventual viagem do autor pelo interior da floresta, tendo como base o serviço para a descoberta de novas entradas para o capital estrangeiro e execução de práticas coloniais de ocupação e eventual conquista de territórios. As formas de modernização do território amazônico, que ocorreram através de grandes projetos de investimento na logística, tinha bastante influência nas concepções sobre o espírito empreendedor inato estado-unidense e o seu suposto desdobramento na região, como havia sido apontado pelo próprio e por outros autores desse cânone.

Este trabalho também empreendeu resgatar a figura de Joseph Orton Kerbey (1837-1913) como parte desta construção do discurso sobre a hiléia nos escritos estado-unidenses, sem desnorreá-lo dos elementos que inferiram diretamente sobre o seu ato de descrever, compreendendo que é necessário entender o *universo* cultural no qual o jornalista estava inserido e o *locus* de enunciação, avaliar o período em que ele escreveu, a forma como escreveu, e o período de publicação, dentre outros, como postulado pela historiadora Mary Anne Junqueira. Procuró re-introduzir os elementos biográficos de sua jornada que forjaram a figura que tornou-se o conhecido “Cônsul Americano nos Trópicos”, um papel que coube-o a partir

do momento em que o autor procurou estabelecer sua interconexão com a região e eventualmente assumiu o lugar de suposto propagandista.

Por fim, através da sua narrativa sobre a viagem que empreendeu durante o ano de 1892-1893, do qual surgiu o livro, anos depois, intitulado de “'A Terra do Amanhã: Uma exploração jornalística subindo o Amazonas e sobre os Andes para a Califórnia da América do Sul' (1906)”, compreendo centrar o olhar sobre a representação que forjou para a região Amazônia, atentando para os elementos de invenção desta narrativa e como eles se co-adunam ou se opoem a outros autores que empreendem outros sentidos narrativos, como Matthew Fontaine Maury e Euclides da Cunha, ambos encarando a narrativa da região sobre uma perspectiva diferenciada.

A importância de reintroduzir Kerbey à narrativa da produção estado-unidense em relação à hiléia nos permite compreender o universo cultural do autor e do projeto que empreendia para a suposta redenção e futuro da Amazônia, e entendendo o espectro da relação entre o estado-unidense e o local que o tornou conhecido dentre os círculos de política externa na sua pátria natal. Portanto, por meio deste trabalho, procuro incluí-lo novamente neste grupo seletivo de indivíduos que participaram deste processo, trazendo a jornada do jornalista de volta para a nação que tanto admirou e desprezou, o Brasil.

FONTES

A). US. National Archives, Washington DC, United States of America.

Records of the Foreign Service Posts of the Department of State, 1788-1990. (Record Group 84).

Consular Reports of Pará, Brazil: 1850-1924. (Microfilm T402;T403)

Records of Diplomatic Posts, Brazil: 1850-1917. (Microfilm T693;T724)

Records of International Conferences, Comissions and Expositions (Record Group 43)

General Records of the Department of State. (Record Group 59)

Consular Correspondence of Pará, Brazil: 1853-1906.

Dispatches from United States Consuls in Pará to Foreign Consulates: 1853-1906.

Commercial relations of the United States with foreign countries: 1870-1910.

B). Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro, Brasil.

Documentação Recolhidas de Embaixadas: 1889-1918.

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

C). Google Books - <https://books.google.com.br/books?uid=100601786701374518267&hl=pt-BR>

Bulletin of the International Bureau of the American Republics 1890-1915 (Volume 1 to 43)

D). Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital Brasileira - <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Jornais

A República: 1889-1920.

Treze de Maio: 1850-1860.

A Província do Pará: 1890-1900.

O Industrial: 1890-1910.

Jornal do Brasil: 1890-1919.

Folha do Norte: 1890-1910.

Jornal do Comércio: 1900-1920.

Diário Oficial

Diário Oficial do Estado do Amazonas (1890-1920)

Diário Oficial do Estado do Pará (1890-1920)

Anais do Parlamento Brasileiro (1890-1910)

E). Newspapers - <https://www.newspapers.com/>

Jornais

Catholic Union and Times: 1903.

The Catholic Advance: 1903.

Columbus Courier: 1870-1880

Delaware Gazette and State Journal: 1890-1910.

Wilson County Citizen: 1870-1880
Swanton Courier: 1870-1880
Pittsburgh Dispatch: 1890-1910.
Pittsburgh Daily Post: 1885-1913.
Shawnee Drum-Beat: 1894-1905.
Star Tribune: 1899-1900
The Courier-Journal: 1895-1900
The North Carolinian: 1899-1900.
The Baltimore Sun: 1900-1910.
The Evening Times: 1900-1910.
Quad-City Times Davenport: 1900-1910.
The Shippensburg News: 1890-1910.
The Washington Times: 1895-1913.
Buffalo Courier: 1895-1913.
The Inter Ocean: 1895-1910.
The Boston Globe: 1905-1910.
Evening Star: 1905-1910.
The Philadelphia Inquirer: 1899-1901.
Hilo Daily Tribune: 1900-1910.
The West Schuylkill Press and Pine Grove Herald: 1900-1910.
Akron Daily Democrat: 1900-1910.
The Washington Times: 1900-1910.
The Sunday Herald (Washington, District of Columbia): 1890-1913.
The Times-Democrat: 1900-1913.
Arkansas Democrat: 1900-1913.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ANDREWS, Thomas F. **The Ambitions of Lansford W. Hastings: A Study in Western Myth-Making.** Pacific Historical Review, San Diego, 1970, Ed. 39, p.473-491.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil.** Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2007.

_____. **O Barão de Rothschild e a questão do Acre.** Rev. Bras. Polít. Int, Brasília, 2000, Ed. 43: 150-169.

BALANTA, Beatriz. **Tropical Dreams: Promoting Brazil in Nineteenth-Century US Media.** Envisioning Others: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America. Brill, Online Publication, 2015.

BARRETT, John. **Pan Americanism and Its Inspiration in History.** Records of the Columbia Historical Society, Washington, D.C. 1916, Vol. 19.

BAS, Natália. **Brazilian Images of the United States (1861-1898): A working version of modernity?.** Phd Thesis, University College of London, Londres, 2012.

BENNETT, Lerone. **Forced into Glory: Abraham Lincoln's White Dream.** Johnson Publishing Company, Chicago, 2000.

BOLLE, Willi. O Mediterrâneo da América Latina: a Amazônia na visão de Euclides da Cunha. **Revista USP**, São Paulo, n.66, p. 140-155, 2005.

BRIDGES, C. A. **The Knights of the Golden Circle: A Filibustering Fantasy.** The Southwestern Historical Quarterly, vol. 44, Savannah, no. 3, 1941, pp. 287–302.

CAESAR, Terry. South of the Border: American Travel Writing in Latin America. The Cambridge Companion to American Travel Writing. Cambridge University Press, 2009, p.180-197.

CARUSO, J. A. **The Pan American Railway.** The Hispanic American Historical Review, 1951, 31(4), 608.

CHARTIER, R. **A História Cultural – Entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Difel Bertrand Brasil, 1990.

CLAYTON, Lawrence A. **W.R. Grace: W.R. Grace & Co., the Formative Years, 1850-1930.** Jameson Books, Ottawa, 1985.

COELHO, Anna Carolina de Abreu. **Barão de Marajó: Um intelectual e político entre Amazônia e a Europa.** Dissertação de Doutorado, UFPA, 2015.

CRAPOL, Edward P. **James G. Blaine: Architect of Empire.** Biographies in American Foreign Policy. Wilmington, Delaware: Scholarly Resources, 2000.

CRUZ-TAURA, Graciella. **Annexation and National Identity: Cuba's Mid-Nineteenth-Century Debate.** Cuban Studies, Vol. 27 (1998), pp. 90-109

- CUTSHALL, Alden. **“Philippine Rubber Plantations.”** *Economic Botany*, vol. 7, no. 1, 1953, pp. 86–88.
- DA CUNHA, Euclides. **Um Paraíso Perdido.** Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2000.
- DEAS, Malcom. *Colombia, Ecuador and Venezuela, c. 1880–1930. The Cambridge History of Latin America*, edited by Leslie Bethell. Cambridge University Press, Cambridge, 1986, pp.641-682.
- DE CARVALHO, José Murilo. **A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DE MIRANDA, Victorino Coutinho Chermont. **A família Chermont, memória histórica e genealógica.** IHGB, Rio de Janeiro, 1982.
- DULCI, Tereza Maria Spyer. **As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889-1928).** USP, São Paulo, 2008.
- FARIAS, William Gaia. **A Construção da República no Pará (1886 – 1897).** Dissertação de Doutorado, UFF, 2005.
- FAULKNER, Harold U. **The Decline of Laissez Fare, 1897-1917.** New York Press, New York, 1951.
- FERNANDES, Felipe Tamega. **Institutions, geography and market power: The political economy of rubber in the Brazilian Amazon, c. 1870-1910.** PhD thesis, London School of Economics and Political Science, London, 2009.
- FRANK Zephyr & MUSACCHIO, Aldo. *Brazil in the International Rubber Trade, 1870-1930. From silver to cocaine : Latin American commodity chains and the building of the world economy, 1500-2000*, edited by Steven Topik. Duke University Press, Durham, 2006, pp.270-300.
- GASTON, James McFadden. **Hunting a Home in Brazil: The Agricultural Resources and Other Characteristics of the Country; Also, the Manners and Customs of the Inhabitants.** Forgotten Books, New York, 2018.
- GAULD, Charles A. **Farquhar - O Último Titã.** Editora de Cultura, São Paulo, 2006.
- GOEY, Ferry de. **Consuls and the institution of global capitalism, 1783-1914.** Pickering & Chatto Limited, New York, 2014.
- GRANDIN, Greg. **Fordlandia: The Rise and Fall of Henry Ford's Forgotten Jungle City.** Henry Holt and Company, New York, 2010.
- GRIER, Douglas. **Confederate Emigration to Brazil, 1865–1870.** Ph.D. Dissertation, University of Michigan, 1968.
- GUIMARÃES, Iza Vanessa Pedroso. *Amazônia Euclidiana. Revista Espaço Amazônico*, n117, Fev/2011.

GUILHON, Norma. **Confederados em Santarém: Saga Americana na Amazônia**. Editora Presença, Rio de Janeiro, 1987.

FAHLS, Alice. **The Memory of the Civil War in American Culture**. Harvard University Press, Boston, 2006.

FOOT-HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma: A ferrovia Madeira-Marmoré e a modernidade na selva**. Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 1988.

HARTER, Eugene C. **The Lost Colony of the Confederacy**. Third [A&M] printing, University Press of Mississippi, 1985.

HECHT, Susanna. **The Scramble for the Amazon and the "Lost Paradise" of Euclides da Cunha**. University of Chicago Press; Edição: First Edition (2013).

HELPER, Hinton Rowan. **The Three Americas Railway**. W. S. Bryan, Saint Louis, 1881.

HERNDON, William Lewis. **Exploration of the valley of Amazon, 1851-1852**. Grove Press, New York, 2000.

HERRING, George C. **A Hegemon's Coming of Age: A Brief History of U.S. Foreign Relations**. Oxford University Press, Oxford, 2008.

HILL, Lawrence. **Diplomatic Relations Between the United States and Brazil**. Duke University Press, Durham, 1932.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, 12ª edição.

HORNE, Gerald. **The Deepest South: The United States, Brazil, and the African Slave Trade**. NYU Press, New York, 2007.

HORSMAN, Reginald. **Race and Manifest Destiny: The Origins of American Racial Anglo-Saxonism**. Cambridge: Harvard University Press, 1981.

HORTON, Justin Garrett. **The Second Lost Cause: Post-National Confederate Imperialism in the Americas**. Electronic Theses and Dissertations, 2007, Paper 2025.

INMAN, Samuel Guy. **Inter-American Conferences, 1826-1954: History and Problems**. The University Press, Washington, 1965.

JOHNSON, Walter. **River of Dark Dreams: Slavery and Empire in the Cotton Kingdom**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2013.

JOSEPH, Gilbert M., LEGRAND, Catherine C. e SALVATORE, Ricardo D. (orgs.) **Close encounters of empire**. Writing the cultural history of U.S.-Latin American relations. Durham: Duke University Press, 1998.

JUNIOR, Américo Alves. **Política Externa do Brasil no Império: A Abertura do Amazonas para o comércio internacional**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

JUNIOR, Carlos Martins. **Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Um aspecto das relações Brasil-EUA e da Consolidação Rondon**. Albuquerque, Revista de História, Campo Grande, 2009, S, v. 1, n. 1, p. 25-54, jan./jun. 2009.

JUNQUEIRA, Mary A. **Ciência, técnica e as expedições da marinha de guerra norte-americana, U.S. Navy, em direção à América Latina (1838-1901)**. Varia hist., Belo Horizonte, v. 23, n. 38, p. 334-349, dez. 2007.

_____. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador, in **Cadernos de Seminários de Pesquisa, Vol. II**. Editado por M. A. Junqueira & S. M. S. Franco, pp. 44-61. São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2009

KARNAL, Leandro; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinicius de; PURDY, Sean. **História dos Estados Unidos: das Origens ao Século XXI**. Ed. Contexto, São Paulo, 2007.

KERBEY, Joseph Orton. **An American Consul in the Amazon**. W. E. Rudge, New York City, 1911.

_____. **On the War Path: A Journey Over the Historic Grounds of the Late Civil War**. Donohue, Hennebery & co, Chicago, 1890.

_____. **The land of Tomorrow; a newspaper exploration up the Amazon and over the Andes to the California of South America**. W. F. Brainard Publisher, New York, 1906.

_____. **The boy spy : a substantially true record of Secret Service during the War of the Rebellion. A correct account of events witnessed by a soldier attached to headquarters**. American Mutual Association, Chicago, 1889.

KUNZLER, Josiane; FERNANDES, Antonia; FONSECA, Vera; JRAIGE, Samia. **Herbert Huntington Smith: um naturalista injustiçado?**. Filosofia e História da Biologia, 2011, Vol. 6. p.49-67.

LANE, Ann. Chapter 11: The Pacific as rhizome: the case of Sir Henry Alexander Wickham, planter, and his transnational plants. **Transnational Ties**. ANU E PRESS, Canberra, Australia, 2008.

LEONARD, Thomas M. **United States-Latin American Relations (1850-1903): Establishing a relationship**. University of Alabama Press, Alabama, 2014.

MACIEL, Dulce Portilho. **A rota Araguaia-Tocantins de comunicação mercantil entre Goiás e Belém do Pará – 1846/1967**. UEG, Goiânia, 2009.

MATHEWSON, Kent. **Nova Orleans e o rio Mississippi: um ponto de vista braudeliano geohistórico**. Revista Confins, Dossiê Araguaia, número 31 2017.

MAURY, Matthew Fontaine. **“Valley of the Amazon,” De Bow’s Review 15 – New Series Vol. 1 (Julho – Dezembro 1853): 36-43.**

_____ ; **Amazon, and The Atlantic Slopes of South America.**
Washington: Franck Taylor, 1853,

MAY, Robert E. **Manifest Destiny's Underworld: Filibustering in Antebellum America.**
Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002 .

MC CLEARY, Rachel. "**The International Community's Claim to Rights in Brazilian Amazonia**". *Political Studies*, XXXIX, 1991. pp. 691-707.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**, 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MENDONÇA, Salvador de. **A Situação Internacional do Brasil.** Livraria Garnier, Rio de Janeiro, 1913.

MILANI, Martinho Camargo. **Percival Farquhar, um homem quase sem nenhum caráter entre oligarcas e nacionalistas de muita saúde (1898-1952).** USP, São Paulo, 2017.

MOORE, John Bassett. **Brazil And Peru, Boundary Question.** The Knickerbocker press, New York, 1904.

NUNES, Francivaldo Alves. **A Amazônia e a formação do Estado Imperial no Brasil: unidade do território e expansão de domínio.** Almanack. Guarulhos, n.03, p.54-65, 1o semestre de 2012.

QUEIROZ, José Francisco da Silva. **Amazônia: Inferno Verde ou Paraíso Perdido? Cenário e Território na Literatura escrita por Alberto Rangel e Euclides da Cunha.** *Nova Revista Amazônica* - Ano V - Volume 3, Set/2017.

QUINN, Katrina. **The Rocky Mountains, Yosemite and Other Natural Wonders: Western Landscape in Travel Correspondence of the Post Civil-War Press.** *After the War: The Press in a Changing America, 1865-1900.* Routledge, New York, 2017, p.127-161.

QUINTANA, Moreno. "Pan Americanism and the Pan American Conferences", in **Inter America, VIII**, 1989. 429-444.

OFFENBURGER, Andrew. **Cultural Imperialism and the Romanticized Frontier: From South Africa and Great Britain to New Mexico's Mesilla Valley.** *Amerikastudien / American Studies* Vol. 59, No. 4, South Africa and the United States in Transnational American Studies, 2014, pp. 535-552.

OLIVEIRA, Liliane Costa. **Os primeiros passos do Protestantismo na Amazônia.** *Estudos de Religião*, v. 31, n. 2 maio-ago, 2017

PALM, Paulo Roberto. **A Abertura do rio Amazonas à navegação internacional e o parlamento brasileiro.** FUNAG, Brasília, 2009.

PEARCE, Fred. **Deep Jungle: Journey To The Heart Of The Rainforest.** Random House, New York, 2010.

PHILLIPE, Sarah. **Everything has become Southern: The Confederado Colony in Santarem, Brazil.** Middleton: Wesleyan University, 2019.

PIKE, Federick B. **The United States and Latin America: Myths and Stereotypes of Civilization and Nature.** Austin: University of Texas Press, 1992.

PLETCHER, David M. **The Diplomacy of Trade and Investment: American Economic Expansion in the Hemisphere, 1865-1900.** University of Missouri Press, Columbia, 1998.

PRADO, Maria Lígia Coelho; CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A Borracha na Economia Brasileira da Primeira República.** História geral da civilização brasileira. Vol. 8. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, pp. 314-337.

PRATT, Mary Louise. **Imperial eyes.** Travel writing and transculturation. Nova York: Routledge, 1995.

PURDY, Sean - História dos Estados Unidos: das Origens ao Século XXI, Ed. Contexto, São Paulo, 2007.

REIS, Artur César Ferreira. *Euclides e o Paraíso Perdido. Um Paraíso Perdido.* Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2000.

ROMERO, Morelos. **The Pan-American Conference.** The North American Review Vol. 151, No. 406 (Sep., 1890), pp. 354-366.

ROOT, Elihu. **Latin America and the United States : addresses by Elihu Root (1854-1937)** . NYU Press, New York, 2009, p.45

SAID, Edward. **Orientalismo.** Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

_____. **Cultura e Imperialismo.** Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

SALVATORE, Ricardo D. **Close encounters of empire: Writing the cultural history of U.S.-Latin American relations.** Duke University Press, Durham, 1998.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912).** 2ª. ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SCHELL, William. **American Investment in Tropical Mexico: Rubber Plantations, Fraud, and Dollar Diplomacy, 1897-1913.** The Business History Review, vol. 64, no. 2, 1990, pp. 217-254.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SMITH, Herbert Huntington. **Brazil: the Amazons and the coast.** Charles Scribner's Sons, New York, 1879.

TOCANTINS, Leandro. **Formação Histórica do Acre. vols. I e II.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Instituto Nacional do Livro / Conselho Federal do Cultura / Governo Estadual do Acre, 1979, pp.253-274.

TODD, Chapman Coleman. **Report on Voyage of the U.S.S. Wilmington Up the Amazon River: Preceded by a Short Account of a Voyage Up the Orinoco River, 1899.** U.S. Government Printing Office, Washington, 1899.

TOPIK, Steven C. **Trade and Gunboats: The United States and Brazil in the Age of Empire**. Stanford: Stanford University Press, 1996.

_____. *Mercenaries in the Theater of War: Publicity, Technology, and the Illusion of Power during the Brazilian Naval Revolt of 1893*. **Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of U.S.-Latin American Relations**. Duke University Press, Durham, 1998.

_____. *The Latin American Coffee Commodity Chain: Brazil and Costa Rica. From silver to cocaine : Latin American commodity chains and the building of the world economy, 1500-2000*. Duke University Press, Durham, 2006, pp.145-178.

TURDA, Marius. **Latin Eugenics in Comparative Perspective**. Bloomsbury Publishing, London, Oct 23,2014.

TWAIN, Mark. **The Life & Times of Mark Twain - 4 Biographical Works in One Edition: Chapters From My Autobiography By Mark Twain, My Mark Twain By William Dean Howells', Mark Twain A Biography By Albert Bigelow Paine**. Mosaic Books, Online Publishing, 2017.

VERGARA, Moema de Rezende. **A Exploração dos rios Amazonas e Madeira no Império Brasileiro por Franz Keller-Leuzinger: imprensa e nação**. Almanack online. 2013, n.6, pp.81-94.

VILLASENOR, Eduardo. **The Inter-American Bank: Prospects and Dangers**. Foreign Affairs Vol. 20, No. 1 (Oct., 1941), pp. 165-174.

VILELA, Nícia Luz, **A Amazônia para os Negros Americanos (As Origens de uma Controvérsia Internacional)** (R. Janeiro: Ed. Saga, 1968).

WALLACH, Glenn. "A Depraved Taste for Publicity:" The Press and Private Life in the Gilded Age". American Studies Vol. 39, No. 1, 1998

WEINSTEIN, Bárbara. **Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Trad. De Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec, editora da Universidade de São Paulo, 1993.

WHITEHEAD, Neil. **South America/ Amazonia: The Forest of Marvels. The Cambridge Companion to Travel Writing**. Cambridge University Press, 2002, pp.122-139